
Catherine McKenzie
desaparecida
Se você tivesse a chance de recomeçar, o que você faria?
LeYa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica

Copyright © 2012 by Catherine McKenzie
Todos os direitos reservados.
Esta edição foi publicada em acordo com HarperCollins Publishers Ltd.
Tradução para a Língua Portuguesa © 2014 by Texto Editores Ltda.

Título original: *Forgotten*

Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora executiva: Tainã Bispo
Produtoras editoriais: Pamela Oliveira, Renata Alves e Maitê Zickuhr
Assistentes editoriais: Marcelo Nardeli e Maria Luiza Almeida
Diretor de produção gráfica: Eduardo dos Santos
Gerente de produção gráfica: Fábio Menezes

Preparação de texto: Mônica Santos

Revisão: Jane Pessoa

Capa: Retina 78

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

McKenzie, Catherine
Desaparecida / Catherine McKenzie; tradução de Rosemarie Ziegelmaier. – São Paulo : LeYa, 2014.
320 p.

ISBN 9788544100622

Título original: *Forgotten*

1. Literatura canadense 2. Romance I. Título II. Ziegelmaier, Rosemarie
14-0517 CDD–813.6
Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura canadense

2014
Texto Editores Ltda.
[Uma editora do Grupo LeYa]
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo - SP
www.leya.com.br

Para Tasha,
Por estar sempre presente. E que continue sempre assim.

Prólogo

O enterro da minha mãe foi uma pequena questão pendente em uma terça-feira abafada. Sua melhor amiga, Sunshine, falou sobre a infância das duas, sempre juntas, como se fosse mais real do que o calor daquele ambiente cheio de flores em que estávamos. Alguns colegas da universidade usavam roupas pretas e pareciam tristes. Meu namorado, Craig, ajeitou o colarinho da camisa e segurou minha mão, meio sem jeito. Só a minha melhor amiga, Stephanie, tinha alguma ideia do que dizer para tentar me consolar.

Depois disso, andei meio sonolenta durante vários dias, mas à noite ficava desperta demais para conseguir dormir. Sabia que tinha de tomar os comprimidos que o médico da minha mãe pôs na minha mão logo depois de anunciar a sua morte, mas eu não queria perder o controle dos meus pensamentos. Preferia lembrar-me dela do jeito que era enquanto eu crescia, e não daquela pessoa em que se transformava quando começou a morrer. E eu achava que meu cérebro adormecido poderia me trair.

Uma semana depois, estava sentada diante do advogado da empresa onde eu trabalhava. Ele fora encarregado de lidar com a herança.

— Você sabe que o espólio da sua mãe é pequeno. E tem todos esses gastos médicos...

— É, eu sei. Minha mãe queria morrer em casa. Assim, nós duas resolvemos pagar para que isso fosse possível.

Ele olhou por cima dos óculos bifocais.

— Na verdade, sua mãe liquidou a maioria dos bens há alguns meses. Ela usou o dinheiro para pagar o enterro e comprar isto.

O advogado me entregou um envelope pardo. Dentro havia uma passagem aérea de primeira classe com volta em aberto para Tswanaland, um lugar na África que eu mal conhecia, e um livreto grosso.

Folheei as páginas brilhantes, cheias de leões, zebras e elefantes. Ai, meu Deus!

— Ela reservou a viagem no seu nome.

Lembrei-me dos últimos dias ao lado de sua cama. Seu quarto, que já tinha sido acolhedor e confortável, meu lugar predileto da casa na infância, tinha se tornado antisséptico, hospitalar. Os únicos resquícios do passado eram as fotografias favoritas da minha mãe, espalhadas entre os vidros de comprimidos que ficavam na mesa de cabeceira. Ela disse para eu não repetir os erros que tinha cometido. Para não adiar as coisas pelas quais eu era apaixonada, mesmo que parecessem fora do meu alcance.

— Você sabe que eu sempre quis ir para a África — sussurrou minha mãe, com uma voz rouca que agora mal ecoava a melodia que eu conhecia e amava.

— Eu sei.

Era a única coisa que todos sabiam sobre ela. Agradá-la no Natal ou no aniversário sempre foi fácil — bastava dar qualquer coisa que pudesse ter vindo de um continente tão misterioso para que ela, emocionada, se sentisse transportada para lá. Nossas estantes estavam cheias desses presentes, na maioria comprados com a minha mesada ou pelo meu pai, quando ele ainda estava com a gente.

— Eu quero que você vá por mim — ela disse.

— Mamãe...

— Por favor, Emma.

Quis perguntar os motivos, mas os olhos castanhos dela me imploraram para não questionar e simplesmente aceitar. Encostei a cabeça cansada no ombro frágil da minha mãe. Ela acariciou minha mão com suavidade e eu me senti envergonhada. Como me atrevia a demonstrar fraqueza nesse momento, talvez o último? Como ousava pedir consolo? Mas pedi mesmo assim. Minha mãe estava morrendo, e eu precisava dela.

— Eu vou, mamãe. Prometo que vou.

— Obrigada.

Ela fechou os olhos, com um sorriso no rosto cansado.

Minha mãe ainda resistiu por dois dias, mas sem recuperar a consciência. Sua morte aconteceu aos poucos. Em um momento ela ficou pálida, mas ainda estava viva. No instante seguinte, partiu. Parecia que quase nada tinha acontecido, mas esse quase nada mudou tudo para mim.

— Você está pronta para se tornar sócia este ano, não é? — perguntou meu colega advogado, com as mãos enlaçadas sobre a barriga contida pela camisa branca.

— Estou.

— Então talvez a gente tenha um problema.

— Como assim?

— Tomei a liberdade de conversar com o comitê de gestão e eles concordaram em reembolsá-la por tudo.

Ergui a cabeça de repente.

— Você o quê? Por quê?

— Nós achamos que você precisa de um tempo fora daqui, mas... Siga meu conselho, querida. Fazer essa viagem não pega bem.

Senti a raiva tomar conta de mim, dissipando um pouco da névoa que envolvia meu cérebro.

— Você está dizendo que, se eu for, vou pôr minha carreira em risco?

— Eu não colocaria as coisas de maneira tão brusca. — ele sorriu, condescendente. — Vocês, da área de litigioso, são mesmo todos iguais.

A raiva aumentou e apertei o livreto que estava na minha mão.

— Com quem eu tenho de falar sobre isso?

— Não acho que seja uma boa ideia levar isso adiante.

— Eu aposto que é.

Saí do escritório dele e subi dois lances de escada para voltar ao meu andar, a área de litigioso. Matt Stuart, o chefe do departamento, estava sentado em sua imensa mesa de carvalho, visível através da parede de vidro que o separava da ralé. Estava no telefone.

— Posso falar com ele? — perguntei para a secretária, uma senhora com ar maternal na casa dos cinquenta anos.

— O assunto é urgente?

— É urgentíssimo.

— Vou ver o que posso fazer.

Fui esperá-lo no meu escritório, bem menor, no final do corredor. Minha mesa estava cheia de cartões de pêsames e grandes buquês coloridos. O perfume era quase sufocante. Estava consultando a caixa de entrada do meu e-mail, cheia de mensagens de condolências, quando Matt bateu na porta. Como de costume, as mangas de sua camisa com riscas de giz estavam dobradas na altura dos cotovelos. Dava para ver as marcas dos dedos dele em sua espessa cabeleira prateada.

O tom profundo da voz dele mostrava preocupação.

— Emma, eu sinto muito pela perda da sua mãe.

Ele tinha dito a mesma coisa no enterro. Era tudo o que todo mundo me dizia desde a sua morte. O que mais havia para dizer?

— Obrigada.

— A Nathalie disse que você queria falar comigo.

Contei tudo para ele. Falei sobre o presente da minha mãe, sobre o que eu queria fazer, e tudo o que o paternalista "doutor advogado testamenteiro" tinha dado a entender. Falei com uma convicção que eu não sabia que tinha. Com uma determinação que me surpreendeu.

— Quero ir para a África — disse. — Você vai me ajudar?

Depois de três dias de ansiedade, o comitê de gestão cedeu. Eu teria um mês de férias, porém com uma contrapartida: não me tornaria sócia do escritório imediatamente. Meu desejo atípico de fazer algo que não fosse trabalhar oitenta horas por semana tinha levantado "algumas preocupações quanto ao meu compromisso de longo prazo com a empresa". Quando voltasse, teria de esperar mais um ano até que minha promoção fosse reconsiderada.

Enquanto ouvia Matt, fiquei aliviada por sentir a dose certa de raiva. Estava preocupada com o fato de, ao cumprir o último desejo de minha mãe, jogar no lixo tudo pelo qual eu havia batalhado. Assim, apesar de considerar tudo aquilo cruel e sem sentido, preferi aceitar a decisão de Matt. Mais um ano de semiescravidão em troca de um mês para a minha mãe.

Parecia uma troca justa.

Alguns dias depois, Sunshine me levou ao aeroporto. Ela também estava de partida, de volta para sua vida distante na Costa Rica. Craig e eu nos despedimos na noite anterior, em meio a uma atmosfera tensa porque eu não quis que ele fosse comigo. Se minha mãe não tivesse acabado de morrer nós teríamos engatado uma discussão pesada, talvez fatal — mas ela tinha morrido. Por isso, nos esforçamos para ignorar o cortante "não" que soltei quando ele se ofereceu para ir junto, assim como a hesitação dele diante do meu argumento de que precisava de um tempo para mim. Tentamos, mas não conseguimos evitar o desconforto.

Sunshine me acompanhou até a entrada do embarque, limite permitido para a companhia dela. Trocamos um abraço um pouco mais demorado do que o normal, como se, com aquela separação, estivéssemos prestes a romper o laço que nos unia. Quando finalmente nos afastamos, Sunshine fez um carinho na minha face com seus dedos ásperos, deu meia-volta e foi embora.

— Sunshine?

— Sim?

— Você sabe por que a mamãe queria que eu fizesse essa viagem?

Ela sorriu.

— Não sei, Emmaline. Você vai ter de descobrir. E vai conseguir, eu sei.

A certeza dela era tão plena que quase me tranquilizou. Mas em seguida ela foi embora e o peso da minha vida desabou sobre meus ombros. Eu me embrenhei na fila dos controles de segurança e fui para o portão de embarque. Quando me acomodei em meu assento de primeira classe, finalmente tomei os comprimidos que o médico me passou no dia da morte da minha mãe. Dormi, sem sonhos, enquanto o oceano bailava lá embaixo.

E, quando acordei, estava na África.

Capítulo 1

Adeus, África

Seis meses depois...

Estou sentada na minha mala, ao lado da estrada lamacenta que leva até a vila, esperando por algum sinal da chegada do veículo — aves alçam voo, um tremor discreto no solo ou, já que estamos na estação das chuvas, o som de pneus espirrando lama para fora da pista.

Os pássaros giram no céu e seus gritos criam um fundo musical constante. O ar é denso e úmido, uma sensação física que fica mais pesada a cada mês.

Lembro-me da primeira vez em que vi este lugar: a linha irregular de barracos com telhados de zinco, o círculo central delimitado por grandes pedras redondas e a estrutura de uma escola em construção, com a reluzente madeira amarela e recém-serrada. A edificação precária me faz lembrar os lugares em que, na minha imaginação, vivia Laura Ingalls Wilder, de acordo com os livros que li na infância.

Os guias do safári me deixaram aqui, doente, muito doente mesmo, com a promessa de voltar com um médico assim que possível, mas não foi bem o que aconteceu. Em vez disso, foram Karen e Peter — os funcionários da ONG responsável pela obra da escola — que ajudaram na minha recuperação, graças à modesta reserva que tinham de remédios.

Karen está comigo agora, esperando. Peter ficou na vila, lá atrás. Os golpes confiantes de martelo marcam um ritmo constante. Algumas crianças, sentadas sobre os calcanhares, observam tudo, impacientes pelo término do trabalho. Quando Peter terminar, terão início as aulas, e as crianças estão ansiosas para começar a estudar.

Depois de todos esses meses de trabalho na construção ao lado de Peter, não consigo imaginar que não estarei aqui quando a obra ficar pronta.

— Talvez eu devesse ficar mais alguns dias — digo.

Karen balança a cabeça, tem o rosto e os olhos castanhos serenos e seguros.

— Você precisa ir para casa, Emma. O Natal está chegando.

Sinto um tremor. Quase tinha esquecido. É muito difícil manter o controle dos dias por aqui. Um Natal sem minha mãe. Essa parece ser uma boa razão para ficar exatamente onde estou. Mas usei essa desculpa por muito tempo e agora está na hora de voltar para a minha vida.

— Vocês também vão voltar logo, não é? — Pergunto porque agora a minha casa também é a de Karen e Peter. Não sei por que tivemos de vir para este lugar para nos conhecer. Acho que a vida às vezes funciona assim.

— Chegaremos algumas semanas depois do Natal, se tudo correr conforme o planejado.

— É muito bom saber disso.

À distância, ouço o ronco baixo de um motor e sei que não vai demorar muito. Fico de pé e olho para a Karen. Ela é dez anos mais velha do que eu e um palmo mais alta; é mais

forte, maior e de alguma forma mais robusta.

Karen leva a mão ao bolso de sua calça e tira um pequeno frasco de vidro com tampa, cheio de terra. É vermelha como o chão, como a lama que escorre pelos pneus sob o tamborilar do motor que agora se aproximava.

— Achei que talvez você gostasse de acrescentar isso à sua coleção.

Pego o frasco. A superfície do vidro está um pouco empoeirada, e o pó adere a meus dedos.

— Obrigada.

Surge no horizonte, a apenas alguns segundos de distância, um Land Rover. Enfio o frasco dentro do bolso e abraço Karen. Seus braços de aço me envolvem. Ela cheira a ar úmido e a capim alto e esbranquiçado, provavelmente como eu também.

— Você diz a Peter que deixei um abraço?

— Você se despediu dele há dez minutos.

— Eu sei. Mas você diz mesmo assim?

Ela me afasta e responde:

— Digo, sim.

O Land Rover estremece quando para, espirrando lama em nossa direção. Um grande torrão atinge a perna da minha calça. Tento limpar a mancha, enquanto desce do carro um homem baixo e atarracado com uma camisa manchada de suor.

— Está pronta, senhorita?

— Sim — eu respondo. — Estou pronta.

Na longa viagem de volta à capital, agradeço pela presença da lama: ela gruda nas janelas, obscurecendo o pior da paisagem. Mas, depois de um tempo, é preciso limpar aquela sujeira, e aí dá para ver que o cenário mudou. Há uma mistura peculiar de imagens. Um tênis de corrida bem branquinho descansa em um canto improvável, ao lado da estrada. Coisas que não deveriam estar ali, como árvores e metais retorcidos, se espalham pelo terreno. O chão parece ondulado, dobrado, como uma miragem em uma superfície quente. E à medida que nos aproximamos do epicentro, vem um cheiro que deve ter sido muito pior antes da época das chuvas. Acho que não desaparece nunca.

O nível de devastação, mesmo depois de todos esses meses, é chocante e triste. E conforme o Land Rover avança devagar, minha mente desliza para o passado, para os longos dias ouvindo o rádio na vila — a voz tão fraca que, por vezes, parecia transmitida da lua —, na tentativa de imaginar o que estava acontecendo. Mas nenhuma quantidade de áudio ou de imaginação foi suficiente para descrever a destruição que agora vejo da minha janela.

Eu me sinto impotente e quero muito ir para casa.

O aeroporto está um caos. As companhias aéreas voltaram a operar há uma semana, mas o pessoal que trabalha nos balcões das instalações semirreconstruídas não dispõe de fornecimento confiável de eletricidade nem de telefones para poder trabalhar. Quando encontro o fim da fila, quase choro ao constatar o tamanho, mas não há nada a fazer. A

fila anda na velocidade possível (quase parada) e chorar ou gritar não vai mudar nada, embora nas quatro horas seguintes várias pessoas recorram a essas duas táticas.

Quando finalmente chego ao balcão, a mulher magra e de pele escura que me atende se mostra muito mais gentil do que eu conseguiria ser se estivesse no lugar dela. Ela pega minha passagem sem data de volta e meu passaporte, e logo providencia um lugar em um voo para Londres, com partida prevista para dali a duas horas. A equipe de segurança é composta apenas por dois homens incrivelmente altos, que encaram os passageiros com feições assustadoras conforme cada um deles passa pelo detector de metais, que já viveu dias melhores. Enfrento a fila rapidamente e ainda tenho tempo para tentar comer alguma coisa em um pequeno quiosque, que, entre outras coisas, vende cachorros-quentes como aqueles de Chicago. Devoro dois com imensa gratidão e, quando meu avião está finalmente pronto para partir, corro para ele com a sensação de estar fugindo.

O avião chacoalha por toda a pista remendada, repleta de fendas e tufos de grama e, então, decola. A confusão lá embaixo de repente adquire a forma de uma aldeia em miniatura, que logo fica invisível embaixo das nuvens. Descanso a cabeça contra o plástico rígido da poltrona e adormeço em poucos minutos.

No aeroporto de Heathrow, uma chuva de granizo quase impede o pouso do avião. É meio-dia — na manhã seguinte, logo cedo, estarei em casa de volta —, mas não dá para ver o sol em lugar algum.

Devagar, caminho no meio daquela estrutura imensa. O aeroporto exibe as marcas da época, e a iluminação extra e as árvores de Natal tentam acrescentar um ar festivo. Em comparação com o lugar onde eu estava tudo é tão limpo e brilhante que parece ter sido construído ontem, com a última demão de tinta ainda por secar. O ar resfriado e filtrado arranha o fundo da minha garganta, e eu me sinto empoeirada e suja conforme um número maior de rostos limpos passam por mim.

Chego ao balcão da companhia aérea e uso meu bilhete em aberto para reservar um voo para casa. Enquanto procuro o portão de embarque, tento achar um lugar para enviar uma mensagem para Stephanie e Craig, algo que não tenho a chance de fazer há um longo tempo. Longo demais. Mas não quero pensar no motivo de ter deixado isso acontecer e, se pensasse, certamente não acharia nenhuma resposta.

Passo por alguns quiosques com computadores, repletos de pessoas que parecem estar acomodadas ali por mais tempo do que o que disponho antes da partida do meu voo. De qualquer modo, entro na fila atrás de um dos usuários até perceber que ele insere uma espécie de moeda em uma máquina e "compra" mais dez minutos. O único dinheiro trocado que tenho mal dá para comprar uma Coca-Cola em uma máquina de refrigerante.

Desisto e acabo chegando ao meu portão trinta e cinco minutos adiantada. Sento ao lado de um homem de trinta e poucos anos, que digita agressivamente em seu notebook. Uma espiada em sua tela me revela um e-mail cheio de letras maiúsculas e pontos de exclamação. Sinto um toque de simpatia por s.cathay@mail.com.

Ele olha para mim com uma expressão hostil.

— Posso ajudar?

— Oh, desculpe... É que... Você poderia me emprestar seu computador por um minuto?

Eu realmente preciso mandar uns e-mails rápidos, mas todos os quiosques estão ocupados e eu não tenho nenhuma moeda... — Faço uma pausa para recuperar o fôlego de uma maneira quase histérica, em uma boa imitação de todas aquelas pessoas do aeroporto, que eu estava feliz em deixar para trás.

Os olhos do homem bravo demonstram desalento, mas a expressão dele ganha suavidade graças ao tom da minha voz.

— Ei, não precisa surtar, tá? — Ele empurra o notebook para o meu colo. — Mande os e-mails que você quiser?

Agradeço e abro uma nova janela do navegador, sem mexer no e-mail raivoso que está na tela. Meus dedos parecem desajeitados sobre as teclas e preciso repetir os dados para acessar a minha conta. Quando finalmente digito a combinação certa de letras e números que formam a minha senha, recebo o aviso de que meu endereço foi desativado por causa do acúmulo de lixo eletrônico. Em silêncio, amaldiçoo os malditos *spams* que acabaram com a minha conta.

— Alguma coisa errada? — pergunta o homem, menos irritado.

— Minha conta está bloqueada.

— Por que não abre uma nova?

É mesmo, por que não? Martelo as teclas e, em poucos instantes, o e-mail emma.tupper23@mail.com é criado e está em perfeito funcionamento.

Abro uma caixa para escrever uma mensagem, mas paro em seguida. Que diabos vou dizer depois de todo esse tempo? Como começar? Será que *ainda vão querer* saber de mim?

Posso sentir os minutos indo embora. Tento espantar esses pensamentos e digito os endereços de Craig e de Stephanie o mais rápido que posso.

De: Emma Tupper
Para: stephanie_granger@oal.com; craig.talbot@tpc.com
Assunto: Voltando para casa!

Oi, meninos,
É tão estranho escrever um e-mail assim! Sinto muito, mas muito mesmo, pelo silêncio até agora. Prometo que vou explicar tudo quando chegar. Estou em Londres, meu avião sai logo e devo chegar por volta das 16h; estou no voo BA 3478. Mal posso esperar para encontrar vocês. Saudades!

Bjs, Em.

Releio tudo rapidinho. Parece que está bom. Clico em "Enviar" e devolvo o computador para meu vizinho, agradecendo com entusiasmo. Uma voz educada anuncia que o pré-embarque está prestes a começar. Quem está com crianças pequenas ou tem necessidades especiais deve se dirigir ao portão. Os demais serão chamados em seguida. Eu me levanto e dou uma espreguiçada, aproveitando a última oportunidade para olhar em volta. Então, Londres é assim. Tudo o que vi da cidade foi o aeroporto, mas um dia vou ter de consertar isso.

A voz educada chama os passageiros da primeira classe. Eu pego uma fila rápida e desço o corredor. O avião é novinho em folha. Cada passageiro tem uma acomodação própria, fechada, com espaço para comer, dormir e assistir a até seis meses de filmes. Não sei se foi por causa do contato com a tecnologia vistosa ou as toalhas aquecidas e com perfume de limão que a comissária de bordo trouxe, mas começou a bater uma esperança no meu coração. Em breve, vou voltar para onde eu deveria estar — e então, como diz a música, "everything will be all right".

Mas nem tudo está certo, e eu deveria desconfiar só pelo fato de não haver ninguém à minha espera no aeroporto. Ou quando o caixa eletrônico cospe meu cartão como se estivesse contaminado, e meu carro também não está mais na vaga em que deixei no estacionamento de longa permanência.

Eu deveria desconfiar, mas sou muito distraída. Apesar de tudo o que aconteceu, eu me sinto muito feliz.

Estou em casa.

Finalmente, sinto um ar familiar. Ignoro os xingamentos que ouço enquanto atravesso a rua sem olhar. Até o abraço gelado do inverno e o irritante tilintar das canções natalinas que saem dos alto-falantes parecem perfeitos, como devem ser na semana que antecede o Natal.

Desisto de procurar o meu carro e salto no banco traseiro de um táxi, ainda sem muita consciência. Na verdade, só depois de entregar meus últimos quarenta dólares para o mal-agradecido taxista e tentar enfiar a chave na fechadura de meu apartamento é que começo a entrar em pânico.

A chave simplesmente não encaixa. A fechadura não gira.

E já começou a nevar.

Capítulo 2

O antigo apartamento

*P*erfeito, simplesmente perfeito.

Largo minha bolsa e subo a íngreme escada de ferro externa para o apartamento logo acima do meu. Há seis meses ele estava ocupado por Tara, uma atriz desempregada que ensaiava suas falas em voz alta às três da manhã. Tivemos um relacionamento um pouco tenso, mas ela ficou com uma cópia da minha chave, que, espero, funcione melhor do que a original enferrujada pendurada em meu chaveiro.

O sol já se pôs e a escuridão fica mais intensa e opressiva. A neve cai ao meu redor em flocos graúdos, iluminados pela luz da varanda. Toco a campainha e ouço o ding-dong ecoando bem alto. Pressiono o botão de novo com o coração apertado, certa de que Tara não está em casa. Este está sendo um dia daqueles — ou, pensando bem, um ano daqueles.

Aperto minha capa de chuva amarela sobre as roupas de verão que estou vestindo e refaço o caminho pelos degraus lisos da escada. As solas dos meus sapatos de lona não foram feitas para o inverno. Escorrego no penúltimo degrau e caio de bunda no chão.

— Droga!

— Você está bem? — pergunta um homem com voz grave e preocupada.

Eu o olho tentando sufocar um gemido de dor. Ele está vestido com um casaco preto e um gorro de esqui cinza esconde parte de seus cabelos escuros. Tem trinta e poucos anos, talvez um pouco mais. Olhos afastados e um nariz normal. A sombra da barba crescida ao longo do dia já se espalha pelo queixo. É um estranho, mas que, de alguma forma, parece familiar.

Ele sorri com simpatia. Vejo uma luz na escuridão.

— Parece que o tombo doeu...

Parece que vai doer para sempre, mas tento manter o controle.

— É, dói um pouco.

Ele estende a mão.

— Precisa de ajuda?

Pouso minha mão fria na mão enluvada dele e ele me ajuda a levantar. O rapaz é cerca de quinze centímetros mais alto do que eu, com meus míseros um metro e sessenta e oito.

— Muito obrigada.

— De nada. — Seus olhos verdes se voltam para a escada de onde eu caí. — Você estava procurando a Tara?

— Estava. Você a conhece?

— É uma velha amiga.

Algo pipoca no fundo do meu cérebro, mas não sei muito bem o que fazer.

— Você saberia me dizer quando ela volta?

— Ela foi fazer um teste de filmagem em outra cidade. Só volta depois do Ano-Novo.

— Droga. — Enfio as mãos congeladas nos bolsos, esperando encontrar um celular que sei que não está ali. Reparo nos olhos daquele homem e algo me parece conhecido.

— Já nos encontramos em algum lugar antes?

Ele faz menção de negar com a cabeça, mas interrompe o gesto e pensa um pouco.

— Hum... Talvez...

— Na festa de aniversário da Tara — digo, achando a conexão. — Dois anos atrás?

Uma noite quente de verão. O apartamento de Tara estava cheio de rostos desconhecidos, a quem ela apresentava a Craig e a mim conforme andávamos pelo lugar, acenando com uma taça de vinho tinto na mão.

— Você estava lá, certo? — pergunto.

— Estava, sim, mas...

— Você poderia me emprestar seu telefone por um segundo?

Ele hesita.

— Claro. — Vasculha o bolso do seu jeans e tira um iPhone. Aperta o power para trazer o aparelho à vida, mas a tela continua em branco. — Desculpe, deve estar descarregado.

— Merda! — deixo escapar, sentindo uma faísca de pânico.

O rosto do homem é uma mistura de pena e desconfiança.

— Mas você pode usar meu telefone fixo, se quiser.

Examino o rosto dele. Seus olhos parecem dóceis e a ponta do nariz está vermelha por causa do frio. Flocos de neve se acumulam em cima do gorro. Meu instinto diz que é desse jeito que as mulheres vão parar nas manchetes da CNN, mas qual é a minha opção? Além disso, ele conhece Tara. Nós já nos vimos antes, tenho certeza disso.

— Ah, seria ótimo. Aliás, meu nome é Emma.

— E o meu é Dominic.

Dominic. É isso mesmo. Ele estava de pé ao lado de uma mulher impressionante, com um nome parecido com o meu. Emmy, talvez. Ou então Emily. Uma elegância discreta e longos cabelos ruivos. Um casal bem harmônico, com ar inteligente.

— Prazer em conhecê-lo, mais uma vez. Você mora aqui perto?

— Claro que sim.

Dominic se vira e segue rumo à porta em frente, a *minha porta*. Enfia a chave na fechadura e abre o apartamento.

Eu me esforço para inspirar uma lufada de ar frio da neve enquanto o sangue se concentra nas minhas orelhas.

Não, não, não. Isso *não pode* estar acontecendo.

Mas está.

Parece que já se passaram vários anos e me vejo sentada na minha sala, tremendo no sofá de couro marrom-café que levei meses para encontrar.

— O telefone fica na cozinha — explica Dominic, enquanto encolhe os ombros para tirar o casaco e pendurá-lo em um dos ganchos de metal escovado que eu instalei na entrada. A voz dele soa como se viesse de um milhão de quilômetros de distância, viajando através de uma conexão telefônica de péssima qualidade.

— Eu sei — respondo baixinho, com as palavras teimando em não sair da minha garganta.

Dominic entra na sala. Ele veste um jeans escuro desbotado e um suéter cinza com zíper até a gola, ambos soltos com folga sobre seu corpo, como se tivesse perdido peso nos últimos tempos. Algumas mechas grisalhas se destacam em seu cabelo espesso e cortado bem curto.

— O que foi?

Respiro fundo e solto uma respiração irregular.

— Eu disse que sei onde fica o telefone.

— Acho que não estou entendendo muito bem...

Cara, você não faz a menor ideia.

— Este é meu apartamento.

— Como?

— Este é o meu apartamento. Este é o meu sofá. E você acabou de me convidar para usar o meu telefone.

A confusão toma conta do rosto do rapaz.

— Que loucura é essa que você está falando?

— Você acha que sou louca, né?

— Eu não sei o que pensar.

— Eu não sou louca. — Tentei parecer convincente, inclusive para mim mesma. — Este é o meu apartamento.

— Por que você está dizendo isso?

A campainha da porta soa bem alto, nos assustando.

— É o cara da mudança — diz Dominic.

— *O quê?*

A campainha toca novamente. Dominic caminha até a porta e abre. Aparece um homem atarracado vestido com macacão, segurando um rolo de tecido azul-escuro.

— Podemos começar, amigo?

— Sim, claro. Pode entrar.

Dominic abre caminho para o rapaz, que acomoda um tapete no chão, estendendo-o sobre o piso de madeira que leva até o meu quarto.

Eu me levanto e minhas pernas tremem. O sangue corre em minha cabeça como se eu tivesse tirado uma tampa que o impedia de circular. Tento me equilibrar no braço escorregadio do sofá.

— O que você está fazendo?

Ele olha para mim.

— Estou me mudando para cá.

— Mas...

— Olha, eu sei que você vai dizer que este é o seu apartamento, mas tenho um contrato que diz o contrário. Está aqui, eu posso te mostrar. — Ele pega uma mochila encostada na parede e abre. Tira um maço de papéis e folheia. O homem da mudança se vira e sai do apartamento, e as botas dele deixam um rastro molhado sobre o tapete.

Dominic encontra um documento e entrega para mim.

— Olha só, está aqui.

Eu leio duas vezes, embora tenha entendido perfeitamente logo na primeira leitura. É um contrato de aluguel entre Dominic Mahoney e Pedro Alvarez, referente à unidade 23A

do edifício Chesterfield (este apartamento), assinado na semana passada.

— Deve haver algum engano.

— Acho que não.

Tudo fica escuro ao meu redor. Sinto que acabei de despertar e de sair de minha viagem por Matrix, coberta de gosma primordial e lutando para respirar. Mas se esta é uma realidade paralela, onde está o sábio mentor que vai me explicar o que está acontecendo?

— A torneira do banheiro emperra quando você liga a água quente. O aquecedor do quarto faz barulho exatamente às 23h12, toda noite. A...

— O que você está fazendo?

— Estou provando que este é meu apartamento.

— Eu acredito que você morava aqui, tudo bem, mas...

— Não, eu não *morava* aqui. Eu *moro* aqui, ponto-final.

O homem da mudança retorna com os braços cheios de caixas de papelão.

— Onde eu coloco isto aqui?

— No quarto maior — diz Dominic, apontando para o corredor. Ele passa por mim e se senta no sofá, apoiando as mãos nos joelhos. — Tudo bem... Emma, é assim que você se chama, não é?

— Sim.

— Vamos esclarecer isso.

Ele faz um gesto para eu me sentar ao seu lado. Não quero, mas não tenho certeza de que minhas pernas vão me segurar por muito tempo. Prefiro me acomodar na ponta do meu sofá tão familiar. Há uma fina camada de pó na mesa de centro. O ar tem um leve cheiro de abandono.

— Muito bem — diz ele. — Digamos que este seja seu apartamento...

— Mas é mesmo.

— Então, por que o Pedro o alugou para mim?

— Eu fiquei fora por um tempo.

— E ele sabia disso?

Eu tento voltar aos dias nebulosos que antecederam a minha partida, totalmente tomados por questões como bagagens, vacinas e alguns comprimidos contra malária que me causaram os piores pesadelos da minha vida.

— Não, eu não falei com ele.

— Por que não?

— Porque o aluguel é pago automaticamente e eu ia ficar só um mês fora.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Você ficou fora quanto tempo?

— Seis meses.

— Como isso aconteceu?

— Nossa, isso está parecendo um interrogatório. Eu não gostaria de passar por esse raio X agora.

— Só estou tentando descobrir o que aconteceu.

Eu me levanto.

— Onde você vai?

— Vou usar o telefone.

Sigo o tapete azul até o fundo do corredor e, de passagem, dou uma espiada no meu quarto. A cama e a cômoda de cor creme estão exatamente onde deixei, mas já não há mais nada pessoal naquele quarto. Nada das fotos da minha mãe, da coleção de frascos com a terra dos lugares onde já estive, nenhum objeto espalhado sobre a cômoda. Só poeira. É como se eu tivesse sido apagada. Transformada em cinzas.

Sinto um aperto no estômago, mas prossigo para a cozinha rumo ao telefone. Ele está no mesmo lugar, instalado em cima do balcão, um aparelho esquisito com uma tela sensível ao toque que lembra aqueles da série *24 horas*. Meus dedos escorregam pelas teclas. Digito o número da casa de Craig. Os bipes tocam em meu ouvido, mas, em vez de alguém atender, tudo o que escuto é uma musiquinha seguida por uma voz mecânica informando que aquele número não existe mais. Desligo e tento de novo, com o mesmo resultado. Então, arrisco o número de Stephanie, mas não consigo nenhuma resposta, pois o telefone só chama e ninguém atende. Quando finalmente desisto, preciso forçar a minha mão trêmula para digitar o número do escritório de Craig. É sábado e já passam das seis da tarde, por isso não posso me surpreender se a ligação cair na secretária eletrônica. A voz familiar de Craig me diz que ele estará fora do escritório por uma semana e pede para discar "zero" em caso de emergência. Minha mão flutua até o botão — se isto não é uma emergência, eu não sei o que é —, mas sei que tudo o que vou conseguir é ser atendida pelos responsáveis pela segurança da empresa. Uma sequência infinita de "deixe seu recado após o sinal".

Bato o telefone com força sobre o balcão. Meus ouvidos estalam, aumentando o zumbido na minha cabeça. Tenho a impressão de que meus neurônios vão explodir. A respiração parece falhar.

— Ei, tenha cuidado — diz Dominic, parado na porta. — Assim você quebra o telefone.

Deixo cair o telefone no balcão e empurro Dominic ao passar por ele, na direção da porta da frente.

— Emma. Ei, Emma, espera...

Os chamados de Dominic me acompanham até o final do corredor, mas não consigo parar. Preciso sair, ir para longe deste lugar onde tudo parece como seis meses antes, onde tudo não passa de uma versão showroom de minha vida.

Corro para abrir a porta. Quase dou um encontrão no homem da mudança e sua pilha de caixas, mas consigo desviar no último momento, e logo estou em meio à noite tempestuosa. Está nevando para valer, uma nevasca que desfigura a imagem dos edifícios altos e encolhe o mundo à minha frente. O ar parece denso, com o cheiro da borracha queimada das rodas dos carros que passam.

Com muito esforço tento deslizar por seis quadras até a casa de Stephanie. Quando chego, semicongelada e totalmente desesperada, percebo que as luzes do apartamento dela, que fica no térreo, estão apagadas. Tento espiar pela porta de vidro da entrada; há cartas se esparramando para fora do escaninho do apartamento da minha amiga. Apesar dos sinais evidentes de sua ausência, aperto a campainha sem parar, torcendo e rezando para que ela, por algum motivo, esteja lá — porque, se ela não estiver, não sei o que vou fazer. Não tenho a menor ideia de onde Craig está ou como entrar em contato com ele. E

Sunshine nem sequer mora mais neste país.

Quando meu dedo indicador já está insensível, eu me sento na varanda cheia de neve. Uma onda de dor toma conta da minha perna, partindo do lugar que machuquei ao escorregar da escada de Tara. Dou um grito.

Atrás de mim, a porta do prédio range ao se abrir. Um homem magro, na casa dos quarenta e poucos anos, põe a cabeça para fora.

— Foi você que tocou a campainha?

Limpo a neve de meu colo e me levanto.

— Sim, fui eu. Sinto muito. Eu estava tentando falar com a Stephanie Granger. Ela mora no 1B. O senhor conhece?

— Ah-hã.

— Sabe onde ela está?

— Ela está longe, eu acho. Ouvi dizer qualquer coisa assim.

— Ela disse quando voltaria?

— Olha, isso eu não sei.

Seus olhos se movem, apressados. Dou um passo para trás.

— Tudo bem. Obrigada.

— Ah-hã.

Ele fecha a porta e a tranca com um sonoro clique. Mais uma fechadura que se volta contra mim hoje.

Afasto o cabelo de meu rosto e tento fazer um balanço da situação: não tenho dinheiro, não encontro nenhum dos meus amigos e um estranho está se mudando para a minha casa.

Uma viagem por Matrix parece ser uma excelente opção neste momento.

Quando volto para meu apartamento, o homem da mudança está fechando o baú do caminhão. Ele me reconhece e acena para mim ao subir na cabine e, em seguida, se afasta com o veículo. Vejo as luzes vermelhas das lanternas traseiras desaparecerem conforme ele some na tempestade. Quando tudo o que posso ver torna-se branco, eu me viro e caminho até a calçada coberta de neve. Hesito diante da porta, não tenho certeza de que é ali que eu quero estar. Mas estou encharcada, meus dentes batem de frio como se fossem um brinquedo de corda, e minha mala ainda está lá dentro. Por isso...

Toco a campainha. Dominic abre a porta logo em seguida.

— Eu fiquei me perguntando quando você ia voltar — diz ele, com um tom de preocupação nos olhos. Só não sei se ele está preocupado com a minha segurança ou com a dele.

— Pois aqui estou eu de volta.

— Você quer entrar?

Concordo com a cabeça e cruzo a entrada rumo ao ambiente aquecido. O corredor está cheio de caixas fechadas com uma fita adesiva larga e transparente. A etiqueta de uma delas indica Livros. Utensílios domésticos, revela outra.

Dominic caminha pelo corredor e volta com uma toalha azul-clara nas mãos.

— Acho que você pode usar isto.

— Obrigada.

Seco o rosto e o pescoço. Conforme descongelo, sinto um pouco de sensibilidade voltar as minhas mãos, mas não tenho certeza se isso é uma coisa boa. Continuar

confortavelmente entorpecida parece ser a melhor opção no momento.

— Por que você não tira o casaco?

Obedeço e penduro o meu agasalho ao lado do dele.

— Fiz um pouco de café. Você quer?

— Acho que sim.

Eu o sigo até a cozinha. O cheiro de um assado toma conta do ar. As paredes ainda exibem o amarelo brilhante que pintei quando me mudei, e as minhas cortinas com flores azuis continuam penduradas na janela.

Eu me acomodo na velha mesa de pinho que a Stephanie me deu quando fiz trinta anos, e apoio as mãos na superfície lisa.

Emma Tupper, esta é a sua vida. Sua vida em versão *bad trip*.

Dominic serve um pouco de café em uma caneca preta fosca, o primeiro objeto que não reconheço. Aperto minhas mãos contra aquele calor intenso, respirando o aroma acre.

— Encontrei uma coisa que acho que vai te interessar — diz ele, sentado à minha frente.

Dominic empurra um envelope sobre a mesa. Parece ser uma fatura de cartão de crédito e está no meu nome.

Sinto uma estranha sensação de alívio quase cartesiana. Recebo contas para pagar, logo existo.

— Então você acredita em mim agora?

— Pois é... quando achei isso, eu liguei para a Tara em Los Angeles.

— E ela confirmou que eu moro aqui?

— Confirmou. Mas também disse que você havia desaparecido.

— Eu não desapareci. Só fiquei fora por mais tempo do que o planejado.

Ele morde o lábio inferior, tentando decidir alguma coisa.

— Acho que o apartamento é seu mesmo.

— É isso que eu estava tentando dizer.

— Talvez eu devesse ter acreditado em você, mas...

Prefiro manter o tom suave.

— Eu sei que isso tudo parece loucura.

Ele devolve um sorriso hesitante.

— Tenho certeza de que, algum dia, vai fazer sentido.

Tomo um gole do café. É forte, mas duvido que um cappuccino triplo faria alguma diferença agora.

— Acho que amanhã podemos esclarecer tudo com o Pedro — eu digo.

— Certo. Então... Quer que eu chame um táxi para você?

Ai, meu Deus. Ele espera que eu vá embora. Mas não posso. Eu não posso.

Minha mente zumbe, tento chegar a uma solução que não seja ter de pedir a um estranho para ficar em seu apartamento. Não tenho nenhuma ideia.

— Você tem o número da Tara? — pergunto, enfim.

— Por quê?

— Preciso perguntar uma coisa a ela.

Ele confirma com a cabeça e aponta para o seu iPhone, que está sendo carregado em

cima do balcão.

— O número dela é o último que chamei.

Caminho até o balcão e pego o elegante aparelho.

— Você se importaria de me deixar sozinha um pouco?

Dominic murmura algo incompreensível, dá um suspiro e sai. Recupero o número de Tara com o dedo indicador e, instantes depois, consigo falar com ela. Tara pergunta tudo sobre a viagem e que saber por onde diabos eu andei esse tempo todo, mas vou direto ao ponto.

— Esse seu amigo, o Dominic... Tudo bem com ele?

— Como assim?

— Quero dizer... Posso confiar nele?

— Mas que pergunta! É claro que pode. Especialmente depois que ele...

— Ok, obrigada. Era isso o que eu precisava saber.

— Não tem perigo, Emma. Só que...

Encerro a chamada e deixo Tara falando sozinha, mas estou tão desgastada que não tenho energia nem para ser gentil. Deixo as desculpas para mais tarde.

Encontro Dominic na sala, no meio das caixas. Eu o observo por um momento, olhando para a linha nítida em que seu cabelo se encontra com a nuca.

— Dominic?

— Sim.

— Você acha que... Eu posso ficar aqui esta noite?

Ele se vira devagar.

— Você tem outro lugar para ir?

— Não, não tenho.

Fico com a impressão de que ele não acredita em mim e, à medida que o silêncio cresce, aumenta a certeza de que ele vai negar o pedido. Mas, em vez disso, ele diz:

— Tudo bem. Você pode ficar. Por uns dias, claro.

— Puxa, obrigada.

— O que você esperava que eu dissesse?

— Por que essa hostilidade?

— Desculpe. Meu dia está meio esquisito hoje.

E o meu, então?

— Tudo bem. Uma onda de cansaço passa por mim e meus dentes voltam a bater. — Você se importa se eu tomar um banho?

— Fique à vontade.

Vou para o armário que fica no corredor, do lado de fora do banheiro. As prateleiras estão vazias — como eu, de certa forma, já esperava.

Sinto-me envergonhada de pedir, mas:

— Dominic, você teria mais uma toalha para me emprestar?

Com um olhar resignado, ele revira uma caixa no chão do lado de fora de meu quarto. Separa duas toalhas azuis e um sabonete.

— Isto está bom?

— Obrigada. E... — respiro fundo — ... Uma trégua?

Ele pensa um pouco.

— Tá, tudo bem. Uma trégua.

— Você não tem ideia de onde foi parar o resto das minhas coisas, não é?

— Está faltando algo?

— Minhas fotos, meus livros, minhas roupas de inverno... — Minhas lembranças, minha vida. — Nada disso parece estar aqui.

— Eu aluguei o apartamento mobiliado, mas nunca vi nada parecido.

Com um gosto de derrota, aperto as toalhas contra o peito e sigo na direção do banheiro. É a melhor coisa deste apartamento, com piso de mármore bege, azulejos brancos, que parecem os do metrô, cobrindo metade das paredes, e banheira e chuveiro separados. O resto das paredes está pintado de azul-cinzento bem claro. Se respirar bem fundo, eu ainda sinto o cheiro de meu xampu favorito.

Tranco a porta antes de me despir, e deixo minha roupa molhada no chão. No espelho que permite ver o corpo inteiro, dou uma olhada na minha bunda. Vejo um grande círculo vermelho na região que bati ao cair da escada, e ele se destaca na minha pele branquinha. Essa contusão vai ser duradoura e dolorosa. Mais ou menos como os efeitos do que aconteceu hoje, acredito.

Preparo um banho quente e vaporoso e deslizo para dentro da banheira, afundando até os ouvidos. Fico assim até a água esfriar, deixando o calor chegar aos meus ossos. Então, esfrego cada parte do meu corpo com o sabonete, até sentir que atingi a próxima camada de pele.

Quando finalmente me sinto limpa, solto a água da banheira e me enrolo em uma das toalhas de Dominic. Com a outra envolvo o cabelo e, em seguida, abro a minha mala. Sigo na direção do meu quarto por puro hábito. Sem as minhas coisas, parece que o quarto seguiu seu rumo, mais ou menos como aconteceu com o meu quarto na casa de mamãe depois que eu saí para a faculdade. Desfaço a mala e dou uma olhada no que tem dentro, na esperança de encontrar algo que sei que não está lá: roupas quentes. Tudo o que tenho são shorts, tops e calças de linho para usar dentro de casa. Sinto frio só de olhar para aquelas peças.

Sento-me na beira da cama, oprimida novamente. Minha nova pele não é uma proteção contra a realidade que estou enfrentando. Eu devia ter preservado a camada anterior.

Escuto uma batida suave na porta.

— Emma, posso entrar?

Aperto a toalha em volta dos seios.

— Claro.

Dominic abre a porta.

— Eu estava pensando... você está fora desde o verão, certo?

Concordo com a cabeça.

— Tem alguma coisa para usar neste inverno?

— Não, não tenho.

Ele caminha para as caixas alinhadas contra a parede e abre uma delas. Pega um calça de moleton cinza e uma camiseta preta.

— Tome isto.

— O quê? Não, eu não posso...

— Não seja boba. Ele deixa as peças sobre a cama.

— Obrigada.
— Tem uns lençóis e cobertores naquela caixa grande ali no canto.
— Você se importa se eu dormir aqui?
— Achei que você iria querer mesmo. Eu fico no outro quarto.
— Escute, sobre o que aconteceu antes...
— Vamos descobrir isso amanhã.
— Certo. Bem, boa noite.
Dominic devolve um meio sorriso.
— Este dia foi dureza, né?
— Acho que não teria definição melhor.

Ele sai e eu visto as roupas dele. São muito grandes, mas estão limpas, são confortáveis e têm cheiro de amaciante. Arrumo a cama com os lençóis e cobertores que encontro na caixa que Dominic apontou. Em seguida, passo a mão pelo fundo da minha mala até encontrar um objeto rígido. Tiro o frasco que Karen me deu e coloco na mesa de cabeceira. Pelo menos agora tem alguma coisa minha aqui.

Para lá de exausta, mergulho nos lençóis sentindo-me pequena, sozinha e perdida.

Mesmo na minha própria cama, estou perdida...

Capítulo 3

Desaparecida, supostamente morta

Quando cheguei a Tswanaland, uma pequena região situada entre Zimbábue, Zâmbia e Botsuana, acabada e meio tonta por causa dos remédios para dormir e do voo longo, concluí na hora que a viagem tinha sido um grande erro. Talvez fosse a paisagem estranha ou então aquele aeroporto lotado de gente. Depois de pegar minha bagagem e procurar o cartaz da agência de turismo naquele mar de rostos desconhecidos, percebi que não tinha pensado em tudo. Eu nunca havia viajado sozinha e, além disso, havia anos não tirava mais de uma semana de folga. Embora amasse muito a minha mãe, muito mesmo, a África nunca esteve na lista de lugares que eu gostaria de visitar. Sempre foi o lugar que *ela* queria conhecer, mas nunca visitou.

O que eu realmente não esperava era que a sensação de estar lá evocasse a morte dela com tanta força, de uma forma que não acontecera em todas as semanas anteriores. Eu tinha ido lá para terminar o luto pela minha mãe, mas, em vez disso, a ferida que sua perda me causou repentinamente voltou a doer, como se alguém estivesse enfiando uma faca bem no machucado.

Depois do que pareceu ser um tempo longuíssimo, quando estava prestes a desistir de tudo e pegar o primeiro voo de volta para casa, encontrei um grupo de pessoas que cercavam um homem alto, magro, vestido com calças jeans e camiseta da banda Counting Crows. Ele tinha uma identificação branca sobre o peito, daquelas que as pessoas usam nas conferências. *Meu nome é Banga*, estava escrito, mas ele mesmo pediu para ser chamado de Bob. Ele seria nosso guia durante aquele mês, anunciou ao grupo aparentemente animado que estava reunido ali, e não via a hora de nos mostrar sua terra natal.

Meus companheiros de viagem pareciam entusiasmados com a aventura de estar ali. Mas, e eu?

Odiei aquele lugar desde o primeiro minuto.

De manhã, a luz do sol entra pelas cortinas de musselina bege que eu sempre quis substituir por um tom mais escuro, arrancando-me do sono antes do que eu gostaria. Parece ser cedo, mas não há mais um relógio na mesa de cabeceira para tirar a dúvida. Um pequeno ruído, um sussurro suave e o aroma de café me dizem que Dominic também já acordou.

Quero cobrir a cabeça com as cobertas e dormir até ficar cansada da cama, mas tenho lugares para ir e pessoas para matar, especialmente o Pedro. Então me levanto e me visto com um jeans de Dominic e um suéter de lã que resgato de uma caixa com a identificação Roupas velhas. As pernas da calça e as mangas do suéter são muito compridas para mim, mas eu dobro um pouco. Para prender o cabelo, faço uma trança. Em seguida, pego o telefone sem fio da mesa de cabeceira e tento os números de Stephanie e Craig mais uma vez, com o mesmo resultado do dia anterior. Forço meu cérebro, mas não consigo me

lembrar dos números dos celulares deles. Na verdade, eles estavam na memória do meu BlackBerry, o companheiro que tocava o tempo todo e que deixei para trás em um acesso de raiva contra a pressão do meu trabalho.

Depois de lavar o rosto e usar o banheiro, sigo o cheirinho do café até a cozinha. Dominic está sentado diante da mesa, lendo o jornal e bebendo café em uma caneca. Seu cabelo está bagunçado e ele não tirou a calça listrada e a camiseta branca do pijama.

— Bom dia.

Ele levanta a cabeça. Seus olhos estão avermelhados.

— Bom dia. — responde.

Sirvo um pouco de café em uma xícara e me sento à sua frente. Seus olhos passam do meu rosto para o suéter que estou vestindo.

— Você sabe que as coisas que estão nas caixas são minhas, não é?

— Desculpe. Achei que você não se importaria.

— Não me importo, mas da próxima vez pede antes de pegar.

— Espero que não haja uma próxima vez.

Ele ajeita o jornal.

— Tudo bem.

Pego o primeiro caderno do jornal. Já se passou um tempo, mas parece que nada mudou. As manchetes são a habitual mistura de sórdidas notícias locais com comentários sobre a destruição iminente do mundo. Tem um estuprador solto por aí. Um quadro de Manet foi roubado do Concord Museum. Enormes erupções solares podem estar avançando contra nós, ou talvez não — a Nasa *"está avaliando"* a situação e vai emitir sua opinião oficial assim que tiver mais informações.

Deixo o jornal de lado e observo o homem do outro lado da mesa.

— Dominic, quem é você?

A boca dele se contorce.

— Ah, claro, nós ainda não tivemos uma conversa do tipo quem-é-você-e-o-que-você-faz-além-de-roubar-apartamentos-de-mulheres...

— Acho que pode ser uma boa ideia considerando as circunstâncias, não é?

— Então somos bem diferentes. Eu prefiro manter o anonimato.

— Você está brincado, não é?

— Pode ser.

— Vai responder a minha pergunta ou não?

Ele faz uma pausa e, em seguida, larga o jornal, devagar.

— Sou fotógrafo, tiro fotos de paisagens. Cresci num lar católico, na quarta geração de irlandeses que se perguntavam por que seus ancestrais resolveram sair de County Cork. Eu, claro, abandonei todas essas ideias sem sentido para abraçar totalmente a Cientologia. E você?

Meus lábios ficam secos.

— Sou advogada. Cresci numa família protestante, acho, mas nunca dei muita atenção a isso. Até agora consegui resistir ao recrutamento dos cientologistas ou de qualquer outra religião.

Demos risadas mas, em seguida, algo sobre a normalidade da nossa brincadeira me lembra que minha vida não é nada normal agora. Preciso me esforçar para conter as

lágrimas.

— O que foi? — Dominic pergunta.

— É só... esse papo tão leve num dia como hoje...

— Desculpe, Emma. Eu não quis menosprezar a situação que você está vivendo.

— Está tudo bem. — Tomo um gole do café tentando me concentrar no sujeito à minha frente, mas as palavras ainda não querem sair.

— Você quer falar sobre isso?

— Na verdade, não.

— Uma mulher que não quer falar... Coisa rara.

Quase dou risada de novo, apesar de tudo. Sinto-me como se estivesse ao mesmo tempo sob a chuva e debaixo do sol. Como é que se pode chorar e rir ao mesmo tempo?

— Então — eu proponho —, hoje pensei em sair para dar uns chutes no traseiro de um certo proprietário de imóveis. Você topa ir junto?

— Pode contar comigo.

Meia hora depois, abrimos a porta da frente para um mundo transformado. O céu é de um azul cristalino, daqueles que só se vê no inverno, e o sol brilha sobre os bancos de neve fofa. O ar é frio e machuca minhas narinas. É lindo, mas parece assustador.

Ajeito o chapéu que Dominic me emprestou para cobrir as orelhas, puxo o zíper da jaqueta de esqui, também dele, para cobrir meu rosto e começo a andar pela rua, com a neve na altura dos joelhos. O tráfego é suave e a superfície limpa da rua parece mais segura do que as calçadas, que ainda esperam para serem desobstruídas.

Dominic usa o mesmo casaco e o chapéu de ontem à noite, e no pescoço leva pendurada uma câmera fotográfica profissional. Ele a ergue rapidamente e registra a imagem de um carro semienterrado do outro lado da rua. Uma rajada de vento expulsa um rastro de neve para fora dos telhados, como se fossem flocos flutuando no topo do monte Everest. O clique do obturador da máquina de Dominic não tem descanso.

— Você vem ou não? — chamo.

— Estou indo. — Ele segue meus passos pela rua. — Como você estava pensando em ir até a casa do Pedro?

— Pensei em ir andando.

— Vinte quarteirões?

— Não é tão longe.

— Se você acha...

Caminhamos juntos, ao lado de altos montes formados pela neve tirada da rua. As botas de Dominic trituram os flocos de gelo, que os meus sapatos de lona vão enxugando. À medida que avançamos, minha mente começa a descartar pensamentos que prefiro não alimentar. Como a ideia de que nada disso estaria acontecendo se minha mãe ainda estivesse viva. Ou o temor de encontrar Craig e Stephanie e eles não quererem falar comigo. E onde é mesmo que vou dormir *esta noite*?

— Como é que você se mudou tão perto do Natal? — pergunto a Dominic para me distrair.

— Que tipo de pergunta é essa?

— Estou só puxando papo.

Ele olha para longe.

— Aconteceram umas coisas e eu tive de me mudar de repente.

— Desculpe por perguntar.

— Esquece. Sem mais perguntas, certo?

Paramos na frente do grande edifício de três andares, do qual Pedro comanda seu império imobiliário. Uma sequência de luzes multicoloridas pisca ao redor da porta. Um menino de cerca de doze anos vestido com um casacão impermeável bem maior do que ele remove a neve com uma pá. Pergunto se o pai dele está em casa e o garoto faz um sinal evasivo. Subimos as escadas e eu toco a campainha.

Estou prestes a tocar novamente quando Pedro abre a porta, vestido com camiseta de manga curta e calças pretas. Uma barba de dois dias cobre aquele queixo proeminente.

— O que você quer? — ele pergunta, sem dar sinal de me reconhecer.

— Quero saber por que diabos você fez o que fez — respondo, nervosa.

Seu corpo fica tenso.

— Qual é o problema, *chica*? O que eu...

Ele para ao avistar Dominic atrás de mim. Posso ver as ideias fazendo sentido dentro daquela cabeça.

— *Madre de Dios!*

— Esse é o eufemismo do ano, cara — diz Dominic.

— *Lo que pasa*, Pedro, é que você alugou o meu apartamento para o Dominic e metade das minhas coisas simplesmente sumiu.

— Você não pagou mais o aluguel.

— É claro que paguei. Estava no débito automático, como sempre foi.

Ele balança a cabeça.

— Os pagamentos pararam de cair. Eu tenho uma notificação.

— Besteira. — respondo. Porém, conforme as palavras saem da minha boca, eu me lembro de que o meu cartão do banco não funcionou no aeroporto.

— Besteira, é? Espera aí. Espera, e eu te mostro. — Ele se vira e caminha para uma sala do lado direito do corredor. Lá dentro, há papéis espalhados em uma mesa e vários armários escuros. Pedro abre uma das gavetas e pega uma pasta suspensa de cor amarela. Tira uns papéis grampeados e volta para a nossa direção.

Na hora, tenho um pressentimento péssimo. É uma sentença do Conselho Imobiliário concedendo a Pedro o direito de despejar a inquilina inadimplente (eu) e remover todos os seus pertences do local. Dou uma passada de olhos no texto. As palavras familiares — *inadimplência*, *aluguel*, *notificação* — dançam na minha frente, chocando-se contra o meu cérebro. Embora até esperasse algo assim, sinto-me muito pior ao ver tudo aquilo ali digitado, selado e devidamente oficializado.

E, em seguida, encontro uma frase que me dá calafrios.

Ela diz: *Além disso, a inquilina está desaparecida, supostamente morta.*

Corro pela rua, tropeçando nas barras do jeans de Dominic, pesadas e molhadas de neve.

O ar parece incendiar os meus pulmões.

Desaparecida, supostamente morta. Como isso é possível? Por que alguém iria pensar que eu morri? Eu ligava... Eu falava... Eu...

— Emma, espere um pouco — Dominic me chama.

Minhas pernas perdem a firmeza e caio de joelhos em um monte de neve. O frio se infiltra pelo tecido.

— Você está bem?

Não tenho ideia de como responder a essa pergunta. Em vez disso, enterro as mãos na neve, sentindo os cristais duros e penetrantes contra minha pele.

— Emma, você está me assustando. — Dominic segura meu braço. — Vamos lá, você não pode ficar desse jeito.

— Me deixa em paz.

— Não, não vou deixar.

Ele se aproxima, segura meus cotovelos e me levanta. Depois se posiciona na minha frente e aconchega minhas mãos entre as dele, limpando a neve. Minhas mãos formigam e doem, mas eu não me importo.

Morta. Eu estou morta.

— Emma, seus lábios estão ficando roxos. Você precisa se aquecer.

Fico olhando para ele. Não consigo pensar, não consigo falar, não consigo sequer me mexer. Estou morta.

Um táxi vem se arrastando pela rua e Dominic faz um sinal. Ele me instala no banco de trás e informa o endereço ao motorista. Eu me enrolo como uma bola, descansando a cabeça no assento de couro gasto. Sinto o cheiro de carro recém-polido. Pela janela, o céu parece incrivelmente distante.

Quando chegamos ao apartamento, abro a porta do táxi e sigo Dominic como se fosse um robô. Ao entrar, tiro o casaco e os sapatos e desabo no sofá, sem vontade de nada. Sento-me com as mãos entre os joelhos, enquanto Dominic acende a lareira a gás e traz alguns cobertores. Eu me aninho sob eles, ainda me sentindo entorpecida.

Dominic senta-se sobre a mesa de centro, de frente para mim, preocupado, com as mãos espalmadas sobre as coxas.

— Obrigada por me trazer de volta — consigo dizer, enfim.

— Não precisa agradecer. Você está se sentindo melhor?

— Acho que sim.

— Será que dá para me dizer o que está acontecendo?

— Aquela notificação... dizia que eu estava... desaparecida... e que eu talvez... estivesse morta.

— Meu Deus! Por que alguém acharia isso?

Dobro os joelhos para encostá-los no meu peito.

— É o que eu gostaria de saber.

— Bom, mas por que você foi viajar para tão longe? E por onde você andou, afinal?

— Pela África.

— O que foi fazer lá?

Abraço meus joelhos com mais força, forçando-me a me concentrar no presente.

— Minha mãe morreu e me deixou essa viagem como herança.

— E o seu pai?

— Não tenho pai. Quer dizer, não conheci meu pai. Ele foi embora quando eu tinha três anos.

— Sinto muito.

Faço um gesto com a cabeça.

— Tudo bem.

Dominic apoia as mãos sobre os joelhos.

— Então, você foi para a África e pretendia ficar só um mês por lá?

— Isso mesmo.

— E o que aconteceu?

— Fiquei doente logo no começo. Além disso... bem, eu, eu estava em Tswanaland.

— Quer dizer que você estava lá quando o terremoto...

— Isso mesmo.

Ele se levanta de repente.

— Aonde você vai?

— Espere um segundo. Eu tive uma ideia.

Ele sai da sala e volta logo em seguida, trazendo um notebook prateado.

— Pensei em uma coisa. O que levou o Pedro a declarar ao tribunal que você estava desaparecida?

— Boa pergunta.

Peguei o notebook, abri o navegador e busquei no Google *Emma Tupper + advogada*. Um link para a versão eletrônica do *The Post* encabeça a lista de resultados. Clico sobre ele e surge uma matéria na tela.

O título explica tudo: "Estrela emergente da TPC desaparece". Leio o texto às pressas. Dizia que eu tinha viajado para um safári em Tswanaland. Que adoeci e fiquei em uma aldeia perto da reserva de caça, enquanto os guias foram procurar ajuda médica. Que eu tinha telefonado para alguns amigos para dizer que estaria na capital no dia 20. No dia 21 aconteceu o terremoto de 8,9 pontos na escala Richter a vinte quilômetros da capital, que foi quase toda devastada. Milhares de pessoas morreram e a infraestrutura entrou em colapso. Todos os estrangeiros foram orientados a procurar suas embaixadas (instaladas nos poucos edifícios que ficaram em pé, porque tinham sido erguidos de acordo com os padrões de Primeiro Mundo) e a voltar para casa nos voos de resgate programados para as semanas seguintes. Só que eu nunca apareci e ninguém conseguiu encontrar qualquer vestígio meu. As autoridades pensaram o pior e incluíram meu nome numa lista, uma terrível lista. A conclusão foi triste, porém óbvia. "Ela vai fazer muita falta", teria declarado Matt para o jornal. "Emma tinha um futuro brilhante."

— E então, o que você achou? — Dominic pergunta.

Meus olhos fitam os dele e, em seguida, retornam para a tela do computador, que diz que provavelmente eu morri. Isso ajuda a explicar algumas coisas — como esse sentimento de morte no meu coração, por exemplo.

Dominic toma o notebook de mim e seus olhos percorrem a tela. Ele assobia em tom baixo.

— Que coisa.

— Acho que isso não chega nem perto de explicar tudo o que aconteceu.

— Não mesmo. Desculpe.

— Por quê? Não é culpa sua.

— Dá na mesma. — Dominic larga o notebook e se aproxima de uma caixa que está no canto da sala. Volta com uma garrafa de uísque e um copo, no qual despeja uma dose generosa. Em seguida, me oferece a bebida. — Tome, beba isso.

Olho para o copo com aquele líquido brilhante cor de âmbar.

— Isso não vai resolver nada.

— Nunca se sabe.

Dou dois longos goles e bebo tudo. O uísque queima como fogo e tem um gosto desagradável. Olho para Dominic. Ele me encara como se eu fosse feita de vidro e ele, um martelo. Um único golpe e eu poderia ser reduzida a milhões de cacos.

Talvez seja o caso de usar alguma coisa para impedir que isso aconteça.

— Me passa essa garrafa, por favor.

Capítulo 4

Achados e perdidos

Tive esse sonho recorrente por meses.

É o terceiro dia de minha viagem. Passamos dois dias rastreando elefantes e girafas sob um céu tão grande e plano que faz a gente se sentir perdida no meio de uma aquarela. O ar cheira a poeira e a feno torrado pelo sol. Meus ouvidos estão tomados pelo zunido e pelos gritos das aves. Conforme o sol se move na direção do horizonte, uma leoa surge no meio do capim alto e abocanha o pescoço de uma zebra que se afastou da manada. Com a presa morta a seus pés, a fera emite uma série de rugidos baixos, chamando com orgulho o resto do bando para o banquete.

Eu abro minha janela empoeirada para ver melhor. Dá para sentir o cheiro do sangue e ouvir a carne sendo rasgada. Sinto repulsa, mas não consigo desviar o olhar. Meus companheiros de viagem tiram fotos e gravam vídeos até aquela zebra virar carniça.

Quando voltamos para o acampamento, estamos excitados e falantes de uma maneira inédita até então. Roy e Dorothy, um casal de aposentados com cabelos brancos, sentam-se diante da áspera mesa de piquenique e ficam olhando as fotos daquela aventura.

— Olha, Dory, ele arrancou a perna direita de uma vez.

— *Ela* arrancou a perna da zebra, querido. São as fêmeas que caçam.

Bill, um ex-soldado do Exército, conta a Max, um cara que continua na onda hippie, sobre os gnus que caçou durante uma viagem anterior à África. Laurie, a namorada de Max, acredita que o safári vai acabar em pedido de casamento e está nervosa, tentando adivinhar quando o noivo irá tomar a iniciativa.

Os guias preparam o jantar. Banga-Bob reclama de dor de cabeça. Eu o vejo engolir um par de aspirinas enquanto remexe o ensopado de carne. Quando a comida fica pronta, faço um prato generoso. O gosto é bom, porém um pouco estranho.

Sinto uma mão no meu ombro. Minha mãe está de pé ao meu lado. Sua aparência é a de antes da doença, mas, de alguma forma, um pouco diferente, menos substancial. Parece diáfana.

— Não coma essa comida — ela avisa. — Ele está doente.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ela se vira e vai embora. Deixo cair minha tigela, que aterrissa com um baque no chão e quebra. O chão poeirento suga o molho com avidez. Eu a chamo, mas ela não responde, apenas continua caminhando lentamente para longe, vestindo algo branco e esvoaçante.

Tento correr atrás dela, mas não consigo fazer minhas pernas me obedecerem. O sol desaparece no horizonte. Já não a vejo mais, há apenas uma mancha branca onde ela estava um minuto atrás — seu rastro é como uma luz brilhante deixada nas minhas córneas. Sinto-me como me senti no dia em que ela morreu, como se eu a tivesse perdido outra vez.

Banga-Bob risca um fósforo e acende a fogueira. As chamas saltam enquanto uma trupe de artistas circunda o fogo; suas vestes vermelhas são o único lampejo de cor em um mundo que, de repente, ficou preto e branco.

As estrelas dançam acima das chamas no céu maciço. Assisto à apresentação da mesma forma como assisti aos leões naquele mesmo dia, mal conseguindo respirar. O fogo morre. Um dos artistas cruza seus olhos com os meus e acena com um movimento do pulso. Eu me aproximo dele devagar, ainda à procura de minha mãe lá fora, na escuridão. Ele encosta os dedos longos e frios em minha testa e aperta com suavidade.

— Você está doente — diz ele. — Muito doente.

Acordo assustada. Minha cabeça lateja e meu estômago está vazio. Ontem, depois de várias doses de uísque, tudo o que eu queria fazer era rastejar de volta para a cama e desaparecer. Foi o que fiz. Dormi e sonhei, dormi e sonhei. Mas agora é segunda-feira de manhã.

Afasto as cobertas e atravesso o chão frio. Visto de novo as roupas de Dominic e vou para a cozinha comer alguma coisa. A visão do telefone no balcão desencadeia uma pontada na minha barriga. Eu realmente preciso falar com alguém que pertença à minha vida. Carrego o telefone para a mesa e digito o número dos pais de Stephanie, que eu sempre soube de cor. Ainda é cedo — um pouco mais de sete horas —, mas eles devem estar acordados. Consigo até imaginá-los: Lucy em sua roupa de ginástica bebendo suco de laranja antes de se encontrar com suas "meninas" para a caminhada matinal; Brian lendo o jornal, de camisa engomada e gravata, apesar de estar aposentado há mais de cinco anos.

— Bom dia! — Lucy atende ao telefone.

— Oi, Lucy. Sou eu, Emma. Emma Tupper.

Ouço uma respiração forte e, ao fundo, uma voz aflita:

— Brian... Brian!

— Lucy? Alô... Lucy?

Há um ruído de discussão e, depois, uma voz masculina grave pergunta:

— Quem está falando?

— Sou eu, Brian. Emma.

— Se isso é algum tipo de brincadeira de mau gosto...

— Não. Sou eu mesma. Eu estou bem. Estou em casa. Eu... Minha voz falha. Não sei o que dizer, como explicar algo que nem mesmo eu entendo.

— É você mesmo?

— Sim.

— Oh, graças a Deus! Nós ficamos tão preocupados. E Stephanie... — Ele para de falar, mas eu continuo na escuta, enquanto ele luta para manter o controle.

— Em parte, é por isso que estou ligando. Onde Stephanie está?

— Ah, Emma, ela foi procurar você.

Agora é a minha vez de lutar para não perder o controle.

— O quê? Mas como? Como é que você permitiu?

— Nós não conseguimos impedi-la. Não depois que os voos para lá voltaram a ser realizados.

— Você teve contato com ela depois disso?

— Ela telefonou de Londres, mas não soubemos mais nada depois disso. Estão

dizendo na internet que a telefonia de lá ainda não está funcionando direito.

Fecho os olhos pensando em todas aquelas peças de metal retorcidas que vi na estrada.

— Quando ela deveria chegar?

— Há três dias.

Quase arremesso o telefone para o outro lado da sala de tanta frustração. Três dias! Seis meses de intervalo e um dia nos separou. Isso não está certo, Senhor Universo. Não mesmo.

— Você tem o celular dela?

— Sim, é claro. — Ele informa os números e eu anoto de forma automática em um pedaço de jornal. — Estamos muito contentes por você estar bem, Emma.

— Obrigada.

— Acho que Lucy está emocionada demais para falar agora, mas tenho certeza de que ela adoraria se você pudesse ligar mais tarde. Certo, querida? Sim, mais tarde seria ótimo.

— Vou tentar.

— Obrigado, minha querida.

Desligo e apoio a cabeça sobre meus braços. Até os pais de Stephanie pensaram que eu estava morta. Não imagino como deve ter sido. Stephanie e eu crescemos juntas e éramos tão próximas que eu tinha status de "filha honorária". E Stephanie, a teimosa e leal Stephanie, agora estava longe, procurando por mim. Craig estaria lá também? Ambos à minha procura enquanto estou exatamente onde deveria estar?

— Bom dia — cumprimenta Dominic, arrastando-se para a cozinha metido em uma calça cáqui e um pulôver azul. Ergo a cabeça. Ele me olha de um jeito mais cansado do que ontem, se é que isso é possível. Olheiras mais escuras e o rosto pálido.

— Oi.

— Você está bem? Você está pálida.

Largo o telefone na mesa.

— Você já precisou ligar para todo mundo para avisar que você não está morto?

— Meu Deus, claro que não.

— Pois é... Não recomendo essa experiência.

Ele se senta na minha frente.

— Tem muitos telefonemas como esse para fazer?

— Acho que sim. — Eu afundo na cadeira, oprimida só de pensar nas ligações que teria de fazer.

— E se você for até a polícia? Quem sabe eles possam ajudar a divulgar a notícia?

— A polícia?

— Sim. Talvez valha a pena procurar o investigador citado naquela matéria que você leu na internet, que estava cuidando do seu caso.

Penso um pouco sobre a ideia.

— Eu provavelmente *deveria* me apresentar a eles. Eles podem realmente achar que eu estou... desaparecida.

— Isso mesmo.

Apoio as mãos no tampo da mesa e faço força para me erguer.

— Acho que é isso o que vou fazer.

Dominic se levanta e se aproxima da geladeira. Noto que ele abre a porta e pega uma garrafa de suco de laranja como se pertencesse a este lugar, como se esta fosse a casa dele — o que, agora, eu acho que é mesmo. Ou seja, isso deve significar que preciso dar o fora. Mas ir para onde?

— Dominic?

— Sim?

— Você acha que pode me emprestar algum dinheiro para o táxi?

Ele larga a garrafa de suco em cima do balcão e pega a carteira, com um olhar confuso. Tira duas notas graúdas.

— Isso dá?

— Acho que sobra, obrigada. Fico devendo essa.

— Vou me lembrar disso.

Espero o investigador designado para o meu caso por quarenta e cinco minutos, em uma sala de espera suja e com as paredes pintadas de "verde-repartição-pública". Meu nariz se incomoda com o cheiro de muita gente misturado com o odor de desinfetante. Há uma árvore de aparência triste no canto, decorada com uma guirlanda prateada. O *muzak* natalino que domina o sistema interno de som deve ser uma tática intencional para fazer os suspeitos confessarem qualquer coisa. Não importa o que quiserem que eu confesse, só imploro para não tocarem "The Little Drummer Boy" com aquele *pa rum pa pum pum*.

— Emma Tupper? Sou o investigador Nield.

Levanto-me e aperto a mão dele. Tem um pouco mais de cinquenta anos, é alto e bem constituído. Tem rosto redondo e olhos de aço azuis, que me lembram o olhar de Paul Newman em *A cor do dinheiro*.

Eu o sigo através de um grande espaço, repleto de homens, mulheres, escrivaninhas e telefones tocando, até seu cubículo isolado. As divisórias de cor indefinida estão decoradas com uma colagem de rostos incompatíveis, e demoro um pouco para perceber que pertencem às pessoas desaparecidas procuradas pela polícia. Encontro minha própria imagem entre a foto de uma criança pequena, com uma "janelinha" nos dentes da frente, e a de um homem de cabelos brancos, apertando os olhos contra o sol no convés de um barco. Vejo um close do meu rosto, o sorriso torto para a câmera. Vi essa imagem pela última vez pregada na porta da geladeira de Stephanie. Agora está espetada com um alfinete vermelho numa delegacia de polícia. Não acho nada bom.

Sento-me em uma cadeira de vinil marrom, reservada aos visitantes do investigador Nield. Ele remexe uma pilha de papéis e tira um formulário azul. O investigador alinha o documento com o prontuário à sua frente e destampa a caneta esferográfica azul.

— Agora, sra. Tupper — diz ele com a voz rouca de cigarro ou, talvez, de uísque —, por que não começamos do início? O que estava fazendo em Tswanaland?

Enxugo minhas mãos suadas no jeans de Dominic.

— Minha mãe morreu. Ela me deixou a viagem em seu testamento. Ela sempre... era importante para ela que eu fizesse essa viagem. Então eu fiz o que ela queria.

— E a senhora viajou com a Turnkey Tours?

— Sim. Mas se você sabe disso, por que eu...

Ele sorri, compreensivo.

— Procedimento padrão. Sempre que possível, gostamos de checar as informações que o pessoal de PD levantou.

— PD?

— Pessoas desaparecidas.

— Oh, sim. Tudo bem. Pode perguntar.

— A senhora chegou lá no dia 5 de junho?

— Isso mesmo.

— E em seguida viajou para a reserva de caça?

— Sim. A reserva fica a cerca de duzentos e cinquenta quilômetros da capital.

— O que aconteceu quando chegou lá?

— As coisas comuns de um safári, acho. Fomos observar girafas e elefantes.

Ele balança a cabeça.

— E quando ficou doente?

— No quarto dia. Peguei alguma coisa de um dos guias.

— Sabe qual doença?

Lembro da febre e dos calafrios. Em um minuto eu estava bem; no instante seguinte não conseguia nem me sentar. Eu mal podia engolir. Respirar era uma tarefa difícil.

— Não sei ao certo. Eu estava mal demais para ser transferida para muito longe, e então eles me levaram até uma aldeia onde alguns funcionários de uma ONG estavam construindo uma escola.

— Como eles chamavam?

— Karen e Peter Alberts.

— E qual era a ONG?

— Era a Education Now, mas na verdade os dois são daqui. Devem estar de volta em algumas semanas, se o senhor precisar falar com eles.

— Duvido que seja necessário. — O formulário já estava quase todo ticado com marcas da caneta azul. — Por quanto tempo ficou doente?

— Cerca de uma semana.

— E a senhora ligou para Stephanie Granger e Craig Talbot?

— Sim. Poucos dias antes do terremoto.

— Disse a eles que estava voltando para a capital? Que estava voltando para casa?

— Era para eu pegar o próximo transporte de volta, mas ele nunca chegou.

— Estava na aldeia quando o terremoto aconteceu?

Concordo com a cabeça, embora tecnicamente não estivesse na aldeia. Eu estava na primeira de uma série de caminhadas que realizei nos meses seguintes. Passeios que fazia quando não aguentava ficar perto de mais ninguém. Quando precisava chorar, tremer, me atirar ao chão e rolar na poeira até as lágrimas secarem.

Naquele dia, eu estava sentada no chão duro com as costas apoiadas em uma árvore áspera, pensando em ir para casa. O rio rumorejava atrás de mim e vi uma cobra deslizar pela grama morta perto dos meus pés. Lembro-me de quase desejar que ela me mordesse, que me causasse uma ferida capaz de me distrair do meu coração rasgado, de todo o sofrimento que havia na minha mente.

De repente, o ar se encheu do farfalhar das asas dos pássaros e dos berros de animais

que não consegui identificar. Olhei ao redor, confusa, e antes que pudesse me pôr de pé tudo começou a vibrar, chacoalhar e estalar.

Terremoto, concluí, uma vez que já tinha vivido alguns pequenos tremores na minha vida. Mas nada igual àquilo. O som era tão alto, o abalo tão violento, que senti como se estivesse dentro dele, como se o chão estivesse arfando e pudesse se abrir para me engolir inteira.

Por instinto, me agarrei à árvore, como um batente da porta oferecido pela natureza. Seus frutos desconhecidos despencavam como bombas em torno de mim, explodindo em todas as direções. Quando finalmente o chão parou de tremer e o barulho parou, eu, ainda cambaleante, me senti feliz por estar viva.

— Sim — confirmo ao investigador Nield. — É isso mesmo.

— A senhora teve sorte.

— Tive, sim.

— Mas... nunca mais conseguiu ligar para casa?

Sinto uma pontada de culpa.

— Não. O terremoto derrubou o fornecimento de energia, as torres de celular... Não tinha como fazer chamadas. Ficamos isolados.

— E o aeroporto ficou fechado até algumas semanas atrás?

— Sim. Quando ouvi dizer que os voos internacionais tinham sido retomados, peguei o primeiro transporte de volta para a capital.

— Você teve algum problema ao passar pela imigração? Seu passaporte deveria ter sido marcado.

— Não. Nenhum problema.

Ele franze a testa.

— Isso diz muito sobre os sistemas de segurança do nosso país.

Relembro o rosto do entediado funcionário da alfândega, que mal examinou meu passaporte.

— Acho que não tenho cara de terrorista.

— Humm.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— Como foi que vocês concluíram que eu estava... morta?

Seus olhos ficam graves.

— O sr. Talbot e a sra. Granger deram queixa de seu desaparecimento quando não acharam o seu nome na lista dos turistas resgatados. Com tudo o que aconteceu por lá, ficou impossível localizar alguém por telefone e foi muito difícil conseguir os nomes e endereços de seus companheiros de excursão. Quando finalmente conseguimos encontrar essas pessoas, todas disseram o que já sabíamos. Todos achavam que a senhora estava na capital naquele dia...

— Como eu disse que estaria.

Ele concordou com a cabeça.

— Foi quando colocamos seu nome na lista.

— Entendi.

— Desculpe por não termos feito o melhor, no seu caso.

— Tenho certeza de que fizeram tudo o que podiam.

— É muito gentil de sua parte, sra. Tupper.

— Eu estou viva, não é mesmo?

Ele sorri.

— Está sim.

— O que eu faço agora?

— Vou lhe dar alguns formulários para que a senhora possa reativar suas contas bancárias e tomar outras medidas.

— Obrigada. Mas por que as minhas contas foram congeladas?

— Procedimento padrão.

— Certo. Bem, o senhor precisa de mais alguma coisa?

— Não, acho que não. Vamos cuidar da emissão do comunicado à imprensa.

— Algo como "o comunicado da morte foi meio exagerado", ou alguma outra coisa tipo Samuel Clemens?

Seu lábio superior se contraiu.

— Algo parecido com isso.

— Tudo bem. Obrigada. — Eu me preparo para sair.

— Posso fazer uma sugestão antes de ir?

— Claro.

— Lidei com muitas pessoas em situação parecida com a sua, não exatamente a mesma, veja bem, mas com pessoas que desapareceram, e a maioria delas teve de lutar para se reintegrar a suas vidas. Não é só uma questão de recomeçar de onde parou.

— O que o senhor quer dizer?

— Apenas que posso indicar alguém para conversar, se a senhora quiser. Um psicólogo que trabalha com um grupo de vítimas.

Nunca gostei da palavra "vítima", e certamente jamais imaginei que seria uma.

— Mas, as pessoas de quem está falando... elas foram sequestradas, não foram?

— Em geral, sim.

— Não é o meu caso. Eu não estava realmente desaparecida, só todo mundo pensou que eu estava.

— Mas seus amigos e colegas de trabalho achavam que estava morta. Isso pode ter consequências...

Eu o interrompo, acionando o modo "Emma-Tupper-superpoderosa".

— Agradeço sua sugestão, mas vou resolver tudo isso em poucos dias. Assim que as pessoas souberem que estou viva, tudo vai voltar aos trilhos.

— Admiro sua coragem, sra. Tupper. E espero que esteja certa.

— Eu não sou corajosa. Sou só uma nota no pé de página do jornal de amanhã. — Estendo a mão. — Obrigada por ter tentado me encontrar.

Ele aperta minha mão com firmeza.

— Estou feliz por tudo acabar dessa maneira.

— Eu também.

Viro-me e ando pelo labirinto de policiais e funcionários, procurando a saída. No caminho, passo por um grande quadro branco cheio de colunas com nomes escritos com tinta vermelha e preta. Meu sobrenome também está lá, em rubras letras maiúsculas,

como se eu fosse a vítima de um episódio de uma série policial.

Sei o que vai acontecer em seguida, vi isso na televisão um monte de vezes. Em algum momento, alguém, talvez até o próprio investigador Nield, vai apagar meu nome e reescrevê-lo com caneta preta. Ao longo do ano, serei apagada para sempre. E o espaço que ocupei, pequeno como era, estará disponível para outra pessoa.

De vermelho para preto. Caso encerrado. Eu estava perdida e agora me acharam.

Simples assim.

Capítulo 5

Só trabalho e pouca diversão

Esgotada da minha conversa com o investigador Nield, ainda não me sinto pronta para enfrentar a Thompson, Price & Clearwater. Considerando a reação do comitê de gestão quando pedi um mês de férias, posso imaginar sua indignação egoísta diante do rumor de que eu havia morrido. *Afinal, quem é que estava lidando com o caso Samson e com todos aqueles outros processos?* Argh!

Em vez disso, preferi me refugiar na praça de alimentação instalada no subsolo da torre de escritórios onde fica a TPC. Fico escondida atrás de um pilar que costumava ser o fumódromo (basta respirar fundo que você já se sente em plena tragada), envolvida pelo aroma familiar de comida tailandesa, delícias libanesas e do Burger King. Esta foi a minha sala de jantar desde que comecei a trabalhar aqui. Sinto certa nostalgia, sem saber bem por quê.

As provas de admissão nas faculdades de direito deveriam incluir uma pergunta: *Você consegue viver à base de fast-food?* Em vez disso, só me perguntaram por que eu queria ser advogada. Acho que a ideia era que escrevêssemos sobre o bem e a justiça, mas sempre tentei ser honesta. (Já que estava abraçando o campo da lei, deduzi que pelo menos devia *começar* sendo honesta.) Infelizmente, eu tinha certeza de que dizer a verdade não me faria ser aprovada, porque a verdade é que eu queria ser advogada porque gostava de discutir. Gostava tanto que era capaz de argumentar contra ou a favor de qualquer um dos lados a respeito de qualquer porcaria de assunto, mesmo que ninguém me pedisse. E isso a qualquer hora, em qualquer lugar.

E isso é uma característica atraente, certo? Ser capaz de argumentar? *Quero ir para a faculdade de direito para aprender a argumentar tão bem que ninguém nunca mais vai ousar discordar de mim...* Isso não vai me tornar uma pessoa popular? Não vai me fazer feliz? Bom, pelo menos eu terei sempre a última palavra.

Essa resposta funcionou. Escrevi quinhentas palavras sobre o quanto gostava de esmiuçar os minúsculos detalhes de cada discussão pública a fim de açoitar qualquer um que ousasse debater comigo, e assim fui aprovada em todas as faculdades nas quais me inscrevi. Droga! Provavelmente tomei o lugar de pessoas que realmente *queriam* ser advogadas para melhorar o mundo. Algumas escolas me ofereceram a bolsa de que eu precisava, sendo que uma delas — uma instituição prestigiada cujo nome faz as pessoas soltarem "oohs" e "aahs" de admiração quando você diz que estuda ali —, me deu bolsa integral.

Optei por esta, é claro. Mesmo contra a vontade de minha mãe. É engraçado, a última coisa que ela queria era que eu fosse advogada. Ela nunca quis me dizer qual era a primeira coisa — teria sido muito fácil, muito controlador, muito direto —, mas ainda me lembro claramente de como o rosto dela murchou quando anunciei, por volta do fim do ensino médio, o que queria estudar na faculdade. "Por que você quer fazer isso?", disse ela, sem conseguir se conter. Ela foi a primeira mãe da história a ficar desalentada ao ouvir esse anúncio de uma filha? Talvez não, mas sua reação me surpreendeu.

Enfim, lá fui eu para a faculdade de direito, com minha mãe me desejando sorte e oferecendo apoio infinito. E quando terminei os estudos como melhor aluna da turma, tive de fazer uma escolha entre as oportunidades de trabalho. A TPC tinha a melhor reputação no setor de litigioso e prometeu que eu estaria discutindo nos tribunais antes de completar quarenta anos.

Aceitei a oferta de emprego. A jornada era brutalmente longa e o trabalho, às vezes, entorpecia minha mente. Mas eles mantiveram a promessa de me preparar para falar nos tribunais. E foi aí que percebi que não gostava de discutir. Eu *amava*. Especialmente quando havia algo grande em disputa (milhões de dólares, por exemplo, ou a sobrevivência de uma empresa) e eu ganhava. Claro, todo mundo gosta de ganhar. É melhor do que perder, afinal. Mas eu ia além de gostar. Eu *amava*.

Assim, entre os vinte e sete e os trinta e quatro anos de idade, dei duro para me assegurar de que, se entrasse numa disputa, seria para ganhar. E ter mais trabalho significava não ter tempo para mais nada. Algo teve de ser sacrificado, e, no meu caso, foram as amizades. Parei de retornar ligações e, um por um, os amigos também pararam de me ligar, até sobrar apenas Stephanie, Craig, Sunshine (quando ela ainda morava aqui) e minha mãe.

Não sei se é triste que eu não tenha pensado muito sobre isso. O fato era que eu não tinha muitos amigos. E daí?

Mas agora estou arrependida de algumas das escolhas que fiz. Eu lamento isso. E como lamento!

Aliso o pedaço de jornal com o número do celular de Stephanie e uso o aparelho vagabundo que acabei de comprar em um quiosque no shopping com o dinheiro emprestado por Dominic.

O celular dela toca, toca, toca e acaba caindo na caixa postal.

— Aqui é Steph. Por favor, deixe seu recado.

— Steph, o que quer que esteja fazendo, é melhor sentar primeiro. Sou eu, Emma. Eu estou bem. Estou de volta e, o mais importante, estou viva. Me sinto muito, muito, mas muito culpada por não ter conseguido ligar para você antes. Por favor, não me odeie, tá? Ligue assim que receber esta mensagem, a qualquer hora. Meu novo número é 555-7982. Agora já dá para respirar de novo. Beijos.

Desligo mas mantenho o celular na mão por um minuto, desejando que ele toque, embora suspeite que levará alguns dias para que Stephanie consiga responder. Deus, talvez leve até algumas semanas. Por que, meu Deus, ela tinha de ir me procurar?

— Ai, meu Deus do céu!

Reconheço o rosto perplexo de Jenny Macintosh, minha assistente de vinte e dois anos de idade. Ela tem paixão por bronzeamento e usa um vestido preto curtíssimo, que na verdade é a cara dela. Jenny olha e fala como se houvesse uma equipe de filmagem a seguindo até mesmo em suas baladas madrugada adentro, mas é inteligente e rápida e, no ano em que trabalhamos juntas, me salvou várias vezes.

— Olá, Jenny.

Ela me abraça com força.

— Você está viva.

— É, estou.

— Mas disseram que você tinha morrido, fizeram até uma cerimônia e tudo mais.

Jesus. Fizeram uma cerimônia fúnebre. Fui lembrada, homenageada e despachada em pretérito perfeito. Gostaria de saber se alguém chorou.

Ela ocupa a cadeira em frente a minha. A espuma transborda de sua xícara de latte.

— Isso é muito bizarro.

Pois é.

— Cuidado, você vai derramar sua bebida.

Ela pisca lentamente. Seus olhos começam a se encher de lágrimas.

— Onde você estava esse tempo todo?

Conto o que houve, emocionada com a preocupação de Jenny. Ela me escuta em silêncio, os redondos olhos azul-bebê arregalados de espanto.

— Parece um filme.

Sim, um daqueles filmes deprimentes em que a vida do personagem principal começa mal e só piora. No cinema, no entanto, todas essas histórias têm um ponto de virada, quando alguma coisa acontece para fazer a balança pender para o lado do bem.

É o que vai acontecer comigo em breve, certo? Tomara.

— Alguém sabe dessa história?

— No escritório? Não, ainda não. Vou para lá daqui a pouco.

— Oh! — diz ela, bebericando de sua xícara. — Agora eu trabalho para o sr. Wilson.

— Isso é ótimo, Jenny.

— E a Sophie ocupou seu escritório.

Faz sentido. Se existe uma deusa da vingança na minha vida, o nome dela é Sophie Vaughn. Não sei exatamente por que ela não gosta de mim, mas parece que seu rancor surgiu desde que comecei a trabalhar na TPC. Ok, isso não é inteiramente verdade. Com certeza, ficar com o ex dela em minha primeira festa de Natal do escritório teve algo a ver com isso. (Eu não me orgulho nada disso e só mais tarde fui descobrir que eles tinham namorado.) Ainda assim, meu relacionamento com ela sempre me lembra as brigas que tive na escola com as garotas "populares". Acho que você até leva a melhor sobre uma garota popular da escola, mas isso não significa que ela vai parar de agir como se estivesse no ensino médio. Ou será que a vida adulta não é muito diferente da vida *no* ensino médio? Que pensamento horrível.

— Não me surpreende.

— É, ela realmente deve odiar você. Quer dizer, por mais que ela...

— Por mais que ela o quê?

Jenny mexe no anel robusto em seu dedo indicador.

— Que tal se a gente for lá para cima dar a boa notícia para todo mundo?

— Acho que sim.

Conforme caminho com Jenny pelo shopping, sinto um nó na boca do estômago. Todos no escritório acham que estou morta. Eles ficaram de luto, alguém (Matt, provavelmente) falou sobre como eu era dedicada, comeram uns sanduíches e voltaram ao trabalho. Duvido que muitos deles tenham voltado a pensar em mim desde então. A julgar pela reação de Jenny, minha súbita reaparição vai ser chocante. Provavelmente eu deveria ter ligado antes.

Mas agora é tarde demais.

O elevador abre e vejo os painéis de cerejeira que recobrem o saguão. A luz inunda o ambiente através das janelas que se estendem do chão ao teto e ficam atrás da recepção, na qual duas mulheres quase idênticas, com seus cabelos pretos penteados para trás, atendem ao fluxo constante de telefonemas com voz formal: "Thompson, Price & Clearwater, em que posso ajudar?". Há uma série de luzinhas brancas instaladas ao longo da borda da mesa dividida pelas duas. Uma enorme árvore de Natal está no canto esquerdo, impregnando o ar de cheiro de pinho. Ao lado, sobre uma mesa de centro, brilha suave um menorá.

A TPC se esforça para agradar a todos os públicos.

Passo os vinte minutos seguintes testemunhando o choque causado por minha presença se propagar como uma onda por todo o escritório. Conforme atravesso o longo corredor acarpetado do andar do departamento de litigioso, tudo mergulha em um estranho silêncio, amplificado pela sinfonia de telefones tocando. Advogados boquiabertos botam a cabeça para fora de suas salas. Alguns me cumprimentam com apertos de mão, outros com tapinhas nas costas, e o polegar apontado para cima é um sinal onipresente.

É quase divertido, do jeito como devem ser as poucas primeiras semanas de celebridade inebriante. Mas isso até chegar ao meu antigo escritório, lugar onde me sinto mais em casa do que no meu próprio apartamento.

Só que agora o escritório pertence a Sophie, está decorado com o mobiliário dela e foi reconfigurado de costas para o corredor. O longo cabelo loiro-acinzentado dela está perfeitamente arrumado acima dos ombros estreitos do terninho Armani. Ela fala ao telefone, com o bocal pressionado contra a face.

Sentindo-me desorientada, prefiro me afastar. Matt vem caminhando pelo corredor com uma expressão igual a de todo mundo. Ele me puxa para um grande abraço de urso e me levanta do chão. Essa demonstração atípica de emoção, vinda de um homem que me desafiou, me treinou e me fez trabalhar tão duro, deflagra uma reação em meu olho direito, rompendo a frágil camada que reprimia minhas lágrimas.

— Desculpe, Matt — digo alguns minutos mais tarde, em seu escritório, depois de enxugar o rosto com o lenço dele.

Ele se senta ao meu lado no sofá ultramoderno, no canto de seu escritório cavernoso. A luz das lâmpadas halógenas que brilham no teto refletem seu cabelo prateado. Curiosamente, o perfume de sua caríssima loção pós-barba parece reconfortante.

— Por que você está se desculpando?

— Não sei. Por sumir, eu acho. Devo ter deixado você metido em uma terrível confusão. O caso Samson, por exemplo.

— Não se preocupe com isso, Emma.

— Foi adiado?

— Não, Sophie assumiu o seu lugar — diz ele, suavemente.

— Ah, certo. Claro.

— O que aconteceu com você?

Tomo um gole de água do copo trazido por Nathalie, secretária de Matt, e conto tudo o que aconteceu. Ele escuta com a atenção absoluta que fez dele um grande advogado e um verdadeiro talento dos tribunais.

— Você não sabia que a gente achava que você tinha... desaparecido?

— Não. Craig não contou que a gente conversou?

Sinto um sobressalto no momento em que minha boca pronuncia esse nome. *Craig*. Eu tinha esquecido dele e vindo instintivamente para o escritório de Matt.

— Você falou com Craig hoje? — Matt quer saber.

— Não. Eu quis dizer que conversamos quando eu estava na África, antes do... Estou tentando ligar para ele desde que voltei, mas o número da casa dele foi desativado, não tenho mais meu BlackBerry e a voz dele na secretária eletrônica diz algo sobre ele estar fora do escritório... — Paro de falar, sentindo um calor intenso queimar minha face.

— Ele está na Costa Oeste, trabalhando em um acordo. Mas tenho certeza de que o assistente dele tem como localizá-lo.

— Claro, eu devia ter pensado nisso.

— Nathalie — chama Matt com a voz mais alta na direção da porta aberta. — Por favor, descubra quando Craig Talbot estará de volta e peça os telefones de contato para o assistente dele.

— É para já — responde a secretária.

— Obrigada, Matt.

— De nada. Você já pensou no que vai fazer agora?

— O que você quer dizer? Não posso... Quer dizer, pensei em voltar para o trabalho.

Os olhos de Matt evitam os meus. Sinto meu estômago se contorcer em um nó provocado pelo nervosismo. De acordo com a minha experiência, não dá para esperar nada de bom de um homem que não consegue olhar nos seus olhos.

— Matt, o que está acontecendo?

— Estou um pouco surpreso por você querer voltar depois de tudo o que aconteceu.

— O que você quer dizer? O que mais eu poderia fazer?

Seus olhos agora fitam os meus, mas não consigo ler sua expressão.

— Você já considerou a ideia de voltar a estudar?

— Por que eu iria fazer isso?

— Talvez uma mudança faça bem para você.

— Por que preciso de uma mudança?

— Por nenhuma razão. Esqueça o que eu disse.

Coloco minha mão sobre o braço dele.

— Matt, vamos lá. O que está acontecendo?

Ele limpa a garganta.

— Nada, apenas... você talvez tenha dificuldade em retomar a prática depois de estar longe tanto tempo, só isso.

— Susan ficou afastada por mais tempo quando teve o bebê.

Um músculo se contrai na mandíbula de Matt. Trazer esse assunto à tona foi um erro, porque a licença-maternidade de um ano de Susan foi extremamente controversa. Segundo rumores, na época, em troca da licença ela teria se comprometido com a firma a não engravidar de novo. Por que quero voltar a trabalhar aqui?

— Isso é verdade. Mas os clientes dela sabiam que ela ia voltar.

Avalio o que ele quer dizer e tiro minha conclusão:

— E os meus não pensaram da mesma forma.

— Isso mesmo.

— Você quer dizer que os meus clientes foram realocados?

Matt parece triste. Triste por mim.

— Sinto muito, Emma, mas é isso mesmo.

Isso *não* é bom. Alcançar o posto de advogado associado na TPC depende de uma complicada fórmula que combina o volume de horas faturáveis com o número de clientes. Para se candidatar à promoção, você precisa ter uma base sólida de clientes que movimente um determinado número de horas acumuladas. Ou seja, o que Matt acaba de dizer é que não só não me tornarei sócia no próximo ano, como também terei de recomeçar do zero, como se fosse uma recém-formada. Como se os últimos sete anos nunca tivessem existido.

Não me admira que ele tenha considerado a hipótese de eu voltar para a faculdade.

— Mas ainda posso voltar mesmo assim, se eu quiser?

— Vou ter de consultar o comitê de gestão, mas se é isso que você realmente quer, pode contar com o meu apoio.

— É o que eu quero, digo com uma convicção maior do que a que realmente sinto.

— Ora, ora, ora... o que temos aqui?

Sophie está de pé na porta, com os braços cruzados sobre o peito. O blush impecável de sua maquiagem enfatiza as maçãs protuberantes do rosto e dá definição a um queixo que, de outra forma, pareceria frágil. A blusa verde-maçã combina muito bem com seus olhos felinos.

— Então, é verdade — diz ela em sua dicção precisa. Percebo cada nota do Chanel no 5, um perfume do qual eu gostava antes de conhecer a Sophie.

— Parece que é.

— Bem, isso é esplêndido. Todo mundo ficou muito preocupado.

— Aposto que sim.

Ela me olha de cima a baixo.

— Você está ótima.

Ajeito as mangas do suéter de Dominic, sentindo-me deselegante.

Não vou deixar que ela me irrite a ponto de dizer alguma bobagem na frente de Matt. Não vou deixá-la me provocar...

— Você está gostando do meu escritório?

Droga. Eu estava me esforçando tanto...

— Já terminou o seu parecer para a Mutual Assurance, Sophie? — Matt intervém com um tom de reprovação na voz.

A Mutual Assurance é um dos maiores clientes da empresa. Os calouros do departamento de litigioso afiam suas garras com as centenas de litígios que a companhia traz para a TPC resolver a cada ano. No meu primeiro ano na firma, escrevi a frase "*o réu nega as acusações nos parágrafo x, y, z"* tantas vezes que parecia mais um castigo por mau comportamento na escola.

— Mando para você por volta das três horas.

— Ótimo.

— Em que vocês estão trabalhando? — pergunto a Matt, tentando parecer interessada.

— Alguém roubou um Manet da coleção de Victor Bushnell. A Mutual vai ter de pagar milhões pelo seguro, caso não encontremos uma exclusão contratual que seja aplicável.

— Ah, li isso no jornal ontem de manhã. Tenho certeza de que deve haver alguma coisa.

Sophie sorri para mim como o gato de *Alice no País das Maravilhas*. — É claro que existe. Por que você não passa no meu escritório mais tarde para procurarmos juntas?

— Mal posso esperar — digo, radiante, ciente de que tanto ela quanto eu sabemos muito bem que isso nunca vai acontecer.

Ela sai e eu me recosto no sofá, desgastada pelo embate. Seis meses longe me deixaram fraca demais para uma briga.

— Gostaria que vocês, meninas, se dessem melhor.

— Eu sei, Matt. Vou tentar.

— Que bom.

— Então, quando acha que posso começar?

Capítulo 6

Distante e isolada

Seis meses é muito tempo para passar na companhia de estranhos. Não que Karen e Pedro não fossem ótimas pessoas. Aliás, são pessoas que amo muito agora. Mas naqueles primeiros dias e semanas, quando estava fraca e sentindo falta de minha mãe de um jeito que não acontecia desde meus oito anos de idade, quando não suportei ficar no acampamento de garotas e fui mandada de volta para casa, agi com cautela em relação a eles. Não sabia qual era o meu lugar.

Essa sensação foi agravada pela óbvia conexão entre eles. E embora tenha certeza — eu sei — de que tinham brigas e diferentes pontos de vista, a relação deles parecia fácil e livre de problemas.

Eu tinha ciúmes, admito. Queria aquela proximidade, aquela conexão. Algo que pensei que tivesse até ver a coisa real, bem na minha frente. Algo que eu pensei que conhecia até chegar a hora de explicar para mim mesma do que se tratava.

Poucas semanas depois do terremoto, Karen me perguntou pela primeira vez sobre Craig. Sabíamos que ficaríamos isolados do mundo por um tempo e que não dava para ir para lugar algum. A energia elétrica e o serviço de celular não voltariam tão cedo. A catástrofe havia nocauteado a hidrelétrica que fornecia eletricidade para Tswanaland e as regiões vizinhas, e as torres de telefonia tinham desabado como peças de dominó. Estávamos seguros, bem melhor do que a maioria, mas sozinhos.

Karen me encontrou na minha caminhada de todos os dias, que eu já tinha começado a chamar de "meu choro diário", zombando de meu próprio comportamento para tentar quebrar o feitiço que parecia se abater sobre mim. Não estava funcionando, mas eu ainda tinha esperanças.

— Isso tem a ver com o rapaz? — Karen perguntou enquanto eu enxugava as lágrimas e sacudia a poeira dos meus shorts.

— Não, tem a ver com... Não sei do que se trata, para falar a verdade.

Ela ergueu as sobrancelhas de um jeito que dizia, pelo menos para mim, que deveria ser por causa dele, sim.

Levantei-me e acompanhei Karen pelo bosque de ébanos. Havia uma nuvem de moscas pairando em volta das minhas orelhas. Contive o desejo inútil de afastá-las, um desperdício de energia que só parecia atrair mais moscas, nunca menos.

— Como é esse moço? — perguntou ela, em um tom que me fez lembrar minha mãe. Minha mãe sempre queria saber sobre os garotos que eu namorava e nunca demonstrou desaprovação, mesmo quando eu esperava ardentemente que isso acontecesse.

Tentei fazer uma descrição.

— Alto e bonito. Ele é advogado.

— Vocês têm muitas coisas em comum?

— Ah, com certeza temos, sim.

— Por que ele não veio com você nesta viagem?

Passei a mão na nuca, removendo um acúmulo de poeira e de suor.

— Ele bem que queria vir.

— Mas não veio, né?

— Não sei. Esta viagem não tem a ver com ele, com a gente. E eu achei que...

— Que se você tivesse um pouco de espaço, poderia fazer algumas descobertas?

— É, talvez isso.

Ela balançou a cabeça e virou à esquerda na trilha, em uma direção que eu não tinha percorrido antes.

— O que foi? — perguntei.

— Bem... nós não nos conhecemos muito bem, Emma, mas acho que, se você tem algo a descobrir sobre uma pessoa, é melhor fazer isso com ela do que sem ela.

— Você provavelmente está certa. Para onde vamos, afinal?

— Chegaremos lá em um minuto.

Soprava uma brisa. As folhas sussurravam lá no alto em coro com o zumbido dos insetos, criando um ruído que ainda era estranho para mim, sobretudo à noite.

Caminhamos em silêncio até o último grupo de árvores desaparecer e revelar um grande campo gramado. Karen foi parar em frente a um monte de sucata, que, como percebi depois de um momento, pertencia a uma peça arredondada de ferro corrugado, pintada para desaparecer na paisagem.

— Me ajude aqui a abrir essa porta — disse Karen.

— O que é isso, uma escotilha?

— Hein?

— Nada.

— Aqui é nosso depósito de comida. Quero fazer um levantamento para descobrir se teremos de começar um racionamento.

— Você acha mesmo que isso será necessário?

Karen olhou para mim por cima do ombro.

— Estamos ilhados aqui por um tempo, Emma. Achei que você tinha entendido isso.

— Eu entendi, claro. Só que, bem, um racionamento...

Ela pareceu concordar com a cabeça.

— É bem mais grave do que problemas com o namorado, não?

— Mais ou menos isso.

Fiquei ao lado de Karen e pus as mãos na borda áspera da peça redonda de metal, grossa como uma tampa de bueiro. Empurramos, os músculos de nossos braços se tensionaram, e eu cheguei a pensar que não ia abrir. Mas, então, o lacre cedeu, emitindo um som parecido com o de uma porta que se abre para uma sala limpa, e a tampa rolou pelo chão para dar passagem a um sótão relativamente grande, forrado com modestas estantes metálicas. Karen pegou uma lanterna em cima da prateleira mais próxima da porta, acendeu e passou-a para minha mão.

— Você vai pelo lado direito e eu vou pelo esquerdo, está bem?

Estava quente e abafado lá dentro, e uma nesga de sol vinda da porta nos seguia. Olhei para a fileira longa e escura repleta de frascos e latas, pronta para dar de cara com o logotipo da Iniciativa Dharma em algum lugar. Parecia haver comida suficiente para meses, mas percebi que na verdade não era essa a questão. Observei quando Karen pegou uma prancheta pendurada na parede e afixou uma folha de papel nela, então fiz o

mesmo, ajustando a lanterna para iluminar um tonel de manteiga de amendoim.

Mais um dia no paraíso.

Quando chego em casa, na volta da TPC, já é noite e o apartamento está frio e vazio. Ligo o aquecedor e vou para o meu quarto. De passagem, espio o cômodo onde Dominic está dormindo. Está cheia de caixas e há um par de ampliações fotográficas em preto e branco em grandes molduras negras apoiadas em uma parede. Sempre cogitei transformar esse espaço em uma espécie de estúdio. Talvez Dominic o transforme em uma câmara escura. De qualquer forma, eu realmente não posso ficar aqui por muito tempo mais.

Exausta, decido tomar um banho. Tiro as roupas emprestadas de Dominic e me enfio debaixo do jato de água quente. Quem sabe, se eu esfregar forte o suficiente, consigo remover o dia de hoje junto com outra camada de minha pele?

Não acontece nada nem parecido.

Se pelo menos minha mãe pudesse me ver agora... Sei que ela achava que eu precisava mudar algumas coisas na minha vida — por qual outro motivo ela me mandaria para tão longe? —, mas não deve ter imaginado que eu teria de passar por tudo isso. E por que ela teve essa ideia, afinal? Eu estava prestes a me tornar sócia de uma prestigiada firma de advocacia. Eu tinha um namorado bonito. Eu era, para ser sincera, uma filha para causar orgulho em qualquer mãe, um exemplo para outros pais jogarem na cara de seus filhos decepcionantes: "Por que vocês não se esforçam para ser como a Emma?".

Craig, Craig, *Craig*. Seus números de telefone ainda estão no bolso de meu casaco, intocados. Que inferno, o que tem de errado comigo? Por que ele não é a prioridade em minha mente? Por que ele *nunca* foi, em todos esses meses? Craig, o cara perfeito no papel, que me ama, quer ficar comigo e me entende, mas que não parecia estar a um continente de distância.

Quando minhas mãos parecem ameixas de tão enrugadas, desligo o chuveiro e me enrolo em uma toalha. Ouço meu celular tocar à distância.

Steph!

Corro do banheiro e derrapo no chão buscando meu casaco.

— Alô?

— Emm?

— Craig?

— Jesus Cristo, Emm. — Ele parece triste, muito chateado. — Quando perdi o contato com você, eu pensei... Quer dizer, eles disseram...

— Eu sei.

— Onde você esteve? Por que não me ligou?

— Você não recebeu meu e-mail?

— O quê? Não. Quando você mandou?

— Há quatro dias. Cinco, talvez. De Londres.

— A primeira vez que você tentou me mandar um e-mail foi cinco dias atrás?

— Não. Quer dizer, sim, mas antes não dava. Não tinha nenhum jeito...

— Você espera mesmo que eu acredite nisso?

Eu sento no chão, descansando as costas contra a parede texturizada.

— Mas é verdade! Se você soubesse como estava lá. Tentei entrar em contato mais de uma vez, mas simplesmente não tinha condições.

— Mesmo que seja verdade, isso não explica por que você não me telefonou até agora desde que voltou.

— Eu sei, Craig. Mas eu tentei. O número da sua casa está desativado. E a secretária eletrônica do seu trabalho disse que você estava ausente. Eu não sabia como entrar em contato com você.

— Por que não tentou mandar outros e-mails? Ou então telefonou para alguém no escritório?

Boa pergunta. Por que não?

— Não sei. Tudo tem sido muito confuso desde que voltei. O senhorio alugou meu apartamento para outra pessoa e jogou todas as minhas coisas fora. Matt acha que eu deveria voltar a estudar e a Stephanie está fora...

Ele suspira pesadamente.

— Ok, Emm. Pare, por favor.

Posso imaginá-lo, onde quer que esteja, passando a mão no rosto, seus dedos apertando as têmporas. Craig nunca gostou de confronto. Ele não tem energia para isso. É por isso que pediu para ser transferido do setor de litigioso para o departamento corporativo. Percebo que estou usando meu conhecimento sobre ele para me safar de um problema que eu deveria enfrentar. Meu peito aperta, como se alguém o pressionasse sem parar, e me sinto contente por estar no chão e assim não ter que cair.

— Desculpe, Craig. Só estou tentando contar o que aconteceu.

Seu tom de voz amolece.

— Tudo bem, pode contar.

Eu faço um resumo do ocorrido.

Deixo os pensamentos voarem pela minha cabeça.

Ele me ouve como sempre faz, demonstrando compreensão, interesse e inteligência. Quando menciono Dominic rapidamente, ele oferece seu apartamento para mim, caso eu precise, porém com um tom bastante hesitante, como se não tivesse me perdoado de fato. E, quanto mais nos falamos, mais eu sinto a mesma distância que senti quando estava na África.

— Chego daqui a três dias — diz ele, quando termino meu relato.

— Não pode ser mais cedo...?

— Não, eu sinto muito. Não posso voltar antes.

E o que há de errado em estar com Craig, afinal de contas? O que há de errado em ter uma vida aparentemente perfeita?

— Está tudo bem. Eu entendo.

— Vamos conversar quando eu voltar, está bem?

Não há nada de errado. É isso mesmo. E só quem não sabe como é bom levar uma vida assim que teima em achar que tem algo errado.

— Sim, está bem.

Ele faz uma pausa.

— Eu senti saudades de você, Emm.

Talvez seja este o meu ponto de virada?

— Também senti sua falta — respondo. E, nesse momento, é a pura verdade. — Vamos conversar amanhã.

— Eu gostaria muito. — Ele faz outra pausa. — Boa noite, Emm.

Respiro fundo. Esse é o nosso código particular para "eu te amo". Não importa a hora do dia, ele sempre diz: "Boa noite, Emm", e eu sempre respondo: "Durma bem, Craig".

Ou seja, ele ainda me ama. E eu não o amo também? Como sempre? Se ele estivesse de pé na minha frente agora, eu não estaria em seus braços, respirando o aroma picante e familiar de sua pele e me sentindo segura?

— Durma bem, Craig.

Quase posso ouvir seu sorriso através da linha e, conforme me levanto e desligo o telefone, sinto que há um sorriso de resposta se formado em meu rosto. Nesse exato momento, é muito bom ouvir o "eu te amo" codificado de Craig.

— Com quem você estava falando tanto? — Dominic pergunta.

Eu grito de susto, pulando e girando no ar para encará-lo. Ele está de pé na porta, desabotoando o casaco. A bolsa com a câmera repousa perto dos pés dele.

— Você não devia aparecer desse jeito e assustar uma garota.

— Aparentemente não.

Sinto uma corrente de ar frio e percebo que a toalha escorregou, revelando parcialmente um dos meus seios. Eu me cubro às pressas, na esperança de que Dominic não tenha visto. Basta olhar para o rosto dele para perceber que ele viu.

— Hum, eu acho que eu vou me trocar.

— Certo. Você está com fome?

— Muita.

Fecho a porta do quarto e me encosto nela. Parece que tem uma serra zumbindo feroz dentro da minha cabeça. Deito na cama por uns instantes, tentando organizar meus pensamentos. Quando isso se mostra impossível, visto um novo conjunto de roupas velhas de Dominic (calças de veludo e suéter com aberturas nos cotovelos) e ajeito meu cabelo úmido, fazendo um rabo de cavalo. Na cozinha, Dominic está mexendo uma colher de pau em uma grande panela cor de laranja. A tábua de corte sobre o balcão tem vestígios de carnes e de legumes.

— Seja lá o que for, tem um cheiro incrível.

— É um cozido irlandês.

— Receita de família?

— Mas é claro que sim.

Eu me acomodo na mesa, onde já há duas taças e uma garrafa de vinho tinto aberta. Encho uma taça e tomo um gole. Tem um sabor delicioso e familiar. Muito familiar.

Confiro o rótulo. Só poder ser meu vinho favorito; tinha várias garrafas dele guardadas no meu depósito particular (junto com minha mountain bike, meus esquis e uma série de coisas que tremo só de pensar) na última vez em que dei uma olhada lá.

— De onde veio este vinho?

— Achei no depósito.

Meu coração bateu esperançoso.

— Você não encontrou mais nada lá embaixo, encontrou?

— Só alguns pôsteres de filmes de qualidade questionável.

— *Clube dos cinco* não é um filme questionável.

— É verdade, mas você chegou a rever *A garota de rosa-shocking* recentemente?

— John Hughes foi uma referência na minha formação.

— Dá para ver.

Beberico um pouco mais de vinho, pensando na conversa com Craig. Reflito se devo ou não aceitar a oferta de me hospedar no apartamento dele. Se a melhor escolha é a solidão familiar ou a companhia de um estranho — considerando, é claro, que eu tenha direito a uma escolha.

— Hum, Dominic, sei que pediu para eu ficar só uma noite, mas...

— Você precisa de mais tempo para encontrar um lugar, é isso? — completa ele, com um tom resignado.

Faço um gesto positivo com a cabeça, sentindo-me um pouco culpada por não falar nada sobre a oferta de Craig. Mas não sei se quero ficar lá sem ele. Não consigo entender o porquê, mas é o suficiente para determinar minha escolha.

— Tudo bem se eu ficar um pouco mais? Posso pagar aluguel, se quiser.

— Claro, por que não?

Sento-me à mesa, tentando entender se aquele tom neutro esconde aceitação ou sarcasmo. Eu não o conheço bem o suficiente para saber. Decido tomar como aceitação, por isso agradeço e mudo de assunto.

— Você não contou por que mudou de apartamento em pleno Natal...

Sua mão aperta a faca que ele está segurando, tanto que os nós dos dedos embranquecem.

— Dominic, desculpe, eu não quis ser...

— Não, não... eu sei.

— É que você sabe todos esses detalhes da minha vida, mas você ainda é...

Ele abaixa a faca.

— Ainda um estranho?

— Isso mesmo.

Ele pega a garrafa e despeja um pouco de vinho em sua taça. Toma um gole generoso.

— É muito bom ser estranho.

— Não consigo acreditar que isso escapou do Pedro.

O sorriso de seus lábios não chega aos olhos. Dominic respira profundamente.

— Algumas semanas atrás, voltei para casa mais cedo de uma viagem a trabalho e encontrei minha noiva na cama com meu melhor amigo.

— Eu sinto muito, Dominic. Não pude imaginar...

— Eu também não. — Um olhar cruel atravessa seu rosto. — Sabe o que é mais engraçado? O noivado foi ideia *dela*. "As pessoas se casam", ela dizia. Então, gastei mais do que podia para comprar um anel e a levei para uma pousadinha na região norte. E, como se não bastasse, ainda me ajoelhei na margem de um lago em pleno pôr do sol, por Deus!

— Deve ter sido lindo, muito romântico mesmo.

— Foi o que ela disse. Mas, na época em que ela disse sim, já estava de caso com o Chris. Isso vinha acontecendo havia meses, talvez até mais. — Ele enxuga a taça em um gole e se serve de novo, até a borda. — E é isso que eu não entendo. Por que aceitar meu

pedido se ela não queria ficar comigo?

— Talvez porque você seja o cara com quem ela acha que deve ficar.

— É, talvez. De qualquer forma, a maioria dos meus amigos, que são "nossos" amigos, na verdade, está ficando do meu lado, tenho certeza disso. Só que simplesmente ainda não consigo encarar toda essa onda de piedade. Então, me lembrei de Tara ter falado alguma coisa sobre um apartamento para alugar no prédio dela. Pareceu a solução perfeita. E foi assim que vim parar aqui.

— Eu sinto muito.

— Ok, mas quer saber? Danem-se. Ela que se dane. — Ele quase esvazia a taça. — Os dois podem ir para o inferno, pensando bem.

— Obrigada por me contar tudo.

— Claro. Então, vamos comer?

— Ótima ideia.

Ele enche duas tigelas fundas com grandes porções do ensopado. O sabor é tão bom quanto o cheiro.

— Sabe, este é, de longe, o melhor cozido irlandês que já provei.

— Obrigado, mas suponho que já faz tempo que suas papilas gustativas não são bem tratadas.

— Pode até ser, mas ainda assim a comida está ótima.

— Como foram as coisas na delegacia? — ele pergunta.

— Um pouquinho menos dolorosas do que no trabalho.

— Quem sabe amanhã vai ser melhor?

Ergo minha taça num brinde irônico.

— É o que eu espero!

Capítulo 7

Imagine novas possibilidades

*Á*frica novamente. O mesmo sonho, os mesmos cheiros, o mesmo céu aberto.

Só dessa vez? Quando minha mãe aparece? Ela não me avisa que o guia de tosse carregada que me serve o jantar está doente. Em vez disso, ela me diz para comer tudinho, como uma boa menina. Há crianças morrendo de fome na África.

E, nesse momento, eu sei. Minha mãe sabe que eu vou ficar doente.

Minha mãe *quer* que eu fique doente.

— Emma? Você está acordada?

Meus olhos se abrem. Espero ver o rosto de Karen semioculto pela lona da tenda, mas é só Dominic de pé na porta, de pijama listrado, com um telefone celular na mão direita.

— Acho que sim.

— Seu telefone está tocando.

Eu me sento na cama. Minha garganta parece seca de poeira e dá para dizer que a minha pele ficou exposta ao sol por bastante tempo.

— Desculpe, o telefone acordou você?

— Eu precisava mesmo levantar. Pega aí. Ele lança o telefone, que faz um arco perfeito no ar e pousa nos cobertores, bem no meu colo.

Vejo a luz de mensagem piscar e meu coração acelera. Por favor, por favor, por favor, tem que ser a Stephanie. Abro a mensagem e confiro o número. É local e soa familiar. Muito familiar. Disco para o correio de voz, pronta para me decepcionar.

— Oi, Emma, é o Matt. Falei com o comitê de gestão e foi interessante, mas há algumas coisas que eu queria discutir com você antes. Ligue no escritório quando ouvir esta mensagem.

Desligo o telefone e desabo na cama.

— Más notícias? — quer saber Dominic.

— Boas notícias, eu acho. É sobre o trabalho.

— Você tem certeza de que é uma boa notícia?

— Eu gosto do meu trabalho.

Ele me lança um olhar cético.

— O que foi?

— Nada. É que nunca conheci um advogado que realmente gostasse do que faz.

Afasto as cobertas e me levanto. O frio se infiltra nos meus pés descalços.

— Bom, agora você conhece.

— Quem você estava esperando que ligasse?

— Minha melhor amiga, Stephanie. Ela viajou para tentar me achar.

— Ah.

Confirmo com a cabeça.

— Enfim, é isso.

— Café?

— Seria ótimo.

Fico olhando para o telefone na minha mão. Não voltei a ligar para a mãe de Stephanie, como prometi que faria. E talvez, apenas talvez, os pais dela já tenham novas notícias. Martelo os botões e Lucy me atende ao primeiro toque. Não sou a única ansiosa por boas-novas. Lucy fica feliz em me ouvir, mas não sabe do paradeiro da filha. É claro que eles vão me avisar assim que souberem de algo. Desligo com um vazio no coração. Quando pensava em voltar para casa durante todos esses meses, nunca imaginei que me sentiria mais sozinha aqui do que quando estava do outro lado do mundo.

— Você quer ovos? — Dominic pergunta da cozinha.

— Sim, por favor — eu grito de volta. — Vou aí em um minuto.

Retorno a chamada de Matt com o coração vibrando. A parte racional de meu cérebro sabe que a TPC me quer de volta, mas a parte ligada aos medos e pensamentos irracionais parece estar com algum defeito.

— Emma, obrigado por retornar minha ligação — Matt diz, com um tom alegre.

— Imagina.

— Falei com o comitê de gestão e está tudo certo.

— Isso é ótimo, Matt. Obrigada.

Estou agradecendo a oportunidade de deixar a TPC centenas de milhares de dólares ainda mais rica a cada ano? Meu complexo de capacho está a mil.

— Achamos que, como é Natal, seria melhor você começar em janeiro.

— Claro, eu entendo.

— E, nesse meio-tempo, nós gostaríamos que você falasse um pouco com a mídia.

— Mídia?

— Recebemos um convite para você aparecer no programa da Cathy Keeler.

— Aparecer no programa dela na TV? No *Em Progresso*?

— Isso mesmo.

— Mas milhões de pessoas assistem... Por que ela quer me entrevistar?

— É uma boa matéria, não é? Quando todo mundo pensou que estivesse morta, você se ergue dos destroços de um terremoto e faz uma volta triunfal ao trabalho.

Consigo até imaginar uma voz de barítono fazendo a narração. *Quando partiu em sua jornada fatídica movida pela dor, Emma Tupper esperava que a beleza da África fosse curar seu coração. Contra suas expectativas, encontrou a doença e a destruição...*

Eu odeio esses malditos programas.

— Você quer mesmo que eu faça isso?

— Seria uma grande publicidade para você.

— E para a TPC, não é mesmo?

— É, acho que sim.

— Confie em mim, Emma. Os benefícios podem ser enormes.

O que significa, é claro, que eu realmente não tenho escolha. Não se eu quiser recomeçar as coisas com o pé direito.

— Certo, entendi. Então, eu vou.

— Excelente. A produção do programa vai ligar e acertar os detalhes com você para amanhã.

Meu estômago vira.

— Amanhã? Não é um pouco rápido?

— Não existe tempo melhor do que o presente.

Claro que existe. Há o futuro, que me permitiria arranjar algumas roupas decentes, cortar o cabelo e deixar de me sentir tão fragilizada.

Tento injetar um pouco de confiança na minha voz.

— Então, está bem.

— Boa sorte. Sei que você vai se sair bem.

Desligamos e eu dou uma longa olhada para meu reflexo no espelho. Meu cabelo cor de trigo não é cortado há seis meses. Meus olhos sempre foram um pouco redondos e afastados demais um do outro para o meu gosto, em um rosto mais fino do que deveria ser. Meus lábios estão rachados por causa do sol, e o alto do meu nariz está descascando. Pareço mais velha em relação à ultima vez que me olhei assim, tão detidamente. Conforme observo com atenção, noto que não sei exatamente o que estou procurando. Minha mãe? Eu mesma? O eu de antes de me tornar introspectiva e frágil? Bem, aquela pessoa podia até se parecer muito com a garota que o espelho está mostrando, mas o que dizer da pessoa por dentro? A mulher que eu era?

Ela está desaparecida, presumivelmente morta.

Vou para a cozinha precisando de cafeína, mas já não tenho fome. Saboreio meu café enquanto observo Dominic fazer ovos mexidos com bacon e queijo como se fosse um profissional. Pela mancha azul do céu através da janela, consigo adivinhar que faz frio lá fora.

Ele me passa uma grande porção, junto com o jornal.

— Olha quem está na primeira página.

Olho com ansiedade. A manchete diz: "Advogada desaparecida reaparece sã e salva". Há uma foto minha cedida pela área de relações públicas da TPC: estou com os braços cruzados sobre o peito e um pequeno sorriso nos lábios. Eu pareço... feroz.

— Você ficou famosa — diz Dominic.

— Quem diria, né?

Deixo o jornal para lá e começo a comer os ovos. Estão deliciosos, mas minha mente está preocupada com a persistente desorientação deixada pelo sonho e com o fato de minha vida ter ido parar na primeira página.

— O que tem na agenda para hoje? — Dominic pergunta, enquanto usa uma torrada como se fosse uma pá para levar os ovos à boca. — Compras de Natal? Patinação no gelo? Fazer bonecos de neve?

Quase engasgo com um pedaço de bacon.

— Bonecos de neve? Você acha que tenho sete anos de idade?

Ele me olha de cima a baixo.

— O que foi?

— Estou tentando adivinhar sua idade.

— Isso vai ser interessante.

Ele aperta os olhos.

— Trinta e quatro anos e nove meses.

— O quê? Não acredito.

— Sou bom, não sou?

— Como você acertou?

— Eu sou vidente.

— Sem essa, me diz como foi.

Ele ergue o jornal.

— Disseram sua idade na reportagem.

Olho para a foto com expressão feroz. Realmente não seria mal se eu sorrisse de vez em quando, se mostrasse um pouco os dentes.

— Diz aqui que tenho trinta e quatro e nove meses?

— Na verdade, os nove meses foram por minha conta, só por diversão.

— Você se diverte com coisas bem esquisitas.

— Pode me processar.

— Sério mesmo? Você sabe que eu sou advogada, não sabe?

— Tenho tentado esquecer isso.

— Ha, ha. De qualquer forma, você perguntou sobre a minha agenda?

— Perguntei?

— Sim. Poucos minutos atrás.

— Bem, então, acho que queria saber dos planos.

— Então, veja só: minha firma agendou uma entrevista no programa da Cathy Keeler para mim.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Você vai aparecer na TV com *ela*?

— Amanhã, aparentemente.

— Jesus.

— Você acha que pode me ajudar a encontrar uma roupa adequada?

Ele aponta o garfo para mim.

— Eu já estava adivinhando que fazer compras seria uma alternativa para o dia hoje.

— Sério, Dominic, você não precisa vir comigo — eu digo, enquanto caminhamos pela rua gelada em direção ao banco. Uso o suéter velho de Dominic e sua jaqueta de esqui. É o suficiente para me proteger do vento que produz uma fina névoa branca em torno de nós, brilhando sob o sol. Dominic também parece movido por um ânimo solar e caminha como se tivesse molas na sola do sapato.

— Eu não me importo.

— Você deve ter outras coisas para fazer. Tirar fotos? Preparar cozidos? Salvar outras donzelas em perigo?

— Não, não e... não.

— Está ficando claro para mim que você realmente não tinha vida antes de eu aparecer.

Ele aponta o dedo indicador para mim.

— Cuidado, querida. Muito cuidado.

Passamos por uma loja conhecida. Na última vez em que comprei lá, estava com a Steph. Experimentamos todos os vestidos na loja, do mais caro até o mais feio de doer.

Nós nos divertimos à beça e eu acabei levando três peças. Vesti um deles no enterro da minha mãe, um modelo sóbrio e preto, e fico realmente feliz em saber que nunca mais vou usá-lo de novo.

Que diabos aconteceu com a minha vida? Em um minuto, Steph está me provocando por não ter espaço suficiente no meu armário, e no minuto seguinte não consigo nem falar com ela e tenho de fazer compras com um desconhecido. Começo a tremer, meus dentes estalando alto enquanto lágrimas brotam dos olhos. Elas descem frias por meu rosto.

— Qual é o problema? — Dominic pergunta.

O problema, para mim, parece tão óbvio que é como se eu o estivesse carregando do lado de fora de meu corpo, à vista de todo mundo. Quase dou risadas.

— É tudo. Tem a ver com Steph estar onde está, com minha carreira jogada na latrina e com o fato de eu nem mesmo ter uma foto da minha mãe... Eu não tenho mais nada. Nada.

Dominic tira do bolso um lenço de papel. Aceito a gentileza dele com gratidão e enxugo os olhos e o nariz. Dado o volume de lágrimas que venho produzindo ultimamente, acho que deveria começar a carregar um lenço, mas sinto que isso seria como admitir algo indesejado a meu respeito. Fraqueza, quem sabe.

Amasso o lenço e o enfio com raiva no bolso.

— Droga! Eu não ia chorar hoje.

Dominic me dá um sorriso solidário.

— Acho que é uma reação normal, Emma.

— Não para mim. Você realmente não me conhece, não é assim que eu normalmente reajo às coisas.

— Como você normalmente reage?

— Não sei. *Ferozmente*, eu acho.

— É, você foi muito feroz com o Pedro.

— Fui, não fui?

— Eu teria ficado apavorado se estivesse no lugar dele.

— Obrigada.

Caminhamos em silêncio por alguns momentos. A neve se desfazia sob nossos pés.

— Sabe — Dominic começa —, quando tudo em sua vida está um horror, você pode mudar o que quiser.

— Acho que sim.

Ele põe as mãos nos bolsos.

— Tenho pensado muito sobre isso ultimamente, desde que... bem, você sabe, desde aquilo que me aconteceu. E a única coisa que continua me ocorrendo, a única coisa positiva, é que posso começar de novo. Quantas pessoas têm a chance de mudar algo importante em suas vidas sem se importar com as consequências?

Olho para ele.

— Você acha que não estou sofrendo as consequências?

— Não quis dizer isso dessa forma. Eu quis dizer, e talvez isso soe bobagem, que talvez seja um bom momento para imaginar novas possibilidades.

— Como o quê?

Ele pensa um pouco.

— Você pode mudar de emprego.

— Mas eu amo meu emprego.

Ele sorri com tristeza.

— Vamos tentar imaginar as possibilidades?

— Ok, ok. Entendi. Eu não tenho mais de ser o que fui até agora, se não quiser.

— Exatamente.

— Acho que poderia ser uma coisa boa.

— Confie em mim, vai ser. Agora... — ele esfrega as mãos — você vai precisar de alguma lingerie, não vai?

Uma risada borbulha para fora de mim.

— Como você adivinhou?

Dominic testemunha as situações absurdas pelas quais tenho de passar para acessar minhas contas bancárias, apesar dos papéis que o investigador Nield me deu. (Uma amostra: "Antes de reativar sua conta, precisamos de uma prova de que a senhora está viva". "O que você está dizendo? Eu estou aqui, bem na sua frente". "Mas pelo nosso sistema a senhora faleceu...". "Você está de gozação comigo?") Poderia fazer toda a burocracia por via postal, mas, em vez disso, procuro o que me resta de paciência zen para explicar minha situação ao gerente de conta, ao gerente da agência e, finalmente, ao gerente regional, que, felizmente, leu o jornal antes de sair de casa. Depois de vários pedidos de desculpas, recebo meus cartões bancários e de crédito e me sinto estranhamente rica. Talvez seja porque não gastei nada durante cerca de seis meses. De qualquer forma, a confortável quantidade de zeros na conta bancária me deixa de bom humor para as compras.

Uma loja e meia mais tarde eu tento me livrar de Dominic, em parte porque acho esquisito escolher roupas com um homem que mal conheço, mas principalmente porque ele tem algumas opiniões muito definitivas sobre moda.

— Leggings são para colegiais — diz ele, quando examino um modelo da coleção de Lindsay Lohan.

— Quem promoveu você a gerente do meu guarda-roupa?

— Basta olhar em volta, querida.

— Achei que os homens não ligavam para o que as garotas vestem, com exceção de uniformes colegiais.

— Hummm.

— O que foi?

— Agora acabei de imaginar você em uniforme colegial.

Dou um tapa no braço dele.

— Pode ir parando com isso.

Dominic ri e me conduz à Banana Republic, dizendo que parece mais com o meu tipo. Ele está certo, claro (Oitenta e cinco por cento de meu guarda-roupa pré-viagem à África era dessa marca), mas reajo como se estivesse ofendida. Ele não tinha sugerido imaginar possibilidades diferentes e mudar as coisas na minha vida?

— Mas você gosta desta loja.

— Isso também estava escrito no jornal?

— Não, é meu palpite mesmo.

— Sabe, acho que posso me virar sozinha agora.

— Você quer que eu vá embora?

— Acho que seria melhor.

— Tudo bem, mas depois nada de choramingar se você comprar um monte de coisas que nunca vai usar. E fique longe das golas cavadas. Elas deixam você parecida com uma tiazinha suburbana.

— Cai fora — eu ordeno.

Chego em casa depois do jantar, empanturrada de fast-food de praça de alimentação e bem mais pobre, mas com um bom começo de reconstrução para meu guarda-roupa. E sem golas cavadas à vista.

Dominic está esparramado no sofá na sala de estar, os pés apoiados na mesa de centro. Um enorme par de fones de ouvido cobre suas orelhas, e o iPod descansa no sofá, ao lado do dono. Despejo meus pacotes no corredor e me junto a ele, sentando-me na poltrona em frente ao sofá.

Ele tira os fones de ouvido.

— Deu tudo certo?

— Comprei cinco leggings.

— Uma escolha ousada.

— O que você está ouvindo?

— *Mermaid Avenue*.

— O que é isso?

— Billy Bragg e Wilco cantando Woody Guthrie. Eles colocaram melodia em letras velhas e inéditas do Woody.

— Ah...

— É muito bom. Você tem de ouvir.

Dou de ombros.

— Não sou fã de música country.

Ele põe os pés no chão e se inclina para a frente, em um gesto que eu já reconheço. Está prestes a tentar me convencer de que estou errada.

— Não é country, é folk.

— Bem... olha só, se eu disser que para mim é tudo a mesma coisa, você fica bravo?

— Você não gosta de música?

— Não, não é isso, eu gosto de música. Mas não desse jeito obsessivo, como a maioria dos caras costuma fazer. Por exemplo, eu aposto que você sabe os nomes de todas as músicas desse *Mermaid Sessions*.

Ele se mostra contrariado.

— É *Mermaid Avenue*.

— Viu só o que quero dizer? Uma mulher nunca ficaria irritada com alguém que cometesse esse tipo de engano.

— Algumas mulheres ficariam.

— Claro, claro. Se elas estiverem a fim de você.

— Você está dizendo que as mulheres só fingem ter interesse nas coisas que os homens gostam?

— Isso é uma novidade para você?

— Mais ou menos.

Eu me inclino sobre as almofadas macias.

— Você gosta mesmo daquele fotógrafo famoso, não é? Qual o nome dele? Sabe, aquele das fotos em preto e branco que você tem no quarto?

— Você quer dizer... Ansel Adams?

— É, ele mesmo. Pois sou capaz de apostar que todas as mulheres que você trouxe para sua casa disseram que adoraram essas fotografias, não é?

Uma expressão engraçada surge no rosto dele.

— Você não gosta das fotos?

— Acho esse fotógrafo meio chato, para ser sincera.

— Tudo bem.

— Desculpe, ele é uma grande influência para você?

— Pode-se dizer que sim.

— Que tipo de fotografia você tira?

Ele brinca com os fones de ouvido que estão em seu colo.

— Tudo o que me chama a atenção.

— Por exemplo?

— Bem, recentemente estive em Dublin para fotografar a paisagem que está sendo devorada pela especulação imobiliária.

— Parece interessante.

Ele se anima um pouco.

— Sim, na verdade é, e o trabalho foi legal. Cheguei a encontrar uma família que ainda se desloca de carroça. Tirei uma foto bonita dela, com o campus da IBM ao fundo, meio oculto pela neblina.

— É muito legal poder ganhar a vida fazendo isso.

— Tive muita sorte.

— Gostaria de ver algumas coisas suas em algum momento.

Seus lábios se contraem.

— Você já viu.

— Não, acho que não. Ah, você está falando das fotos chatas do Ansel Adams?

Dominic treme.

— Que bom que você repetiu que ele é "chato"; a primeira vez nem senti vontade de te esganar.

— Desculpe.

— Deixa para lá.

— Não, desculpe mesmo. Vivo fazendo isso. Tento provar algum ponto de vista estúpido e acabo agindo como uma babaca.

— Não seja tão dura com você mesma, Emma. Os últimos dias não têm sido fáceis.

— Isso é verdade.

Seus olhos vagueiam para uma pilha de caixas acomodada no canto.

— Falando nisso, tenho uma surpresa para você.

— Surpresa? Sério?

— Preciso só de alguns minutos para ajeitar.

— O que é?

Ele sorri.

— Se eu disser o que é, não será surpresa. Por que você não vai experimentar suas roupas novas e volta em vinte minutos?

Tento protestar, mas ele insiste. Desembrulho minhas roupas no quarto. Comprei principalmente terninhos e conjuntos, mas também achei um jeans de que gostei muito. Escorrego para dentro da calça confortável e ponho uma blusa de gola olímpica azul-clara. Conforme ajeito as roupas velhas de Dominic em uma pilha, ouço barulhos na sala de estar. Dominic parece estar mudando as coisas de lugar. Como o sofá, e, possivelmente, uma luminária.

— O que você está fazendo aí? — eu grito.

— Você já vai ver, ele grita de volta.

— Você tem cinco minutos.

— Nem pensar! Preciso de pelo menos oito.

Ajeito o cabelo com minha escova nova em folha e verifico o celular pela milionésima vez. Stephanie ainda não ligou de volta. Se eu não tiver notícias dela em breve, vou fazer uma queixa de desaparecimento. Não dá para deixar de perceber a ironia dessa situação.

Enfio o telefone no bolso e vou ao quarto de Dominic para dar uma olhada nas tais fotos. São imagens em preto e branco de uma montanha íngreme em pleno deserto. A madeira densa da moldura é escura, quase preta. Quando olho mais de perto a base das montanhas, percebo que há uma paisagem urbana, com linhas do horizonte ocultas nas sombras. Paris e, possivelmente, Seattle. No canto inferior direito da foto está rabiscado *Mahoney, 2010, Las Vegas*.

— Pode vir!

Entro na sala cheia de curiosidade. Dominic está orgulhoso diante de uma árvore de Natal alta, cheia de pequenas luzes brancas e enfeites brilhantes.

— Como você fez isso?

— Ficou bem legal, não é?

— Está incrível.

Chego mais perto e consigo ver que não é uma árvore de verdade, mas apenas uma excelente imitação. Estendo a mão e esfrego algumas agulhas entre os dedos.

— Como é que pode ter cheiro de pinheiro?

Ele sorri.

— Sabia que você ia reparar nisso. Além dos enfeites, uma parte importante do kit é o sachê purificador de ar, desses que a gente usa nos carros.

— Não sei o que dizer. Obrigada, Dominic.

— Você acha que armei a árvore para você? Que nada. Ela deveria ter sido armada na noite em que você se esborrachou aos meus pés.

— Obrigada de qualquer maneira.

Caminho na direção dele e lhe dou um beijo no rosto. Dominic se tensiona conforme meus lábios tocam a sua pele e nos afastamos um do outro.

Abro a boca para dizer alguma coisa — não sei o quê — quando meu telefone começa a tocar, o som abafado pelo tecido do meu novo jeans.

— É melhor atender — diz ele.

— Pode ser a Stephanie — eu digo quase ao mesmo tempo.

Pego o celular.

— Alô?

— Emma Tupper?

Mais uma decepção.

— Sim?

— Aqui é Carrie, do programa de Cathy Keeler?

Vou para o corredor.

— Ah, oi. Como você conseguiu meu número?

— Com o sr. Stuart.

— Certo. Claro.

— Só liguei para dizer que estamos *superanimadas* em fazer a entrevista com você amanhã.

Bom, pelo menos alguém está animado com alguma coisa.

— Histórias como a sua são *superinspiradoras*, especialmente perto do Natal. Nosso público *simplesmente ama* finais felizes.

Alguém acha que minha história tem final feliz?

— Ah-hã.

Ela me passa o endereço do estúdio.

— Vamos precisar que você esteja lá por volta das três, para fazer o cabelo e a maquiagem. E, claro, faremos uma pré-entrevista e um passeio pelas nossas instalações. Está bom para você?

— Acho que sim.

— Ótimo! Vejo você amanhã, então. E, se tiver *qualquer dúvida*, me telefona, tá?

Desligo o telefone controlando a suprema vontade de jogá-lo contra a parede. De todas as coisas que deixei Matt me convencer ao longo dos anos, esta foi a pior.

Volto para a sala de estar. Dominic acendeu a lareira a gás e está sentado no sofá, assistindo a uma partida de hóquei na TV, com o volume baixo.

Seus olhos saem da tela. Estão escuros, perturbados.

— Era a Stephanie?

— Não.

Nós nos olhamos sem jeito, com um clima estranho no ar.

Quebro o silêncio.

— Bom, estou me sentindo muito cansada. Acho que hoje vou me deitar mais cedo.

— Tudo bem.

— Obrigada pela árvore.

— De nada.

Capítulo 8

Encontro com a imprensa

Acordo de repente com uma sensação de inquietude no coração. Ainda está escuro como breu lá fora, uma escuridão que não me permite adivinhar se apenas passa da meia-noite ou se o dia já vai nascer. Eu me viro e me remexo, mas não consigo voltar a dormir. Vou ser entrevistada por uma mulher que aprecia o confronto — como eu, mas com cabelo e maquiagem mais caprichados e um público muito maior.

Matt espera um grande desempenho de minha parte.

Quando percebo que o sono não vai voltar, vou para a cozinha preparar o café. Uma garrafa meio vazia de meu vinho favorito repousa sobre o balcão, como uma lembrança de tempos melhores. Craig e eu o compramos um ano e meio antes, em uma viagem para Sonoma. Passamos os dias fazendo degustações de vinhos e as noites saboreando refeições intermináveis em jantares à luz de velas em restaurantes sofisticados.

Parecia que nada estava faltando naquela semana.

Liguei para Craig ontem à noite, depois de deixar Dominic vendo seu jogo de hóquei na TV. Ele estava em uma reunião, e meio minuto depois eu já sabia que o telefonema havia sido um erro. Eu não sabia o que queria dizer, e acho que ele percebeu minha hesitação. O que o levou a questionar, mais uma vez, por que não fiz nenhum contato durante tanto tempo, e se era verdade que foi impossível telefonar ou enviar um e-mail ao longo de todos aqueles meses. Como eu devia saber, ele ficou fora de si de tanta preocupação. Tudo o que eu podia fazer era pedir desculpas e mais desculpas, mas ele já tinha ouvido, e não parecia ser suficiente. Como na véspera de minha partida para a África, aquela não era hora para uma conversa séria, mas ambos sentíamos que esse momento estava se aproximando.

Pensamentos como esse não aliviam minha inquietação, de modo que, momentos depois, encontro-me abrindo a porta do porão úmido. Uma lâmpada ilumina um conjunto de fornos e aquecedores de água quente que alimentam meu apartamento e o do andar acima. Dois pequenos cômodos foram construídos na parte de trás para servir como armários. O meu, o da direita, está trancado com um cadeado com segredo, que não reconheço. Dominic deve ter a sequência numérica capaz de desbloquear parte de meu passado. Mas ele me disse que o depósito está vazio, exceto pelo vinho e pelos pôsteres que não preciso ver. Por que estou aqui, então?

Vou até a longa e nunca usada bancada de ferramentas. Alguns dos equipamentos de fotografia de Dominic estão empilhados sobre ela, junto de uma pasta de portfólio preta. Eu abro o zíper da pasta e viro as páginas lentamente. Estão ali versões menores das fotografias emolduradas no quarto dele, além de outras da mesma série. Uma das imagens deve ter sido fotografada na Irlanda. É de um campo cheio de flores — urzes, talvez —, e mesmo em preto e branco se mostra tão vívida que a grama verde da Irlanda parece estar à flor da superfície impressa: bastaria um leve arranhão para libertá-la do papel.

A força da beleza contida na página me desestabiliza, e eu perco a noção dos minutos que passo admirando aquilo, até que ouço o sinal sonoro da máquina de café acima da

minha cabeça. Percebo que estou tremendo no quarto frio e úmido, e me apresso escada acima, depois de fechar bem a porta.

Uma xícara de café depois, a cabeça sonolenta de Dominic desponta na cozinha. Seu humor é o mesmo de ontem de manhã, e ele prepara alegremente os ovos que vai servir com grandes copos de suco de laranja. Enquanto cozinha, conta histórias engraçadas sobre o tempo em que trabalhou como cozinheiro para pagar seus estudos.

— Você nunca pensou em continuar, em se tornar um chef?

— Pensei. Mas tinha todos aqueles créditos estudantis para pagar e, além disso, a vida de chef é muito dura.

— E você também tinha paisagens para fotografar — digo, sorrindo.

— Tinha, sim.

Depois de comer, lavo as panelas enquanto Dominic arruma a lava-louça. Daí, sigo o caminho mais curto para o homem pelo qual nunca nutri sentimentos complicados: Antoine, meu cabeleireiro.

Quarenta anos, francês e fabuloso, Antoine me recebe com felicidade verdadeira. Sua pele tem cor de chocolate ao leite, e seu cabelo preto é cortado tão rente que parece a sombra de uma barba por fazer. Ele veste calça jeans de cintura baixa tão apertada que parece ter sido pintada sobre o corpo, e camiseta preta com a imagem de uma árvore de Natal cintilante. Lady Gaga canta no som ambiente. O ar exala uma mistura de framboesa e spray de cabelo.

Quando Antoine me libera de seu abraço apertado, eu lhe dou uma versão didaticamente condensada dos últimos seis meses, preenchendo as lacunas daquilo que ele leu no jornal, enquanto atravesso o salão lotado, até chegarmos a sua cadeira.

— Sabe, *chérie*, você está fabulosa. Magrinha, bronzeada. Essa *aventura* fez bem a você.

— Antoine, você não pode estar falando sério.

— Mas estou. Aqui, olha. — Ele me acomoda na cadeira e a gira na direção do grande espelho emoldurado por lâmpadas redondas brilhantes. — Está vendo? *La dernière fois* que eu a vi, sua pele estava pálida, e *les cercles*, os círculos sob seus olhos, eram negros.

Espio no espelho, tentando ver o que ele está falando. Embora ainda enxergue todos os defeitos que notei ontem, concordo que ele está certo em uma coisa: minhas olheiras quase permanentes sumiram.

Quem diria que seis meses em um lugar destruído por um terremoto era o tratamento de que precisava para obter um olhar descansado?

— É, talvez. Mas não venha me dizer que meu cabelo está fabuloso.

Ele faz uma careta.

— Bem, isso é verdade. Seu cabelo está horrível.

— Você pode fazer alguma coisa para resolver isso?

Ele pega uma mecha das minhas longuíssimas melenas e examina com seus dedos cônicos e bem cuidados. Um olhar distante passa pela sua expressão.

— Oh, claro. Dou um jeito nisso agora. Vamos cortar curtinho, sim, com camadas, e talvez uma *frange* espetada.

Rememoro minhas aulas de francês.

— *Frange* quer dizer franja?

— *Oui*.

— *Non*. Sem grandes mudanças, Antoine. Vou aparecer na televisão e quero ficar parecida com o que sou, só que melhorzinha.

— *Mais pourquoi?*

— Aparentemente Cathy Keeler acha que minha história rende uma boa fábula de Natal.

Seus olhos castanhos se arregalam.

— Cathy Keeler? *Mon dieu*, ela é uma... uma fera.

— Antoine, isso não ajuda a aumentar minha autoconfiança.

Ele faz suas afiadas tesouras de aço inoxidável zunirem junto ao meu ouvido.

— Não se preocupe, *chérie*, vou lhe dar agora mesmo toda a confiança de que vai precisar.

Chego ao estúdio de TV às três da tarde com uma maleta contendo vários itens potencialmente úteis para ampliar minha confiança. Meu cabelo parece, de fato, fabuloso. Antoine cortou apenas o suficiente para realçar minhas maçãs do rosto e me convenceu a acertar a franja, de modo que o resultado me deixou feliz. Meu cabelo parece sedoso e saudável. Agora, nem mesmo Antoine seria capaz de fazer alguma coisa para tranquilizar meu coração.

O hall de entrada do edifício ultramoderno parece ter sido inspirado na nave *Enterprise*, com paredes de fórmica brancas tão brilhantes quanto a iluminação, o que me faz entender a importância das sombras. Informo meu nome na recepção para uma atendente fora de forma, sentada a uma mesa feita do mesmo material das paredes. Ela telefona para Carrie, avisa que já cheguei e, então, me conduz ao camarim. À medida que caminhamos pelo corredor iluminado, não posso deixar de notar plaquetas com nomes conhecidos afixadas nas portas fechadas. Grandes nomes. Nomes famosos.

Por que, meu Deus, deixei Matt me convencer a fazer isso?

Paramos diante de uma porta com a palavra "Convidados" escrita dentro de uma estrela amarela. A sala parece uma pequena suíte de hotel, com rico tecido creme nas paredes e um sofá branco e mole. Diante dele, há uma mesa de centro de vidro fosco e, sobre ela, um prato de frutas coberto com filme plástico.

— Carrie já vem receber você — diz a recepcionista, já no meio do corredor.

Ponho minha maleta no sofá e reviso mentalmente as roupas que trouxe. Por fim, decido vestir uma calça cinza de lã com camisa xadrez suave e suéter de caxemira azul-cobalto.

Ouço uma leve batida na porta, e uma mulher pequena de cabelo preto enfia a cabeça para dentro da sala. Ela usa calça de tweed com a barra dobrada e uma sóbria camisa branca. Várias camadas de rímel enquadram seus olhos cor de caramelo. As sobrancelhas trabalhadas formam uma linha fina e escura.

— Oi, Emma. Tudo bem se eu entrar?

— Claro.

Ela estende a mão.

— Sou Carrie. *Muito prazer* em conhecê-la.

Apertamos as mãos. Seus dedos parecem delicados e frágeis.

— Você escolheu *muito bem* sua roupa — ela elogia.

— Ah, que bom. Obrigada.

— Essas cores ficam ótimas no vídeo. Você está nervosa?

Nervosa? Não. Com vontade de vomitar? Claro que sim.

— Só um pouco.

Ela dá um sorriso contido.

— Isso é *totalmente* normal. Mas não se preocupe, vamos combinar tudo quando você estiver na maquiagem.

— Para mim, tudo bem.

Eu a sigo até a sala de maquiagem. Ela repassa comigo os tópicos que Cathy Keeler vai abordar. Nenhuma surpresa, tudo tem a ver com como me perdi e depois reapareci. Ficou ensaiando minhas respostas enquanto a maquiadora faz seu trabalho. Quando ela termina, os ângulos de meu rosto parecem ter sido ampliados e definidos, de modo que quase não me reconheço.

Tiro a toalha de papel em volta do pescoço e Carrie me leva para o estúdio. O cenário parece menor do que na televisão. A maioria do ambiente é ocupada pela arquibancada, que sobe rumo aos fundos. Cerca de cinquenta pessoas ocupam as cadeiras. Examino a multidão rapidamente: parece a habitual mistura de donas de casa e estudantes.

— Quem é essa aí? — ouço uma voz feminina perguntar em voz alta para a colega do lado.

— Acho que é aquela que sumiu na África. A tal advogada, lembra?

— Droga. Eu tinha certeza que hoje iam dar brindes de Natal para a plateia. Eu nunca dou sorte.

Bem-vinda ao clube, dona.

Dirijo-me para longe do público. Há duas pequenas poltronas laranja de frente uma para a outra, em uma plataforma elevada sob um círculo de luzes brilhantes. Da última vez em que assisti a esse programa, um ex-candidato presidencial admitiu ter um filho fora do casamento. Bizarro.

Às minhas costas, Carrie anuncia.

— Emma, esta é Cathy.

Viro-me e fico cara a cara com Cathy Keeler. Seu cabelo é vermelho brilhante e se estende até a altura do queixo. A pele exibe um branco fantasmagórico, e os aros pretos de seus óculos escuros destacam o ar inteligente de seus claros olhos azuis. Ela veste um terno risca de giz preto que parece feito à mão e grandes diamantes quadrados pendem de suas orelhas.

— Oi, Emma. Obrigada por participar do programa — diz ela, com sua voz modulada. A cadência é perfeitamente cronometrada para ler os textos do teleprompter. — Carrie já falou sobre os assuntos que vamos abordar?

— Acho que sim.

— Ótimo. Sente-se e fique à vontade. Vamos começar em cerca de cinco minutos.

Ficar à vontade parece fora de questão, mas de qualquer modo me acomodo na poltrona que ela indica. Aliso as pregas de minha calça enquanto um cara de vinte e poucos anos, com corte de cabelo da moda, prende um pequeno microfone na minha camisa. Isso acontece tão rápido que mal tenho tempo de me envergonhar, embora eu tenha a certeza que ele deu uma boa espiada nos meus... Bem, não havia muito para ver, na verdade.

Cathy Keeler senta-se na minha frente com a indiferença adquirida após anos de experiência com entrevistas. Ela passa os olhos por um conjunto de fichas, murmurando algo para si mesma. Bebo vários goles do copo de água depositado em uma mesinha perto de mim, examinando o mar de rostos que nos observam. A expressão mais comum é de decepção. Acho que um monte de gente estava esperando ganhar brindes de Natal no programa de hoje.

Os cameramen acendem suas luzes. Pisco um pouco por causa do brilho, enquanto outro cara com fones de ouvido dispara na direção de Cathy e leva suas fichas. Ela ajeita os ombros e uma voz grita "Silêncio", então o familiar e um tanto bombástico tema de abertura do *Em Progresso* toma conta do ambiente. Quando a música para, Cathy olha para a câmera, por cima de meu ombro esquerdo.

— Boa noite. Hoje vou falar com Emma Tupper. Para quem ainda não está por dentro de sua história...

Ela prossegue por vários minutos, delineando os fatos. Quando termina, começa a me fazer perguntas simples sobre como eu me sinto por estar em casa e o que vou fazer daqui em diante. Prefiro me ater ao roteiro que bolei antes: é incrível estar em casa, vou voltar a trabalhar depois do Ano-Novo e mal posso esperar. Sinto-me como o novato Nuke LaLoosh do filme *Sorte no amor*, seguindo as instruções do veterano Crash Davis, seu companheiro na equipe de beisebol do Bull Durham. Tenho sorte de estar aqui, é uma oportunidade incrível.

Cathy sorri e balança a cabeça, guiando-me sem problemas pela conversa, até que eu fico quase relaxada.

Foi o meu erro.

— Emma, lamento ter de dizer isso, mas tem alguma coisa na sua história que não bate.

— O que você quer dizer?

— Bem, por exemplo, por que a agência de turismo a abandonou no meio do nada?

— Eu fiquei doente.

— Eles não deveriam tê-la levado a um hospital?

— O mais próximo ficava a dias de distância.

Ela ergue a sobrancelha direita.

— Então, em vez de fazer isso, eles optaram por largar você em uma aldeia remota?

De onde mesmo eu conheço esse tom de voz? Ah, é... Parece o meu, quando estou interrogando alguém.

Minha garganta seca. Tomo um gole de água enquanto ela espera pela minha resposta. Largo o copo e meço as palavras com cuidado.

— Quando fiquei doente, estávamos no meio de uma reserva natural. Levamos dois dias para chegar até lá, e a "estrada" não passava de uma trilha cheia de lombadas, buracos e lama. Cada segundo de viagem ali era uma tortura, como se alguém estivesse

estraçalhando seu corpo em mil pedaços com uma britadeira. Eu estava meio fora do ar, mas tenho certeza de que, se estivesse consciente, ia implorar para me deixarem na beira da estrada. Em vez disso, me levaram para uma aldeia onde sabiam que havia uns funcionários de uma ONG com bons suprimentos de remédio. E foi lá que me deixaram.

— Por que a agência de turismo não voltou para pegar você?

— Acho que você vai ter de perguntar para eles.

Grande. Agora eu soei como aquelas pessoas que eu vivia interrogando. Na defensiva. Como se tivesse algo a esconder. Como se fosse começar a chorar a qualquer momento.

— E você realmente não teve como enviar uma mensagem para casa durante seis longos meses?

— Não.

— Que estranho, não é?

— Eu... estou confusa, Cathy. Você parece estar insinuando que sou responsável pela coisa toda. Por que eu faria isso?

Ela emite um som de repúdio em um volume que apenas eu consigo escutar.

— Não estou aqui para responder às suas perguntas, Emma. Mas, quem sabe, você não esteja em busca de atenção? De seus quinze minutos de fama, talvez?

— Você acha que eu *quero* que todos saibam o que aconteceu comigo?

Ela gesticula mostrando o cenário.

— Você está aqui, não está?

Eu me inclino para longe dela, consciente de novo do brilho das luzes e da sala cheia de mulheres me olhando com expectativa, pensando: "Será que ela vai aguentar? Será que está dizendo a verdade mesmo?".

Eu sabia que vir aqui era uma péssima ideia.

— Eu estou aqui porque *você* me convidou, Cathy. Não procurei vocês. Nem sequer foi minha a ideia dessa viagem, como você sabe muito bem, e eu abri mão de muita coisa para ir para lá.

— Suponho que você está se referindo ao seu namorado, Craig. Você ainda não o viu, não é mesmo?

A agitação nervosa já atingia o meu intestino.

— Sim, é verdade.

Ela solta uma risada borbulhante que deve soar deliciosa na TV.

— Bem, quando soubemos disso, confesso que não pude resistir à ideia de promover um pequeno reencontro.

Promover *o quê*?

Ela olha por cima de meu ombro de novo, só que, dessa vez, sei que não é para a câmera. Eu viro o pescoço e lá está ele: Craig Talbot, ao vivo, respirando e andando na minha direção. Com o olhar cansado, mas mais bonito do que me lembro, vestido com o reluzente terno cinza favorito. Há sinais de riso ao redor de seus olhos azul-claros. O cabelo cor de areia está cortado bem curto e repartido do lado esquerdo.

Nossos olhos se encontram e eu sinto que toda a plateia, o mundo todo, está assistindo, esperando que eu reaja como alguém que revê o namorado pela primeira vez em seis meses.

— Emma? Você não quer dizer um oi para Craig?

Eu me levanto e vou em sua direção, forçando-me a sorrir como uma pessoa feliz, normal, que acaba de receber uma bela surpresa. Quando me aproximo, eu o alcanço e o abraço. Depois de um momento de hesitação, ele ergue os braços caídos ao longo do corpo para me dar um abraço bem apertado. Eu inspiro o aroma intenso do Spell, o perfume que ele usa. Minhas pernas estão moles.

— Emma — diz ele em meu ouvido. — Bem-vinda de volta.

Nós nos afastamos e olhamos um para o outro, observados por toda a plateia. Em silêncio completo. Consigo ouvir até um obturador de câmera abrindo e fechando.

— Você não vai beijar a garota? — grita alguém na plateia.

E, de repente, entendo por que Matt e o comitê de gestão queriam tanto que eu viesse ao programa. Eles estão em busca de exposição, tudo bem; eles pensam grande, bem mais do que eu — eles sempre pensam na frente.

Porque isso tudo é apenas a fabricação do perfeito final feliz para o meu show de horrores, com o objetivo de garantir o máximo de publicidade e espalhar a marca da TPC de forma ampla e por todos os cantos.

— Beija, beija, beija. — A plateia faz um coro, como em um programa de auditório do tipo do *Jerry Springer Show*.

Craig parece desconfortável e constrangido, mas o que mais podemos fazer?

Nós nos beijamos. As câmeras não param de zumbir.

Capítulo 9

Onde todos sabem seu nome

Craig e eu estamos no elevador de seu condomínio, de pé, um ao lado do outro.

Quando terminamos nosso beijo produzido para a mídia, Cathy Keeler chamou o intervalo comercial. Evitando olhar diretamente nos meus olhos, Craig me convidou para ir ao seu apartamento "para uma conversa", assim que saíssemos dali.

É sempre um bom sinal quando um homem se mostra a fim de falar.

Eu devo ter ficado em estado de choque durante o segmento final do programa, porque não me lembro de uma palavra do que Cathy Keeler me perguntou ou do que respondi. Quando as luzes do estúdio diminuem, Cathy me agradece e um homem ergue um cartaz com a inscrição *APLAUSOS!*, incentivando o público a fazer sua parte no show. A plateia obedece sem muito entusiasmo, talvez ainda contrariada com a falta dos brindes natalinos, eu imagino.

— Sinto muito por isso — diz Craig. — O Matt...

— Disse que o comitê de gestão agradeceria muito se fizesse isso?

Ele sorri.

— Pois é.

— Ouvi a mesma conversa.

Chegamos ao andar do apartamento dele e as portas do elevador se abriram. Sigo Craig pelo corredor. Sua porta é uma impressionante peça de mogno maciço com um conjunto brilhante de números cromados instalado ao nível dos olhos. Por dentro, o apartamento parece o mesmo de sempre, a morada de um homem solteiro com bastante dinheiro no banco. As paredes exibem um tom azul-acinzentado escuro e os móveis são feitos do mesmo mogno pesado da porta de entrada. Uma floresta teve de morrer para que esta sala fosse decorada.

Nunca me senti muito confortável neste lugar, não importava quanto tempo passasse aqui. Será que foi por isso que não aceitei a oferta de hospedagem de Craig enquanto ele estava trabalhando fora?

— Então... — digo, depois de tirarmos os casacos e pendurá-los no mancebo cromado próximo à porta. — Vamos conversar?

Craig passa a mão pelo cabelo, alisando-o para baixo. Ele parece um pouco mais gordo do que da última vez em que o vi, como se tivesse deixado de se alimentar bem ou de se exercitar. Craig é o tipo de cara que só sabe se concentrar em uma coisa de cada vez — quando as coisas apertam no escritório, come qualquer porcaria e some da academia.

— Emma, não é que eu esteja protelando, mas acabei de enfrentar um longo voo. Eu preciso tomar um banho e trocar de roupa antes de... bem, você sabe. Você se importa?

— Não, por mim tudo bem. Quem sabe, nesse intervalo, eu consiga descobrir o que dizer.

— Não vou demorar. Deve ter comida na geladeira. Pedi que a Juliana deixasse alguma coisa pronta.

— Ela ainda cozinha para você?

— Claro. Por que não faria mais isso?

— Não sei... Quando espero que as coisas estejam iguais, logo em seguida descubro que tudo mudou.

Craig confirma com um gesto de cabeça.

— Uma ducha e depois conversamos, pode ser?

— Claro, claro. Pode ir.

Eu o vejo se dirigir para seu quarto e então pego o meu celular para verificar se há alguma mensagem de Stephanie. Nada. Digito o número dela, agora memorizado. Cai direto na caixa postal, como sempre, e eu deixo outra mensagem (isto não é um teste de paciência, esta é a minha vida) e desligo.

Surpreendentemente faminta, vou até a cozinha para ver o que Juliana preparou. Ela é uma cozinheira incrível e totalmente dedicada a Craig desde que era apenas uma criança, que cresceu praticamente sem a companhia dos pais, ocupados demais com os compromissos da alta sociedade. Em vez disso, ele teve a atenção de Juliana.

Encontro um pouco de frango e arroz de açafrão dentro de um Tupperware, que coloco no micro-ondas. Quando tilinta o sinal sonoro, transfiro a comida para um prato e levo para a mesa da sala de jantar. Meus olhos vagueiam pelo armário de vidro no canto, preenchido com quinquilharias da vida de Craig. (Livros que nunca leu, pesos de papel trazidos por seus pais de várias partes do mundo, algumas fotos de Craig em diferentes fases da vida.) Confiro a prateleira de cima, e lá está: o troféu que ele ganhou em um workshop sobre direito litigioso, do qual participamos juntos há quatro anos.

O campo de treinamento de recrutas de litigioso, como o chamávamos, era obrigatório para todos os advogados da área na TPC depois de alguns anos de experiência. O workshop era comandado por um grupo de homens sádicos que extraíam grande prazer da tarefa de demolir advogados para depois reconstruí-los.

Craig e eu fizemos dupla ao longo daquela semana, que culminou na simulação de um julgamento com duração de um dia inteiro. Eu já conhecia Craig, mas nunca tínhamos passado muito tempo juntos. Até então, eu o via como um desses babacas nervosos formados pelas instituições particulares, um tipo que tem de monte na minha profissão.

Conforme trabalhávamos juntos naquele período, percebi que estava certa e errada a respeito dele. Craig até podia ser um daqueles babacas nervosos moldados pelo ensino privado (uma espécie de configuração padrão, na verdade), mas também era muito inteligente e atencioso. Estávamos ocupados demais para flertar, mas ele fez uma série de pequenos gestos que me chamaram a atenção. Como me deixar fazer a argumentação de encerramento, embora eu pudesse apostar que ele queria fazer aquilo. E ele tinha uma espécie de sexto sentido para adivinhar quando eu precisava de um café, de um lanche ou até mesmo de uma breve massagem nos ombros. Era como se tivéssemos passado a semana nos movendo na direção um do outro. E, quando seguramos o troféu de Melhor Equipe, sorrindo para o fotógrafo, eu sabia que era apenas uma questão de tempo para acabarmos na cama.

Tudo poderia voltar a ser como era no início. Nós nos divertimos juntos, entendíamos as loucuras um do outro, tolerávamos nossas agendas e ficávamos firmes até quando Craig deixou o litigioso para ingressar no departamento corporativo. Às vezes, quando o

trabalho nos retinha depois do expediente, surrupiávamos quarenta e cinco minutos para jantar juntos em uma sala de reuniões desocupada. Algumas vezes, chegávamos a nos embrenhar no fundo da biblioteca para fazer amor. Foi assim durante anos. Tivemos boas conversas, passamos férias agradáveis e raramente brigamos. Quem nos visse juntos e estivesse em uma relação amorosa incerta, certamente sentiria inveja. Às vezes, *até eu* sentia inveja quando pensava em nós dois de forma mais abstrata. Por que não poderia ser *eu* a pessoa a estar bem na foto desse relacionamento perfeito? Ah, claro, quem estava bem na foto ali era eu mesma.

Acabei de comer meu frango e fui olhar o troféu mais de perto. Apoiado na frente dele está um retrato de nós dois, clicado no dia de nossa vitória. Ambos parecemos ligeiramente despenteados e exaustos por termos virado a noite trabalhando. Nunca entendi o motivo de ele manter aquela imagem em exposição.

— Sempre achei que você ficou ótima nessa foto — diz Craig, atrás de mim.

Eu me viro para encará-lo. Ele está transformado, com jeans e camiseta preta. Seu cabelo ainda está úmido.

— Engraçado, eu estava pensando o contrário.

— Você nunca acha que sai bem nas fotos.

— Porque não saio mesmo.

Ele sorri, com tristeza.

— Algumas coisas nunca mudam.

— É verdade.

Nossos olhos se encontram brevemente antes de Craig desviar o seu para longe.

— Vamos sentar? — ele pergunta.

Eu o sigo até a sala de estar e nos sentamos em seu viril sofá marrom-escuro. Tem forma de L e, tacitamente, ocupamos assentos em ângulos diferentes.

Ele olha para as mãos, mudo e pensativo.

Sinto-me obrigada a quebrar o silêncio. Afinal, eu sou a parte em falta aqui, certo?

— Sinto muito por não ter conseguido entrar em contato, Craig.

— Eu sei. Você já disse.

— Não havia realmente forma alguma...

Paro de falar porque o que estou dizendo soa como mentira, ainda que seja verdade, em sua maior parte. Depois do terremoto não havia como ligar para fora do país, a menos que você tivesse um telefone via satélite. E isso não existia na nossa aldeia. Algumas semanas depois do terremoto, porém, correu o rumor entre os moradores locais de que havia um aparelho desses num vilarejo próximo, talvez até uma conexão de internet também. O boato circulou com tanta insistência que, em um dia ou dois, a existência do tal telefone, e da conexão com o mundo exterior, assumiu uma qualidade mítica.

Admito ter sido afetada pelo mito. Como poderia não ser? A existência de uma possível conexão para casa *tinha* de ser investigada. Se os aldeões pareciam contentes em simplesmente discutir tal possibilidade, eu não estava. Implorei a Karen e Peter para me mostrarem o caminho, até que os dois finalmente concordaram. Eles não acreditavam que o boato tivesse fundamento, estava na cara, mas queriam que eu constatasse isso por mim mesma.

Depois de ceder, Peter me disse para discretamente deixar algumas coisas arrumadas

— água, comida, os sapatos mais resistentes que eu tivesse — e saiu para negociar com Nyako, o quebra-galho da aldeia. Se você precisava de alguma coisa (e ele estivesse disponível em algum lugar), Nyako conseguia. Uma hora mais tarde, Peter caminhou na minha direção, carregando uma bicicleta em cada braço.

— Vamos para lá *pedalando*?

— Temo que não haja outro meio de chegar. Preciso manter o tanque do caminhão cheio, para o caso de alguma emergência. E sabe-se lá quando vou conseguir combustível outra vez.

Quis argumentar que, para mim, aquilo se tratava de uma emergência, mas sabia que não era verdade. Escolhi a menor das duas bicicletas — uma Schwinn vermelha desbotada — e ajustei o assento. Peter fez o mesmo com o híbrido enferrujado que ele ia montar, penduramos nossas mochilas nas costas e partimos.

Eram dezesseis quilômetros até nosso destino, mas pareceu o dobro. O banco da bicicleta castigava meu traseiro e minhas costas doíam por causa da postura curvada sobre o guidão. Mesmo que tivesse força, não daria para aumentar a velocidade porque os buracos e saliências da trilha impediam, e mais de uma vez quase me estatelei no chão. O sol ardia na minha nuca, tostando a faixa de pele que o cabelo não cobria e onde não havia aplicado uma quantidade suficiente de protetor solar.

Quando chegamos, fomos recebidos por um grupo de adolescentes sentados em uma grande pilha de pedras, portando armas preguiçosamente penduradas nas costas. Meu coração pulou e eu logo pensei em Ishmael Beah e em seu livro *Muito longe de casa*, um presente de Natal de minha mãe, que amava até mesmo o lado ruim da África. Aqueles seriam meninos soldados? Estariam enlouquecidos pelas drogas e pelo medo? Seriam capazes de nos matar só porque eu queria dar um telefonema?

Peter levantou a mão com aquele seu jeito autoconfiante e eu parei de pedalar.

— Fique aqui — disse.

— Você tem certeza? Nós podemos voltar.

— Acho que só estão protegendo a vila contra os saqueadores. Vou falar com eles primeiro.

— Por favor, Peter. Não vá, pode ser perigoso. Não é assim tão importante.

— Claro que é importante. E não se preocupe, vou ficar bem.

Ele desmontou da bicicleta e a empurrou lentamente até se aproximar dos meninos, sorrindo amigável para que não tivessem nada a temer, apesar de Peter ter o dobro do tamanho dos pequenos guardiões.

Ao observá-lo falando com os garotos, senti um estranho impulso de tossir — assim como fiz antes do terremoto, quando vi a cobra — para chamar a atenção de alguma forma. Era como o desejo que algumas pessoas sentem à beira das Cataratas do Niágara: saltar e ser engolido pelo enorme rio. Mesmo sabendo que poderia ser ruim — até perigoso —, senti que aquilo era a melhor alternativa para o momento. E então Peter acenou para mim, um sorriso no rosto. Desci da bicicleta e caminhei na direção do grupo.

— Olá! — disse o mais alto dos garotos. Sentado na maior das rochas, concluí que ele devia ser o líder. — Eu sou Tabansi.

— Olá, Tabansi — respondi. — Meu nome é Emma.

— Você está procurando um telefone por satélite, certo?

A esperança despertou em mim.

— Sim, você tem um?

— Tenho.

— E eu... Eu posso usar?

Um dos meninos menores riu. O garoto sentado ao lado mandou com que se calasse.

— Não, você não pode.

— Oh, eu...

— É do meu pai, mas está quebrado. Caiu no chão quando a terra tremeu.

— Ah, não. Quer dizer, eu sinto muito.

Ele deu de ombros de um jeito que parecia alguém mais velho, um homem talvez.

— É assim que as coisas são. Estamos tentando consertar. Você pode voltar em duas semanas.

Olhei para Peter e ele concordou com um gesto de cabeça. Não havia nada a ser feito.

— Obrigada.

O garoto me deu um sorriso.

— Você é bem-vinda. Agora deve ir. É um longo caminho de volta.

— Eu tentei ligar quando voltei. — Explico agora para Craig. — Você trocou seu número?

Ele olha para cima.

— Tive de trocar. As pessoas ficavam me passando muitos trotes relacionados a você.

— Eu realmente sinto muito, Craig.

— Não foi culpa sua.

— Ainda assim, se eu não tivesse ido...

— Não se culpe, Emma. Não é isso que eu quero.

— Mas eu me sinto egoísta. Esse tempo todo, só estive pensando em mim. Nunca imaginei o que você estava passando.

— Você não sabia.

— Não sabia que você achava que eu estava morta. Mas o que eu sabia era o suficiente.

Ele se move na minha direção.

— Por favor, Emma. Não faça isso.

Seu tom é tão aconchegante e familiar que meus olhos se enchem de lágrimas. Apesar da minha nova personalidade chorosa, devo dizer que nunca havia chorado diante de Craig, nem de tristeza, nem de felicidade, nem de raiva, nem mesmo quando minha mãe morreu. De alguma forma, chorar na frente dele agora parece melodramático e previsível. Como o nosso beijo trocado na TV.

Respiro profundamente.

— O que você quer fazer, Craig?

— Sobre nós?

— Sim.

Ele hesita.

— Você quer que eu seja sincero?

— Sempre.

— Então, eu acho... eu não sei.

Apesar de todos os sinais, essa não era a resposta que eu estava esperando. Não depois do "Eu te amo" codificado que havia ouvido ao telefone. Mas talvez eu tenha interpretado errado? Talvez ele não estivesse falando em código, afinal, mas apenas expressando trivialidades?

— Ah.

— Você está brava?

— Não.

— O que é, então?

— Eu também não sei. Por que você não sabe?

Ele se distancia.

— Eu me ofereci para ir com você, lembra? Mas você não quis. Você apenas partiu. Depois conversamos só uma vez, e na sequência tudo o que soube foi por meio dessa horrível cobertura da imprensa. Era como se você tivesse desaparecido da face da Terra. Então, o governo divulgou as listas com os nomes das pessoas desaparecidas. Quando vi seu nome, fiquei sem saber o que fazer. Ninguém disse diretamente para mim, mas eu sabia que todos a davam como morta. E depois... isso é difícil de admitir, Emma, acredite em mim, mas quando alguém finalmente teve a coragem de dizer para mim que você podia estar morta, e eu me senti... senti... Eu não diria que foi um peso, mas que algo foi removido de minhas costas, e eu entendi que fazia sentido. Eu soube que você estava morta.

O mundo parece desacelerar e quase consigo ver as palavras *Eu soube que você estava morta* saindo da boca de Craig e viajando até mim, mas isso não chega a acontecer. O que me faz naufragar é isto: Craig não só aceitou minha morte, mas em alguma medida ficou aliviado com isso.

O que devo fazer com essa informação?

— Quem disse isso? — pergunto, enfim.

Ele me olha, torcendo as mãos.

— O quê?

— Quem disse que eu estava morta? Quem fez você acreditar nisso?

— O que importa?

— Eu só quero saber.

— Mas, Emma...

O instinto me força a insistir.

— Apenas me diga.

— Foi a Sophie.

— Ah, faz todo sentido.

— Isso não é justo.

— Que seja.

Ele balança a cabeça.

— Ela estava apenas sendo uma amiga.

Mas Craig e Sophie nunca foram amigos.

— Por que você está defendendo a Sophie?

— Eu não estou defendendo ninguém.

— Você está sim.

Olho para ele de perto. Ele não me encara e fica abrindo e fechando as mãos, um tique que sempre percebi nas situações em que ele se sente culpado.

Por que Craig defende a Sophie? Por que ele iria acreditar nela, entre tantas pessoas? Por que ele começou a conversar com ela?

E, de repente, tudo fica claro. Tem a ver com o que Jenny parou de me dizer na praça de alimentação. Com o que causou o desconforto de Matt quando eu disse que ainda não tinha falado com o Craig.

— Você está dormindo com ela, não é?

— O quê? — diz ele, chocado, mas nem tanto.

— Sophie. Você está dormindo com ela.

— Por que você está dizendo isso?

— Estou errada?

— Emma...

— Por Deus, Craig.

A culpa inunda seu rosto.

— Eu não sei o que dizer.

— Vocês ainda estão juntos? *Você a ama?* — Eu não consigo me controlar para fazer a pergunta certa.

— Amo.

— Bem, ótimo, então.

Levanto-me e tomo a direção da porta da frente.

— Para onde você vai?

— Para qualquer lugar que não seja aqui.

Craig me segue.

— É só isso? Você está indo embora?

Tiro meu casaco do mancebo e o visto rápido. Aperto minhas mãos, que tremem.

— Sim.

— Acho que temos de falar sobre isso.

— O que há para dizer, Craig? Você achou que eu estava morta e agora está dormindo com outra. — Posso sentir minha garganta se fechando, a minha voz ficando rouca. Fica firme, Emma, você está quase fora daqui.

— Não podemos terminar desse jeito.

— Podemos, sim.

Eu passo por ele. Craig estende a mão para me deter, mas sou mais rápida.

— Por favor, não vá.

Hesito brevemente, mas é apenas uma hesitação. Consigo atravessar a porta antes que as lágrimas comecem a cair.

Até alcançar a rua, choro para valer e xingo a mim mesma por acreditar em Craig. Porque é isso que percebo que vinha fazendo — eu o mantinha como uma possibilidade em minha vida. Sentia, que se ficássemos juntos de novo, tudo voltaria ao normal.

Mas, agora, tudo foi jogado pela janela. Eu estava preparada para me contentar com Craig, mas ele não manteve sua parte no acordo. Sua parte no trato era se contentar

comigo para sempre, é claro. Ou, pelo menos, por mais tempo do que ele aguentou. Pois tenho certeza de que o intervalo de tempo adequado para achar uma substituta para sua garota desaparecida, supostamente morta, é maior do que Craig estipulou.

Mas qual foi, de fato, o tempo que ele levou para me trocar por outra? Uma semana? Um mês? Dois meses? Quando Sophie apareceu com suas mágicas palavras de sabedoria? Quanto tempo ele levou para acreditar nelas?

Chuto uma bola de neve pelo caminho. Que se dane! É isso mesmo! Você me ouviu, Craig? Não preciso de você e de suas massagens nos ombros! Estou bem assim. Posso sobreviver sem mãe, sem pai, amigos, carreira e todas essas coisas. Só quero que me deixem em paz, para eu poder morrer de pena de mim mesma!

Vejo meu reflexo na janela do bar da esquina. Meu rosto está péssimo: nariz vermelho, olhos vermelhos, bochechas vermelhas. Estou ridícula, patética.

E não foi só eu dizer para Dominic que isso não é comigo? Não quero ser uma mulher encalhada, boiando em uma piscina de autopiedade. Não quero me alimentar com lero-lero motivacional *outra vez*. Uma vez deveria ter sido suficiente. Mais do que suficiente.

Não. O que eu quero é ser como aquelas pessoas que observo através do vidro, bebendo no bar cercadas por sacolas cheias de presentes de Natal para seus entes queridos. Elas parecem calorosas e felizes e...

Seco as lágrimas do rosto com uma mão enluvada e enxugo o nariz com a outra. Endireito os ombros e agarro a maçaneta arredondada da porta do bar. Em um momento, estou sentada entre dois felizes e sorridentes candidatos a uma paquera. Em pouco tempo, com minhas mãos em concha em torno de um café irlandês, estou a caminho de também ser sorridente e feliz.

As horas seguintes passam alegremente.

Reparo em uma grande TV na parede atrás do balcão e, na metade da minha bebida, a âncora do telejornal começa a falar de mim. Lá estou eu, sentada na frente de Cathy Keeler, respondendo a suas perguntas. Meu rosto está corado, mas pareço estar me saindo bem.

Pelo menos é o que parece com o som desligado.

Olho para longe e espero que ninguém me reconheça, mas as imagens continuam até que começo a notar o olhar curioso do homem mais velho sentado ao meu lado.

— É você lá em cima, não é? Na TV?

Tento parecer tão distante quanto possível sem soar rude.

— Não.

— Claro que é. Você está usando até a mesma roupa.

Droga. Deixei minha maleta no estúdio da TV. Mais um motivo para culpar Craig.

Eu me viro para o homem. Ele deve ter sessenta e poucos anos. A ponta do nariz bulboso é forrada de pequenas veias e seus olhos castanhos são um pouco turvos.

— Eu não quero ser grossa, mas gostaria de tomar meu café em paz.

— Claro.

Volto para minha xícara e começo a me recriminar mentalmente. Não vim aqui exatamente para isso? Para ter algum contato humano, algumas interações superficiais

com pessoas que não me conhecem nem sabem nada sobre mim? E, embora este homem saiba que estou no noticiário por algum motivo, não é o mesmo tipo de conhecimento de alguém que realmente faz parte da minha vida.

Encosto no ombro dele.

— Sou eu, sim.

Ele transfere o olhar da televisão para mim e abre um sorriso largo.

— Eu sabia.

— Desculpe por antes.

— Está tudo bem. Você deve ter passado por muita coisa.

— Eu não quero falar sobre isso.

— Não precisa. Dá para ver que você não faria isso.

— Obrigada.

— Primeira vez aqui?

O bar no final da rua de Craig? Não, absolutamente. Talvez aquela não tenha sido uma boa ideia, afinal.

— Não.

— Outro assunto ruim?

— É. Olha, posso te pagar uma bebida?

Seus olhos se iluminam.

— Seria muita gentileza.

É o que faço. Pago uma bebida para aquele senhor e falamos sobre coisas triviais, como os presentes que ele vai dar para os netos e a espera que tem de aturar até que a esposa termine as compras. Quando a mulher dele chega, nos transferimos para uma mesa e também a convido para beber por minha conta. O casal me conta sobre seu filho mais novo, prestes a se formar no ensino médio, e pede minha opinião sobre o colégio militar. Johnny, o garoto, é meio difícil de controlar e, quem sabe, um pouco de disciplina mais rígida não faria bem?

Não é exatamente um episódio de *Cheers*, mas é bastante agradável. Então, chega a hora de ir. Frank e Joanie têm de voltar para seus netos, suas vidas. Nós nos despedimos e fingimos que poderíamos nos reencontrar qualquer dia. Sabemos que isso não vai acontecer (nós nem mesmo trocamos telefones; como seria possível?), mas é bom fingir. Saio do bar em uma névoa de felicidade. Uma névoa que se dissipa em cerca de trinta segundos.

No táxi de volta para casa, a realidade de minha conversa com Craig volta com tudo. Craig e Sophie. Craig e *Sophie*. *Craig* e Sophie. Por mais que eu repita para mim mesma, não consigo aceitar. E quanto mais tento, mais furiosa eu fico. Irada e imbecil. Eu me importo com isso. Com o que não vi acontecer. Eu me importo.

Quando chego, o apartamento está escuro e parece vazio. Chamo Dominic mesmo assim, mas não obtenho resposta.

Acendo algumas luzes e largo o casaco no canto do sofá. Sinto-me inquieta e procuro a caixa onde a garrafa de uísque estava guardada na outra noite. Não costumo beber, mas sinto que preciso de algo forte agora.

Na terceira caixa que vasculho, encontro uma garrafa de algo chamado Laphroaig, provavelmente caro e que parece ter passado muitos anos em um barril de carvalho.

Confiro o preço na etiqueta desbotada. Caramba! Talvez eu devesse trabalhar com fotografia.

Pego um copo de vidro decorado e sirvo uma dose. A bebida queima o fundo da garganta e a sensação de calor se espalha rapidamente. Nunca gostei de uísque escocês, mas acho que estou pegando gosto. Acendo a lareira a gás e desabo no sofá, com a garrafa debaixo do braço. Craig e Sophie. *Craig* e Sophie. Craig e *Sophie*. Qualquer que seja o jeito que enfatizo os nomes, sempre soa como uma loucura.

Ainda estou pensando nisso quando Dominic chega. Ele para momentaneamente na porta, dando-me um vago "oi" e, em seguida, caminha pelo corredor. Ele nem sequer olha para mim.

Mas que diabos? O que eu fiz para merecer isso?

Caminho pelo apartamento segurando o copo numa mão e a garrafa na outra. Vou encontrá-lo na cozinha, tirando legumes da geladeira e empilhando-os sobre o balcão.

— Qual o problema em cumprimentar os outros?

Dominic põe uma cebola no balcão e se vira para mim. Tem um olhar ácido no rosto.

— Vejo que você encontrou o Laphroaig.

— Isso é um problema?

— Só acho que quem teve as próprias coisas jogadas fora deveria ter um pouco mais de respeito pelas coisas dos outros.

— Como?

— Esquece. — Ele puxa uma faca afiada e começa a picar a cebola de forma agressiva.

— Eu compro uma nova garrafa para você, está bem? Dominic? Olá? Terra chamando Dominic...

Ele não reage, fingindo que não estou aqui.

— Você vai largar a faca e olhar para mim?

Ele abaixa lentamente a faca e levanta os olhos até encontrar os meus.

— Isso faz você feliz?

— Eu estou no céu.

— Bem, parabéns para você. Posso voltar para meu corte agora?

— Não, eu quero saber por que você está agindo como um babaca.

Ele zomba.

— *Eu*, babaca? Era só o que faltava.

O que foi que eu fiz para... ah, é isso? Será que é porque ele me viu beijando Craig na TV? Não... isso não pode estar certo.

— Isso é por causa de Cathy Keeler?

— Se você está insinuando que o mau humor é por causa de seu beijinho, sou obrigado a dizer que não, que não é por causa da Cathy Keeler.

Sinto outra onda de raiva se formando, mas ela se dissipa. Dominic não é o problema aqui. Ele nunca foi o problema.

— Desculpe não ter contado sobre Craig, Dominic.

— Isso não importa.

— Não, eu devia ter contado.

— Esquece isso.

— Mas eu não quero esquecer. Estou tentando me desculpar. Por que você não deixa?

— Olha, Emma, você não me deve nenhuma explicação, tá? Você tem namorado. E, por algum motivo, você nunca falou dele. Mas, convenhamos, eu não a conheço direito. Talvez guardar segredos seja parte do seu estilo.

Minha raiva volta a crescer.

— Você está me chamando de mentirosa?

Ele dá de ombros.

— Não sei. Chamei?

— Vai à merda!

— Como é que é?

— Eu disse: "Vai à merda".

Sei que estou exagerando, mas é bom botar para fora, mesmo que seja com a pessoa errada.

Ele larga a faca e passa por mim em direção à porta. Eu assisto a sua retirada e quero detê-lo. Quero fazer com que volte e fale comigo. Então, faço a única coisa que consigo pensar: ergo o braço e arremesso meu copo com toda força.

Pimba! O copo atinge o batente da porta e quebra em mil pedaços, desperdiçando uns dezesseis dólares de bom uísque nas paredes e na cabeça de Dominic.

Ele congela. Meu coração começa a pular no peito à medida que Dominic se vira lentamente.

— Você ficou maluca?

— Ah, meu Deus, desculpe.

Pego um pano de prato que estava sobre o balcão e tento limpar o líquido de sua testa, mas Dominic se afasta.

— Você se machucou?

Ele pega o pano das minhas mãos e passa pela cabeça e pelos ombros.

— Estou bem.

— Cuidado com os cacos de vidro.

— Emma, quer parar?

Desabo em uma das cadeiras da cozinha. Cruzo os braços sobre a mesa e pouso o queixo sobre os pulsos. A torneira da cozinha pinga, o gotejar da água no metal é amplificado por nosso silêncio. Depois de um momento, Dominic senta-se diante de mim, balançando a cabeça. Há pequenos pedaços de vidro brilhando em seu cabelo.

— Que diabo! O que está acontecendo? — ele pergunta.

— Nós terminamos.

— Você e Craig?

— Sim.

— O que aconteceu?

— Ele pensou que eu estava morta e foi curtir seu luto dormindo com minha inimiga mortal.

— Você tem uma inimiga mortal?

— O nome dela é Sophie Vaughn, e eu tenho certeza que ela tem um pacto com o diabo.

Os cantos de sua boca se curvam.

— Só um?

— Você ficaria surpreso com o que ela é capaz de fazer.

— Acho que sim. Então, você acabou de descobrir que Craig andou dormindo com o diabo?

— É. Desculpe mesmo, Dominic. Desculpe por tudo.

— Está tudo bem.

— Quando você passou por mim daquele jeito, acho que pensei que você estava com raiva de mim e...

— Nem tudo é por sua causa, Emma.

— Eu sei disso.

Ele passa a mão pelo cabelo úmido.

— Cuidado com o vidro.

— Eu devia tomar um banho.

— Vai me dizer por que estava tão chateado quando chegou?

— Não é grande coisa.

— Pois parece que é.

— Você é meio intrometida, sabia disso?

— É o que dizem.

Ele suspira.

— Eu recebi um e-mail que me acendeu o mau humor. Isso é tudo.

— Então eu joguei um copo na sua cabeça por causa de um e-mail?

— Você mirou a minha cabeça?

— Nããooo.

— Oh, isso é convincente.

— O que dizia o e-mail?

Ele se levanta, vai até a pia e fecha a torneira.

— Não importa.

— Diga.

— Você é implacável.

— Faz parte do meu charme.

Ele pega seu iPhone, abre o e-mail e o mostra para mim. É do site de viagens Expedia, informando o itinerário de uma viagem para algum lugar.

— Se um roteiro de viagem conseguiu despertar seu mau humor... — paro de falar quando confiro os detalhes do e-mail. As reservas estão em nome de Dominic e Emily Mahoney. Este é o nome dela: Emily. — Era a lua de mel de vocês?

Ele confirma com a cabeça.

— Quando você ia se casar?

— Na véspera do Natal.

— Eu realmente sinto muito, Dominic.

— Obrigado. Agora, por que você não limpa essa bagunça enquanto eu tomo um banho?

Viro-me e fico dependurada na borda da cadeira, olhando o caos que provoquei. Tem marcas de uísque na parede e vidro quebrado pelo chão. A cozinha cheira a bar.

— Tenho uma ideia melhor.

— Qual?

— Vamos ficar bêbados.
— Não tenho certeza de que essa seja a melhor ideia.
— Qual é? Você está dentro ou está fora?
Ele faz uma pausa, mas não por muito tempo.
— Ok, vamos nessa.

Capítulo 10

Noite silenciosa

Acordo sobressaltada, segurando a garrafa de Laphroaig junto ao peito como se fosse um ursinho. Um rastro de saliva corre da minha boca rumo ao travesseiro. Meus olhos estão tão sensíveis à luz que o pequeno raio de sol que atravessa as cortinas parece um feixe de laser.

Sinto-me um lixo. Será que valeu a pena?

Tudo é relativo. Dominic e eu compartilhamos algumas risadas quando alcançamos o estágio da bobeira alcoólica, mas estávamos muito presos aos nossos próprios dramas para nos embriagar para valer. Por outro lado, agora tenho uma desculpa para me esconder debaixo das cobertas o dia todo.

Parece bom para mim.

Quando acordo de novo, ainda me sinto muito mal, mas agora com a presença de outras sensações. Fome, principalmente, mas também tristeza. Pelo menos, acho que é por isso que sinto esse aperto no coração.

Obrigado por isso, Craig. Fico devendo uma. E é bom saber que, mesmo de forma perversa, ainda tenho um coração que pode ser partido.

O primeiro menino a fazer isso foi Graham Thorpe. Ele se sentava na minha frente na aula de matemática. Eu o achava uma gracinha, mas tinha quinze anos e, na época, via graça em um monte de meninos. Então, um dia, ele se virou para trás e pediu a minha régua emprestada. O jeito como seu cabelo preto caiu na testa me fez lembrar Tom Cruise em *Top Gun*, e ele tinha um sorriso torto, que pareceu brilhar para mim quando entreguei a régua.

No dia seguinte, ele pediu minha borracha. E no outro, um pedaço de papel. Esses pretextos para falar comigo, e tocar a minha mão quando eu passava o que ele pedia, prosseguiram por semanas. Eu sabia que ele queria me convidar para sair, só não entendia o porquê de tanta enrolação. Ou eu estava apenas imaginando o interesse dele por mim?

Um dia, depois do treino de basquete, a meio caminho entre a quadra e o vestiário, eu toda suada e despenteada, Graham resolveu tomar a iniciativa.

Você quer ir ao cinema comigo no fim de semana?, ele perguntou com o ar blasé dos adolescentes. *Sim!*, eu respondi, dispensando o tom "não-estou-nem-aí-para-você" que ele havia empregado.

Fomos ver o filme — não me lembro qual — e ele me deu o meu primeiro beijo de verdade quando as luzes se apagaram. Ainda me lembro do choque de seus lábios contra os meus. Então, isso era beijar. Como tinha passado tanto tempo sem um beijo?

Nos três meses seguintes, nós nos beijamos muito: no intervalo das aulas, na hora do almoço, depois da escola. Eu não me lembro de nós conversando, apenas nos beijando. Beijei tanto que minha boca pegou o gosto dele e meus lábios ficaram meio machucados. Só adolescentes conseguem beijar tanto.

Até que ele começou a se afastar, deixando de retornar minhas ligações, diminuindo a

quantidade de bilhetinhos. Quando ele finalmente disse as palavras que eu tanto temia, senti como se estivesse caindo. Era o miserável sentimento de frio no estômago, de queda em meio a um sonho, com meu corpo tenso preparando-se para o impacto. Mas nunca havia o choque contra o chão — eu só ficava caindo durante uma eternidade. Fiquei assim por semanas, sentindo-me como se a lei da gravidade não se aplicasse ao meu caso.

E então, um dia, tudo passou. Fiquei bem. Eu conseguia respirar. Eu conseguia rir, até mesmo me apaixonar novamente. E foi o que fiz, mais de uma vez, e mais profundamente do que aos quinze anos. Tive meu coração partido outras vezes, mas nunca mais doeu tanto.

Nunca mais, certo?

Levanto-me da cama e vou para a cozinha. Depois de um rápido exame na geladeira, preparo uma torrada com queijo quente e a levo, acompanhada de um grande copo de suco de laranja, de volta para a cama.

Dominic não estava em nenhum lugar à vista, no entanto, havia um som que poderia ser ele roncando. Ou seria uma britadeira lá fora?

Verifico meu telefone. Tenho doze chamadas perdidas, feitas de números que não reconheço. Aciono o correio de voz com o coração na garganta, mas são apenas mensagens de jornalistas interessados em fazer uma entrevista mais profunda sobre minha "história comovente" e meus esforços para estar em casa para os feriados. Apago tudo, desgostosa, silenciosamente amaldiçoando Matt por passar meu número de telefone para todo mundo.

Puxo as cobertas sobre minha cabeça e me escondo lá pelo resto do dia.

Na manhã seguinte, véspera de Natal, estou na mesa da cozinha escrevendo uma lista das coisas que preciso fazer para começar a pôr minha vida em ordem. Já passei tempo demais chafurdando e me escondendo atrás de garrafas de bebida alcoólica. É hora de tomar algumas providências.

Minha caneta arranha a superfície do papel.

1. Encontrar um novo apartamento.
2. Localizar Sunshine.
3. Processar Pedro.
4. Entrar em forma. Ficar forte o bastante para pregar Sophie no chão na primeira oportunidade.
5. Buscar meu carro.

— Boa lista — comenta Dominic, lendo por cima de meu ombro.

Eu me viro e coloco a caneta em cima do papel.

— Você é muito abelhudo, sabia?

— É por isso que não vou me casar neste Natal. Obrigado por lembrar.

6. Começar a pensar antes de falar.

— Vou deixar minha lista em aberto por enquanto.

— Talvez seja melhor. Vai um café da manhã?

— Você precisa perguntar?

Dominic prepara as melhores torradas francesas que já comi na vida. Ele assobia alegremente quando está cozinhando, mas à medida que folheia para a frente e para trás as páginas do jornal, consigo ver que se sente abalado. Não dá para culpá-lo. De que forma você deveria se sentir na data de seu casamento adiado para sempre? Bisbilhoto meu cérebro em busca de algo para dizer, algo que torne mais fácil o dia de hoje, mas nada vem à mente. Talvez o silêncio seja o melhor.

Depois de comermos, Dominic diz que vai fazer algumas fotos ao redor da cidade. De minha parte, eu me embrulho em meu novo casaco de inverno, ponho o chapéu, calço as botas e parto para a minha missão.

Como a maioria das tarefas de minha lista parece trabalhosa demais para a véspera de Natal, decido enfrentar o que deveria ter feito há dias: resgatar meu carro do pátio para onde foi enviado depois de passar diversas semanas estacionado no aeroporto.

Sempre tive um carinho especial por meu carro, um presente da minha mãe quando me formei no ensino médio. Não é o carro em si — um Volkswagen Rabbit branco, conversível, que é a cara do ano em que foi fabricado, 1982 —, mas o que ele representa. Minha mãe não queria que eu trocasse nosso subúrbio seguro pela selva da cidade grande. Quando eu pesquisava as universidades nas quais me candidataria, ela se apressava em mostrar folhetos de instituições localizadas em cidades pequenas no topo da lista.

Não me candidatei a nenhum desses lugares aparentemente seguros. Na contramão do que diziam os folhetos, eu queria uma cidade grande — e quanto maior, melhor. E foi o que consegui. Minha mãe escondeu bem sua decepção, mas mesmo assim deu para perceber. Foi difícil desapontá-la de propósito pela primeira vez, mas não tanto a ponto de me impedir de fazer o que eu queria.

Ela me deu o carro pouco antes de sairmos para a cerimônia de formatura na escola. Era um dia de junho ensolarado. Ela me entregou as chaves e sugeriu que andássemos de capota abaixada. Não entendi o que ela estava dizendo até ver o Rabbit estacionado na calçada.

— De quem é esse carro? — perguntei, meus dedos formigando de excitação.

Ela passou o braço pelo meu.

— É seu, minha querida.

— Mas, mãe, você não pode se dar ao luxo de me dar um carro.

— Não se preocupe com isso.

— Tem certeza?

Seu rosto enrugou-se ao sorrir.

— Claro que sim. Estou muito orgulhosa de você, Emma. E, de carro, você pode voltar para casa nos finais de semana.

Eu a envolvi no tecido de poliéster de meu vestido preto.

— Obrigada, mãe. Nunca vou me esquecer disso.

E eu nunca troquei de carro. No começo, porque não podia mesmo. Mais tarde, porque ele parecia parte de mim, parte de nós, a conexão com a minha mãe. Foram muitas idas para casa para vê-la nos finais de semana. Houve também aquela viagem que fizemos na loucura, sem destino nenhum em mente. Até mesmo a última jornada para casa antes de sua morte pareceu, de alguma forma, menos horrível por eu estar ao volante de algo que representava o amor e o cuidado que ela sempre teve por mim.

De acordo com o site da segurança do aeroporto, meu carro havia sido guinchado para o páteo central de veículos apreendidos, perto do rio. E é para lá que mando o táxi seguir. Assisto a uma sucessão de bairros piscando através das janelas. A começar pelo meu, cheio de prédios de tijolos marrons e árvores bem cuidadas. Em seguida, vem a área mais pobre, onde os tijolos estão escurecidos por anos de sujeira, e não há espaço suficiente nas calçadas para as árvores. Sapatos balançam dependurados nos fios de energia, e todas as casas estão enfeitadas com luzes natalinas. Deve ficar bonito à noite.

O táxi para na esquina de uma rua que corre paralela ao rio. O sol de inverno deixa reflexos brilhantes na água cinza. Nuvens de vapor pairam acima das ondas agitadas. Entre a rua e o rio há uma enorme área cheia de carros, delimitada por uma cerca de arame enferrujado. Uma longa fila de pessoas embrulhadas em casacos de inverno serpenteia a partir da entrada do páteo.

Enrolo o cachecol de forma a cobrir o rosto. Conforme caminho ao longo da fileira de pessoas com ar desanimado, fico preocupada com a possível demora. A fila se estende, longuíssima, deve conter cerca de três centenas de indivíduos esperando para recuperar seus carros em vez de comprar presentes de última hora.

Enfim, posiciono-me atrás de um homem de aparência rude, com uns quarenta e tantos anos. Ele veste um casaco de couro preto que não parece quente o bastante para o frio que faz. Ele tem uma tatuagem de uma cobra vermelha e verde na nuca. Seus olhos amarelos rosnam para mim naquele rosto ameaçador.

Mais duas pessoas entram na fila atrás de mim, disputando o lugar. Um deles esbarra em mim, eu me desequilibro e dou de cara com a cobra.

O dono da tatuagem se vira para mim com raiva. Com seu rosto redondo e rosado, ele diz:

— Cuidado, dona.

— Desculpe.

— Empurrar não vai fazer você chegar na frente mais rápido.

Eu olho para os jovens atrás de mim.

— Eu sei. Isso não vai acontecer novamente.

— Você vê, isto é o que está errado com a sociedade de hoje. Falta paciência. Você acha que os russos, lá na fila para o papel higiênico, usavam os cotovelos para abrir lugar na fila?

— Eu não faço ideia.

— Bem, posso garantir que não. Boa gente, esses russos. Pacientes. — Ele sorri, e eu noto a falta de um par de dentes. — Você já foi à Rússia?

— Não.

— Eu também não. Mas eu vou. Estou economizando, sabe?

O brilho melancólico nos olhos dele faz lembrar minha mãe quando ela falava da África.

— Isso é ótimo.

— Você se acha boa demais para conversar comigo, não é?

— O quê? Não, claro que não. Só que normalmente não falo com estranhos.

— Com certeza. Ninguém faz isso nos dias de hoje. Esse é outro problema da sociedade.

Começo a me conformar que hoje é o dia de obter a lista completa dos problemas da sociedade, quando, então, olho para o lado de dentro da cerca.

— Você sabe por que esta fila é tão comprida?

Ele se inclina para mim, conspiratório.

— Porque é véspera de Natal.

Será que esse cara é totalmente doido?

— Certo.

— O pátio fecha amanhã.

— Eu imagino.

Ele me olha como se estivesse falando com uma idiota.

— É o último dia de pátio aberto este ano. No dia 2 de janeiro, eles vão leiloar todos os carros que não foram retirados.

— Quer dizer que se você não retirar seu carro hoje...

— Você vai ter de comprá-lo, se quiser ele de volta.

— Mas isso é ridículo.

— Eu não faço as regras, dona.

— Esta fila não é à toa.

Ele encolhe os ombros largos.

— Isso é o que eu estava dizendo. Esperei três horas no ano passado.

— No ano passado?

— Sou um pouco descuidado com meu carro, às vezes. Ele estende a mão.

— Meu nome é Bill, aliás.

Eu aperto sua mão. É áspera, dá para sentir através de minha luva.

— Emma.

Ele aperta os olhos para meu rosto.

— Acho que conheço você.

— Eu tenho um rosto bem comum.

— Não, não é isso. Você esteve recentemente na TV ou algo assim?

Oh, Deus. De novo, não. Como as celebridades aguentam?

— Hum, bem...

Ele estala os dedos.

— Descobri! Você é aquela garota da África, não é você?

— Pois é.

— Imagina só, você, aqui, na fila, como se fosse uma pessoa comum e tudo mais. Isso me dá fé nas coisas... Ah, se dá.

— Por que eu não estaria na fila como todo mundo?

— Bem, depois de tudo que você passou... Mas, agora, pensando nisso... — Uma

expressão determinada toma conta de seu rosto e ele pega minha mão. — Vem.

Eu tento me soltar.

— O que você está fazendo?

— Confie em mim.

É a última coisa que eu deveria estar fazendo, mas, ao mesmo tempo, não sinto medo algum. Talvez seja porque estamos cercados por centenas de pessoas, mas tudo o que sinto é uma ligeira curiosidade enquanto sigo os passos de Bill.

Vamos até o começo da fila e ele larga minha mão.

— Espere aqui.

A mulher que é a próxima a ser atendida olha para mim, irritada. Seus olhos estão vermelhos e remelentos. Eu me afasto e observo Bill falando enfaticamente com o homem musculoso que guarda a entrada. O vento rodopiando só me permite ouvir alguns trechos da conversa.

— África... errado com a sociedade... você me *deve* isso... — Estas últimas palavras funcionam como um "abre-te, sésamo". O guarda range os dentes e acena lentamente, uma vez. Bill solta um grito de triunfo e corre na minha direção.

— Você está dentro.

— O que você quer dizer?

— Você não precisa esperar. Eles vão deixar você levar o seu carro agora.

— O quê? Não, Bill, muito obrigada por tentar me ajudar, mas... Eu não posso, eu realmente não posso.

— Claro que pode.

— Não, isso não está certo.

— Claro que não é certo, mas tem um monte de coisas que também não está dando certo para você ultimamente, pelo que vi. Você tem de aceitar.

— Por que você se importa? Você nem me conhece.

O homem musculoso cruza os braços.

— A oferta termina em dez segundos, Bill: ela vai entrar ou não vai?

— E aí, como fica? — Bill pergunta.

Consigo sentir na nuca o olhar furioso das pessoas frias e chatas que estão atrás de mim, mas... quero que se danem. Eu *mereço* esse alívio.

Eu murmuro "desculpe" para a fila e lasco um beijo na bochecha de Bill.

— Puxa, dona, para que isso?

— Feliz Natal.

Enfrentar a fila, no entanto, é só metade do processo. Leva pelo menos mais uma hora de muita papelada preenchida até que eu assuma o volante do carro. É claro que viro a chave e não dá a partida: a bateria arriou e os pneus estão carecas. Mas eles têm todo o aparato para lidar com isso! Não sou a primeira a ter esse tipo de problema. Muitas das pessoas que estão lá fora, enfrentando o frio e me xingando por ter furado a fila (embora não saibam meu nome, eu espero), vão enfrentar a mesma coisa. Pela primeira vez em muito tempo, meus problemas não são incomuns nem me destacam na multidão.

Depois de mais uma hora, ponho o carro em marcha e atravesso os portões do pátio. A

fila não parece menor do que quando a deixei, horas antes. Eu passo devagar até encontrar Bill e lhe dar um aceno amigável. Ele cumprimenta com a cabeça, sem interromper sua conversa com a dupla que havia disputado o lugar atrás de mim.

O trânsito está intenso por causa do Natal. A cidade está cheia de compradores de última hora. Eu fico mudando as estações do rádio. Não sabia que havia tantas versões diferentes de "All I Want for Christmas Is You". Acho que uma só bastaria.

Volto para o apartamento com o sol se pondo. Um crepúsculo tranquilo, um espetáculo à parte. Não parece véspera de Natal, mas é. O primeiro Natal sem minha mãe. Será que vou ser visitada pelo "Fantasma do Natal Passado"? Ou será que vou ter de redescobrir tudo por conta própria?

Suponho que a segunda opção é a aposta mais segura.

Ouço sons vindos da cozinha e sinto um momento de pânico. Só então percebo que deve ser Dominic. Pelo menos eu espero que seja. Mas por que ele está aqui na véspera de Natal?

— Dominic?

— Na cozinha.

A cozinha cheira maravilhosamente a carne de porco, cebolas e...

— Tomilho? Você usou tomilho?

Dominic estica uma massa em uma brilhante fôrma vermelha especial para tortas. Seus jeans e suéter preto estão cobertos com impressões digitais de farinha.

— Não, é sálvia.

— O que você está fazendo?

— *Tourtière*.

— Você disse tortura?

— Não, *tourtière*. É uma palavra francesa para torta de carne.

— Achei que você fosse irlandês.

Ele sorri.

— Minha avó era franco-canadense.

— Bem, seja o que for, tem um cheiro maravilhoso.

— Vai ficar melhor com uma bela salada.

— Ok. Posso dar uma força.

Pego as verduras na geladeira e começo a montar uma salada verde mista, com tomate-cereja.

— Por que você está aqui? Quero dizer, é véspera de Natal, certo? Você não vai ficar com sua família? — eu pergunto.

Dominic me lança um olhar, mas me responde de qualquer maneira.

— Eu vou para a Mahoney Central amanhã.

— Mas você não deveria estar lá hoje à noite? — eu insisto. Sei que é meio chato, mas os velhos hábitos custam a morrer.

Ele hesita.

— Eu pensei... bem, com tudo o que está acontecendo, não achei que conseguiria passar mais do que uma noite por lá, para ser honesto.

— Família grande?

— Pode-se dizer que sim. Sou o caçula de doze.

— Você está inventando isso, certo?

— Não.

— Seus pais tiveram mesmo doze filhos?

— A religião católica tem muito a ver com isso.

— Ah, não tenho dúvida disso.

Dominic desliza a torta para dentro do forno e eu faço um molho vinagrete com azeite, vinagre balsâmico, mostarda em grão, manjericão picado e um punhado de sal e pimenta moída na hora.

— Vou me livrar dessa roupa — diz Dominic. — A torta leva cerca de quarenta e cinco minutos para ficar pronta.

Ele pega a garrafa de vinho que estava respirando sobre o balcão e enche uma taça.

— Por que não vai descansar um pouco na sala?

Eu pego a taça com desconfiança.

— Por que você está sendo tão bonzinho?

— Quer dizer que eu não tenho sido bom para você até agora?

— Você sabe o que quero dizer.

— É Natal.

— É véspera de Natal.

— Malditos advogados.

— Ei!

Ele aponta para a porta.

— Fora da minha cozinha, mulher.

Sorrio para ele e vou tomar meu vinho na sala de estar. Realmente não sei o que eu teria feito sem Dominic nesses últimos dias. E não apenas porque não tenho onde ficar. Eu me acomodo na poltrona, sentando-me sobre os meus pés. As luzes dançam na árvore de Natal da maneira como supostamente sempre têm de fazer. É incrível como algumas coisas podem ser tão diferentes enquanto outras permanecem as mesmas?

Lavo meus pensamentos mórbidos com um grande gole de vinho. E é então que noto uma grande caixa embrulhada com papel brilhante verde embaixo da árvore.

Opa! Eu quase me esqueci.

Corro para o quarto e desencavo o presente que comprei para Dominic na minha maratona de compras. Quando volto para colocá-lo debaixo da árvore, Dominic está ajustando a chama da lareira.

— Eu acho que podemos comer aqui — diz ele, recolocando a proteção na lareira.

— Parece uma boa ideia.

Seus olhos pousam na caixa que tenho nas mãos.

— O que você tem aí?

— Seu presente de Natal.

Ele estende a mão.

— Obrigado.

— O quê? De jeito nenhum. Só amanhã.

— Na minha família nós sempre abrimos os presentes na véspera de Natal.

— Isso soa como uma tradição conveniente. — Passo por ele e coloco o presente no pé da árvore. Não posso deixar de notar que a grande caixa verde tem meu nome.

— Aposto que agora você está desejando ter uma tradição como a minha, não é? — diz Dominic, ao me flagrar lendo a etiqueta.

Eu me levanto rapidamente.

— Não sei do que você está falando.

— Ajude-me a trazer a mesa para cá e vamos discutir isso durante o jantar.

— O que há para discutir? Nós dois sabemos que vamos abrir os presentes hoje à noite.

Ele sorri e leva a mesa da cozinha para a sala, retornando para buscar as cadeiras. Enquanto arrumo tudo, Dominic pega os pratos e traz para a mesa. Sento-me em frente a ele e ponho o guardanapo no colo.

— Isso está com uma cara ótima. Eu pareço sempre estar agradecendo a você, mas, mais uma vez, muito obrigada.

— É só uma torta de carne.

— Sério, Dominic.

— Você é bem-vinda. — Ele ergue a taça na minha direção. — Feliz Natal, Emma.

— Feliz Véspera de Natal.

Nossas taças tilintam e bebemos em seguida. A torta está tão maravilhosa quanto o aroma, a carne de porco tenra e úmida envolta em uma esplêndida crosta crocante. Porém, enquanto comemos um silêncio desconfortável paira sobre nós.

— Somos dois pobres infelizes, não somos? — digo, por fim.

— Parece que sim.

— Quem sabe os presentes nos animem?

Ele sorri.

— Vá em frente.

Dirijo-me para a árvore, mas então penso melhor.

— Você tem de abrir o seu primeiro.

— Não precisa falar duas vezes.

Ele vai para a árvore e pega a caixa menor. Aproxima-a do ouvido e aperta.

— Hmm. Soa como algo macio, talvez um suéter.

— Ah, mas de que cor?

Ele sacode o pacote.

— Cinza ou azul, suponho.

— Você é louco.

— Então, estou certo.

— Abre logo.

Ele começa a desembrulhar cuidadosamente o invólucro, um canto de cada vez.

— Você não é uma dessas pessoas, não é?

— Se você está se referindo a pessoas que demoram um tempão para abrir presentes, normalmente eu não sou.

— Então, você está fazendo isso só para me irritar?

— Mais ou menos.

— Pode parar.

Ele rasga o papel em uma tira longa. Quando encontra o suéter de caxemira cinza, começa a rir. Ele passa a peça pela cabeça e o encaixe é perfeito, enfatizando seus

ombros largos.

— Você gostou?

— É perfeito, obrigado. Agora é a sua vez.

Eu tento pegar a caixa.

— O que tem aqui dentro, afinal?

— Abra e veja.

Sento-me no chão, sobre os joelhos. Rasgo a primeira tira de papel e ouço um clique. Olho para cima. Dominic está escondido atrás de sua câmera.

— Ei! O que você está fazendo?

— Capturando o momento.

— Eu não gosto de ser fotografada.

Ele inclina a cabeça um pouco.

— Me desculpe.

— Tudo bem. Mas só se eu tiver a palavra final sobre o que você vai fazer com as fotos.

— Fechado.

Inclino a cabeça sobre o embrulho e arranco o resto do papel. Sob ele está uma caixa marrom. Na tampa, com a minha própria caligrafia, está escrito: *Memórias 0-18*. Com o coração na boca, eu levanto a tampa. Lá dentro, organizados em pastas de arquivos suspensas, estão fotos, boletins, trabalhos escolares e redações. Dentro da caixa vejo a minha vida de zero aos dezoito anos.

Toco uma das etiquetas, sem acreditar que é real.

— Onde você encontrou isso?

— Escondida atrás das caixas de vinho no armário.

Claro. Levei para lá quando comprei o vinho. As outras caixas, *19-28* e a *Atual*, estavam na prateleira acima dela e, presumivelmente, acabaram na lixeira de Pedro "vou-ferrar-você-com-uma-montanha-de-processos-quando-eu-voltar-à-ativa" Alvarez.

— Obrigada mesmo, Dominic.

Ele coloca a câmera em cima da mesa de centro.

— Claro. Agora, que tal eu dar um jeito na louça enquanto você fica um pouco sozinha com seu presente?

— Não, não vá.

— Tem certeza?

— Se eu ficar sozinha com essa caixa agora, vou chorar como louca. Sei que só fiz isso nesses dias todos, mas, confie em mim, pode ficar muito pior.

— Talvez eu não devesse ter dado isso para você.

— Não, eu me sinto melhor sabendo que a caixa foi salva.

— Se você está dizendo...

— Sério, o presente é perfeito.

Ele me dá um sorriso lento, e de repente me sinto nervosa, como se tivesse sido pega fazendo algo que não deveria. Estar feliz, talvez.

— De onde você veio, afinal? — pergunto.

Seja qual for a resposta pensada por Dominic, o alto ding-dong da campainha nos interrompe.

— Sinos da meia-noite. — diz ele, olhando para o relógio. — Mas às oito e meia?

— Nunca se sabe.

Ele se vira e vai atender a porta. Sigo atrás dele por curiosidade. Uma rajada de ar frio entra na sala e faz o cabelo envolver meu rosto. Hesito por um momento e, em seguida, corro na direção da entrada. Ela está lá, enrolada em um casaco branco dois números maior que o adequado. É Stephanie.

— Stephanie!

— Emma!

Seus braços estão ao meu redor, me apertando.

Finalmente.

Capítulo 11

Coração sob controle

Quando finalmente solto Stephanie, eu a apresento a Dominic e vamos para dentro. Descrevo brevemente como o conheci enquanto ela tira o casaco, as botas e o chapéu. Ela treme de frio e eu a levo para a sala, o mais perto possível do rugido da lareira a gás. Quando seus dentes param de bater, começo meu interrogatório.

— Quando você voltou? Por que não me ligou? Não recebeu minhas mensagens? E, em primeiro lugar, que ideia foi essa de ir para a África?

Ok, em vez de interrogar, acho que estou *metralhando*.

— Eu é que devia estar fazendo essas perguntas.

— Sei, sei, mas eu perguntei primeiro, tá? Vou contar tudo depois, prometo.

— Ela sempre é irritante desse jeito? — pergunta Stephanie a Dominic, os olhos verdes cintilantes rindo de mim no rosto travesso. Ela veste o mesmo tipo de roupa que eu estava usando na noite em que voltei da África: calça de linho e camisa de verão.

— Quase sempre.

— E como você aguenta?

Dominic se inclina para a frente em sua cadeira.

— Bem...

— Ei, eu estou aqui, tá? — reclamo.

Stephanie sorri. Seus dentinhos ligeiramente tortos ficam mais brancos em contraste com o rosto bronzeado.

— Eu sei. Finalmente você está aqui.

— Será que você vai responder minhas perguntas antes de eu ficar maluca?

Ela ajeita o cabelo para trás das orelhas. É um gesto tão familiar que me traz lágrimas aos olhos.

— Você sabe tudo sobre seu desaparecimento e tudo mais?

— Você não pode imaginar como me sinto mal por isso, Steph. Eu teria entrado em contato se pudesse.

Ela acaricia minha mão.

— Não seja boba. Você não sumiu *por querer*.

Sinto um espasmo de culpa.

— Não, claro que não.

— A propósito, bela entrevista na TV.

— Eca, você assistiu àquilo? Foi horrível.

— Do que você está falando? Você foi incrível. Mas fiquei com aquela mulher, Cathy Keeler, atravessada na garganta. Ela passou dos limites.

— Achei que a Emma se saiu muito bem — diz Dominic.

Stephanie concorda com orgulho.

— É claro que sim. Emma sempre soube se sair bem, desde que era criança.

— Você dizer isso não vale.

— Uma vez, nos tempos da escola...

Eu corto o papo.

— Você não deveria estar respondendo minhas perguntas?

— Certo. Desculpe. Mas você sabe onde estive, estive procurando você.

Minha garganta se aperta.

— Não sei o que dizer.

— Não foi grande coisa.

— Foi uma coisa incrível.

— Nada. Queria ter ido antes, mas com aquele terremoto e tudo mais não havia como pegar um voo até duas semanas atrás.

— Mas ainda era muito perigoso, Steph.

— Não seja ridícula. Você acha que eu ia desistir de procurar você só porque poderia acontecer alguma coisa comigo?

Dominic parece impressionado.

— Você pode ser baixinha, mas é bem corajosa.

Ela franze o narizinho arrebitado.

— Quem tem um metro e meio não é baixo, é *mignon*.

Sorrio para ela com carinho. Stephanie sempre foi suscetível quando o assunto é sua estatura.

— Mas como você sabia que havia a chance de me encontrar? Quero dizer, por que só você não achou que eu...

Seus olhos ficam marejados.

— Você sabe que eu nunca iria achar isso. Nunca antes de ter certeza absoluta.

Sei exatamente o que ela quer dizer. Uma vida sem Stephanie é algo que eu jamais aceitaria prontamente.

Eu aperto a mão dela.

— Obrigada por isso.

— Sempre que precisar.

— Mas como é que você viu Emma no *Em Progresso*? — Dominic pergunta.

— O programa passa em Tswanaland?

— Ah, não, eu só vi a reprise hoje. No avião. Sabe aqueles sistemas que eles têm agora e que dá para assistir a todos esses programas? Bem, eles tinham esse episódio do *Em Progresso*, mas nenhum filme interessante. De qualquer forma, meu avião pousou só há algumas horas.

— Foi assim que descobriu que eu não estava...?

— Não, não. Karen e Peter já haviam me contado.

— Como você chegou até eles?

— Primeiro eu encontrei aquele cara, o Boranga... ou Borongo...

— Banga?

— Isso, ele mesmo. Em todo o caso, ele me disse onde tinha deixado você. Ofereci uma grana e ele me levou até lá.

— Não muito dinheiro, eu espero.

Ela sacode a cabeça.

— Emma, você sabe que eu não me importo com dinheiro.

Sorrio por dentro. “Eu sou péssima com dinheiro” seria a fala mais correta no caso

dela, o que me lembra que preciso achar um jeito de ajudá-la a cobrir os gastos com essa viagem maluca.

— Gostou de sacolejar no trajeto até a reserva?

Ela ri.

— Pois é, meu cóccix está doendo até agora. Mas se fosse só para poder conhecer Karen e Peter já teria valido a pena.

— Ah, os famosos Karen e Peter — diz Dominic.

Lanço um olhar que o faz ficar quieto.

— Eles estão bem?

— Eles parecem muito bem. Mas sentem sua falta.

— Também sinto falta dos dois. Eles vão voltar na próxima semana?

— Disseram que sim.

— Como está a escola? As aulas começaram?

— Estavam prestes a começar. Eles queriam que eu ficasse para a inauguração, mas precisava vir para casa para o Natal.

Stephanie ama o Natal. Todos os anos, ela assume algum grande projeto, como a construção de uma casa de biscoito de gengibre ou a decoração da fachada de seu prédio com luzes e renas cintilantes, que piscam no ritmo de canções natalinas.

— Karen também me aconselhou a voltar para casa no Natal.

— Uma mulher sábia.

— Ela é. Não acredito que nos desencontramos por apenas alguns dias.

— Eu sei. Ridículo, não é? Se tivesse sido um pouco mais paciente, eu poderia pegar você no aeroporto — lamenta Stephanie.

— Paciência não é o seu forte.

— É verdade. Mas fiquei feliz por ter visto o que você fez por lá.

Eu olho para o chão.

— Eu não fiz nada.

— Bom, existem vinte crianças que discordam disso. Ela se vira para Dominic. — Ela construiu uma escola inteira, sabia?

— Não foi a escola inteira. Eu só ajudei.

— Não caia nessa, Dominic. Ela não costuma ser tão modesta assim.

Ele sorri.

— Você tinha citado algo sobre uma história do tempo de escola...?

Os olhos de Steph se iluminam.

— Bem, foi quando Emma estava no time de debates...

Eu ergo minha mão.

— Oh, não, essa história não.

Dominic se decepciona.

— Agora você me deixou muito curioso.

— Você sobrevive a isso. Steph, quanto tempo você ficou com Karen e Peter?

— Cinco dias — diz ela, com melancolia.

— Você parece triste.

Ela suspira.

— Eu fiquei um pouco triste por ir embora. Era bonito lá. — A lembrança de algo

desagradável nubla seu rosto. — Não consigo acreditar que Cathy Keeler tenha questionado sua integridade daquele jeito. E aquela palhaçada que ela armou com o Craig... — Stephanie interrompe sua fala, sentindo-se culpada.

— Não se preocupe. Já sei tudo sobre Craig e Sophie.

— Você descobriu antes ou depois daquele beijo?

Dominic se levanta abruptamente.

— Acho que essa é a minha deixa para sair. Prazer em finalmente conhecê-la, Stephanie.

Ela lança um olhar de aprovação.

— O prazer é meu. E obrigada por cuidar da Emma.

— Foi uma honra.

— Ei, vocês dois, mais uma vez: eu ainda estou aqui.

Dominic pousa a mão em meu ombro suavemente e me dá duas palmadinhas.

— Eu sei. Boa noite.

— Boa noite. E obrigada de novo pelo meu presente.

— Ele já pertencia a você.

Dominic sai, e assim que fica fora do alcance de nossa voz, Stephanie se volta para mim, excitada.

— Então, me conta tudo sobre ele.

— Craig?

— Não, esse idiota não! E, por falar nisso, dá para acreditar que ele está com a Sophie? Eu me refiro ao Dominic.

— Hum, bem, não há nada muito o que dizer, para falar a verdade.

— Papo furado.

— Eu juro. Somos só amigos.

— Mas vocês estão vivendo juntos.

— Essa é uma longa história.

— Nós temos a noite toda.

Acordo na manhã seguinte e já vejo o rosto sorridente de Stephanie. Havíamos conversado até as duas da manhã, até não conseguirmos mais manter os olhos abertos, e finalmente caímos no sono. Algo que me evocou uma centena de cenas semelhantes desde a infância, quando Stephanie passava a noite na minha casa e dormir parecia uma incômoda interrupção para nossa conversa sem fim.

— Do que você está rindo? — pergunto. Com o cabelo bagunçado e o rosto sem maquiagem, ela não parece muito mais velha do que era da última vez em que fizemos uma festa do pijama.

— De você, sua tonta.

— Tonta é você.

Ela ri.

— A primeira vez que a gente conversou foi demais, não foi?

— Não me lembro. Foi?

— Claro que foi. Lembra daquele garoto que vivia me chateando? Um menino

chamado Roger? Você disse para ele cair fora ou você ia acabar com ele.

Faço um esforço, mas não me lembro de Roger.

— Será que eu realmente disse isso?

— Foi isso ou algo equivalente para quem tem cinco anos de idade. Eu fiquei impressionada, mas também tinha um pouco de medo de você.

— Esta é minha vida. Quando eu chamei você de tonta?

— Agora vai me dizer que não se lembra?

— Talvez. Conta de novo.

Ela dobra o travesseiro ao meio e o ajusta sob a cabeça.

— Bem, pelo que me lembro, eu disse que, já que você tinha salvado minha pele, teríamos de ser amigas pelo resto da vida, e daí você esmagou meu coraçãozinho me xingando de tonta. "As pessoas não são amigas a vida toda", você falou.

— Felizmente eu estava errada.

— Também acho. Ei, é Natal!

— É.

— E eu não dei nada para você.

— Claro que deu.

— Oh, Emm, estou tão feliz por você estar bem. — Ela leva a mão ao rosto para enxugar suas lágrimas repentinas, enquanto eu luto para segurar as minhas.

— Eu também estou muito feliz.

Um barulho alto ecoa no corredor, como se alguém tivesse tropeçado em alguma coisa. "Mas que droga", ouvimos Dominic xingar.

Stephanie sorri.

— O seu coleguinha do quarto ao lado não é lá muito fino.

— Mas cozinha que é uma beleza.

Ela se senta.

— Tenho de ir para meu apartamento. Posso vir pegar você ao meio-dia?

— Pegar para quê?

— A gente tem de estar na casa dos meus pais às duas.

— Steph...

— Você acha que eu vou te deixar sozinha no Natal? De jeito nenhum. Você vai participar do grande Porre Anual dos Granger, quer queira quer não.

— Não posso passar dessa vez?

— Não.

— Ok, então.

— Ótimo. Agora, pula fora dessa cama e se arruma. Isto é uma ordem.

— Quando é que ficou assim tão mandona?

— Alguém tinha de ocupar a vaga enquanto você estava fora.

Pego meu travesseiro e jogo em sua direção.

— Então, é assim que vai ser, né? — Ela fica de pé sobre a cama e lança um forte golpe contra mim com seu próprio travesseiro.

Em segundos, estamos engalfinhadas em uma barulhenta guerra de travesseiros. São várias rodadas até que Stephanie me acerta de jeito e eu, desequilibrada, caio no chão. O baque soa mal, mas estou ilesa. Rolo o corpo de lado, rindo e segurando meu travesseiro

contra o estômago. Vejo os pés descalços de Dominic à porta, e meu olhar sobe para o seu rosto divertido.

— Meninas fazendo guerra de travesseiros. Isto realmente é Natal.

— Pega ele, Steph.

Capítulo 12

Sunshine

*D*uas semanas depois de minha primeira visita à aldeia que supostamente teria um telefone por satélite funcionando, lá estou eu de novo, mochila às costas, pedalando a velha Schwinn vermelha. Tudo parecia igual à vez anterior — o mesmo céu azul e seco, a brisa soprando pela grama desbotada, a tensão nervosa na boca do estômago — , só que, dessa vez, Karen me acompanha. Nós partimos com tempo de sobra a fim de evitar a parte mais quente do dia, garantindo um ritmo suave em nossas rodas rangentes e tentando desviar dos buracos da trilha.

— Você acha que já consertaram o telefone? — perguntei a Karen.

— Vamos ver — respondeu ela, sempre prática.

— Eles tiveram tempo para isso. Quero dizer, se eles sabiam o que fazer, duas semanas parece ser tempo suficiente para o conserto.

Ela se voltou para mim enquanto eu desviava de um buraco que podia ter engolido minha bicicleta no café da manhã.

— Acho bom você não alimentar muitas esperanças.

— Você não quer que esteja consertado? Deve haver pessoas para quem você quer ligar.

— Claro que sim. Eu só... Eu aprendi a não colocar prazo em coisas que não posso controlar. Afinal, você está tão ansiosa assim para falar com quem? — ela brincou. — Com o moço?

— Preciso ligar para ele. E para minha melhor amiga. E para o escritório, é claro.

— O escritório, claro.

— O que foi? É importante. As pessoas estão confiando em mim.

— Tenho certeza de que o mundo jurídico continua funcionando sem você.

— Eu sei, mas... Eu sinto falta daquilo.

— Você sente falta *daquilo*? Ou *deles*?

Inclinei-me um pouco mais sobre o guidão.

— Eu quis dizer deles, claro. Além disso, é o que faço para viver, não é? Então...

Karen balançou a cabeça. Pedalamos em silêncio até a curva que nos levava até a aldeia. O mesmo grupo de rapazes estava sentado no mesmo monte de pedras, como se não tivessem se movido. Karen e eu reduzimos a velocidade, paramos a uma distância segura e descemos das bicicletas, sem saber se seríamos bem-vindas. Tabansi levantou-se e nos encarou, protegendo os olhos do sol com a mão. Então, seu rosto abriu-se num sorriso e ele acenou para que nos aproximássemos.

Empurramos nossas bicicletas até mais perto e ele saltou das rochas até o chão.

— Você voltou — disse de um jeito como se fosse uma pergunta, mas não era. Seus jeans eram mantidos presos na cintura por um pedaço de corda e havia manchas de suor em volta da gola de sua camiseta.

— Sim.

— Você ainda quer usar o telefone via satélite, né?

— Quero, sim — disse com entusiasmo.
— Ele ainda está quebrado.
Meu coração murchou.
— Oh.
— Puxa, você ficou triste.
— Fiquei.
— Estamos consertando. Você volta em...
— Duas semanas? — completei.
Ele sorriu.
— Sim.
Eu disse a ele:
— Isso mesmo.

O amor genuíno de Stephanie pelo Natal deve ter vindo dos genes da mãe. Quando as pessoas dizem que suas famílias "são loucas pelo Natal", garanto que nunca conheceram os Granger nem testemunharam a visão de como o lar deles fica decorado para as festas.

A fachada é até sóbria, em comparação com a parte interna. O beiral do telhado e os cantos da casa são iluminados por fileiras de luzes brancas piscantes. Uma enorme guirlanda de cristal enfeita a porta da frente e mais luzes cintilam em torno da balaustrada de ferro trabalhado. O gramado frontal parece um zoológico de animais mecânicos.

Contudo, Lucy Granger prefere reservar o grosso de seu entusiasmo para a decoração interna. Cada cômodo do térreo tem sua própria árvore — uma branca, uma vermelha e uma verde —, e todas são cobertas de lantejoulas brilhantes. O balcão próximo à chaminé da lareira da sala se transforma em uma aldeia de casas de boneca mobiliadas e iluminadas com lâmpadas de verdade e habitadas por bonecos de biscoito de gengibre. Logo abaixo, estão penduradas as meias de cores combinadas, com os nomes bordados de cada membro da família. O ambiente cheira a canela e castanhas, com uma nota de rum.

A fonte do aroma etílico é o grande copo de gemada de Brian, pousado em uma mesinha ao lado de sua poltrona favorita. Por experiência, sei que esse copo sempre está cheio — ou quase intocado — , pois Brian fica alegrinho demais se beber muito e depois acaba cochilando na hora do jantar.

Chegamos no início da tarde. Brian ergue-se cambaleante para nos cumprimentar. Ele veste um colete de veludo vermelho-vivo, em contraste com a camisa e a calça conservadoramente discretas. Sua gravata exibe a imagem de Rudolph, a rena do nariz vermelho. Ele envolve Stephanie e a mim em um abraço coletivo, chamando-nos de "minhas meninas" e dizendo para nunca mais lhe darmos sustos como os do passado recente.

Quando ele nos solta, é a vez de Lucy. Seu conjunto de veludo combina com o tom do colete de Brian, com o desenho de um par de chifres de rena se espalhando pelas costas. Seu cabelo prateado é cortado como o de Stephanie. Até o cacoete da filha, o jeito de mexer no cabelo, também foi herdado da mãe.

Lucy nos beija e nos abraça, ela cheira a peru e molho de cranberry, e somos levadas

para o confortável sofá posicionado sob a *bay window*. É hora de abrir os presentes, e nós estamos atrasadas. Temos de esperar apenas por Kevin, perpetuamente impontual, em especial quando seus pais fazem questão de que ele esteja em determinado local na hora marcada.

— Eu não comprei presentes para ninguém — murmuro para Stephanie com o canto da boca.

— Não se preocupe com isso. Você sabe que o que a mamãe gosta mesmo é de dar presentes.

Sei que é verdade, mas me sinto mal mesmo assim. E então percebo algo que faz meu coração saltar: uma das meias do varal está identificada com meu nome, mas tem outra com o nome da minha mãe. Se já não estivesse sentada, eu cairia.

Essas meias não são novas. Datam de minha infância, quando Stephanie e eu víamos a casa uma da outra como uma extensão de nossos próprios lares. Em algum momento, mamãe e eu começamos a ser convidadas para o Natal dos Granger. Do ponto de vista de Lucy, isso significava a total inclusão de nós duas à sua família, e não demorou para que logo tivéssemos nossos presentes e meias incorporados ao pé da lareira. Nós não tínhamos dinheiro para retribuir à altura tanta gentileza, o que, eu sei, muitas vezes deixou minha mãe envergonhada e sem jeito, mas Lucy e Brian jamais se importaram com isso. Talvez tenha sido por isso, ou talvez seja apenas a maneira como eu via as coisas quando garota, que essa tradição foi perdendo força à medida que cresci e passei a celebrar com minha mãe (e às vezes com Sunshine) nossa própria festinha natalina, modesta e silenciosa.

Mas, no ano passado, nós duas estivemos aqui com os Granger, algo que vinha tentando não lembrar desde que Stephanie praticamente me obrigou a vir para cá. Lucy sabia da doença de minha mãe e queria poupá-la do esforço de cozinhar no Natal. Eu não tinha certeza se ela realmente queria ir, pois seu entusiasmo diante do convite foi menos intenso do que o habitual. Mas, quando perguntei isso diretamente, ela disse que não poderíamos faltar. Seria divertido, ela disse, reunir a velha turma outra vez. Nenhuma de nós disse que poderia ser a última.

Minha mãe estava frágil e magra e seu cabelo começara a ralear, como o de um bebê, mas ainda alimentava esperanças na quimioterapia. Eu, ao menos, alimentava. Talvez ela já tivesse aceitado que o tratamento não daria certo, mas não disse isso a ninguém. Todos no clã dos Granger agiram normalmente, como se fosse apenas mais um Natal, apenas mais uma troca de presentes. Dei para minha mãe uma máscara tribal africana, para acrescentar à sua coleção. Ela ficou encantada e eu compartilhei de seu entusiasmo. Talvez tenha sido aí que se plantou a semente que resultou na minha viagem. Ou talvez ela estivesse planejando isso há algum tempo; ela me deixaria a viagem e eu não teria como recusar.

Lucy me flagra olhando para a meia.

— Espero que você não se importe, querida, mas achei que seria bom pendurar a meia de Elizabeth também. É uma forma de ela estar aqui com a gente.

Sinto que poderia explodir em lágrimas, mas me obrigo a dizer:

— Claro. Obrigada.

Stephanie aperta meu braço e me entrega um lenço de papel. Eu assoo o nariz,

resmungando algo sobre alergias, mas não engano ninguém. A tristeza parece se irradiar de mim, nublando o clima das canções natalinas que o cantor Perry Como entoa no aparelho de som, induzindo Brian a diminuir o nível da gemada contida em seu copo. Sinto-me a antítese do Natal e estou a ponto de pedir licença para ir embora bem quando chega Kevin, o irmão de Stephanie.

Dois anos mais velho que eu, Kevin foi minha primeira paixão desesperada. Silenciosamente gay — saiu do armário apenas no verão depois da formatura, para a surpresa de muitos —, ele sempre me pareceu o irmão mais velho perfeito. Era tolerante quando Stephanie e eu o importunávamos. Acidamente engraçado. Útil quando precisávamos de alguém para comprar suprimentos para nossas festinhas, desde que lhe pedíssemos com muito jeito e prometêssemos avisá-lo caso rolasse algum problema durante a balada.

Ninguém na família Granger é alto, e Kevin não é exceção. Do meu tamanho, tem cabelo loiro-escuro e sua melhor característica são os olhos, de um profundo azul-escuro.

Ele beija a mãe levemente no rosto, aperta a mão do pai e faz um cafuné na cabeça de Stephanie, repreendendo-a por não ter ligado para ele assim que voltou da viagem. E então ele me suspende do sofá com um abraço apertado e diz alto o suficiente para todo mundo ouvir:

— Isso tudo deve estar doendo pra valer.

— Você não tem ideia — murmuro em seu peito.

— Todos nós queríamos que Elizabeth estivesse aqui, você sabe. Não é a mesma coisa sem ela.

— Não. Não é. Realmente não é a mesma coisa sem ela.

— Pelo menos, o que não falta por aqui é álcool — diz ele.

Sorrio em meio às lágrimas enquanto Kevin me solta e vai para o bar no canto da sala. Ele prepara três vodcas com tônica e distribui um copo para mim e outro para Stephanie, como se fosse um médico prescrevendo remédios.

— Vamos beber, meninas. Afinal de contas, é Natal.

Na manhã seguinte, acordo cedo no quarto de Stephanie curtindo uma ressaca de peru. Steph ressona suavemente, atravessada na cama em que dormia na infância, igualzinha à minha. As cobertas ainda têm estampas floridas cor-de-rosa que combinam entre si, e que ela escolheu aos doze anos de idade. Ouço o burburinho de seus pais madrugadores no andar de baixo, um pedindo silêncio ao outro porque "as crianças" estão dormindo. Gosto disso, mas tudo o que consigo pensar é na minha própria casa na infância, a um quarteirão de distância, abandonada e fria, com os móveis cobertos por lençóis e poeira.

Eu me levanto o mais silenciosamente que posso e levo as roupas para me vestir no banheiro. Então, rastejo escada abaixo e, sem passar pela cozinha, vou para a porta da frente. Saio e deslizo em uma neve suave. As ruas estão tranquilas, ainda envoltas em uma luminosidade cinzenta.

Em poucos minutos, estou de pé na beira da nossa antiga varanda. Parece a mesma de sempre, talvez um pouco malcuidada. É uma casa de madeira branca, simples, bem menor

do que a dos Granger. Persianas pretas. Uma *bay window*. As cortinas fechadas para o mundo. Um balanço na varanda, folhas mortas espalhadas entre as grades. O balanço acumula uma camada de neve e a corrente de metal que o sustenta está começando a enferrujar.

Afasto a neve com minha luva, levanto a tampa do banco e lá está: o pesado cobertor de lã da Hudson's Bay, guardado ali para que pudéssemos nos balançar até mesmo nos dias mais frios do inverno.

Sento-me no banco, cobrindo as pernas com o cobertor. Distraída, tomo impulso no chão enquanto olho para o outro lado da rua. O balanço se movimenta e começa a ranger.

Minha mãe cresceu nesta casa. Nós viemos morar aqui depois que meu pai nos deixou, principalmente por razões financeiras. Não creio que minha mãe tenha vivido uma infância muito feliz, sendo filha única de um casal recluso, que se converteu em família quando ambos tinham quase quarenta anos. Mas "eles fizeram o seu melhor", minha mãe gostava de dizer. Eles certamente nos acolheram de boa vontade e eu acabei tendo uma infância um tanto melancólica, com o mínimo de barulho e de brinquedos. Eu sabia que eles me amavam mais do que eu percebia.

Meus avós faleceram há dez anos, com intervalo de semanas entre uma morte e outra, deixando a casa para a mamãe. E agora ela é minha. Decidir o que fazer com a casa foi uma das muitas coisas que tentei esquecer enquanto estive fora.

Do outro lado da rua fica a casa de Sunshine. Ou a casa onde ela cresceu, mais precisamente.

Os pais de Sunshine ainda vivem lá, até onde sei. Ela e minha mãe se conheceram ainda crianças e cresceram juntas, assim como Stephanie e eu. Sei que o número de Sunshine está dentro de casa, na parede, ao lado do telefone, local em que passei inúmeras horas durante a adolescência.

A qualquer minuto, a qualquer segundo agora, vou encontrar forças para entrar e dar o telefonema que já deveria ter sido dado há uma semana.

No fim das contas, não é necessário. Não sei quantos minutos se passam, mas ouço um barulho na escada e, quando olho, lá está Sunshine.

— Emmaline? — diz ela timidamente, como se estivesse falando com uma aparição.

Eu me levanto rapidamente, tropeçando no cobertor, que cai sobre os meus pés. Ela abre os braços e eu me aninho em seu peito generoso. Conforme ela envolve os braços em torno de mim, me apertando, identifico seu cheiro costumeiro — uma mistura de patchouli e terra — e, pela primeira vez em muito tempo, sinto-me segura. Sinto-me em casa.

Dentro da casa fria, Sunshine me afasta dela para me examinar, desde o bagunçado topo do meu rabo de cavalo até meus pés calçados com botas. Seu cabelo grisalho está cortado curto, estilo joãozinho, e há uma única mecha vermelha cobrindo parte da testa. Seu rosto é redondo e simétrico, e seus olhos castanhos se mostram úmidos e gentis.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto quando retomo a capacidade de falar.

— Eu estava fazendo as malas para ir embora quando vi você pela janela, no balanço da varanda, como você sempre costumava fazer.

— Você veio passar o Natal em casa — eu concluo, tanto para mim como para ela. Sunshine vive na Costa Rica, tocando uma loja de artigos para ecoturismo perto de uma floresta. Raramente ela vem visitar os pais, ainda vigorosos, que desaprovam o fato de a filha morar tão longe.

O enterro da minha mãe havia sido a primeira vez nos últimos anos em que Sunshine voltava para a casa onde crescera.

— Vim. Quando você chegou?

— Quer dizer que você não sabe?

— Não sei o quê, querida?

Acho que estou tão acostumada com a ideia de todos terem me dado como morta que nunca me ocorreu que Sunshine talvez nem estivesse inteirada de toda a história. Ela havia deixado o país alguns dias depois de minha partida para a África, e acho que desde então não acompanhou o noticiário internacional na maior parte do tempo. Ela simplesmente ignora as coisas ruins que acontecem no mundo, recusando-se a ler tudo o que envolve destruição ou sofrimento humano.

Nós nos sentamos no sofá e eu conto a ela minha aventura, da África até o encontro com Dominic se mudando para meu apartamento. Deixo para citar Craig no final e, quando o faço, estou emocionalmente cansada o bastante para dizer que só sinto vontade de chorar, mas não derramo uma lágrima.

Já é um progresso.

— Sinto muito, Emma. Você não merece isso.

— Não, mas ele pensou que eu estava morta. Eu devia saber que ele ia seguir em frente.

— Se ele realmente amava você, teria sabido que ainda estava viva.

— Não sei. Talvez.

— Acredite, você tem uma presença forte. Eu teria sentido se a perdesse. É por isso que nunca me ocorreu... Eu ouvi sobre o terremoto, é claro, mas sabia que você estava bem.

— Como?

— Ah, querida, você sabe que não consigo explicar meus dons. Eles apenas *se manifestam*.

Reprimo um sorriso. Lembro-me de Sunshine me dizendo, quando eu tinha sete anos, que uma fada morre cada vez que alguém diz que não acredita em fadas. Quando respondi que sabia que aquilo estava escrito em *Peter Pan* (eu era uma criança de uns sete anos), ela apenas sorriu e afirmou:

— Claro que sim. O senhor Barrie é um especialista em fadas.

— Muita gente achou que eu estivesse morta — eu digo.

Ela me avalia novamente.

— Sim, dá para ver isso. A morte está rondando você.

— Você quer dizer... a minha mãe?

— Não, ela não é uma presença ruim. Ela é o bem que você está sentindo.

— Então, quem é?

— Quem pensou que você estava morta?

— Não sei. Todo mundo.

Ela nega com a cabeça.

— A Stephanie não pensou. Ela nunca desistiu.

Meu coração se contrai.

— Isso é verdade.

Levanto-me e dou uma volta lenta pela sala. As estantes escuras de cada lado da lareira são preenchidas não com livros, mas com artefatos africanos, revestidos agora de poeira. Uma obsessão ao longo da vida de minha mãe, que eu alimentei nos inúmeros aniversários e Natais, economizando minha mesada só para ver a alegria no rosto dela ao desembrulhar a máscara, ou a ponta de lança, ou o colar de contas que eu havia comprado. Não importava o que fosse — especialmente quando eu era mais jovem —, a maioria dos presentes era falsificada. No caso, porém, era a intenção que contava, assim como o que ela pensava e sonhava a respeito da África. O lugar que ela mais desejou e para onde nunca foi. Em minha lista de arrependimentos, o item número um é nunca ter perguntado o porquê de tanto fascínio por aquele lugar. Talvez porque fosse apenas uma daquelas coisas permanentes e imutáveis da vida, como a presença de algodão-doce nos parques de diversões.

Mas sobre a prateleira acima da lareira, que nunca foi acesa porque não tínhamos dinheiro para consertá-la, está a razão pela qual eu deveria ter vindo aqui mais cedo: fotos, fotos e mais fotos. De minha mãe, de nós duas juntas, de todos os momentos importantes.

Pego a fotografia tirada no dia da formatura na faculdade de direito e seguro-a perto do peito. Sunshine põe as mãos sobre meus ombros.

— Se você quiser seguir em frente, temos de limpar a morte de você.

— O que você quer dizer?

— Vem comigo.

Ela me leva de volta para o sofá com forro florido desbotado. Quando meus avós eram vivos, a mobília era coberta com plástico, o que a tornava escorregadia e o lugar perfeito para mim e Stephanie brincarmos de nosso jogo favorito — deslizamento e derrapagem na sala de estar —, até sermos descobertas e punidas por minha mãe, horrorizada. Ela removeu os forros um dia depois do funeral de minha avó, com um olhar determinado no rosto. Quando perguntei o que estava fazendo, ela apenas disse:

— Você quer outra pista para deslizar? — e então soltou um riso quase histérico. Eu a abracei e nós rimos e choramos, sentindo falta da vovó, ainda que não quiséssemos mais viver sob as regras dela.

Sunshine fecha os olhos e pousa as mãos em meus ombros. Enquanto ela se concentra, o cheiro de patchouli parece se intensificar. Minha mente começa a vagar, voando de minha mãe para se deter em Craig. Deus, Craig. Ele é o único em que eu deveria acertar um copo. Não vou perder a próxima oportunidade.

Os olhos de Sunshine se abrem.

— Pare de pensar nele.

— Ok, Patrick Jane, agora você está me assustando.

— Quem é Patrick Jane?

— É um personagem de um seriado da TV. Ele meio que lê a mente das pessoas, só que não de verdade... — paro de falar, sem convicção.

— Bem, talvez eu veja esse seriado em algum momento. Agora, acho que eu sei de algo que pode funcionar. — Ela pega a grande sacola de couro que usa como bolsa e saca de lá um cristal cor-de-rosa do tamanho de meu polegar. — Me dê suas mãos.

— Para quê?

— Confie em mim.

Estendo minhas mãos para a frente e ela coloca o cristal sobre elas.

— O que o cristal faz?

— Eu estou usando o cristal para localizar e drenar toda a energia negativa.

Penso em protestar por um momento, mas será que Sunshine ficaria magoada? É apenas uma pedra.

Ela mantém uma mão no coração e outra no cristal. De olhos fechados, cantarola uma música indistinta, bem baixinho.

— Em vez de morte, vida. Em vez de dor, felicidade. Em vez de cabeça, coração — murmura Sunshine repetidamente, entoando cada palavra.

É estranhamente reconfortante. Fecho meus olhos e sinto-me à deriva.

Vida, felicidade, coração. É como se bastasse repetir, e repetir de novo, as palavras para que elas fizessem sentido.

— Pode abrir os olhos agora — diz Sunshine.

— Só isso?

— Não, eu quero que guarde o cristal com você até encontrar um lugar onde se sinta segura e preparada para se livrar de toda a morte, dor e infelicidade. Quando fizer isso, quero que você enterre o cristal e tudo vai ficar para trás.

O cristal parece quente em minha mão, e mais leve, de alguma forma. Como eu também, talvez.

— Obrigada, Sunshine.

— Não precisa agradecer. — Ela beija o alto da minha cabeça. — Sua mãe a amava muito, você sabe.

— Eu sei.

Capítulo 13

O baile do ano

O clima esquenta logo depois do Natal, como de hábito. Lembro-me de mais de uma viagem que fiz com a família de Stephanie para esquiar em que só nos restou ficar dentro dos quartos, olhando a chuva lavar a neve. E este ano é igual. Um dia de chuva constante e temperaturas acima de zero é o suficiente para varrer o Natal das calçadas e deixar faixas marrons de gramado. As persistentes luzinhas natalinas começam, então, a parecer fora de lugar.

Passo a maior parte da semana hibernando — ou até onde Stephanie me permite, pelo menos. Quando ela não está me arrastando para passear, ou para procurar um local perfeito para acomodar o sofá ou qualquer outra tarefa sob medida para me manter afastada da caixa que Dominic me deu no Natal, mergulho em livros que sempre quis ler. *A mulher do viajante do tempo*, *Um milhão de pedacinhos*, as obras completas de Malcolm Gladwell.

Dominic volta da casa dos pais com um mau humor visível e constante. Passa a maior parte do tempo longe do apartamento. Diz que fica em seu estúdio, trabalhando nas fotografias de sua próxima exposição. Não o conheço bem o bastante para chamá-lo de mentiroso, mas aposto, pelo cheiro que ele traz para casa, que seu tempo está sendo gasto mais nos balcões dos bares do que dentro da câmara escura. Não dá para culpá-lo. A essa altura ele deveria estar em lua de mel, tomando um drinque gelado numa cadeira de praia, curtindo o sol quente. E quem sou eu para falar alguma coisa? Se achasse que me esconder em uma garrafa consertaria as coisas, estaria fazendo companhia a ele.

"Muito bem, chega dessa merda toda."

Meus olhos se desviam da leitura de *O que se passa na cabeça dos cachorros*. Stephanie está de pé perto de minha cama. Ela veste jeans, um suéter pesado e tem um olhar reprovador no rosto.

— Como você entrou aqui?

— Dominic abriu para mim. — Seus olhos passam da pilha de livros ao meu lado para os pratos que repousam no chão. — Deixo você sozinha por um dia apenas e veja só o que acontece.

— Estou pondo minha leitura em dia.

— Ah-hã.

— Só estou lendo livros que vão me deixar mais inteligente. O que há de errado com isso?

— Nada, se você estiver doente. Você está doente?

Solto uma tosse tímida.

— Eu sinto um resfriado chegando, sim.

— Ah-hã.

— Quer parar de dizer isso?

— Só quando você admitir que está se escondendo.

— Do quê?

Ela se levanta e caminha até a janela, puxando as cortinas diáfanas. A luz solar fria flui através dos vidros manchados de sujeira, atingindo o outro lado da cama.

— Da vida.

— Ah! Que vida?

— A vida que está você está levando.

— Você está falando da minha carreira, que já foi brilhante? Ou está se referindo ao meu ex-namorado?

Ela levanta a mão direita espalmada.

— Chega. Não quero ouvir isso. Estamos atrasadas.

— Para quê?

— Para encontrar a roupa perfeita.

— Não estou gostando do rumo dessa conversa.

— É véspera de Ano-Novo, e você vai comigo festejar. Quer queira ou não.

— Não quero.

— Resposta errada.

— Eu não tenho sequer um vestido.

— Falei alguma coisa sobre fazer compras, não falei?

— Não tenho companhia.

— Nem eu. Vou convidar Kevin. Vamos fazer um *ménage à trois*.

— Você quer dizer só você, seu irmão gay e eu, formando um trio.

— Chame mais alguém, então.

— Mas quem, Sunshine?

— E Dominic?

Afasto as cobertas e me levanto.

— Duvido que ele tope.

— Você duvida que eu tope o quê? — pergunta Dominic, enfiando a cabeça pela porta.

— Nada — eu digo, ao mesmo tempo que Stephanie me atropela —, uma festa de Ano-Novo.

Ele franze a testa.

— Aquela chatice no centro de convenções? Não somos um pouco velhos para isso?

— Sim, é isso mesmo. Estamos velhos demais para isso.

— Bobagem — diz Stephanie. — Eu vou todos os anos.

— Diga a ele quantos anos você tinha quando foi lá pela primeira vez.

Ela ruboriza, talvez se lembrando de quem a levou para casa naquela noite.

— Isso não tem nada a ver. Além disso, a festa é divertida.

Os olhos de Dominic encontram os meus.

— Se você for, eu vou.

Hesito enquanto minha mente vagueia pelas coisas que planejava fazer esta noite. Comer uma lata inteira de Pringles. Assistir a *Sorte no amor* pela milésima vez. Cair no sono às dez da noite, sentindo um enjoo no estômago.

— Então, acho que vamos para a festa, sim.

Stephanie ergue os braços.

— Uhuuu!

Chegamos ao centro de convenções seis horas mais tarde. Está todo iluminado, e uma fila

de táxis e limusines regurgita gente de aparência jovem metida em vestidos em tom pastel e smokings.

— Talvez não tenha sido uma boa ideia — murmura Dominic para mim, olhando para um casalzinho na faixa dos catorze anos de idade.

— O que você disse? — quer saber Stephanie. Ela está bela e vaporosa em um esvoaçante vestido de cetim cor-de-rosa, que lembra o figurino de Marilyn Monroe em *Quanto mais quente melhor*.

— Eu estava me perguntando quando vão nos pedir para mostrar o documento de identidade... — diz Dominic. Seu aspecto é... digamos... arrojado, com terno preto, gravata azul-clara e lenço combinando no bolso.

Estou com o vestido de coquetel preto que comprei hoje à tarde. Custou muito dinheiro, mas eu estava desesperada e as lojas prestes a fechar. Sem mangas, gola alta, faixa verde ao redor da cintura e saia sino plissada, com bolsos costurados na bainha. Fiz um coque no cabelo e passei sombra nos olhos para completar o visual.

— Vamos entrar para não congelar — diz Dominic.

Caminhamos em meio à multidão. O ar está denso, cheirando a loção pós-barba e a perfume que as adolescentes usam para se acharem mais atraentes.

— Será que tem alguém com mais de trinta anos por aqui? — pergunto.

— Sim, *nós* — Stephanie responde.

— Ah, claro.

— Você podia pelo menos *tentar* se divertir.

— Você está certa. Vou me programar para o modo diversão agora mesmo.

As sobrancelhas de Dominic sobem.

— Ai, meu Deus, você não é uma fanática de *Jornada nas Estrelas*, é?

— Não sei do que você está falando.

Stephanie caminha até um adolescente bonito, sentado em uma mesa de carteado próxima ao salão principal. Ela compra os ingressos e retorna com um punhado de fichas de papel amarelo brilhante. Parecem bilhetes de rifa.

— Para que é isso? — pergunto.

— Para as bebidas, é claro.

Dominic se arrepia ao meu lado.

— Acabei de ter o pior déjà-vu de minha vida.

— Mesmo?

— É. Teve a ver com esperar na fila para pegar mais bilhetes, acabando com a nossa festa.

— Ok, agora chega! — Stephanie eleva o tom de voz o suficiente para chamar a atenção das pessoas ao redor. — Estou por aqui com vocês dois. Ninguém teve ideia melhor para hoje à noite, e eu também não obriguei ninguém a vir.

— Bom... — eu digo.

— O quê?

— Eu *fui* obrigada a vir aqui, sim.

Dominic cobre os lábios com as mãos.

— Droga. O que há de errado com vocês dois?

Dominic tosse.

— O que é agora? — Stephanie pergunta.

— Minha noiva me traiu.

Stephanie continua irritada.

— Por que está me contando isso?

— Foi você quem perguntou o que há de errado. Isso está errado, da minha parte.

— Meu namorado me traiu — eu digo, de meu lado.

— Mas não com sua melhor amiga.

— Eu estava *desaparecida*.

— Eu estava a quatro semanas de meu *casamento*.

— Ele me traiu com minha inimiga mortal.

— Ela me traiu em nossa cama.

Faço uma pausa.

— Ok, você ganhou.

— Chega! — Stephanie grita. Ela aponta para Dominic com um dedo ameaçador. — Você! Vá trocar as fichas por bebidas. — Ela, para mim:

— E você vê se arruma uma mesa para a gente sentar.

— E o que você vai fazer? — questiono.

— Eu. Estou. Indo. Ao Banheiro — diz ela com toda a dignidade que consegue juntar. — *Capisce?*

— Sim — respondemos em uníssono.

— Ótimo.

Nós nos dispersamos, cada um com sua missão. No salão, há milhares de pequenas luzes brancas no teto e painéis de tecido em tom pastel cobrem as paredes. Cestas de flores estão penduradas em ganchos por todo o ambiente, liberando um constante aroma de jardim. Há uma série de movimentos de luzes estroboscópicas na beira do palco. Uma banda cover de trinta e poucos anos faz uma boa versão de "Gold Digger", de Kanye West. Grandes mesas redondas cobertas de toalhas brancas e velas preenchem a área entre as paredes e a pista de dança, recheada de gente bonita e de jovens dançantes.

Percorro a borda da sala à procura de uma mesa vaga. Um grupo de garotos desajeitados está encostado na parede, olhando para três meninas de aparentes dezoito anos de idade. As garotas têm uma confiança de abelha-rainha, com seus luminosos cabelos loiros e vestidos um tanto curtos demais. Esses nerds colados na parede não têm a menor chance (e sabem disso), mas não têm como evitar a vã esperança, como no filme *Gatinhas e gatões*, de que alguma das beldades tenha uma queda por um alguém com potencial para inventar o próximo iPod.

Passo um pouco mais perto deles e consigo ouvir seus sussurros com mais clareza.

— Ela olhou para você duas vezes, Ethan — diz um homem-menino alto e magro. O smoking sobra em seu corpo esguio, assim como o colarinho da camisa branca ao redor do pescoço fininho.

— Tem certeza? — certifica-se Ethan, que é mais redondinho do que deveria e está com um sério problema de acne.

— Total. Olha lá, ela olhou de novo.

— Será que ela não parece meio velha?

— Você nunca ouviu falar das coroas papa-anjo? Deixe de ser 404! Vai lá e fala com

ela.

Ethan abandona a parede e caminha em minha direção com um sorriso tímido no rosto. Ele tem a minha altura e seus óculos de lentes grossas ampliam um par de olhos azuis lacrimejantes.

Que droga, eles estavam falando de mim. Quer dizer então que eu sou uma potencial coroa papa-anjo...

— Oi, meu nome é Ethan. Você gostaria de dançar?

— Hum... meu, hum... parceiro foi buscar uma bebida.

Um rubor se alastra por seu rosto.

— Oh, me desculpe.

— Não, está tudo bem.

Eu tento lhe dar um sorriso incentivador, para que não se deixe intimidar por aquilo e continue tentando a sorte com as meninas, mas é uma mensagem complexa demais para se transmitir só com um olhar. Acho que ele entendeu algo como "só volte a abordar uma garota depois de se formar no ensino médio".

— Desculpe incomodar a senhora.

Ele volta constrangido para a parede e para seus amigos. Dominic se junta a mim com uma bebida em cada mão, algo borbulhante e rosa.

— Você detonou aquela pobre criança?

— *Eu* detonei ele? Fui chamada de senhora! E o amiguinho dele se referiu a mim como uma coroa papa-anjo!

— Ai.

— Eu sei. Você pode bater neles ou algo assim?

— Você quer que eu dê uns tapas em um membro daquela horda de nerds?

Eu analiso Dominic.

— Não seria a primeira vez, não é?

— Quem está sendo cruel agora?

— Eu não queria ferir seus sentimentos.

— Por que você não dança com ele?

— Fala sério, Dominic. Eu poderia ser mãe daquele menino.

— É o que eu ia comentar...

Soco o braço dele.

— Ei! Não derrame as bebidas.

Pego um dos copos e experimento a bebida. A receita deve levar uma parte de ponche de frutas e duas partes de uísque de fogo. Queima o fundo da minha garganta e me deixa sem ar.

— Você quer dançar? — Dominic pergunta.

— Não sei.

— Ordens de Stephanie.

— Bem, nesse caso...

Deixamos nossos copos em uma mesa e abrimos caminho por entre a multidão até a pista. A banda termina uma canção do Nickelback. Em seguida, o baterista marca o ritmo e eles emendam uma ótima versão de "Sunday Bloody Sunday".

— Onde está a Steph, afinal? — grito sobre a música.

— Não faço ideia. Você vai dançar ou o quê?

— Assim que você começar.

— Cuidado, querida. — Dominic levanta as mãos acima da cabeça, empurrando-as para o teto, e morde o lábio inferior. Ele gira os quadris de uma forma que parece ao mesmo tempo nerd e sexy.

Começo a rir. Ele abaixa a mão e acena para mim com o indicador. Deslizo na direção dele, deixando a música e a bebida darem conta do recado. Em torno de nós, a garotada pula e pergunta em coro *how long must we sing this song?* O chão está vibrando sob nossos pés.

A energia deles é contagiante. Pulamos e cantamos como eu costumava fazer quando tinha a idade certa para esse tipo de evento. E, como nessa época, sinto-me feliz, jovem e livre. Talvez Stephanie saiba o que está fazendo, afinal de contas.

A canção do U2 termina e a banda faz a transição para "Reflecting Light", de Sam Phillip. A multidão ao nosso redor se reorganiza em casais. Dominic me puxa para ele e desliza as mãos ao redor da minha cintura. Elas transmitem seu calor através do fino tecido de meu vestido.

Quando coloco meus braços ao redor de seu pescoço, é a minha vez de ter um déjà-vu. É o meu baile de formatura, uso um vestido preto e giro lentamente na pista de dança. Naquele dia, era Bobby Jordan quem me segurava, e eu exalava o álcool do Southern Comfort surrupiado do armário de bebidas de minha mãe. Bobby e eu transamos no porão da casa dos pais dele naquela noite, bem mais tarde (que clichê, não é?) e nos separamos três semanas depois.

Eu me afasto um pouco para encarar Dominic.

— Você acha que a Stephanie está tentando nos dar uma lição?

— Como assim?

— Não sei ainda, mas sinto que tem coisa aí.

Ele se inclina em direção ao meu ouvido.

— Acho que ela nos trouxe aqui para esquecer. Não é para isso que serve o Ano-Novo?

— Pensei que era para lembrar. Não é disso que fala a "Auld Lang Syne", com aqueles versos sobre velhos conhecidos e tempos passados?

— Talvez, mas não devia. Devia falar sobre começar do zero. Começar de novo, sabe?

— Você vai me dizer para "imaginar as possibilidades" outra vez?

— Ei, esse foi um bom conselho.

Rodamos em silêncio por um momento, meu queixo apoiado em seu ombro. A banda começa a tocar uma música de Taylor Swift cujo nome nunca consegui guardar.

— Isso parece mesmo o ensino médio, não é? — diz Dominic.

— Só que com álcool.

— Graças a Deus. Isso realmente era a única coisa que faltava naquela época.

Começo a rir.

— Você deve ter sido muito popular na escola.

— Por que você diz isso?

— Porque só alguém popular na escola acharia que a única coisa que faltava era o álcool.

— Você está dizendo que não era popular na escola?

— Está brincando comigo? Segundo as opiniões mais confiáveis, eu estava apenas um grau acima daqueles moleques na parede.

Ele olha para mim.

— Não consigo imaginar.

— Ainda bem.

Ele aperta os braços e me aninha o suficiente para que eu sinta sua loção pós-barba. O calor flui pelo meu corpo — mescla do álcool, da canção bonita e do aconchego de Dominic.

Quando olho para Dominic de novo, ele me fita com uma expressão concentrada. Tudo parece abrandar quando noto sua mão afastando meu cabelo dos olhos. Fazemos uma pausa por um momento e, então, aproximamos nossos rostos. Ele para antes que seus lábios toquem os meus, perto o suficiente para eu sentir sua respiração contra minha boca.

— Você está vibrando.

Minha mente perde o foco.

— O quê?

— Acho que seu celular está tocando.

Apalpo o bolso do vestido. Meu celular está praticamente esperneando. Atendo e o aperto contra o ouvido.

— Alô?

— Emma?

— Craig?

Dominic franze as sobrancelhas, os braços caídos ao longo do corpo. Um calafrio se espalha pelo meu corpo.

— Emma, onde você está? Eu mal consigo ouvi-la.

— Eu estou... é uma longa história. Espere um segundo.

Levanto o dedo para sinalizar a Dominic que volto em seguida e caminho em direção a uma das saídas laterais. No corredor menos barulhento, meus ouvidos zumbem como acontece logo depois que se sai de um concerto de rock. Meu coração bate forte e ainda sinto uma dormência estranha.

— Emma, você está ouvindo?

— Estou, sim. O que você quer, Craig?

— É Ano-Novo.

— O que é que tem?

— É só...

Ele fica em silêncio. Posso ouvir um alarido de vozes, música de câmara e o espoucar de rolhas de champanhe do outro lado da linha. Tenho aquela sensação de déjà-vu de novo, só que, dessa vez, somos Craig e eu dançando e estou bêbada de champanhe.

Oh, não, ele não está... ele não poderia...

— Onde está você, Craig?

Ele suspira pesadamente.

— Poxa, Emma.

Eu agora tenho a confirmação. Ele está na *nossa* festa. A festa de Ano-Novo que

costumávamos frequentar no Turner Hotel, um evento black-tie que serve comidas sofisticadas e champanhe à vontade até o mundo ficar totalmente alterado. À meia-noite, assistíamos à grande bola descer pelo edifício fazendo a contagem regressiva para nosso primeiro beijo do ano.

Dez, nove, oito...

— Quem está com você na festa?

— Emma...

— Adeus, Craig.

— Por favor, não desligue.

— Qual é a sua? Pra que me ligou?

— Eu só... senti saudades.

Não dá para acreditar que ele teve a coragem de me ligar da nossa festa, com Sophie provavelmente esperando por ele na sala ao lado, com os lábios úmidos e beijáveis. Quase consigo sentir o perfume dela pelo telefone.

— Emma? Você ainda está aí?

— Não. — Desligo o telefone com a mão trêmula.

Puta que pariu!

Chuto a parede para me arrepender logo em seguida. Sapatos de saltos altos e bico fino não são apropriados para você despejar sua raiva no concreto armado.

Há um barulho de portas se abrindo atrás de mim. É Dominic, com o rosto tomado por um semblante que não consigo decifrar. Resignado, talvez.

— Desculpe por isso. Não sei por que ele telefonou.

— Esse cara com certeza tem senso de timing.

— Eu sinto muito.

— Não importa. — Ele enfia as mãos nos bolsos. — Stephanie está procurando por você.

Eu examino seu rosto, tentando descobrir o que ele quer que eu diga, o que eu quero dizer. Tudo o que me ocorre é que talvez nenhum de nós estivesse pronto para o que estávamos prestes a fazer lá dentro, na pista de dança.

E é essa incerteza que me faz responder:

— É melhor voltar para lá.

Capítulo 14

De volta à arena

Na manhã da segunda-feira após o Ano-Novo, eu me questiono por que desejo ter a minha vida antiga de volta.

Chego ao escritório às oito horas em ponto. Sob o meu novo casaco preto de lã, comprido até a altura dos joelhos, visto camisa branca, tailleur azul-marinho com saia plissada e um par de botas de couro pretas de cano alto.

As portas do elevador se abrem e eu entro no saguão. As recepcionistas quase gêmeas viraram a página do Natal — não há vestígio de árvore, luzes ou enfeites. Estamos no dia 3 de janeiro, hora de voltar aos negócios.

Pergunto se sabem onde fica o meu novo escritório. Não sabem, mas me avisam que Matt quer me ver. Com um frio na barriga, penduro o casaco em um dos cabides de madeira no armário dos visitantes. Na última vez em que pendurei um casaco ali, eu era uma estudante do segundo ano de direito em busca de um emprego durante o verão. Senti-me tão nervosa e deslocada como naquele dia distante.

Retribuo às recepcionistas um sorriso brilhante (e falso) e caminho até o escritório de Matt. Quase ninguém chegou ainda. O ar cheira vagamente a produtos de limpeza, e ouço até o fraco zumbido do sistema de filtragem de ar, um ruído curiosamente tranquilizante. O sistema é desligado às oito da noite; a ausência de seu ruído sempre me avisava de que estava trabalhando mais do que devia.

Passo por meu antigo escritório. Sophie já está lá, sentada com os ombros retos e de costas para o corredor, digitando algo com precisão meticulosa. O ajuste perfeito de seu blazer preto me frustra, como se eu estivesse vestindo uma roupa do ano passado. Ela leva sua mão bem cuidada para a xícara de café. Fico longe da parede de vidro e fora de sua vista. Quanto mais tempo puder evitá-la, melhor.

Matt está sentado diante de sua mesa, com as mangas da camisa dobradas até os cotovelos e afundado em uma pilha de documentos aparentemente tediosos. O sol de inverno aparece em toda a cidade por atrás dele, com os raios refletidos no vidro dos prédios altos.

Bato na porta com suavidade. Ele olha para cima e me dá um sorriso acolhedor.

— Aí está você, Emma.

— Aqui estou.

— Entre, entre.

Sento-me na cadeira de couro preto reservada aos visitantes, na minha opinião um pouco baixa demais. Sempre que me acomodo ali, sinto que tenho dez anos de idade.

— Totalmente descansada e pronta para voltar ao trabalho?

— Absolutamente.

— Ótimo. Eu mandei colocar alguns arquivos em seu escritório, coisas muito simples, mas todo mundo tem de começar por algum lugar. — O rosto de Matt se contorce em uma expressão irônica que logo se desmancha. — Desculpe, eu não quis dizer...

Quase começo a rir. Nunca tinha visto Matt tão embaraçado.

— Esqueça isso. Eu *estou* começando de novo. Não há necessidade de fingir o contrário.

— É assim que se fala, garota.

— Onde vou trabalhar?

— Bem... você entende que eu não poderia pedir para Sophie se mudar.

— Não se preocupe, Matt. Eu entendo. Vou ficar bem em qualquer lugar.

E talvez, apenas talvez, eu acabe descobrindo uma maneira de fazer Sophie pagar por tudo. Pelo meu escritório, pelos meus clientes, por Craig.

— Achei que você estaria melhor no escritório vizinho ao meu.

Meu coração salta uma batida.

— Vou trabalhar no Ejetor?

Ninguém ocupa o escritório vizinho ao de Matt por mais de três meses. Estar ali é como sentar na cabine de um jato, com o botão vermelho do assento ejetor sempre pronto para ser acionado, daí o apelido daquela sala.

Ele sorri.

— O pessoal ainda chama a sala com esse nome?

Tento não demonstrar pânico.

— Pelo menos até a última vez que eu soube...

— Então, cabe a você rebatizar a sala.

— Claro. Vou chamá-la de "Fênix", quem sabe. — O telefone toca e eu me levanto para sair. — Bem, estou indo para lá.

Ele pega o telefone.

— Passo lá mais tarde para conferir as coisas.

Parece bom, certo? Só que nunca precisei que conferissem minhas coisas antes.

Deixo o escritório de Matt, viro à esquerda e sigo para o Ejetor. Minha velha mesa, feita de teca e machucada no canto esquerdo (bem onde martelei furiosa com meu grampeador anos atrás, depois de uma defesa particularmente ruim), está perto da janela. Minha cadeira de couro marrom-escuro descansa ao lado. Ao longo da parede à direita da porta, vejo a *chaise-longue* revestida de chenille cinza, ótima para uma soneca. Meu diploma da faculdade e uma foto tirada com Matt no dia em que me tornei membro da Ordem dos Advogados estão pendurados logo acima. Um novo BlackBerry brilha em uma caixa no centro da minha mesa. E há até um alto pé de ficus no canto.

Ao contrário de Pedro, a TPC não jogou minhas coisas no lixo ante o rumor de meu desaparecimento. Alguém — provavelmente Matt, via Nathalie — guardou tudo, à minha espera. E é provável que a mesma dupla tenha resgatado tudo a tempo de fazer com que eu me sentisse bem-vinda. Mas, mesmo que minha sala passasse pelo *Extreme Makeover: Reconstrução Total*, nada mudaria o fato de que estou recomeçando minha carreira aos trinta e quatro anos e nove meses, em uma sala de vinte metros quadrados.

Bem, é o que temos.

Há uma bem-arrumada pilha de pastas da cor bege contendo processos, bem em frente a um imenso iMac prateado. Abro a primeira pasta. É um caso envolvendo uma seguradora. Algo corriqueiro. O sr. Smith comprou uma máquina de lavar roupa há dois anos. Ele a deixou funcionando enquanto saía para jantar e, quando voltou, encontrou seu apartamento alagado. A companhia de seguros pagou dezenas de milhares de dólares para

ressarcir o sr. Smith, mas agora processa o fabricante da máquina de lavar para cobrir o prejuízo. Que tédio.

Dou uma olhada na pilha. Todos os casos seguem mais ou menos esse padrão. Aparentemente há uma epidemia de máquinas de lavar roupa com defeito. Fantástico.

— E.W.! É ótimo ver você de volta!

Giro minha cadeira rumo à porta. A Brigada das Iniciais está toda ali, com sorrisos brilhantes em seus rostos formais: I. William Stone, J. Perry Irving e K. R. Monty são três associados com pouco mais de trinta anos, que parecem sempre grudados um no outro. Não sei como um deles descobriu que meu nome do meio é Wendy, e desde então o trio só me chama de "E.W.". Eles devem comprar suas roupas nas promoções do tipo "leve três e pague dois", pois os ternos risca de giz deles parecem iguaizinhos.

— Como vão vocês, rapazes?

— Tudo na mesma, tudo na mesma — I. William responde com seu sotaque costeiro. Seu cabelo castanho-claro é repartido da direita para o centro, o que o torna parecido com um vendedor de anúncios do início dos anos 1960.

— Então, acomodaram você no Ejetor — diz Monty. Ele tem olhos azuis claros e cabelo castanho.

— E você continua falando obviedades, Monty?

J.P. gargalha e dá um tapa forte nas costas de Monty. Ele é uma cabeça mais alto do que os colegas e parece não ter noção da própria força. Gosta de afirmar sua individualidade, vestindo suspensórios. Hoje, de cor vermelho brilhante.

— Claro que sim. Nada por aqui muda.

Tento não suspirar.

— Parece que algumas coisas, sim.

I. William demonstra solidariedade.

— Eu disse a Craig para ficar longe daquela vadia perigosa.

— Cuidado, cara, Matt pode ouvir. — Os olhos de Monty se agitam nervosamente.

J.P. abaixa o tom.

— Se precisar de nossa ajuda em qualquer coisa *nesse departamento*, é só avisar.

— Obrigada, J.P., fico comovida.

— Não se preocupe. Estamos programando um happy hour. Você receberá um e-mail com os detalhes mais tarde.

— Parece ótimo.

I. William olha para as pastas atrás de mim.

— Divirta-se sofrendo com essa pilha de lixo.

Eu me despeço deles com um aceno conforme eles se afastam rumo à próxima parada da turnê matinal. Sei que estarão de volta depois do almoço. Já estou até meio ansiosa por isso. Nenhum deles trabalha o volume de horas que deveria, mas o trio compensa isso oferecendo um valioso entretenimento para todos.

Começo a escrever um modelo de ação que atenda a toda essa pilha de casos. Um assistente pode tratar dos detalhes específicos de cada caso. Quanto mais cedo eu acabar isso, mais cedo poderei assumir coisas mais importantes, como o processo há muito tempo adiado contra o Pedro.

Por falar nisso, cadê meu assistente? Ou, melhor, quem é ele?

Caminho ao longo da divisória de cor creme que separa o Ejetor das mesas das secretárias. Tudo o que consigo ver são duas pernas longas e artificialmente bronzeadas, que terminam em um par de altíssimas sandálias de tiras. As unhas da dona daquelas pernas têm esmalte vermelho-vivo.

Sinto uma pequena explosão de gratidão ao olhar para o lado de lá da divisória e encontrar Jenny, mascando chiclete e olhando sem interesse para a tela do computador. Ela está trocando mensagens com alguém chamado PLAYR. Nunca entendi como ela consegue ser tão competente no serviço e, ao mesmo tempo, manter três conversas nas redes sociais. Deve ser um dom geracional.

— Oi, Jenny.

O azul-bebê de seus olhos à deriva se volta para mim.

— Oi, Emma!

— O que você está fazendo aqui?

Ela me dá um abraço.

— Nós vamos trabalhar juntas de novo! Eu *insisti*.

— Ei, isso é ótimo. — Dou vários tapinhas nas costas dela, antes de ela me soltar.

— Precisa que eu faça alguma coisa para você?

— Estou redigindo algumas ações. Mais tarde, vou precisar que você dê prosseguimento para mim, tá?

Ela mastiga o chiclete.

— É claro. — Seu computador emite um som. PLAYR quer saber o que ela vai fazer hoje à noite. Jenny está claramente a fim de marcar um encontro com PLAYR. — Mas você não acha melhor pegar leve nesse seu primeiro dia?

— Não sei se tenho essa opção.

— Entendi.

Fecho minha porta e sento-me à mesa. Olho pela janela para a paisagem urbana, sentindo pena de mim.

Pilha de lixo. Ejetor. O olhar compassivo de Matt. Tudo o que preciso para completar esse dia de cão, agora, é enfrentar Sophie e ouvir Craig dizer mais uma vez que sente minha falta. E é claro que, agora que penso nisso, concluo que provavelmente é o que está mesmo para acontecer.

Na falta de uma voz amiga, ligo para Stephanie. Ela combina de passar no meu apartamento depois do trabalho. Tranquilizada pela normalidade de nossa conversa, volto para as minhas pastas. Ao meio-dia, peço que Jenny me traga um sanduíche. Não quero enfrentar os olhares curiosos no refeitório. Fiel ao combinado, Matt vem conferir meus progressos várias vezes, e a cada uma traz um monte de novas pastas, dizendo: "Achei que talvez você pudesse me ajudar com isso" [tarefas chatíssimas, como organizar apresentações ou resumir depoimentos], ou "Você não se importa de pesquisar sobre..." [algo que normalmente teria sido delegado a um aluno do primeiro ano da faculdade]. No final da tarde, meu escritório está repleto de caixas com pastas, trabalho suficiente para me manter ocupada por meses.

É por isso que ninguém sobrevive ao Ejetor. Todo mundo desmorona sob o estresse das expectativas irracionais. A ideia de passar um ano inteiro, talvez mais, lidando com esse tipo de lixo me estimula a navegar na internet em busca de informações sobre cursos

de pós-graduação.

Bem quando estou pensando em me ajeitar para ir embora, ouço uma batida suave na porta. Giro minha cadeira com trepidação. Craig está de pé na soleira, com um terno de três peças e um olhar tímido no rosto.

— Oi. Posso entrar?

Todos os ossos do meu corpo gritam *não, não e não*! Mas uma pequena parte de meu cérebro (provavelmente a mesma parte que concordou em voltar a trabalhar nessas condições ridículas) está curiosa para saber o que ele tem a dizer.

— Sim, tudo bem.

Ele fecha a porta e se acomoda na *chaise-longue*, afastando uma pasta grossa para o lado.

— Como foi seu dia?

— Tudo bem.

Ele olha as caixas transbordando pelo chão.

— Matt já lhe deu o que fazer, né?

— Algumas coisas. Casos com seguradoras.

— Acho que é de esperar. — Ele observa a decoração da sala. — Sabe, fizeram um bom trabalho aqui.

— É. Acho que sim.

— Mas não acho isso certo, colocar você no Ejetor.

— Posso superar isso.

Ele conhece o meu olhar.

— Sei que você pode. Mas, ainda assim, não é certo.

Eu olho para longe.

— Não é grande coisa.

— Você vai ao happy hour que a Brigada das Iniciais está organizando?

— Não tenho certeza. Pensei em ir mais cedo para casa.

— Sério? Você? Saindo cedo?

— É isso que eu estou tentando fazer.

Ele sorri.

— Depois me diz como é que se consegue fazer isso.

— Claro.

Ele se inclina para a frente, as mãos sobre as coxas.

— Emma...

Ah, não, não vem com essa, cara. Você perdeu o direito de dizer "Emma" nesse tom quando começou a acreditar que eu estava morta só porque foi o que Sophie disse.

— Sério, Craig? É isso que você vai fazer agora?

— O que você quer dizer?

— Começar essa conversa fiada de colegas que não se veem há algum tempo? Como se eu só estivesse em um longo período de férias?

— Sinto muito. Achei que poderia ser mais fácil se... Quero dizer, não sei do que pode adiantar trazer toda essa história à tona.

Chegamos ao fim da conversa. Ou, mais uma vez, à possibilidade de eu ser presa por tentativa de homicídio. A essa altura, não faz diferença.

— Não, você não quer revirar essa história, não é?

— Você não acha que seria melhor se começássemos de novo? Como amigos?

Algum dia, em algum lugar, alguém ainda vai explicar aos homens que esta é sempre a coisa errada a ser dita.

— Imagine as possibilidades — murmuro.

— O quê?

— Nada. Apenas algo que Dominic me disse.

— Quem é Dominic?

— Um amigo. Ninguém.

Seu rosto fica nublado.

— É o cara que mora no seu apartamento?

— Isso tem importância para você?

— Não diga isso. Eu ainda me preocupo com você. Muito.

— É? Bem, então pare de se preocupar, está bem?

— Emma, por favor...

— Não, que fique claro, Craig. Eu realmente não consigo lidar com isso agora.

Ele suspira.

— Tudo bem. Se é assim que você quer...

Ele permanece ali e não faz menção de sair. Em vez disso, olha para mim como muitas pessoas têm feito nas últimas semanas. Como se eu precisasse ser salva.

E eu estou farta desse olhar, desse compassivo gesto de "coitada da Emma".

Sigo até a porta e a escancaro com força, quase deslocando meu ombro. Duas estagiárias estão lá fora, sussurrando. Seus rostos frescos, quase juvenis, estão curiosos.

— Se vocês não querem ser as próximas a acabar aqui dentro, sugiro que caiam fora.

Com pânico nos olhos, elas mal conseguem se afastar com velocidade.

Volto para Craig.

— Você pode tomar o mesmo rumo assim que quiser.

Craig apoia a mão em meu ombro.

— Estou feliz por você ter voltado.

— O que está acontecendo aqui? — Sophie aparece de repente.

Craig deixa cair sua mão conforme nos voltamos para ela. Sophie está de pé em frente à minha porta, passada. E, de um modo esquisito, vê-la faz meu dia parecer completo.

Embora visivelmente furiosa, ela se controla.

— Não é nada — diz Craig, em tom conciliador.

Seus lábios ficam ainda mais finos.

— Uma pequena reunião, não é?

— Sophie, nós já conversamos sobre isso.

Os olhos dela se estreitam e soltam farpas. Quase dá para ouvi-la contar até dez mentalmente.

— Eu só vim até aqui dar boas-vindas para a Emma — diz ela, com os dentes cerrados.

Interessante. Sophie está com ciúmes. Ciúmes de mim. Isso é quase engraçado.

— Obrigada, Sophie — digo no tom mais neutro que consigo. Não é preciso alimentar seu ciúme, mesmo que seja por uma satisfação mesquinha. Além disso, não vai ajudar em

nada a obter alguma vantagem aqui no Ejetor e em tudo mais.

— Craig, posso falar com você no meu escritório? — vocifera Sophie.

As pontas das orelhas dele ficam rosadas, como sempre acontece quando ele se sente constrangido. Craig não gosta de cenas, especialmente em público. Mas fez sua escolha. Então, boa sorte para ele.

— Claro. Vejo você mais tarde, Emma.

Eles saem. Sento-me na cadeira e a giro lentamente para a janela. O sol se pôs e as luzes da cidade brilham como o reflexo da minha lâmpada sobre a mesa. É bonito, mas meu cérebro está zunindo rápido demais para apreciar a paisagem.

Estou de volta à arena e tudo vai bem.

Capítulo 15

Uma boa ideia

Não sei o que me impulsiona para o happy hour da Brigada das Iniciais — normalmente evito esses programas. Tudo o que sei é que saio do escritório com a intenção de ir direto para casa, mas acabo no barzinho da moda, a dois quarteirões de distância. Lá, a metade dos advogados associados estava reunida, disposta a vencer uma batalha contra várias garrafas de vodca.

Craig chega sozinho cerca de quinze minutos depois. Ele mantém distância, misturando-se com o pessoal do departamento corporativo, enquanto eu tento me concentrar nas histórias — que todos acham muito engraçadas — contadas bem alto por I. William. Quando olho para o outro lado, acho que flagro Craig me observando. Ele desvia o olhar antes que eu possa ter certeza, mas noto nele um ar triste e melancólico.

Parte de mim quer atravessar aquele bar e jogar meu copo na cara dele, mas isso seria apenas desperdício de bebida. Além disso, nunca fui adepta dos grandes gestos dramáticos na minha vida pessoal. Prefiro deixar o drama para o tribunal.

Quando I.B. começa a sugerir que troquemos de bar, decido ir para casa. Só penso em cair na cama e enterrar minha cabeça nas cobertas. Quando chego e tiro meu casaco ao passar pela porta de entrada, ouço o som de vozes.

— Olá?

— A gente está aqui — responde Dominic da cozinha.

A gente? Ah, claro. Convidei Stephanie para jantar. Às oito. Consulto meu relógio. São oito e meia. Droga.

— Chego aí em um segundo.

Vou para meu quarto e ponho roupas confortáveis (legging preta e agasalho com capuz verde brilhante, que comprei na seção de adolescentes, apesar das advertências de Dominic), ideais para usar escondida na cama. Ajeito meu cabelo para trás em um rabo de cavalo, passo um pouco de protetor labial e vou para a cozinha.

Stephanie está empoleirada no balcão ao lado do fogão, vestida com um macacão de aviador preto, com zíper prateado. Ela usa sombra brilhante nos olhos e suas bochechas estão coradas como acontece quando ela fala com entusiasmo sobre algum assunto. Dominic está meio inclinado para dentro da geladeira, com jeans e o suéter velho que eu mesma usei alguns dias antes. Vejo um disco de massa de pizza sobre o balcão, coberto de molho de tomate e algumas linguiças picadas.

— Sim, totalmente — diz Stephanie, as pernas balançando para fora do balcão. — Ela sempre faz isso.

— E você sabe por quê? — diz Dominic.

— Eu sempre faço o quê? — interrompo.

Stephanie volta-se para mim com um sorriso largo.

— Você sempre chega de fininho por trás de quem está dissecando sua personalidade.

— Eu não cheguei de fininho. Gritei "olá" e tudo mais.

Dominic se inclina sobre a pizza, distribuindo pedaços de mussarela fresca.

— Nós não estávamos falando de você.

— Boa tentativa, Dominic, mas Stephanie sempre diz a verdade absoluta.

— É verdade. Eu não sei mentir.

— Puxa... isso é triste.

— Eu diria que é irritante. Que aspecto da minha personalidade cintilante vocês estavam dissecando, afinal?

— Sua quase infalível pontualidade — diz Stephanie.

— Onde você estava, afinal?

— A Brigada das Iniciais organizou um happy hour. Perdi a noção do tempo. Desculpem.

— Brigada das Iniciais? — Dominic pergunta.

— São uns caras do trabalho.

— Sei. — Ele acrescenta círculos de pimentão verde sobre o queijo.

— É só um bando de cretinos — diz Stephanie.

— Eles não são tão ruins assim...

— Eles têm problemas de personalidade. O que, aliás, me deu uma ideia.

Balanço a cabeça.

— Lá vamos nós.

Dominic me olha.

— Vamos nós o quê?

— Stephanie ganha a vida tendo ideias.

— Isso não parece um trabalho de verdade.

— E não é — responde Stephanie. — Mas a grana é fabulosa.

Nós rimos, mas é verdade. Stephanie fez uma pequena fortuna bolando ideias para uma empresa de tecnologia com logotipo frutado, para um estúdio de televisão e para mais de um autor de best-sellers com bloqueio criativo. É claro que nem todas as ideias que garimpa são vendidas, há algumas que ela guarda para si. Steph é criativa, mas péssima nos negócios. Na última vez em que verifiquei suas finanças, ela tinha perdido todo o dinheiro em um arriscado investimento em uma microcervejaria.

— Qual é sua ideia?

— Reservar encontros.

— Como é isso?

Ela esconde as mãos embaixo das coxas. Estou pensando em adaptar o software que criei para um serviço de casamentos arranjados. Além de fazer o teste de personalidade e combinar os casais, o programa já faria a reserva dos locais ideais e das datas para os encontros.

Dominic lança um olhar penetrante.

— Serviço de quê?

— De casamentos arranjados.

— Isso existe? Para pessoas normais?

— Sim.

— Isso é loucura. Ele desliza a pizza para dentro do forno e ajusta o timer para trinta minutos.

— Mas o que isso tem a ver com a Brigada das Iniciais? — eu pergunto.

— Ah, eu só estava pensando que eles são como aqueles caras das comédias românticas, sabe? Aqueles que namoram a heroína no começo da história, mas nunca terminam com ela.

— A forma como seu cérebro funciona às vezes me assusta. — Um pensamento pipoca na minha cabeça. — Ei, vamos fazer um teste de personalidade com o Dominic.

— Sim, isso seria divertido.

Tudo em Dominic parece dizer não, de jeito nenhum.

— Podem esquecer.

Ponho minha mão em seu ombro.

— Ah, vamos lá. Você não quer saber qual o tipo de mulher que deve procurar?

— Ou reservar? — Stephanie acrescenta.

O celular de Dominic começa a vibrar com insistência em cima do balcão.

— Salvo pelo gongo. — Ele cola o telefone ao ouvido.

— Alívio momentâneo — eu aviso.

— Alô?

Uma indistinta voz alta diz algo do outro lado e o rosto de Dominic se contorce de dor, como se tivesse levado um soco no estômago.

— Não. (Pausa.) Eu disse que não. (Pausa.) Porque eu não quero ouvir você.

Ele desliga o telefone e quase o esmaga no balcão. Sua mão esquerda treme e há uma veia pulsante em sua têmpora.

— O que foi?

Em vez de me responder, ele lança a mão direita em um soco que explode no armário da cozinha. *Bam!*

Ele estremece de dor e o sangue brota de seus dedos.

— Mas que cara de pau!

Dominic vai até a pia e coloca a mão debaixo da torneira de água fria. Vou atrás dele para ver como está o machucado. O sangue flui livremente e o fundo da pia ganha uma coloração rosada.

— Deixa eu dar uma olhada?

— Não — opina Stephanie. — Acho que ele quer sentir cada segundo dessa dor.

Os lábios de Dominic se contorcem.

— Ela só diz a verdade, e é perspicaz. Que combinação.

— Você não tem ideia. — Pego um pano de prato e fecho a torneira.

— Me dê a mão. — Envolvo a mão ferida no pano. — Sente-se e mantenha o pano apertado. Já volto.

— Depressa, enfermeira Emma — Stephanie diz às minhas costas. — Acho que o paciente vai desmaiar.

Dou uma risadinha enquanto corro para o meu quarto. Apalpo debaixo da cama e alcanço minha mala. Em um dos bolsos com zíper minha mão encontra o que eu procuro: o kit de primeiros socorros que comprei para levar para a África. Está cheio de chumaços de algodão e ataduras — os únicos itens de primeiros socorros de que eu *não* precisei.

Quando volto para a cozinha, Dominic está sentado diante da mesa, bastante pálido. Com a garrafa na mão, Stephanie serve uma dose de uísque para ele.

Puxo uma cadeira na frente dele.

— Você não vai desmaiar, né?

Ele faz uma careta.

— Acho que não.

Stephanie põe o copo sobre a mesa.

— Tá aqui o seu remédio.

— Obrigado. — Dominic toma tudo de um gole só. Estremece e coloca o copo em cima da mesa. — Vamos logo com isso, mocinha.

— Você pode ser um pouquinho legal comigo e ajudar a fazer o que preciso fazer?

— Talvez.

Ele estende a mão e eu tiro o pano do machucado. Os cortes não sangram mais, mas o ferimento vermelho parece feio. Abro o kit de primeiros socorros e tiro um pacote de toalhinhas antissépticas. Rasgo o pacote e seguro a mão dele. Ela está fria e úmida, a pele enrugada de umidade. Seus olhos verdes me observam com atenção.

— Isso pode doer um pouco.

Tento limpar a parte superior de seus dedos. Ele tem espasmos de dor e prende a respiração. Pega o copo com a mão livre e chacoalha no ar.

— Mais uma dose de remédio, por favor.

Stephanie ri.

— É para já.

Ela despeja uma dose bem generosa, que ele suga do copo em dois goles.

— É disso que eu precisava.

— Pronto?

Nossos olhos se encontram. Seu olhar parece um pouco amolecido.

— Pronto.

Limpo o resto do sangue de seus dedos. Quando termino, ele olha com nojo para sua mão vermelha e raivosa.

— Alguém pode me dizer como eu vou segurar a minha câmera agora?

— Tenho certeza de que sua mão vai estar melhor em alguns dias.

— Isso não me ajuda muito.

— O que você quer dizer?

— Estou indo para a Irlanda amanhã, para a última sessão de fotos antes da minha exposição.

— Você vai viajar?

— Eu não disse para você?

Pego o rolo de atadura branca e inicio o curativo com a delicadeza de um bêbado.

— Não, você não disse.

— Desculpe.

— Não foi nada. — Pego sua mão na minha e começo a enrolar a bandagem com cuidado. — Era a Emily no telefone?

Ele confirmou com a cabeça.

— O que ela queria?

— Enfiar a faca um pouco mais fundo.

O tom de sua voz me faz baixar os olhos. Concentro-me em cuidar do ferimento,

tentando ser o mais suave possível. Quando sua mão se aquece na minha, consigo sentir a tensão escorrer lentamente para fora dele, e os dedos ganharem flexibilidade. Quando o curativo acaba, prendo a ponta com o esparadrapo do kit.

A coisa toda é estranhamente íntima. Quando encaro Dominic, seu olhar já está diferente, mais parecido com o daquele momento em que dançávamos no Ano-Novo antes de sermos interrompidos pelo timing perfeito da ligação de Craig.

Sinto o calor aumentar no meu rosto.

— Tudo bem agora?

Ele flexiona os dedos, mas sem retirar sua mão da minha.

— Melhor impossível.

Dou um tapinha gentil em sua mão, antes de me soltar.

— É bom manter a mão elevada um pouco, para não sangrar de novo.

— Obrigado.

— De nada.

Eu me levanto e percebo Stephanie me olhando, pensativa. Preciso admitir: eu tinha me esquecido que ela estava ali.

— Eu já vou indo — anuncia Steph.

— O quê? Não. Nós vamos jantar.

— Podemos fazer isso a qualquer hora. Você agora tem um paciente para cuidar. Boa noite, Dominic.

— Boa noite — ele responde, ainda me olhando de um jeito caloroso.

Tiro os olhos dele e acompanho Stephanie até a porta da frente.

— Só amigos, né? — ela murmura.

— Cala a boca.

Stephanie desliza para dentro de seu casaco uns números maior.

— Como é que foi o resto do dia?

— Craig veio falar comigo.

— E o que ele quer?

— Quem se importa? A Sophie pode ficar com ele.

— Isso mesmo. Eu ligo amanhã.

— Você não precisa ir embora.

— É o que veremos. — Ela ajeita o chapéu felpudo na cabeça. — Me liga para contar os detalhes.

Antes que eu possa perguntar o que ela quer dizer, Steph abre a porta e mergulha na noite escura. Ondas de ar frio me atingem. Meus dentes batem enquanto a vejo descer a escada da frente. Quando ela atinge a rua em segurança, fecho a porta e tranco à chave.

Sinto a presença de Dominic atrás de mim um instante antes de ele pousar suas mãos em meus ombros. Sinto-as mais pesadas do que as de Craig. De alguma forma, são mais substanciais.

— Emma — sussura ele, com um pedido na voz.

Eu sei o que ele está pedindo e, apesar do frio do saguão, sinto meu corpo responder. O calor se espalha a partir do ponto onde o polegar dele roça meu pescoço.

Dominic dá um passo adiante, enlaçando minha cintura. Sinto a bandagem no trecho de pele nua entre o cós da legging e a bainha do agasalho. Fecho os olhos e me inclino

contra ele. Seus braços escorregam em volta de mim enquanto ele descansa a cabeça no meu ombro. Ele encosta os lábios no meu pescoço e sua respiração substitui a carícia de seu polegar.

E, Deus, *como é bom* poder se apoiar em um homem, sentir-se querida, presente, estar no centro dos pensamentos dele. Não importa que o motivo seja a mera solidão, uma perda dolorosa ou a mão esmagada contra um armário duro. Eu não me importo, não me importo. Não me importo mesmo.

Ele me beija o pescoço, a língua insinuando-se na pele. Eu me viro e a boca de Dominic está lá, prestes a encontrar a minha. Ela é mais suave do que eu imaginava e seus beijos também são macios. Sua boca tem gosto de uísque e parece familiar, como um lugar onde já estive antes. Cruzo os braços ao redor de seu pescoço e o aperto contra mim. Percebo o perfume de babosa de seu xampu misturado com o cheiro de condimentos e do antisséptico. Um aroma limpo e perigoso.

Nós nos beijamos sem parar, e eu me deleito com o gosto de sua boca, sua língua, seus dentes. Minha boca é absorvida, meus lábios ganham forma e minha respiração desaparece.

Dominic me aperta. Sua boca viaja entre meu queixo e meu pescoço. Quero lábios, língua, dentes, em cada parte da minha pele. Quero sentir cada centímetro da pele dele contra a minha. Sou um grande pulso; meu coração, um grande baque.

Ele toca a minha orelha com a boca. Sinto o hálito quente. Subitamente me agarro com mais força, temendo que ele diga algo que quebre o feitiço ridículo que lançamos sobre nós mesmos.

— Shh — sussurro contra seu pescoço, tapando a boca dele com um dedo para conter quaisquer palavras com potencial de estragar tudo. E como este momento é perfeito, como Dominic é perfeito neste momento. Em vez de falar, ele colhe meus dedos com os lábios. Deixo escapar um gemido, que ele engole ao grudar sua boca na minha. Nós nos beijamos e beijamos e beijamos, até que minhas pernas começam a tremer. Suas mãos invadem a minha blusa, deslizando para cima e para baixo em minhas costas, fazendo uma pressão delicada.

Dominic me ergue do chão como se eu não tivesse peso. Abro os olhos e o encaro. Seus olhos são escuros, a pele está corada. Seguro seu rosto com as mãos e beijo sua boca enquanto ele me leva para o quarto.

Nenhum de nós diz nada.

Capítulo 16

Uma resposta inválida

Acordo às sete, nua e sozinha, ao som de um caminhão de mudanças.

Meu primeiro pensamento é que devo estar sonhando. Mas sinto o espaço ao lado na cama vazio e frio, e até mesmo meu cérebro confuso pela manhã sabe que, se isto é um sonho, deveria haver um homem deitado aqui ao meu lado.

Concentro-me, tentando distinguir sons de um escovar de dentes ou do café em preparação, mas não escuto nada. Dominic se foi e eu fiquei sozinha.

Ainda que não devesse estar surpresa — ele disse que viajaria para a Irlanda nesta manhã, não disse? —, isso nunca aconteceu comigo antes. Nunca dormi com um homem que não estivesse presente na manhã seguinte, depois de nossa primeira noite juntos. E vou dizer uma coisa: se nunca passou por essa situação, acredite, ela é mesmo muito ruim, exatamente como as pessoas imaginam.

E não ajuda nada o fato de a noite passada ter sido incrível, de uma maneira que, geralmente, a primeira vez com um novo parceiro nunca é. Não houve o constrangimento habitual de blusas enganchadas na cabeça ou de cabelos puxados sem querer. Foi tudo um fluxo contínuo de mãos e pele, lábios e línguas.

As coisas que Dominic fez com a língua...

Viro-me em direção ao travesseiro dele, meio que esperando encontrar um bilhete, ou pelo menos alguma coisa que confirme que não foi só um sonho, mas não acho nada. O tecido da fronha está todo esticado, sem trair qualquer evidência de que Dominic pousou a cabeça ali.

Meu corpo carrega a prova, no entanto.

Talvez eu devesse pensar em outra coisa.

Enrolo meu corpo no lençol e coloco um pé hesitante no chão. Ele range sob meu peso e eu paro, congelada, enquanto o ruído ecoa pela sala.

Por que estou sendo cautelosa no meu apartamento, como se houvesse alguém doente dormindo na sala, em um sofá-cama? Não há ninguém aqui, Emma. Ele se foi.

Levanto-me e caminho até a porta, arrastando o lençol atrás de mim como o vagão de um trem. Do outro lado do corredor, vejo que a porta de Dominic está entreaberta. Pequenas partículas de poeira flutuam em um raio de sol, como se tivessem se passado dias, semanas, desde que ele foi embora, e não apenas algumas horas ou talvez poucos minutos.

Atravesso o corredor. A cama dele está arrumada de maneira impecável, como se faz nos hospitais, e há um cobertor com o logotipo da Marinha dobrado com cuidado em cima dela. Também não há desordem na cômoda, que está como na noite em que voltei para casa. As caixas dele estão empilhadas perto da janela. Mais uma vez, não vejo nenhum bilhete.

Finalmente encontro algo na cozinha, apoiado entre o saleiro e o pimenteiro. Apanho-o e me sento, ajeitando o lençol sobre o meu corpo. Fico olhando para meu nome no pedaço de papel dobrado, tentando decifrar se o bilhete vai me deixar mais raivosa ou se

vai me acalmar. Mas as letras maiúsculas escritas com caneta esferográfica azul não dão nenhuma pista.

Abro o papel.

Emma, desculpe por ter ido embora desse jeito, mas eu tinha um voo bem cedinho. Ligo assim que chegar. Dominic.

Não sei o que estava esperando, mas essas simples palavras não aliviam a sensação de dor que sinto no meu peito.

Deixo o bilhete na mesa e vou para a máquina de café. Há uma pizza meio comida ali perto, o queijo endurecido sobre a massa esbranquiçada. Jogo no lixo. A tampa giratória do cesto balança para a frente e para trás, rangendo, até parar no lugar certo.

Ontem à noite, depois do sexo, enquanto recuperávamos o fôlego em silêncio, Dominic lembrou-se da pizza no forno e saiu nu, escorregando pelo chão, para resgatá-la. Vesti a camiseta e a cueca boxer dele e o segui. Comemos a pizza ligeiramente queimada com sorrisos bobos nos rostos, o queijo queimando nossas línguas. Depois de algumas fatias, voltamos para os braços um do outro, agora saciados.

Eu *realmente* deveria pensar em outra coisa.

Se ao menos meu cérebro tivesse um interruptor!

Quando chego, o escritório está tomado pela estridência habitual de telefones tocando, e-mails chegando e dedos batucando em teclados. Vou para o Ejetor com a sensação relaxada e desligada que sempre associo ao bom sexo — só que, agora, em vez de ter um brilho feliz no rosto, sinto-me furtiva e um pouco culpada.

Mas por quê? Não fiz nada errado. Sou solteira, Dominic também. E o fato de que é provavelmente muito cedo — para mim ou para ele, tanto faz — para se envolver com alguém só me torna estúpida, não uma criminosa.

Empurro minha culpa para o lado, junto com os flashes recorrentes da última noite. Quando entro no Ejetor, oriento-me pelos e-mails acumulados de ontem para hoje e, em seguida, planejo meu ataque aos dez novos casos acomodados nas pastas que brotaram na minha mesa. Mais ações chatas envolvendo seguradoras enviadas por Matt, suponho.

O telefone toca.

— Emma Tupper — atendo.

Ouço um clique e uma voz feminina mecanizada:

— Desculpe, essa foi uma resposta inválida. Por favor, pressione um...

Desligo e começo a trabalhar nos novos casos. Máquina de lavar roupa quebra causando inundação, blá-blá-blá. Tenho dificuldade para me concentrar nos detalhes. Olho pela janela para o céu cinzento de inverno. As nuvens tornam a rua lá embaixo quase indistinguível. Mais flashes da noite passada me assaltam. O gosto da pele dele, uma mistura de sal e sabonete. A forma como seus dedos passearam pela concavidade da base da minha espinha. A carícia áspera de seus dentes na minha clavícula.

Por que Dominic não me acordou antes de partir? Melhor pergunta: por que ele dormiu comigo, em primeiro lugar? Foi só uma reação ao telefonema de Emily? E quanto a mim? O que eu quero? Transei com ele apenas para me vingar de Craig?

Meu telefone toca outra vez.

— Emma Tupper.

— Desculpe, essa foi uma resposta inválida. Por favor, pressione um...

Estão de brincadeira comigo.

— Jenny!

Ela aparece na minha porta aparentando pânico. Usa um paletó de inspiração militar com saia bem curta. O cabelo está empilhado no cocoruto em um coque desordenado.

— Sim?

— Estou recebendo uma chamada telefônica automática. Preciso que você chame o suporte técnico e mande bloquear esse número.

— Sem problema.

Ela gira em seus saltos altíssimos com um olhar determinado no rosto. Eu a vejo através do vidro, enrolando o cabo do telefone no dedo enquanto flerta com o cara da tecnologia. Perdoo o uso do charme como uma técnica para obter as coisas, mas a vida seria simplória demais se um trejeito com o cabelo bastasse para me dar aquilo que quero.

Será que foi por isso que Dominic partiu? Porque eu nunca enrolo as mechas do meu cabelo no dedo?

Que diabos há de errado comigo? Sério. Estou agindo como vítima o tempo todo. Talvez eu devesse ter procurado o tal grupo de apoio que o inspetor Nield me sugeriu. O que ele me disse mesmo? Disse que retomar a vida antiga seria muito mais difícil do que as pessoas esperavam. E ele estava certo nesse ponto.

Meu olhar distraído vagueia pelo escritório. Noto algo esquecido na *chaise-longue*. É a pasta grossa que Craig tinha afastado ontem. Eu a folheio e verifico que se trata do caso da Mutual Assurance envolvendo o Manet roubado, aquele no qual a Sophie estava trabalhando com Matt. Pergunto-me o que Craig fazia com aquela pasta. O telefone toca. Penso em não atender, mas Jenny ainda está na linha com o cara da tecnologia. Ergo o telefone.

— Emma Tupper.

— Sou eu.

Um nó na boca do estômago.

— O que você quer, Craig?

Ele segura a respiração.

— É assim que vai ser daqui para a frente?

— Parece que sim.

— Não é o que eu quero.

— É por isso que você ligou?

— Não. Deixei uma pasta no seu escritório ontem.

— Já vi. Vou pedir para a Jenny levar para você.

— Não, queria que ficasse com você. Matt e eu conversamos sobre isso e gostaríamos que você pegasse o caso.

— Mas ele era da Sophie...

— Se você quiser o caso é seu, Emma.

Quero trabalhar em algo mais interessante do que os casos das seguradoras ABC que abarrotam meu escritório? Mas é claro que eu quero. Mesmo que seja por meio da

caridade culpada de Craig.

— Ok, obrigada.

— De nada. Telefone se tiver alguma dúvida.

Desligamos e quase imediatamente meu telefone toca outra vez.

— Emma Tupper.

— Desculpe, essa foi uma resposta inválida. Por favor, pressione um...

Argh! Se o paquera da Jenny não consertar isso, vou ter de mudar de número. Craig deve ter se sentido assim ao tentar receber todos aqueles telefonemas automáticos. Não! Dane-se Eu não vou sentir pena dele.

Coloco o telefone no modo "não perturbe" e começo a pesquisar no Google sobre Victor Bushnell. Já que vou assumir esse caso, preciso dedicar cento e dez por cento de minha atenção. Sophie pode ser o diabo, mas nunca subestimei seus conhecimentos jurídicos.

Victor Bushnell é um bilionário que começou desenvolvendo um sistema de pagamentos on-line que facilitou o acesso pay-per-view a sites pornográficos. Depois de vender esse negócio, migrou para os serviços de pagamento on-line mais respeitáveis, investindo fortemente em alguns dos maiores sucessos da internet. No ano passado, fez uma grande doação ao Concord Museum, que retribuiu dando seu nome a uma nova galeria. Concluído em novembro, o local sediou uma inauguração de gala que reuniu quinhentos dos amigos mais próximos de Bushnell. Várias pinturas do acervo particular do benfeitor foram emprestadas para o evento. De todas elas, a peça central e mais valiosa era um Manet, arrematado há muitos anos por sete milhões de dólares. A equipe de segurança sentiu falta do quadro na manhã seguinte. E até agora a polícia não descobriu sequer como o Manet foi tirado do museu, muito menos o autor do roubo.

O quadro está segurado em vinte milhões de dólares e a Mutual Assurance — sem surpresa — está relutante em fazer o pagamento. Consigo notar pelo histórico de memorandos contido na pasta que Sophie passou muito tempo tentando descobrir uma brecha legal para a Mutual anular a apólice, sem sucesso.

Examino uma foto do quadro roubado. É um autorretrato de Manet sentado em um barco. Ele está pintando, sendo observado por uma senhora vestida de branco. A água em torno do barco brilha como vidro. A obra é linda e marcante, e se eu tivesse vinte milhões sobrando na conta poderia até gastá-los com esse quadro. Ou não.

Ouço o telefone tocar na mesa de Jenny. Ela atende distraidamente. "TPC, escritório de Emma Tupper... Sim, ela está. Um segundo, por favor."

O telefone ao meu lado toca.

— Sim?

— É para você.

— Jenny, quando coloco o telefone em "não perturbe" é porque não estou para ninguém — digo, um pouco mais irritada do que deveria.

— Mas ele parece muito fofo. Estou transferindo a chamada.

Ensaio um protesto, mas antes que consiga impedir a Jenny ouço um clique na linha. O som tem aquela qualidade difusa que os telefonemas do exterior costumam apresentar.

— Emma Tupper.

— Oi, Emma Tupper — diz Dominic.

Minha língua congela.

— Oi, e aí? Como foi seu voo?

— Turbulento. — A voz de Dominic parece baixa e grave.

— Odeio isso.

— É. Olha, Emma, sobre a noite passada...

Olho para cima. Jenny me observa.

— Espere um pouco. — Faço sinal para ela fechar a porta, o que Jenny atende com um sorriso.

— O que você estava dizendo?

Ele limpa a garganta.

— Eu estava dizendo... Desculpe ter ido embora daquele jeito. O voo saía cedinho.

— É o que o seu bilhete dizia.

— Eu devia ter acordado você.

— Isso teria sido bom.

— Eu sinto muito.

— Não, está tudo bem.

— Eu sinto que... como se... acho que fiz tudo errado.

Ainda não, mas tenho a sensação de que está prestes a fazer.

Fico em silêncio.

Ele deixa escapar um suspiro lento.

— É difícil para eu dizer isso, mas no avião pensei muito sobre o que aconteceu. E acho que nós... cometemos um erro.

Minha garganta aperta.

— Você acha?

— Sim, mas não que não tenha sido ótimo.

— Certo.

— Eu não estou à vontade em dizer isso por telefone. Mas só que não estou aí, e, você sabe, eu estou muito mal agora, com essa história com a Emily e tudo mais. E, depois de tudo que você e eu passamos, não quero...

— Me magoar?

— Não.

— Eu entendo.

— Desculpe, Emma.

Olho para as mãos. Elas apertam o fio do telefone com tanta força que meus dedos estão brancos.

— Não tem importância.

— Não, tem *sim*. Não é isso que eu quero que você pense.

— Ok, eu não penso isso. — Faço uma pausa, tentando firmar minha voz. E respirar. A respiração é muito importante. — De qualquer forma, estou meio ocupada por aqui. A gente se vê quando você voltar.

— Emma, eu...

— Tenha uma boa viagem, Dominic.

Desligo com a mão trêmula e giro minha cadeira para me proteger das pessoas que passam do outro lado do vidro da sala, vivendo suas vidas normais. Algumas lágrimas

quentes deslizam pelo meu rosto. Eu deixo que elas caiam.

Ele acha que foi um erro. Uma das melhores noites da minha vida é algo que ele deseja que não tivesse acontecido, algo que quer esquecer. Bem, provavelmente não vai ser muito difícil. Ando bastante esquecível de uns tempos para cá.

Como pude me equivocar dessa maneira com Dominic? Achei que fosse mais inteligente do que isso.

Mas esse sempre foi meu problema, não é? Pensar que, por ser inteligente, eu deveria antever as coisas. Como se a inteligência me desse uma premonição ou habilidades defensivas que os outros não têm. Mas tudo o que a inteligência fez foi me deixar cega e estúpida em relação a coisas que transcorrem com facilidade com todo mundo.

Meu telefone toca e eu respondo automaticamente.

— Emma Tupper.

— Desculpe, essa foi uma resposta inválida. Por favor, pressione um...

— Você vai me recriminar se eu cair dura no chão bem aqui? — pergunto para Stephanie.

Estamos sentadas no sofá branco e macio da sala dela, decorada como se fosse uma casa de praia. As paredes azuis costumam fazer com que me sinta em paz, mas dessa vez vou precisar de mais do que um pote cheio de conchinhas e um CD com sons de ondas para curar minhas aflições.

— Claro que não — diz Stephanie. Ela está sentada em uma poltrona, vestida com uma calça jeans e camiseta branca. Parece ter cerca de doze anos, com seu corte de cabelo e tudo mais. Acho que ela mesma deve ter passado a tesoura em suas mechas, que apresentam irregularidades como as que eu costumava deixar nos cortes de cabelo das minhas Barbies.

— Que bom.

Encosto a cabeça no sofá e trago os joelhos para cima, em posição fetal. Se ao menos eu tivesse um bom útero quentinho para me esconder...

— Foi tudo o que ele disse? Que não queria magoar você?

— Foi. Ou talvez eu tenha dito isso e ele só concordou? Os detalhes são um pouco confusos.

Ela olha pensativa.

— E ele parecia tão legal.

Mas não no começo. Naquela primeira noite, quando estava se mudando para meu apartamento, ele não acreditou em mim. Achou que eu fosse louca. Eu devia ter me lembrado disso.

— Não acho que isso serviria de sinal de alerta de que ele iria se arrepender de transar com você.

— Não? Não tenho tanta certeza. — Olho para o espaço por um minuto. — Eu só queria que minha vida voltasse a ser como era.

— Por quê?

— Porque eu estava feliz. As coisas não eram perfeitas, mas ainda assim... Eu sabia onde me encaixava. Eu sabia para onde estava indo.

— E você não se sente mais desse jeito?

— Não. Eu me sinto meio... meio perdida dentro da minha própria vida, se é que isso faz algum sentido.

— Acho normal você se sentir assim depois de tudo o que aconteceu.

— Então, como posso me livrar disso?

— Primeiro, não esperando que tudo volte a ser como era, acho. Sua vida mudou, queira ou não. Você tem de se adaptar.

— Como?

Ela deixa a poltrona e se senta ao lado da minha cabeça. Afaga suavemente meu cabelo, afastando-o do meu rosto.

— Isso realmente não tem muito a ver com você, sabe?

— Eu sei...

— O que vai fazer quanto a isso, então?

— O que você quer dizer?

— Você vai ficar aqui parada enquanto sua vida passa ou vai lutar por aquilo que quer?

Sento-me.

— Ei! Você disse que não ia me recriminar.

Ela sorri.

— Não estou recriminando. Só estou esperando mais de você.

— Por quê?

— Porque você costuma fazer grandes coisas. E sempre fez tudo o que achou que era importante para você.

— Por exemplo?

Ela começa a enumerar com os dedos.

— Você se formou entre os primeiros de sua turma. Você conseguiu uma bolsa de estudos integral. E quase virou sócia da TPC dois anos antes do previsto.

— Não, isso eu não fiz — digo com petulância.

— Bem, mas fez todas as outras coisas. — Seus olhos parecem pensativos. — Onde foi parar aquela Emma que fez tudo isso?

— Eu acho que a perdi na África.

— Ela não está perdida. Ela está aqui, se você quiser que ela esteja.

— Você fala como o Dominic. Ele disse que eu devia encarar o que aconteceu como uma oportunidade para mudar as coisas de que não gostava na minha vida.

— Parece um bom conselho.

Eu pego uma almofada e a uso para bater em Steph.

— Desculpe, essa foi uma resposta inválida.

Capítulo 17

Trabalho de campo

Quando chego ao escritório na manhã seguinte, Sophie está sentada na minha cadeira, à minha espera. Ela usa outro de seus impecáveis terninhos pretos e sapatos de saltos altos cujo vermelho brilhante me lembra os sapatinhos da Dorothy, aqueles que a Bruxa Má do Oeste queria roubar.

— Cumprindo o horário comercial, pelo que vejo — diz ela com sua dicção precisa.

Confiro meu relógio. São oito e treze. Eu seria capaz de apostar um bom dinheiro que ela, Matt e eu somos as únicas pessoas no escritório nesse momento.

Eu não vou cair na dela, não vou cair na dela, não vou cair na dela...

— Jesus, Sophie, você vai tomar mais um escritório meu? Pensei que eu estaria a salvo aqui no Ejetor.

Seus olhos se estreitam.

— Eu vim recuperar algo que me pertence.

— Ah, é? E o que seria isso?

— Você sabe exatamente o que quero dizer. Onde está a pasta com o meu caso?

Está na maleta que balança em minha mão. Foi onde a coloquei ontem ao sair daqui, para o caso de me animar a trabalhar em casa. Acabei no sofá de Stephanie me lamuriando, mas Sophie não precisa saber disso.

Ponho a maleta no chão.

— Você se refere aos arquivos do *meu* caso?

— *Seu* caso? Por favor! Esse caso é meu, como você sabe muito bem. E eu o quero de volta.

— Não sei o que lhe dizer, Sophie... Você sabe como Matt é quando toma uma decisão.

— Ah! Eu sei o que realmente aconteceu.

— E o que seria?

— Você, obviamente, se fez de vítima para o Craig, e ele convenceu o Matt a lhe passar o caso.

Dou risada.

— Você realmente acha que eu ia pedir alguma coisa para o Craig?

— Claro que sim. Você quer ele de volta.

— Você está delirando.

— Então, por que aquele beijo no programa da Cathy Keeler?

— Porque eu ainda não sabia que ele havia sido roubado por você.

Ela vacila.

— Você estava morta, esqueceu?

— Não, eu não estava.

— Você não vai tê-lo de volta.

— Sophie, vamos esclarecer uma coisa: eu não quero Craig de volta. Mas, se quisesse, a decisão seria dele e não sua. Ele não é uma propriedade e isto aqui não é o pátio da escola. Cresça e me deixe em paz.

Ela fica agressiva e vejo a raiva enrugando o seu rosto.

— Eu quero esse caso — grunhe.

— Fale com o Matt. E agora saia do meu escritório.

— Isso não vai ficar assim.

Ela passa por mim pisando duro. Vejo seus saltos vermelhos trotarem até o fim do corredor, rumo à minha antiga sala. Quase consigo ouvir o cacarejo de sua voz murmurando: *Você me paga, lindinha*.

— Já é ruim o suficiente que todos trabalhemos na mesma empresa — digo para Craig. — Mas encontrá-la esperando por mim, reclamando um caso que vocês jogaram no meu colo, assim já é demais, Craig. Não dá.

Estamos na sala de descanso, onde fui saborear um calórico croissant depois da conversa com a Sophie. Quando encontro Craig lá, de pé junto à máquina de cappuccino, levo cerca de três segundos para esquecer meu lanchinho.

— Não foi por pena, Emma — diz ele, abandonando a xícara espumante no balcão.

— Sem conversa mole, Craig. Por favor.

— Por que você pegou o caso, então?

— As tarefas que o Matt está me dando são superchatas. Eu seria louca se recusasse. E você sabia disso. Você está me manipulando.

Ele levanta as mãos em protesto.

— Quando foi que me tornei capaz de fazer isso?

Ponto para ele. Mas não vou deixá-lo saber disso. Especialmente quando uma parte imensa de mim quer deixá-lo me confortar. Craig é sempre ótimo diante de uma crise. É uma de suas melhores qualidades.

— Basta manter a Sophie longe de mim, certo?

— Vou fazer o que puder para isso.

Viro-me para sair.

— Emma?

— O quê?

Ele me dá um sorriso.

— Não esqueça o seu croissant.

Ontem, quando meu telefone finalmente parou de tocar, liguei para o presidente do museu e perguntei se ele poderia me pôr em contato com o investigador encarregado da investigação do roubo do Manet. O homem relutou um pouco no início, mas, como é do interesse da instituição cooperar conosco, finalmente consegui o que queria. Então, aqui estou eu, de volta à delegacia, caminhando pelas fileiras de cubículos cheios de computadores obsoletos e manchados de café.

De passagem, dou uma olhada no grande quadro dos desaparecidos. Percorro os nomes e, como previsto, o meu não está mais lá. Um novo ano significa que nomes em preto permanecem, enquanto as tristes histórias vermelhas acabam apagadas, arquivadas. É difícil acreditar que eu estava aqui há menos de um mês, certa de que aquela era a

parte mais difícil de acabar com toda essa novela.

O investigador Nield caminha em minha direção com um sorriso de boas-vindas no rosto redondo, os olhos azuis de Paul Newman cintilando. Ele está acompanhado por uma mulher alta e clara de trinta e poucos anos, com cabelo cor de morango repartido ao meio e comprimento à altura dos ombros. Ela usa calça cinza, camisa branca e sapatos pretos simples. Traz uma pasta verde-oliva dobrada debaixo do braço.

O investigador Nield aperta a minha mão com firmeza.

— Sra. Tupper, é bom vê-la novamente.

— Igualmente.

— Esta é a investigadora Kendle. Ela está no comando do caso.

Nos cumprimentamos com um aperto de mãos. A dela é rígida e forte.

— Obrigada por me receber.

Seus olhos verdes me avaliam de forma constante, lembrando-me Dominic. Tentei não pensar nele desde que saí ontem à noite da casa de Stephanie e funcionou, pelo menos na maior parte do tempo. Não posso me responsabilizar por meus sonhos.

— Por nada. — Ela tem um sotaque neutro, que parece mascarar sua origem, talvez litorânea. — Que tal irmos para algum lugar com mais privacidade?

Sou conduzida até uma porta de metal com janela de vidro de segurança, daquelas que se vê nos seriados policiais. Ela insere uma chave na fechadura e abre. No interior, há uma mesa de metal simples, com uma cadeira de cada lado. As paredes parecem recém-pintadas de branco. O ar cheira a medo.

— Aqui é a Caixa? — pergunto.

O canto esquerdo da boca dela sobe ligeiramente.

— Chamamos de Sala de Interrogatório Dois, mas sim, também tem quem chame de Caixa.

Imagino quanto tempo levaria para ela me fazer confessar um crime que não cometi. A julgar pelo brilho duro dos olhos da investigadora Kendle, acho que não precisaria de muito tempo.

— Sei que isso pode parecer meio juvenil, mas... vamos lá.

Ela me dá um vestígio de sorriso. Nós nos sentamos uma em frente da outra e ela abre a pasta verde-oliva. É grossa, cheia de formulários de aparência oficial e depoimentos de testemunhas. Uma fotografia do quadro está grampeada do lado esquerdo da pasta.

— Por que você veio aqui, exatamente? — ela pergunta.

— Estou investigando a queixa antes de a seguradora fazer o pagamento. É procedimento padrão em apólices dessa importância.

— Por que não apela para uma daquelas letras miúdas que vocês, advogados, sempre botam nos contratos?

— Nós não conseguimos encontrar nada que se aplique — digo secamente. — O que você descobriu?

Os olhos dela traem sua contrariedade.

— Não costumamos compartilhar detalhes de investigações com os civis, mas o museu nos autorizou a divulgar tudo o que for possível.

— Eles têm muito dinheiro em jogo.

— Naturalmente. Mas eu estou achando que o seu cliente vai ter de pagar essa conta.

— Não se a culpa for do museu.

— Disso eu não sei. Parece que eles tinham tomado todas as medidas de costume.

— Como o quê?

— Bem, por exemplo, todos os funcionários contratados para o evento foram avaliados antes por uma empresa de segurança privada.

— Ninguém com antecedentes criminais e coisas do tipo?

— Exatamente.

— E quanto à empresa do bufê?

— Está no ramo há mais de vinte anos e tem trabalhado em uma série de eventos de alto nível, vários deles para o próprio sr. Bushnell.

— Onde exatamente aconteceu a festa?

Ela folheia a pasta e pega um pedaço de papel dobrado. É uma planta baixa do museu, um grande edifício circular. Uma série de cinco círculos interligados compõem as galerias separadas internamente.

— A festa foi aqui — diz ela, apontando para o círculo mais interno, que parece pequeno no papel, mas na verdade tem a área de um ginásio de esportes.

— A que horas começou?

— Às sete da noite. Eles fecharam o museu às cinco. A segurança fez uma varredura no prédio e ligou os alarmes em todas as galerias, exceto a central. A equipe do bufê tinha chegado às três da tarde, mas ficou confinada na galeria principal e nas áreas de cozinha e copa, que ficam aqui e aqui — diz ela, indicando uma série de espaços quadrados enfiados entre o lado direito da galeria central e a área circular adjacente.

— Onde estava o quadro?

— Nesta galeria aqui — ela aponta para o lado esquerdo do terceiro círculo.

— Não estava na mesma galeria onde aconteceu a festa?

— Não. A Galeria Bushnell não é grande o suficiente para receber muitos convidados, e não tem cozinha.

— Mas o motivo da festa não era justamente a inauguração da Galeria Bushnell?

Ela encolhe os ombros.

— O senhor Bushnell queria convidar quinhentas pessoas e servir canapés. Era o único espaço grande o suficiente para acomodar tanta gente.

— Os convidados, então, não viram os quadros?

— Não, viram, sim. Dois seguranças escoltaram grupos de visitantes à nova galeria durante toda a noite.

— Também checaram os convidados?

— Na medida do possível, sim. A equipe de Bushnell forneceu uma lista dois dias antes do evento e o pessoal da segurança fez as averiguações básicas. Claro, havia pelo menos trinta pessoas na festa que não estavam na lista.

— Alguma delas é suspeita?

— Não.

— Por que não?

Ela localiza uma lista de nomes na pasta e entrega para mim.

— Essas foram as pessoas que entraram sem convite.

Leio. Minhas sobrancelhas se erguem no terceiro nome. A maioria das pessoas listadas

pode se dar ao luxo de comprar um Manet legítimo, se quiser. Reconheço os nomes de todas. É altamente improvável que qualquer uma esteja envolvida em roubos de obras-primas.

— Entendo porque não foram barradas.

Ela pisca lentamente, sua voz desprovida de expressão.

— Sim. Esse tipo de gente ninguém barra.

Sorrio.

— Como você sabe que todas essas pessoas estavam lá, se não figuravam na lista?

— Tem câmeras de segurança na entrada. O dedo indicador dela desliza ao longo da planta para as portas da frente. Suas unhas estão sem corte, sem retoques.

— Olhamos os vídeos e confrontamos as imagens com a lista de convidados.

— Quem roubou, então?

— Não temos ideia.

— Você pelo menos sabe como foi o roubo?

Ela franze a testa.

— Ainda não percebi aonde você quer chegar.

— Bem, você deve ter uma teoria?

— Claro. Eu tenho um monte de teorias. Algumas envolvem até truques de mágica.

Sorrio novamente.

— Você acha que estou brincando? — Ela inclina-se na minha direção. — As gravações das câmeras de segurança da Galeria Bushnell não mostram nada além de convidados sendo conduzidos para dentro e para fora a noite toda. Não sabemos a que horas o quadro foi roubado, mas deve ter sido após a visita do último grupo, perto das nove e meia da noite. O problema, porém, é que os alarmes foram ligados assim que a galeria ficou vazia. Deram falta do quadro quando os guardas fizeram a primeira inspeção, na manhã seguinte. A moldura continuava na parede e a tela tinha sido cortada e levada embora. — Ela se volta para trás em sua cadeira, colocando as mãos sobre a mesa. — Quem quer que tenha roubado sabia o que estava fazendo.

— Onde as câmeras estão posicionadas?

— Fora da entrada da galeria.

— Eles não têm nenhuma câmera *dentro* da galeria?

— Não tinham instalado ainda. As obras de lá tinham acabado de ser entregues.

— Quem sabia disso?

— Um monte de gente.

— Bem, e as câmeras fora da galeria? Não mostram nada?

Ela balança a cabeça.

— Não, não são câmeras fixas. Elas captam da entrada até a saída para a galeria seguinte. Um ladrão cuidadoso poderia evitar ser filmado.

Bem, isso pode ser algo para começar a trabalhar.

— Quando os convidados foram embora?

— Teve gente indo e vindo a noite toda, mas o evento terminou às onze.

— Eles foram revistados na saída?

Uma sombra de aborrecimento atravessa seu rosto.

— Não. Você tem de passar por um detector de metais para entrar, mas não para sair.

Parece que ninguém cogitou a possibilidade de alguém querer roubar algo de um lugar com milhões de dólares em quadros, esculturas e tudo o mais.

— Mas cada pintura deve ter algum tipo de sistema de segurança exclusivo, não?

— Algumas, sim. Mas, na prática, eles contam com o fato de que você não pode simplesmente roubar um quadro em plena luz do dia, e o lugar é realmente bem seguro durante a noite. Tem sensores laser, sensores de calor; o que você imaginar eles têm.

— Qual o tamanho da tela sem a moldura?

— Era um quadrado de um metro e vinte de largura.

Eu penso um pouco.

— Quer dizer que, enrolada, ela teria mais de um metro de comprimento?

Ela confirma com a cabeça.

— Nós pensamos nisso. Poderia até ser escondida dentro das roupas de alguém bem alto.

— Tem câmeras na entrada do museu?

— Sim.

— Suponho que vocês já conferiram as gravações para ver se alguém estava andando de um jeito esquisito na saída?

Ela olha entediada.

— É claro que sim, mas não encontramos nada.

— Desculpe. Parece que vocês cobriram tudo.

— Obrigada.

Olho para minhas anotações, certificando-me de não ter deixado nada de fora.

— Como é a qualidade das imagens?

— Muito boa. Eles usam gravadores de alta definição com fitas de vinte e quatro horas.

— Quer dizer que a cada vinte e quatro horas eles começam a verificar o que aconteceu nas vinte e quatro horas anteriores?

— É isso mesmo.

— Isso não é um pouco arriscado? Não é tempo demais para descobrir que uma obra de arte está faltando?

— Isso é quase impossível. As galerias passam por checagem várias vezes ao dia. Os guardas notariam se algo estivesse faltando.

— Seria possível obter cópias desse vídeo e da lista de convidados?

— Eu vou ter de pedir.

Pego um cartão de visita da minha bolsa e entrego para a investigadora.

— Se conseguir, basta ligar para esse número e eu mando alguém vir buscar.

— É só isso?

— Por enquanto. Posso ligar se eu tiver mais perguntas?

— Sim, claro.

Ela reorganiza a pasta e saímos juntas da sala. O ar na delegacia tem o odor de muitos corpos, mas, ainda assim, cheira a liberdade, depois de tanto tempo dentro da "Caixa".

Viro-me para a investigadora Kendle e me despeço. Ela está olhando para meu cartão de visita com uma expressão pensativa.

— Você é aquela que estava na África, né?

— O investigador Nield não comentou nada?
— Não.
— Ah. Bem, sim, sou eu. Obrigada novamente por sua ajuda.
— Boa sorte com as letras miúdas.
Concordo com um gesto de cabeça.
— Geralmente tem uma, em algum lugar.

Capítulo 18

Oh, as lembranças

*D*uas semanas depois de minha última visita à aldeia que supostamente teria o telefone por satélite, lá estava eu de volta no selim de minha Schwinn, esperando que Karen se juntasse a mim. Era cedo e o ruído do dia ainda não tinha abafado o alarido das garças. O sol ainda estava baixo no horizonte, uma esfera redonda iluminando o caminho que me separava do telefone, que, a essa altura, certamente deveria estar consertado.

Ouvi passos atrás de mim e me virei. Vi Karen, com o cabelo escondido por um boné de beisebol azul, andando na minha direção com as mãos nos bolsos.

— Você está aí — disse, parando ao meu lado.

— Isso. Você vem comigo?

— Hoje não.

Tentei esconder minha decepção.

— Oh, bem, poderíamos ir amanhã, mas vai ser a minha vez de cozinhar. Quem sabe depois de amanhã?

— Não, acho que não.

— Terei de ir sozinha, então? — Eu não gostava dessa possibilidade, mas estava disposta a aceitá-la. — Tabansi deve estar me esperando...

— O telefone não foi consertado, Emma.

— O quê? Você não tem como saber disso.

— Na verdade, tenho.

— Como?

— Se estivesse consertado, todo mundo estaria lá esperando para usar.

— Mas ontem mesmo Nyako falou que, assim que eu confirmasse o conserto, ele organizaria um grupo para ir lá telefonar.

Ela sorriu.

— Se estivesse consertado, Nyako seria o primeiro a saber.

— Como?

— É por isso que ele é quem é.

— Então por que ele não me contou?

— Acho que ele não quis decepcionar você.

Karen demonstrava explicitamente não sofrer com o problema.

— Não está consertado mesmo?

— Não.

Desmontei da bicicleta, deixando o peso descansar contra mim. Um dos pedais caiu, rangendo alto.

— Será que nunca vão consertar?

Será que nada disso jamais será consertado?

— Claro que vão, Emma. Você só precisa ser paciente.

— Não sou muito boa nisso.

— Eu desconfiava.

— Então, vou ficar presa aqui... indefinidamente?

— Não vai demorar tanto assim, eu tenho certeza. Mas, nesse meio-tempo, a espera pode ser mais fácil se você... se ocupar mais por aqui.

Meu coração se encheu de culpa. Embora ajudasse Karen com algumas pequenas tarefas — trabalhando na cozinha que o pessoal tinha montado, conferindo os estoques de mantimentos —, eu sabia que me mantinha à margem da vida da aldeia. Eu partiria em breve; para que me envolver com aquilo tudo? Mas a verdade então é que eu *não estava* mais partindo, e Karen definitivamente achava que era hora de parar de fingir que eu estava.

— Quer dizer... ajudar a construir a escola?

— Uma mãozinha extra não faria mal.

— Não tenho ideia do que fazer.

Ela pousou a mão no meu ombro.

— Não se preocupe, logo você vai descobrir.

Cansada e pensativa, vou andando para casa depois do encontro com a investigadora Kendle. Na volta, não consigo desviar o pensamento daquela primeira noite, quando fui em pânico e mal agasalhada pelas ruas até o apartamento de Stephanie. Hoje uso botas grossas e um casaco quente, mas não sinto o chão mais sólido e meu coração está frio.

Entro no apartamento, momentaneamente esmagada pela solidão que emana dali. É patética, realmente, a velocidade com que me habituei a conviver aqui com Dominic, cozinhando coisas para mim e me fazendo rir. Mesmo quando o astral dele estava tão baixo quanto o meu, havia uma certa camaradagem nas trevas.

Tiro o casaco, vou para a sala e me sento no sofá. Inclino-me para trás e observo as luzes cintilantes da árvore de Natal que não me dei o trabalho de desmontar. Meus olhos pousam na caixa que ainda está tranquila ao pé da árvore. Minha vida de zero aos dezoito anos. A caixa que Dominic encontrou no depósito. Ainda não tive coragem de examinar aquele conteúdo.

Na verdade, não sei do que tenho medo. Vivi tudo que está dentro da caixa. Meus problemas hoje são como o que está fora dela.

Acendo a lareira e sento-me no chão, ao lado da árvore. O calor aquece meu rosto. Um leve cheiro de pinho paira no ar. Ergo a tampa empoeirada da caixa e a ponho de lado. Dentro, há uma série de pastas multicoloridas de arquivo suspenso. As etiquetas brancas e rígidas amarelaram com o tempo e cheiram a mofo. *Fotos*, *pessoal*, *escola*, *documentos* e *diversos* — tudo parece mais organizado do que na época em que arrumei esta caixa, nas semanas entre o fim do colégio e o começo na faculdade de direito.

Abro primeiro a pasta *Fotos* e lá está minha mãe, jovem e sorrindo para mim como se eu fosse a mais maravilhosa surpresa. A data no verso, escrita com a caligrafia cheia de arestas de meu pai, revela que ali estou com apenas seis semanas de vida.

As fotos seguintes, pequenas, desbotadas, com bordas brancas, são mais antigas. Eu com cinco semanas, quatro, duas, recém-nascida, a barriga distendida de minha mãe acariciada por suas mãos macias e coberta por um tecido que se parece com as cortinas que a babá Maria transforma em roupas no filme *A noviça rebelde*. A única prova da presença de meu pai está nas datas precisas grafadas no verso e na consistência dos enquadramentos das fotos. Parece haver amor nessas fotografias, mas não se pode

mensurar a quantidade nem especificar a quem se destina esse sentimento.

A única fotografia de que me lembro está aqui também: eu no meu terceiro aniversário sentada no colo de meu pai, pouco antes de ele nos deixar para sempre. Ele veste terno e tem o cabelo castanho cortado curto. Sua mão repousa sobre minha cabeça, um tanto desajeitada, e ele exibe um sorriso hesitante no rosto. Eu uso um vestido de festa branco e meu cabelo tem cachinhos como os de Shirley Temple. É a mais perfeita imagem de mim quando criança. Depois, meus vestidos nunca mais foram tão bons e meus cachinhos deram lugar a um cabelo ondulado, desaparecendo por completo.

Eu só tenho uma lembrança de meu pai vivendo com a gente. É ruim, e nem tenho certeza de que é real. Na minha memória, foi pouco antes de ele ir embora, talvez até mesmo no dia de sua partida, e ele estava com raiva. "Eu não quero", ele dizia para minha mãe, alto o suficiente para que eu ouvisse lá em cima, dentro do meu berço. Eu não conseguia entender as respostas dela, mas o tom devastado de sua voz me assustou. Chamei por ela, e como não obtive resposta, escalei as barras do berço e caí no chão. O som de meu choro trouxe minha mãe. Atrás dela, na porta, estava a sombra de meu pai. "Vai ficar tudo bem, bebê", minha mãe disse, apertando-me e acariciando meu cabelo. Mas, de alguma forma, eu sabia que era mentira.

Devolvo as fotos para a pasta e fecho a caixa. Não sei o que estava procurando exatamente, mas não encontrei.

Um barulho alto no apartamento do andar de cima me tira do devaneio. Tara deve ter voltado de Los Angeles e parece que trouxe uma comitiva com ela.

Ruídos e risadas se alternam.

Devem estar se divertindo para valer. Uma diversão um tanto barulhenta, mas ainda assim uma diversão. Talvez eu devesse ir lá em cima recebê-la. E quem sabe até participar da festinha?

Antes que me convença do contrário, calço os sapatos, jogo o casaco sobre os ombros e saio pela porta da frente. Sigo o rastro de dois pares de pegadas na neve até a escada. Está nevando e seguro firme no corrimão para não escorregar e cair aos pés de algum outro homem.

Toco a campainha da porta de Tara. O som é alto. Através do vidro do postigo da porta da frente, vejo Tara se aproximando. Ela está com sapatos de salto agulha e jeans pretos bem justos, que realçam sua silhueta fina. Seu longo cabelo loiro é bem tratado e sua pele tem o mesmo falso bronzeado da de Jenny. O cabelo e o bronzeado são novidades, mas seu rosto continua igual — olhos castanhos um pouco próximos demais um do outro, uma pequena saliência na parte superior do nariz.

Ela abre a porta.

— Oh, meu Deus. Oi! — Ela se inclina para me beijar no rosto. Seu perfume parece mais sofisticado do que me lembro.

— Como você está?

Retribuo o beijo só roçando sua pele.

— Estou bem. Você sabe, de volta.

— Uau. Quero dizer... uau. Que loucura.

— Foi muito louco, sim.

— Ei, você quer entrar?

— Tem certeza? Parece que você tem convidados...

— Claro! Você tem de me contar tudo sobre essa incrível aventura!

Estou enjoada de tanto falar sobre isso, mas a outra opção é voltar para aquela caixa de lembranças. Por isso, aceito a oferta.

— Seria ótimo.

— Ei, dá para fechar a porta? — pede uma voz melodiosa vinda da sala de estar. — Está muito frio.

— Espere! — Tara me puxa para dentro do apartamento. Fecho a porta atrás de mim e tiro o casaco dos ombros.

— Estávamos prestes a tomar uma bebida — diz Tara.

— Isso soa perfeito.

Entramos na sala. O apartamento dela é quase igual ao meu, só que, em vez dos tons creme suave e amarelo que usei, Tara pintou cada quarto com um matiz diferente do lado mais chamativo do espectro de cores. A sala de estar é laranja-escura, com uma parede contrastante em amarelo-limão. O jogo de sofá e poltrona é turquesa, e há um tapete multicolorido no chão. O ambiente inteiro tem um ar de restaurante português e só faltam os pratos pendurados na parede.

Há uma mulher muito bonita sentada no sofá. Ela é da minha idade e tem cabelo ruivo encaracolado, que vai até altura de seus ombros. O rosto é redondo, de boneca chinesa, realçado por um par de olhos cujo tom combina com a cor do sofá. Ela está vestindo jeans e um suéter azul desbotado. Os pés descalços exibem unhas com esmalte vermelho-vivo. Ela parece vagamente familiar.

— Você queria vinho branco, certo? — Tara diz para a mulher.

— Por favor.

— Para você também, Emma?

— Claro.

Tara nos deixa sem fazer as apresentações.

— Oi, eu sou Emma — digo, dando um pequeno aceno.

— Emily.

Sento-me na poltrona.

— Espero não estar interrompendo alguma coisa.

— Nada. Tara estava me contando sobre as aventuras dela em Hollywood.

— Foi tudo bem? Ela parece... ótima.

Ela franze o rosto, revelando linhas de riso ao redor dos olhos.

— Ela está bem magra, mas acho que correu tudo bem.

— Fico contente em saber.

— De onde vocês se conhecem?

— Eu moro no andar de baixo.

Ela enruga a testa.

— Mas isso não... Dominic não vive lá embaixo?

Como ela...? Ah, não! Ela é a *Emily*. A Emily de Dominic. A Emily que, obviamente, é amiga de Tara, o que explica a conexão com Dominic. A mesma Emily que telefonou na noite em que dormi com Dominic, que queria dizer algo que ele não quis ouvir.

Droga.

— Você está... morando com o Dominic? — ela quer saber.

Droga, droga, *droga*.

— Não. Quer dizer, sim. Mas não da maneira que você pensa.

Por que estou soando tão defensiva? Não fui eu quem o traiu. Sou apenas aquela com quem ele lamenta ter transado.

Tento de novo.

— O apartamento era meu. Fiz uma viagem que durou mais tempo do que devia e meus pagamentos automáticos de aluguel foram cortados. O dono do imóvel pensou que eu tivesse sumido e alugou o apartamento para Dominic. Mas daí eu voltei e não tinha onde ficar, então Dominic me deixou ficar lá. Quero dizer, ele só fez isso depois de checar com Tara se eu era quem eu disse que era, e...

Ai, ai. Estou balbuciando como uma completa idiota. E ela também tem de ser uma completa idiota para não perceber meu nervosismo.

— Talvez você tenha me visto na TV?

Sua testa revela algumas rugas.

— Eu não vejo televisão.

— Oh, é que a imprensa fez algum barulho sobre o que aconteceu comigo. Nada demais. Não me surpreende que você não tenha visto. De qualquer forma, eu vou me mudar logo...

— Dominic falou sobre mim para você?

Por que eu vim parar aqui?

— Bem... um pouco.

— Um pouco de quê? — Tara pergunta, reaparecendo na porta com uma bandeja, três taças enormes de vinho e algumas nozes em uma tigela.

— Você sabia que ela está morando com o Dominic? — Emily questiona Tara, com olhar acusador.

— Droga. Eu esqueci tudo isso.

— Esqueceu tudo o quê?

— Dominic me ligou algumas semanas atrás. Na noite em que Emma voltou... Seus olhos se voltam para mim, suplicantes.

— Ele queria ter certeza de que eu não era uma maluca — acrescento. — É uma história bem engraçada, na verdade.

Emily não parece acreditar em mim.

— Ele nem está na cidade agora — completo.

Uau, eu realmente preciso calar a boca. Regra 101: Falar quando ninguém lhe pergunta nada é um sinal claro de que você tem algo a esconder.

— O que ele falou sobre mim?

Sinto os olhares das duas esperando a minha resposta.

— Nada, realmente. Só que vocês iam se casar, e vocês... desistiram.

— Ele contou a você sobre o Chris?

— Quem é Chris? — pergunto com a maior inocência que consigo.

Emily se levanta e puxa o suéter sobre seus quadris estreitos.

— Acho que vou embora.

Concluo que não pareci tão inocente quanto deveria.

— Não, Emily. Fique mais um pouco — pede Tara.

Ela nega suavemente com a cabeça.

— Vamos almoçar juntas amanhã, pode ser?

Ela sai da sala. Um momento depois, ouço a porta da frente abrir e, em seguida, fechar com um clique. Tara permanece ali, de pé, segurando a bandeja com uma expressão chateada.

— Então — eu digo —, como foi em Los Angeles?

Capítulo 19

Exposição A

Na semana seguinte, a vida começa a entrar na rotina. Acordar cedo, ir ao trabalho, dedicar energia aos casos que Matt continua enviando para mim, jantar com a Stephanie, procurar um novo apartamento nos classificados, dormir cedo. Sinto como se estivesse atolada no mesmo lugar, mas, pelo menos, minha cabeça está acima da água.

E onde está Dominic esse tempo todo? É a pergunta que tento não me fazer. Ainda na Irlanda, suponho, tirando fotos do velho mundo que está sendo devorado pelo novo. Ainda lamentando nossa noite juntos, obviamente, já que não fez esforço algum para entrar em contato. Mas ele vai ter de voltar um dia. Ninguém abandona todas as coisas dessa maneira.

Disso eu sei.

No meio da minha segunda semana de volta ao trabalho, recebo Sunshine para um jantar. Ela havia adiado seu planejado retorno para a Costa Rica, apesar de eu ter protestado quando ela me contou.

— Sua mãe nunca me perdoaria — disse ela. E isso era tudo.

À noite, ela me fita enquanto desenrola o cachecol comprido e multicolorido.

— Emmaline, minha querida, você por acaso andou vasculhando o passado?

— Como você sabe?

— Seus olhos dizem tudo.

Suspiro.

— Não sei como você sabe essas coisas, mas andei, sim. Dominic encontrou uma caixa cheia de registros da minha infância. Eu dei uma olhada nisso, outro dia. E no dia seguinte, e no outro também. Continuo sendo atraída de volta para o passado, apesar de nunca me sentir melhor quando faço isso.

— O que tem nessa caixa?

— Coisas estúpidas. Boletins, projetos de arte. Fotos.

— De sua mãe. Ah, e de John, não é?

John é meu pai.

— Sim.

— Me dê algo forte para beber.

— Mas você não bebe...

— Esta noite, sim.

Eu a levo para a cozinha. Enquanto esvaziamos uma garrafa de vinho tinto e comemos uma lasanha comprada na loja da esquina que tem me salvado da fome ao longo dos anos, eu falo sobre as fotos que encontrei e sobre as perguntas que vieram à tona depois de tanto tempo enterradas. Por que ele foi embora? Onde ele está agora? Por que nunca voltou, nem uma vez? Segurando a taça de vinho, ela me deixa falar até eu ficar sem perguntas.

— Você quer se aproximar dele? — ela pergunta, enfim.

Finco meu garfo na massa grudenta.

— Não!

— Tem certeza?

— Claro que sim. Por quê? Você acha que eu deveria procurar por ele?

— Eu não sei. Talvez isso pudesse encerrar um ciclo para você.

Corto um canto da lasanha com o garfo e o levo até a boca. O queijo está bem derretido e o molho tem um sabor marcante de tomate. Eu amo lasanha, mas hoje estou tendo dificuldade para engolir.

— Como ele era?

— John? Ele era bonito.

— Só isso?

Os olhos dela ganham um ar distante.

— Não. Ele era inteligente também. Você deve ter puxado isso dele. Às vezes, podia ser muito engraçado. Era um homem... confiante. Autoconfiante. Tinha um jeito de fazer você sentir que ele estava no controle das coisas. Como se nada pudesse dar errado enquanto ele estivesse por perto.

— Uma visão fatal — murmuro para a minha taça de vinho.

— O quê, querida?

— É o que Macbeth diz quando está se preparando psicologicamente para matar o rei. "Não és, visão fatal, sensível/ Tanto ao tato quanto à vista? Ou não passas/ De uma adaga da mente, falsa criação/ Resultante do cérebro oprimido pela febre?"

— Não acho que esses pensamentos melancólicos sejam úteis.

— Eu sei. Diga-me, como eles pareciam juntos? Eram felizes, ou foram felizes pelo menos em algum momento?

Ela leva a taça aos lábios, bebericando devagar.

— Eu não diria que eles eram muito felizes, não, particularmente com o passar dos anos. Não acho que combinavam tão bem, mas ele amava sua mãe, muito mesmo, acredito. Talvez demais.

— O que você quer dizer?

— Bem, às vezes, querida, amar demais pode ser um problema. Não importava quando, eles estavam sempre juntos. Seu pai era um homem carente, ou, pelo menos, agia assim quando estava com sua mãe. Ele precisava da atenção dela, e ela ficava feliz em atendê-lo, até que...

Forma-se um nó na minha garganta.

— Eu apareci?

Sunshine me dá um sorriso triste.

— Sim, querida. Sua mãe se dedicou totalmente a você e acho que seu pai se sentiu excluído. Ele queria ficar no centro das atenções dela e já não era mais possível. Isso não quer dizer que ele não ame você, à maneira dele. E também pode ser que eu esteja errada. Eu não convivia tanto assim com eles.

— Não acho que você está errada. Faz sentido. Mais ou menos.

— Faz sentido suficiente para você perdoar seu pai?

— Você acha que eu deveria?

— Claro que não, Emmaline. A menos que você queira.

— Você faria isso?

Ela acaricia minha mão.

— Eu já o perdoei há muito tempo, querida. Assim como sua mãe.

Eu esperava por isso. E não me surpreende. O perdão estava na natureza de minha mãe, e eu nunca a ouvi falar mal dele, exceto uma vez, quando eu tinha quinze anos e a provoquei. Houve um evento na escola em que as filhas tinham de levar os pais e eu, obviamente, não ia participar. Gritei e esperneei até que, enfim, ela admitiu que o odiava, para fazer coro comigo. Horas mais tarde, ela se deitou na cama ao meu lado e falou que não queria ter dito aquilo. "Eu não quero que você o odeie", disse ela. "O ódio é muito pesado." Prometi que ia tentar fazer meu melhor e ela acariciou meu cabelo até que eu adormeci.

Mas eu continuei a odiá-lo. Apenas guardei o sentimento para mim.

— Eu sei que ela perdoou — digo para Sunshine. — Mas nunca entendi por quê.

— Para poder seguir em frente, eu acho. E por causa de você. Ela não poderia odiá-lo sem se sentir como se estivesse odiando você.

— Por quê?

Sunshine afaga minha face.

— Você é muito parecida com ele, querida.

Eu afasto o rosto.

— Gostaria de não ser.

— Eu entendo. Mas o que quer que faça, nunca vai poder mudar isso.

Não tenho tanta certeza assim. Hoje em dia fazem coisas impressionantes com a cirurgia plástica.

— O que você faria no meu lugar?

— Eu faria o que fosse certo. E certamente não confiaria em conselhos dados por hippies velhos e ultrapassados.

— Ele processou — Matt me assusta na manhã seguinte, aparecendo na minha porta de repente, com um grosso maço de papel nas mãos.

Eis outra razão pela qual ninguém sobrevive ao Ejetor: o passo de gato de Matt.

— Acho que você acabou de me presentear com um ataque cardíaco.

— Bobagem. Você é muito jovem para isso. Além disso, até agora ninguém saiu desta sala deitado numa maca. Pelo menos por enquanto.

Seus olhos brilham para mim. Um sorriso de resposta se arrasta no meu rosto.

— Há uma primeira vez para tudo.

— Vou tentar fazer mais barulho na próxima vez. Os advogados de Victor Bushnell acabam de apresentar isto.

Ele me dá o processo. Folheio direto até as conclusões. Victor Bushnell está exigindo vinte milhões de dólares, mais danos morais, da Mutual Assurance e do Concord Museum.

— Foram rápidos.

— Aparentemente, ficaram sabendo da intenção da Mutual de negar a cobertura e decidiram forçar a mão.

— O que o cliente diz?

— O pessoal da Mutual está aborrecido, mas vai pagar se for obrigado. Craig deve se reunir com eles e com o presidente do museu ainda hoje. Alguma chance de você descobrir como salvar a pele deles?

— Ainda não.

— Com o que você está trabalhando?

— Sophie esgotou as possibilidades de anulação da apólice. Então, estou tentando ver se podemos responsabilizar o museu por fornecer segurança inadequada.

— Você acha que vai rolar?

— Duvido. Quem levou o quadro sabia o que estava fazendo. Até a polícia está perplexa.

— Não parece nada promissor.

— Concordo. Nossa melhor aposta é provavelmente negociar um acordo.

Matt sacode a cabeça.

— Provavelmente. Mas não quero chegar lá até ter esgotado todas as possibilidades. É muito dinheiro em jogo.

— Vou continuar a pesquisar.

— Você já foi dar uma olhada no museu? Pode ser útil.

— É uma boa ideia.

Matt me dirige um olhar cheio de expectativas.

— Não preciso dizer que, se você de alguma forma tirar a Mutual desse rolo, faria um golaço para nós.

— Não, eu já sei disso.

— Você está indo bem, Emma. Vá em frente.

— Obrigada... E que tal se você parar de me passar mais trabalho por uns dois dias?

Seus olhos brilham novamente.

— Você é a primeira pessoa com coragem suficiente para me pedir isso.

— Quer dizer que, ao longo de todos esses anos, era só pedir?

— Isso mesmo.

Talvez esta sala mude mesmo de nome para Fênix, afinal.

Na hora do almoço, aproveito para visitar Peter e Karen. Eles voltaram de Tswanaland e já estão trabalhando em um novo projeto: a criação de um centro comunitário em uma fileira de velhas casas de tijolo vermelho à beira do rio.

Eles falaram muito sobre isso na época em que construímos a escola na África. Trata-se de uma parceria com a Habitação para a Humanidade, que reformou o casario enquanto Peter e Karen estavam fora.

As três casas antigas têm agora janelas transparentes e suas paredes de tijolo foram jateadas. A moradia central tem porta pintada em preto brilhante. Em uma placa na parede ao lado da porta lê-se: Ponto Central da Juventude. O calçamento é plano. Os três degraus até a porta da frente são forrados por uma manta de fibras naturais.

Subo a escada e giro a maçaneta de níquel brilhante. Em contraste com a parte externa clean, o interior está um caos. O drywall e os pisos recém-instalados são protegidos por papelão grosso, mas há poeira por toda parte e nenhuma parede foi pintada. Uma única

lâmpada sem proteção, pendurada em uma roseta ornamentada no teto, lança uma luz sombria no saguão.

Pergunto a um homem todo empoeirado se ele sabe de Karen e Peter, e ele aponta para o arco que conduz à casa do lado direito.

Eu os encontro no cômodo que era a cozinha, mas agora abriga um escritório improvisado. Há várias mesas grandes de desenho encostadas contra as paredes, e máquinas de fax e impressoras no velho balcão da cozinha. Karen e Peter estão em pé junto a uma das mesas, folheando um grande conjunto de cópias heliográficas.

— Ei, pessoal.

Eles erguem os olhos e sorrisos iluminam seus rostos.

— Emma! Que bom que você veio — diz Karen. Seu cabelo preto encaracolado está atado em tranças, que despencam a partir de sua testa alta. Ela veste um macacão azul de pintor, e há uma mancha de tinta branca na ponte de seu nariz bronzeado.

Ela coloca as mãos fortes sobre meus ombros.

— Gostaria de abraçá-la, mas não quero sujar essa sua roupa linda.

— Não seja boba. Eu não ligo para isso.

Dou-lhe um abraço. O cheiro de solvente formiga nas minhas narinas.

— O lugar parece ótimo.

— Obrigada. É praticamente mérito do Peter.

Peter ri.

— É melhor gravar isso, viu?

Olho para Peter carinhosamente. Sua cabeça grande e redonda está coberta de pequenos e elegantes *dreadlocks*. Seus olhos castanhos reluzem com inteligência. Ele também usa macacão de pintura respingado de tinta.

Karen gesticula para ele.

— Qual é, você ia ficar ouvindo o gravador tantas vezes que sua cabeça ia inchar.

Ele dá um sorriso diabólico e me puxa para um abraço de urso. Um metro e noventa centímetros de músculos me sufocam.

— Você vai me mostrar a obra? — peço, assim que consigo puxar o ar novamente para meus pulmões.

— Claro.

Ele me entrega um capacete amarelo, e me conduz ao redor do prédio. O piso superior foi dividido em grandes dormitórios para adolescentes que necessitam de habitação temporária, enquanto o segundo andar abriga uma creche e alguns escritórios administrativos. O primeiro andar está reservado para o programa de atividades extracurriculares e para os serviços dos advogados voluntários.

— Venha conhecer o quintal — diz Karen, levando-me para fora através de uma série de portas por trás da escadaria central. — Você talvez não tenha uma ideia completa agora, mas quando a neve for limpa vai ficar incrível.

Eu a sigo e consigo vislumbrar o que ela quer dizer. Além do pequeno alpendre de madeira, os três quintais foram unidos e abriram lugar para uma quadra de basquete de concreto. Há uma rede em cada extremidade e está rodeada por uma cerca alta de arame. Dois adolescentes removem uma fina camada de neve molhada com pás grandes e curvas.

— Isso é incrível.

Karen abre um sorriso.

— Eu sei. Fico feliz sempre que venho aqui. As quadras públicas são apenas um campo de recrutamento de traficantes. Aqui, as crianças vão poder jogar quase o ano todo sem serem incomodadas.

— Como é que vocês organizaram tudo isso?

— Deixamos a maior parte montada antes de irmos para a África — Peter responde. — Mas, apesar do elogio que Karen acabou de me fazer, temos uma grande equipe, e os caras da Habitação para a Humanidade são incríveis.

— Quando é que vocês vão inaugurar?

— Provavelmente em um mês. Estamos pensando em fazer um jantar de gala para angariar fundos daqui a algumas semanas. Você vem?

— Claro.

— E convence sua firma a patrocinar uma mesa? — Karen pede com seu jeito direto.

— Eles me devem isso, pelo menos.

— O que aconteceu?

— Ah, nada. São só... alguns ajustes nessa volta ao trabalho.

Ela parece solidária.

— Stephanie contou.

— Ela esteve aqui?

— Ontem.

— Claro, eu tinha esquecido. Ela me disse que viria visitar vocês.

Peter pega uma bola de basquete na varanda e brinca com ela, passando-a de uma mão para outra.

— Ela é uma grande garota, essa Stephanie. Ela já tem várias ideias sobre como podemos obter patrocínios corporativos e ainda quer que cuidemos de um tipo de serviço de encontros ou coisa assim.

— Essa é Stephanie, uma ideia por minuto. Mas vale a pena ouvi-la, ela vai pôr vocês no lugar certo.

— Nós não precisamos ser postos no lugar certo. Ficar flutuando é bem melhor.

— Não, vocês têm de pensar grande. Dominar o mundo.

Peter ri.

— Esse é o seu departamento, não é?

— Por falar nisso — diz Karen —, nós gostaríamos de pedir sua ajuda para montar o serviço de advocacia daqui.

— Minhas horas *pro bono* são todas suas.

— Tínhamos a esperança de que você fizesse mais do que isso.

— Hã?

Peter bate bola no concreto duro. O barulho ecoa em todo o quintal.

— Para ser franco, Emma, gostaríamos que você dirigisse o serviço. Que fosse nossa conselheira legal, algo assim.

— Mas eu tenho um emprego.

— Eu sei — diz Karen, com um olhar intenso. — Mas essa é uma oportunidade de fazer algo mais importante. Ajudar pessoas reais, mudar suas vidas.

— Bem, humm... — digo em tom de brincadeira.

— Então, topa?

— Eu não sei, Karen. Tenho de pensar sobre isso.

— Você está trabalhando agora em algo tão significativo quanto isso?

— Estou tentando descobrir quem roubou um quadro, na verdade.

Karen faz um gesto de desprezo com as mãos.

— Está vendo só? Aqui estamos tratando de garantir que as pessoas não sejam maltratadas ou que consigam manter a custódia dos filhos.

Eu olho para Peter. Ele nos observa, quicando a bola de forma distraída.

— O que você acha? — pergunto para ele.

— Eu acho que você poderia ter mais valia aqui — diz ele suavemente. — E que você se sentiria realizada de um jeito que nunca conseguiu com seu trabalho atual.

Sei que eles são bem-intencionados, mas por que têm de me fazer sentir culpada? E desde quando isso se tornou uma sessão coletiva para me psicanalizar? Por que todo mundo, de repente, tem uma opinião sobre o que vai me fazer feliz?

— O que vai ser? — Karen pergunta.

— Eu não sei. Realmente vou ter de pensar.

— Achei que fosse ficar animada. Não pensei que teria de me esforçar para convencê-la.

— Sei. Sinto muito. Fico lisonjeada com o convite e eu vou pensar, mas... olha, sei que pode parecer raso, tudo bem, mas eu gosto do que faço.

Pelo menos gostava antes da África, do Ejetor, de Craig.

Karen olha para a varanda. Peter bate a bola com ritmo constante.

— Por favor, não fique desapontada comigo, Karen. Eu não aguento isso.

— Tudo bem — ela responde. Mas não me olha nos olhos.

— Eu vou fazer com que a TPC patrocine pelo menos duas mesas para o evento — acrescento sem convicção.

— Isso vai ser ótimo, Emma — diz Peter. Ele bate a bola com força contra o chão, gira e arremessa para a cesta. A bola bate no aro, desvia na tabela e cai no chão. — Parece que hoje não é nosso dia de sorte.

Karen dá de ombros.

— Talvez essa história de serviço de encontros dê certo.

No táxi de volta para o escritório, ainda surfo na onda de decepção que emana de Karen e Peter e me sinto envolta em um casulo de indignação.

Primeiro, eu não prometi nada a ninguém. Depois, o fato de eles serem perfeitos e altruístas não significa automaticamente que sou uma má pessoa se não dedicar minha vida inteira à caridade, certo? Claro que não.

Argh! Visitei Karen e Peter para tentar me sentir melhor. Pensei que iria abraçá-los, conversar sobre os velhos tempos, dar algumas risadas e marcar um jantar para breve. Mas nada saiu conforme o script, como tudo associado a Tswanaland.

O táxi freia bruscamente em um sinal vermelho e eu voo de encontro à divisória que me separa dos bancos dianteiros, amortecendo o impacto com as mãos um pouco antes de bater minha cabeça no acrílico.

— Dá para tomar cuidado?

— Desculpe, senhora. Eu não queria atropelar as crianças.

Olho pelo para-brisa. Há uma fila de crianças com agasalhos luminosos atravessando a pista. Eles seguram alças de plástico ligadas a uma corda comprida. O professor segue na frente, levando-as para a escadaria do museu.

O sinal muda para a cor verde antes que as crianças tenham terminado a travessia.

— Podemos ir em um minuto — diz o taxista.

— Quer saber? Esqueça. Vou descer aqui mesmo.

Dou uma nota de vinte para o taxista, desço do carro e cruzo a rua para o museu, seguindo a trilha da garotada. Os grandes degraus de pedra dão para um conjunto de enormes portas de madeira intricadamente esculpidas. Duas portas menores foram acrescidas ao conjunto, modernas folhas de vidro grosso que poderiam até parecer fora de lugar, mas que se encaixam ali como uma inusitada via de acesso. Todo o edifício é assim, uma mistura do muito moderno com o muito antigo. Uma nova arcada sustentada por um pilar ancestral. Uma pintura do século XVIII em uma moldura contemporânea. O benfeitor do museu tinha a posteridade em mente quando doou grande parte de sua fortuna, pelo que mostra o local.

Depois de passar pelos procedimentos de segurança na entrada, definitivamente mais rigorosos desde a última vez que estive aqui (um guarda de segurança de ar severo inspecionou até a fila das crianças), caminho para a galeria cavernosa onde a festa foi realizada. A luz do sol de inverno atravessa o teto de vidro. O ambiente está quase vazio, exceto por algumas crianças barulhentas, agora livres dos agasalhos pesados, que escalam os pedestais de estátuas gregas nuas.

— Emma?

Eu me viro, um nó no estômago se formando. Craig está lá, em seu casaco camelo de inverno, um cachecol xadrez vermelho amarrado no pescoço.

— O que está fazendo aqui?

— Por que tanta hostilidade?

— Nada em particular, eu acho.

— Esse é seu modo automático agora?

— Não faça isso. Não use as coisas do nosso passado contra mim.

— Só fiz uma piada.

— Não tenho certeza se estamos prontos para piadas.

— Desculpe.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto novamente.

— Tive uma reunião com o presidente do museu e nosso cliente sobre o processo de Bushnell.

— Ah, é. O Matt me contou.

— E você?

— Pensei em dar uma olhada na galeria.

— Você se importa se eu a acompanhar?

— Posso dar conta disso sozinha.

— Eu sou o contato com o cliente nesse caso. Vamos ter de trabalhar juntos.

— Tudo bem, tudo bem. Tanto faz. Vamos acabar logo com isso.

Passamos sob uma arcada. Depois de várias guinadas à esquerda e à direita estou completamente sem rumo e quase agradecida por estar ao lado de Craig, o cara que nunca se perdeu na vida.

— O que o chefão do museu falou? — pergunto.

— Ele não entende por que a Mutual não paga logo a cobertura.

— O que você disse?

— O papinho de sempre. Temos de concluir nossa investigação antes de liberar uma grande soma de dinheiro, blá-blá-blá.

— Ele acreditou?

— O pessoal do museu está cogitando consultar uma instância independente.

— Será que pensam que vamos jogar a culpa neles?

— É a jogada mais óbvia.

Passamos por uma galeria cheia de pinturas de crucificações. O rosto desolado de Jesus aparece ao longo de toda uma parede de telas envernizadas.

Eu tremo.

— Argh. Odeio essas pinturas. Onde está essa galeria, afinal?

— É por ali. — Ele sinaliza com a cabeça em direção a um conjunto de portas de vidro do lado esquerdo. Letras cromadas anunciam que ali está a Galeria Victor Bushnell.

É um grande salão com paredes brancas curvadas. A sua forma parece empurrar as pinturas na direção do observador. O efeito é estranhamente íntimo, como se você pudesse entrar nas telas a qualquer momento. Pilares coríntios estão intercalados por todo o ambiente, suas vigas sustentando o teto. Uma das paredes é coberta de quadros impressionistas. Há um grande espaço vago no meio, onde o Manet estava. Outra parede conta a história da arte através dos tempos. A terceira parece ser dedicada à história da fotografia. A parede de trás é nua.

Olho em volta. Duas mulheres de cabelos brancos descansam em um banco retangular de mármore. Há apenas um caminho para sair — as portas de vidro por onde entramos. Um teclado eletrônico fica na parede à esquerda delas. Sei, pelos arquivos do caso, que, depois que esta galeria é trancada, só pode ser aberta por quem tiver um cartão-chave e um código de seis dígitos, alterado semanalmente. Não há janelas, apenas estreitos poços de luz retangulares perto do teto, feito de gesso liso e rígido — e não de painéis de teto removíveis, como aqueles que a gente vê nos filmes.

— Como eles tiraram a tela daqui? — penso alto.

Craig parece confuso.

— Não faço ideia. Felizmente, não é nosso trabalho descobrir isso.

Rememoro o rosto sombrio da investigadora Kendle. Talvez seja irracional tentar resolver um mistério que está intrigando até a polícia, mas não posso evitar o pensamento que, se eu conseguir, a ordem pode ser restaurada no meu universo.

Craig para diante de um quadro de uma rua congestionada. Parece uma fotografia.

— Como você acha que o artista conseguiu esse efeito?

— Não tenho ideia. Vamos?

— Claro.

Caminhamos para a saída, onde um funcionário do museu trabalha na montagem de uma

nova exposição. Próximo a ele, no chão, vejo um cartaz de uma fotografia em preto e branco de aspecto familiar. Uma mistura desconcertante de linhas do horizonte que coexistem em um lugar. Meus olhos percorrem o cartaz com ansiedade, procurando o nome do artista, mesmo já sabendo qual é.

— Emma, tudo bem? — pergunta Craig. — De repente você ficou branca como papel.

Capítulo 20

Evidentemente que não, evidentemente, você não vai

— Você acha que devo ir? — pergunto a Stephanie.

Estamos sentadas no tatame de um restaurante japonês, uma semana depois. A casa pertence a uma rede de franquias, cuja decoração padrão inclui paredes cor de laranja, mesas de fórmica branca e forte iluminação fluorescente, mas o sushi geralmente é muito bom.

Stephanie estuda o *flyer* do convite para a abertura da exposição de Dominic.

— É na sexta-feira.

— Eu sei quando vai ser.

— Ei, não desconte em mim se você está chateada com o Dominic.

— Você está na linha de fogo, querida.

— Então, acho melhor você usar balas de borracha.

A garçonete traz duas tigelas de missoshiro. Mergulho minha colher na sopa quente e recolho alguns pedaços de tofu e de algas.

— Desculpe.

— Está tudo bem. Acha que ele quer que você vá?

— Não tenho certeza. Ele foi muito breve quando disse que achava melhor sair do apartamento.

Dominic havia telefonado no dia seguinte à minha visita ao museu. Eu estava sentada à mesa, olhando para planta baixa da galeria em busca da resposta para o mistério do roubo do quadro. Tive uma súbita vontade de sussurar o feitiço que Harry Potter usa para fazer as pessoas aparecem no Mapa do Maroto: as palavras saíram quase inconscientemente de meus lábios assim que espetei a planta com a ponta da caneta. Como sou advogada e não bruxa, nada aconteceu.

Meu telefone tocou. Atendi rapidamente.

— Emma Tupper.

Houve uma pausa, e então:

— Oi. Sou eu, Dominic.

Minhas costas se enrijeceram.

— Oh... Oi. Onde você está?

— Estou aqui. Na cidade.

— Como foi na Irlanda?

— Foi tudo bem. Olha, Emma... e se a gente se encontrasse mais tarde? Para conversar?

Embora minha mente quisesse se esquivar da ideia — não consegui deixar de pensar em Craig querendo conversar depois do programa de Cathy Keeler —, perguntei:

— No apartamento?

— Claro, seria ótimo.

Talvez tenha sido essa palavra — ótimo — que fez algo estalar dentro de mim.

— Na verdade, tenho de trabalhar até tarde e... e... depois ainda preciso dar uma olhada em alguns apartamentos que ando procurando.

— Esse é um dos assuntos que eu queria tratar com você.

— Ah, é?

— Eu estive pensando... Acho que quem tem de sair sou eu. O apartamento é seu, afinal de contas.

Sua voz tinha um leve tom de brincadeira, mas o tema definitivamente não deixava margem para piadas.

— Para onde você vai?

— Posso ficar na casa de um amigo.

— Oh — eu disse novamente, por não ter o que dizer.

Houve um longo silêncio.

— Acho que não precisamos nos encontrar, então? — disse Dominic.

— Acho que não.

Ele limpou a garganta.

— Tudo bem. Vou ao apartamento pegar algumas das minhas coisas enquanto você está no trabalho.

— Tudo bem — respondi, sentindo um vazio por dentro.

Nós nos despedimos e, desde então, não tenho notícias dele. Ele tirou algumas coisas do apartamento, mas a maior parte dos pertences dele continua lá. Ainda não tive vontade de ligar para perguntar quando ele vai terminar a mudança. Stephanie toma toda sua sopa com voracidade.

— Era disso que eu estava precisando.

— Ei, Steph? Dá para me dar um pouco de atenção?

Ela limpa a boca com o guardanapo.

— Não sei o que você quer que eu diga. Você claramente quer ir, então vá.

— Mas você acha que é uma boa ideia?

— Quem está ligando? Você vai de qualquer jeito, não importa o que eu diga. Ela estica o olho para minha sopa, esfriando.

— Você vai tomar isso?

Empurro a tigela para Steph.

— Por que tem tanta certeza de que eu não seguiria seu conselho para não ir?

— Porque sim. A sua vontade de confrontar Dominic não vai sumir só por causa da minha avaliação de prós e contras.

— Você tem mais prós ou mais contras?

Ela sacode a cabeça.

— Você é implacável.

— Claro que eu sou. Trabalhei muito duro para me tornar implacável.

— Talvez você devesse ter investido sua energia em outra coisa, não é?

— Provavelmente. Mas é tarde demais para isso agora.

A garçonete afasta as tigelas e nos serve um prato cheio de sushis. Tempero um deles com gengibre, shoyu e wasabi e levo à boca. Imediatamente me sinto asfixiada.

— Está superpicante.

Stephanie me entrega o copo de água.

— Então beba isso.

Engulo a água. A sensação diminui um pouco.

— Quais são seus contras?

Ela parece resignada.

— Dominic está saindo de um relacionamento todo ferrado. Claramente, ele ainda tem problemas com a ex. Dormiu com você e depois ligou para dizer que achava aquilo um erro. Depois, ficou nesse silêncio todo até que ligou para dizer que queria "conversar". Satisfeita?

— Estou comovida, obrigada.

— Você ainda vai à exposição, certo?

— Provavelmente.

— Por quê?

— Acho que é porque essa parece ser a parte mais fácil de resolver em todo esse quebra-cabeça.

Os olhos azuis de Steph me analisam com calma.

— Você está apaixonada por ele?

— O quê? Não. Isso é ridículo.

— Puxa, isso soou tão convincente.

— Ah, cala essa boca.

— Gozado, agora ela não quer ouvir o que tenho a dizer.

— Vê se come esse sushi.

Ela recolhe um maki e o abocanha com habilidade.

— Mas eu também sei outra coisa... — grunhe com a boca cheia.

— O que é?

— Uma coisa para a lista dos prós.

Por que *quero* rever Dominic? Será que é porque não suporto a ideia de ele ser só um caso de uma noite? Porque quero algo mais dele? Não sei. Só sei que eu vou. E, apesar de passar toda a sexta-feira fingindo que estou em dúvida, realmente não consigo enganar a mim mesma.

Jenny entra em minha sala. Ela usa um vestido que parece um saco de batatas com barra costurada acima dos joelhos.

— Um monte de gente ligou enquanto você almoçava.

Ela segura um maço de recadinhos. Folheio-os rapidamente. Há um da investigadora Kendle, e dois de Carrie, assistente de Cathy Keeler no programa *Em Progresso*.

— Essa mulher do *Em Progresso* disse o que queria?

— Não. Mas seria incrível se você aparecesse lá de novo.

— *Incrível* não é bem a palavra que eu usaria.

— O que você está dizendo? Você arrebentou naquele programa. E estava fabulosa.

— Obrigada, Jenny.

— Você se importa se eu sair mais cedo hoje?

— Claro que não, a gente se vê na segunda-feira.

— Obrigada, Emma! Você é a chefe mais fofa do mundo.

Demoro um momento para digerir isso. Chefe mais fofa do mundo. Como é que alguém tão competente pode ser tão patricinha? Deve ser uma coisa geracional.

Ligo para a investigadora Kendle. Ela me diz em tom cortante que saiu a aprovação para me repassar uma cópia das imagens de segurança, e fica ofendida quando pergunto se a investigação avançou. Depois que ela encerra a conversa com um abrupto "adeus", eu envio um e-mail para nosso serviço de mensageiro pedindo para pegar o DVD na delegacia. Então, relutantemente retorno as chamadas do *Em Progresso*.

Carrie atende ao telefone com um entusiasmado "Alô!".

— Aqui é Emma Tupper.

— Sra. Tupper! Fico *tão feliz* por ter retornado. Estivemos expectantes durante todo o dia.

Que tipo de pessoa usa uma palavra como *expectante*?

— Por quê?

— Beeem, nós esperávamos, Cathy especialmente, que você concordasse em voltar ao programa. Sabe como é, para atualizar o público, informar sobre o que você está fazendo agora que já teve a oportunidade de retomar sua antiga vida.

Você deve estar brincando comigo.

— Não, acho que não.

— Oh, não! Isso vai ser uma decepção para seus fãs.

— Meus fãs?

— Claro! Recebemos muitas mensagens dos espectadores a respeito do seu programa, mais do que vínhamos recebendo há tempos. Todo mundo está *supercurioso* sobre como você está se saindo. Especialmente sobre você e seu namorado, como era mesmo o nome dele?

— Craig.

— É isso mesmo, Craig. Ele é tãão bonito. E aquele beijo. Achei que eu fosse desmaiar.

— Nós terminamos o namoro.

— Perdão?

— Ele está com outra pessoa agora.

Uma sombra cruza o corredor. Sophie está em pé em frente à mesa de Nathalie, esperando para ver Matt.

— Ai, meu Deus! Com quem?

Faço um contato visual com Sophie. Ela me lança um olhar duro.

— Alguém de meu escritório — digo em voz baixa.

— Uau, isso é *demais*!

— Como?

— Veja bem. Podemos reformular a história e colocá-lo no papel de vilão. — Ela abaixa a voz. — *Enquanto Emma estava perdida na África, ele estava transando com sua melhor amiga*.

— O quê? Não foi isso que aconteceu. Ela não é minha melhor amiga.

— Desculpe, fui longe demais? É que às vezes eu me empolgo, sabe?

— Ah-hã.

— De qualquer forma, adoraríamos tê-la no programa de segunda-feira.

— Eu não estou interessada.

— Isso é *tão frustrante*.

— Eu tenho certeza.

— Posso ao menos deixar o meu número de celular, para o caso de mudar de ideia?

— Acho que sim.

Anoto mecanicamente no mesmo bilhete azul que contém o recado original e desligo. Poucos minutos depois, a Brigada das Iniciais aparece na minha porta, trazendo fofocas.

— E aí, E.W.? — diz I. William, num tom de voz que antecede novidades especialmente suculentas.

— Nada de novo. E vocês?

— Só por aí, divulgando uma verdadeira bomba.

— É — diz J.P., puxando seus suspensórios vermelhos. — Somos o jornal do bairro.

— Você vai gostar desta. Garanto — Monty acrescenta.

— Vai me tirar do meu baixo-astral?

I. William faz uma pausa dramática.

— Craig e Sophie já eram.

— O quê? Você tem certeza?

— Total. A assistente da Fiona contou para minha assistente hoje de manhã.

Fiona é a única amiga de Sophie no escritório. Tem boca grande, mas não costuma inventar coisas. Se a assistente dela espalhou que Craig e Sophie se separaram, provavelmente é verdade.

— Quando isso aconteceu?

— Duas noites atrás.

— Alguma ideia do motivo?

J.P. se aproxima e abaixa a voz.

— Ouvimos dizer que é por sua causa.

— Minha?

— Aparentemente, as coisas começaram a azedar entre eles quando você voltou.

— Eles quase se separaram depois daquele beijo — acrescenta J.P. — Quando vocês foram juntos ao museu foi a última gota.

— Um golaço seu, E.W.

— Vocês estão me superestimando.

I. William coça o nariz.

— Tudo bem, eu entendo. Não precisa dizer mais nada, mais nada.

— Sério, gente. Eu não tive nada a ver com isso.

— Por que eles se separaram, então? — questiona J.P.

— Sei lá.

— Vocês não vão voltar a ficar juntos?

— Não. Deus me livre, não.

— Interessante — comenta I. William.

— Desculpe pelo balde de água fria na fofoca — digo.

— Está tudo bem. Podemos nos divertir por algum tempo só com a história do rompimento.

— Não se descuidem de suas metas de horas.

— Não se preocupe, nós sempre sobrevivemos.

— Aposto que sim.

— Que tal um happy hour mais tarde? — convida J.P.

— Hoje tenho uma coisa para fazer.

— Fica para a próxima, então.

Eles saem tão silenciosamente como chegaram, tendo o cuidado de não chamar a atenção de Matt. Nenhum desses caras jamais se tornará sócio da firma, mas ninguém decretou que essa tem de ser a finalidade de todo mundo.

Este é o momento em que alguém deveria rir histericamente.

Eu me pergunto por que Craig e Sophie realmente se separaram. Ele de fato não pode achar que há chances de reatar comigo. Não, não consigo acreditar nisso. Craig pode ser um monte de coisas, mas burro ele não é.

Eu, por outro lado...

Pego o *flyer* da exposição de Dominic e olho para a imagem da fotografia que estava encostada na parede do quarto dele. No verso do *flyer*, há uma foto em preto e branco de seu rosto bonito, feita em estúdio. Seu cabelo está recém-aparado, e o branco de sua camisa lhe dá uma aparência bronzeada. Ele parece feliz, com o ar de quem conta uma boa piada e espera a reação das pessoas.

Arremesso o *flyer* sobre a mesa. Ele atinge a superfície da madeira e quica como uma pedra lançada num lago tranquilo, indo parar no chão. De lá, o rosto de Dominic olha para mim, com um convite em seu sorriso.

Eu aceito.

Chego ao museu com a aparência que você esperaria de alguém que se preparou para fazer o que estou prestes a fazer — cabelo perfeito, maquiagem perfeita e, claro, vestido perfeito. Trata-se de um instinto básico, que nem anos e anos de escola nem experiências de quase morte são capazes de eliminar.

Deixo meu sobretudo de lã na chapelaria e troco as botas de inverno por um par de sandálias pretas. Guardo o pequeno recibo numerado na bolsa e passo pelo toalete para um retoque final. Satisfeita, sigo as indicações para a Galeria Bushnell.

Recuso a oferta de champanhe feita por um garçom trajado de branco e gravata-borboleta, e me misturo em uma surpreendente aglomeração de pessoas. O ambiente está repleto de gente com seus trinta, quarenta anos, em seus melhores visuais de sexta-feira à noite, comendo aperitivos e com taças de champanhe nas mãos. O ar cheira a perfume caro e loção pós-barba.

As fotografias de Dominic estão penduradas na parede que estava vazia na última vez em que vim aqui. Cerca de metade é da mesma série da ampliação que retrata Las Vegas. As outras são de seu recente trabalho na Irlanda. Minha favorita é a imagem de que Dominic me falou. Mostra um homem enrugado e um menino que conduzem um cavalo através da névoa. Atrás deles, um grande guindaste se ergue em direção a um sol improvável.

Eu prossigo a visita, dando a devida atenção a cada fotografia. Quando chego à última, quase paro de respirar. É de uma mulher sentada no chão, com a cabeça inclinada atentamente sobre um semiembrulhado presente de Natal. As luzes da árvore natalina atrás dela estão ligeiramente borradas, como se houvesse um lapso de tempo na câmara

ou como se as mãos do fotógrafo tivessem tremido. As próprias feições da mulher estão borradas, o suficiente para torná-la irreconhecível para todos. Menos para mim.

Não sei se me sinto comovida ou ultrajada pelo fato de aquele momento de privacidade estar pendurado na parede à vista de todo mundo, ainda que minha identidade tenha sido preservada. Tremendo, vasculho a multidão à procura de Dominic, mas o único rosto que reconheço é o de Victor Bushnell. Por um momento, fico surpresa ao vê-lo, mas concluo que não deveria, uma vez que esta galeria é dele.

Com mais de um metro e noventa de altura, ele tem cabelo espesso e quase todo branco escorrendo de uma testa alta. Seus olhos azuis se destacam sobre o nariz aquilino em um rosto bronzeado. O terno preto de lã que ostenta é feito à mão, e sua camisa branca está impecavelmente engomada. No dedo, uma conservadora aliança de casamento, de platina. A única evidência da conhecida ousadia que demonstra em suas práticas empresariais é um brinco de diamante na orelha esquerda.

Eu me aproximo um pouco para ter uma visão melhor, parando em frente a um banco de mármore, o mesmo que estava ocupado por duas senhoras ainda outro dia. Sua voz profunda reverbera acima da multidão enquanto ele gesticula com entusiasmo em direção a uma tela de Degas. Duas mulheres da alta sociedade o ouvem com muita atenção.

Eu me viro e começo a observar alguns dos quadros da parede de onde o Manet foi roubado.

— São muito bonitos, não são? — comenta um homem ao meu lado, poucos minutos depois.

É Victor Bushnell. De perto, seus olhos brilham com inteligência e interesse.

— Sim, muito. Os proprietários desses quadros têm muita sorte.

Ele abre um sorriso lento.

— Você está certa. — Ele gira o corpo para a parede de Dominic. — Você conhece o artista?

— Um pouco.

— Ele ainda vai dar muito o que falar, eu acho.

— Sim.

— Victor? — um homem mais velho chama do outro lado do salão.

Ele ergue as sobrancelhas.

— O dever me chama.

Sinto-me tensa e nervosa quando meus olhos voltam a vasculhar o ambiente. Vou para o banco e me sento sobre a superfície fria e dura. O barulho dos convidados aumenta a cada minuto. Dominic permanece invisível.

Um dos funcionários do bufê caminha até mim.

— Desculpe, senhora. Eu preciso chegar até ali. Pode me dar licença?

— É claro — Eu me levanto e saio do caminho. O garçom de traje branco se abaixa e ergue o assento pesado, como uma tampa. Dentro do banco, há um grande refrigerador de metal cheio de garrafas de vinho branco.

— Suprimentos — diz ele desnecessariamente.

Concordo com a cabeça e me viro para outro lado. Quando faço isso, esbarro no cotovelo de alguém e tropeço. Duas mãos fortes me amparam.

— Emma?

Olho para o rosto perplexo de Dominic. Horas de preparação foram arruinadas por um cotovelo desajeitado. Claro.

— Oh, Dominic. Oi.

"Oh, Dominic. Oi"? Isso foi ótimo, ótimo. Brilhante mesmo.

Seu rosto fica vermelho.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu, hum, vim ver sua exposição. É excelente.

E agora me sinto contraditória. Esta foi a pior ideia que eu já tive.

— O que está acontecendo?

— O que você quer dizer?

— Puxa, eu não consigo lidar com isso agora.

O sangue flui para a minha cabeça.

— *Você* não consegue lidar com isso agora? Que beleza... Nós... — Percebo alguns convidados olhando para nós e abaixo tom de minha voz. — Nós dormimos juntos, e depois você me diz que foi tudo um "erro". Uma hora você é o Superman de capa vermelha e depois, puf, não passa de mais um cara que não sabe o que dizer numa cabine telefônica.

Os lábios de Dominic desenham uma linha fina.

— Eu tentei me desculpar por isso, mas você não quis falar comigo.

— O quê?

— Deixei três mensagens.

— Você o quê?

Ele olha sobre meu ombro e flagra um casal de aparência endinheirada nos observando atentamente através de suas taças de champanhe.

— Não dá para fazer isso aqui.

Ele me pega pelo cotovelo.

— Ei, o quê...

— Espere um pouco.

Dominic me leva até um dos pilares coríntios, no canto. Há um pouco mais de privacidade entre o pilar e a parede. Ficamos de frente um para o outro. Meu cérebro grita perguntas. Por que você me esnobou? Por que não quer voltar para o apartamento? Por que não me olha nos olhos?

Como se tivesse ouvido a última pergunta, ele ergue o olhar que estava perdido em algum ponto do chão para me encarar.

— Por que não retornou minhas ligações?

— Você me telefonou?

— Sua assistente disse que lhe passou os recados.

Isso não parece coisa da Jenny.

— Quais eram os recados?

— O que você acha? Apenas isso, que eu tinha ligado.

— Oh.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Era para abrir meu coração com sua assistente?

— Só se você quisesse ler sobre isso no blog dela, no dia seguinte.

Ele dá uma risada que se desvanece num sorriso.

— Deus, como senti sua falta.

— Então é aqui que você está se escondendo! — exclama Victor Bushnell, aparecendo subitamente ao lado de Dominic. — Há algumas pessoas que eu gostaria de lhe apresentar.

Um espasmo de irritação atravessa o rosto de Dominic, o que Victor não percebe porque está voltado para mim.

— Eu não me lembro de seu nome — diz ele.

— Sou Emma Tupper.

— Emma Tupper. Por que será que me soa familiar?

Meu coração bate em falso. Ele reconhece meu nome. E, a qualquer segundo, vai descobrir quem eu sou. Ora, já que a vaca foi para o brejo mesmo...

— Sou advogada — me adianto, sentindo-me destemida. — Eu represento a Mutual Assurance.

— Ah, sim. Ainda ontem eu estava lendo tudo sobre você.

Dominic parece confuso.

— O que você quer dizer com "lendo tudo sobre ela"?

— Ele está processando meu cliente em vinte milhões de dólares — eu me antecipo outra vez. — Mas acho que realmente essa não é a ocasião apropriada para falar sobre isso.

Victor Bushnell ri.

— Tenho certeza de que você está certa, mas que mal há em nos divertirmos um pouco com o assunto?

— Até que enfim te achei, Emma — surge Craig, do outro lado do pilar. — Estive procurando por você em toda parte.

Agora meu coração bate dobrado. Que diabos Craig está fazendo aqui? Dominic o encara da mesma forma que Victor Bushnell me fitava havia alguns momentos. Consigo quase ler seus pensamentos, conforme eles vão se encaixando.

— Você é... Craig? — ele pergunta.

— Sou. E você é?

— Ele é o cara do momento — anuncia Bushnell.

— Você veio com ele? — Dominic pergunta.

O rosto de Craig se contrai.

— Você é Dominic.

— É isso aí.

— Pode me dizer como você conheceu a Emma?

— Ele mora no meu apartamento — eu digo de maneira um tanto estridente.

Os três homens me cercam como árvores altas, um misto de surpresa em seus rostos.

Isso não está funcionando do jeito que eu imaginava.

Modulo meu tom.

— Ele é a pessoa que estava morando no meu apartamento quando voltei da África... Ou se mudando, e de qualquer maneira... Hum, Craig, você conhece o sr. Bushnell?

Parecendo divertido, Bushnell estende a mão para Craig.

— Prazer em conhecê-lo, Craig...?

— Talbot.

— Ah. Sempre é bom conhecer mais um dos cães de caça da Mutual Assurance.

— Bem, não acho que isso seja justo — retruca Craig.

— Dominic?

Ah, não, alguém deve estar de gozação com a minha cara.

Viro-me lentamente, sabendo que lá está Emily, alta e bem-composta em um vestido prateado de seda. Seu cabelo ruivo, perfeito, acaricia os ombros sedosos.

— O que você está fazendo aqui? — gagueja Dominic, sua voz cheia de emoção.

As bochechas dela tingem-se de rosa.

— Eu queria falar com você, mas você não retorna minhas ligações... o que você está fazendo atrás desse pilar? — Sua voz vacila quando seus olhos cruzam com os meus.

— Eu não sabia que você estaria aqui.

— Eu... vim ver a exposição.

Victor Bushnell explode em gargalhadas.

— Acho que essa é a deixa para minha saída. Venha me ver quando estiver livre, sr. Mahoney. Precisamos conversar.

Dominic responde sem desgrudar os olhos do belo rosto de Emily.

— Sim, com certeza.

Bushnell sai de nosso cantinho apertado.

— Vocês duas se conhecem? — Dominic me pergunta.

— Nós nos conhecemos há algumas noites, na casa de Tara.

— Dominic, por favor, será que você pode falar comigo?

Craig pega minha mão.

— Vamos, Emma. Vamos dar um pouco de privacidade aos dois.

Emily olha, grata.

— Oh, não é mesmo? Eu realmente agradeceria.

— Claro.

Craig puxa minha mão, mas estou paralisada. Eu me viro para Dominic, desejando que ele olhe para mim, mas sua atenção está voltada para Emily. Desse ângulo, não consigo adivinhar o que ele está sentindo. Mas, seja o que for, não tem nada a ver comigo.

E assim, quando Craig diz:

— Você vem, Emma? — eu o sigo sem dizer uma palavra.

Capítulo 21

Você está abalando minha confiança diária

Quando finalmente consigo desvencilhar minha mão da de Craig, estamos a três galerias de distância de Dominic, Emily e Victor Bushnell. Uma galeria depois, recupero minha voz e a descarrego sobre Craig. O que ele faz aqui? Por que está me seguindo? Qual é o problema dele?

Ele começa a gaguejar alguma desculpa envolvendo sua curiosidade em relação ao modo como reagi ao cartaz da exposição de Dominic, naquele dia no museu.

Eu o interrompo.

— Não cola. Tente outra desculpa, Craig.

Ele parece envergonhado.

— Eu queria ver você fora do trabalho.

— Então você está me seguindo?

— Não estou seguindo você.

— É o que está parecendo.

— Não. Eu só queria falar com você, mas sabia que não ia aceitar se eu pedisse um encontro. Pensei um pouco e apostei que você estaria aqui.

Eu o testo.

— E você queria verificar quem era Dominic.

Ele fica vermelho.

— Admito que estava curioso. Especialmente depois de ver sua reação na frente daquele cartaz.

Cogito refutar essa reação, mas para quê? Eu fiquei mexida mesmo, e fingir o contrário não vai mudar nada.

— Nós nos conhecemos muito bem.

— É.

Vou para a chapelaria e entrego o recibo para a atendente atrás do balcão. Craig faz o mesmo.

— Eu gostaria de uma bebida — diz ele. — E você?

Eu o ignoro, olhando em silêncio para as fileiras de casacos pendurados. A atendente volta com meu sobretudo, minhas botas e o casaco de Craig. Ele pega gentilmente meu casaco e me ajuda a vesti-lo.

— Um drinque só, Emma. Então eu a deixo em paz, prometo.

Concordo com a cabeça e ele me leva para fora, chama um táxi e dá o endereço de seu apartamento. É o último lugar para onde quero voltar, mas não tenho energia para protestar. Depois de conseguir o que queria — momentaneamente, de qualquer maneira —, ele se manteve em sábio silêncio.

Quando chegamos, Juliana ainda está na casa dele, terminando as refeições que ela deixa prontas para Craig comer no fim de semana. Quando estávamos juntos, eu sempre perguntei a mim mesma se Craig e Juliana formavam um pacote fechado. Se ele se casasse comigo, será que ela continuaria desempenhando um papel tão importante

naquela casa? E, se ela continuasse, eu me importaria?

Juliana está na cozinha, de uniforme e avental azul, que ela continua usando apesar de Craig ter pedido centenas de vezes para que ela abandonasse essa indumentária. Seu cabelo castanho-escuro é cortado rente à cabeça, e o rosto redondo ganha linhas de riso ao me cumprimentar.

— Emma, é bom ver você de novo.

— Igualmente, Juliana.

Nós nos abraçamos brevemente e, então, eu ocupo um dos bancos do bar do outro lado da sala.

— Fiz o seu favorito — diz Juliana para Craig. — Quer que eu tire do forno?

— Acho que dou conta disso.

— Então, estou indo embora.

— Obrigado, Juliana — Craig diz, com os olhos em mim.

— De nada. — Ela me dá um tapinha no braço. — Sim, é bom ter você de volta.

Devolvo o sorriso, mas não compartilho o sentimento. Não quero estar de volta, e tenho de encontrar uma maneira de dizer isso a Craig. Logo.

A porta da cozinha se fecha atrás dela, rangendo ameaçadoramente nas dobradiças. Ou, provavelmente, ando exagerando na leitura dessas coisas, não? A porta só range ameaçadoramente nos filmes de terror. E, tão nervoso quanto eu mesma me sinto, Craig está longe de ser um bicho-papão pronto para arrancar minha cabeça.

Craig abre um armário, tira dois copos e uma garrafa. Quando coloca um dos copos diante de mim, percebo que é uísque escocês. O que é engraçado porque, quando estávamos juntos, eu nunca bebia uísque. Não consigo entender como ele sabe desse dado novo sobre mim, que eu tomei gosto por uísque. Pergunto por que ele escolheu essa bebida.

— Parecia ser o que você precisava.

Tomo um gole e estremeço. Por causa do álcool, mas também porque me sinto estranha por estar aqui. Com Craig.

— Boa pedida.

Craig solta a gravata. Ele se senta em um banquinho no outro lado da cozinha. Estamos separados por vários metros de granito preto, como costumávamos estar quase todas as manhãs. Naquela época, parecia algo confortável e seguro, mas agora é apenas mais uma coisa que eu tenho de consertar.

Bebemos em silêncio por um tempo. Enfim, ele começa a me contar sobre ele e Sophie, todos os detalhes que eu não quero saber, mas não consigo parar de ouvir. Eles *se separaram*, e eu era a razão. Craig quer que eu saiba porque ainda me ama. Ele quer voltar a ficar comigo.

— Mas nós mal nos vimos desde que eu voltei. — É tudo o que consigo dizer quando ele olha para mim cheio de expectativas.

— O que isso tem a ver? Estivemos juntos por três anos. As últimas semanas não mudam nada.

Eu sinto um desejo estranho de rir, mas me contenho e digo:

— Mas você disse que tinha seguido em frente, que... ficou *aliviado* quando se convenceu de que eu estava morta.

— Eu nunca disse isso.

— Disse sim. Depois do programa da Cathy Keeler.

— Não foi o que eu quis dizer. Eu quis dizer que... esperar para descobrir o que tinha acontecido, se você tinha sobrevivido, foi uma tortura horrível. E aceitar que você estava morta, nesse sentido, foi uma *espécie* de alívio. Eu jamais ficaria aliviado com sua morte. Você realmente acredita nisso?

— Não sei. Acho que parte de mim, sim. E você escolheu Sophie, então...

— Não, não foi bem assim. Naquele dia, eu tentei explicar, mas você não deixou. Você foi embora. Achei que *você* queria terminar comigo. Então, tentei respeitar os seus desejos.

— O que fez você mudar de ideia?

— Percebi que eu devia isso a nós, a você... tentei fazer com que você soubesse o que eu queria.

Eu o observo do outro lado do granito.

— E você estava com ciúmes.

— De Dominic? Talvez.

— Humm.

— Então?

— Então o quê? Quer que eu volte com você?

— Sim.

— Não, Craig.

— Por que não?

— Por tudo o que aconteceu. Não podemos voltar atrás. Se eu aprendi uma coisa, é isso.

— Eu sei disso, Em. Não estou pedindo para que as coisas sejam como eram, eu só estou pedindo outra chance. Para... voltar ao começo.

Ele sua tanto como eu que quase chego a sorrir.

— Você quer voltar para os tempos de treinamento no litigioso?

Ele sorri de volta.

— Se isso for preciso. — Seus olhos parecem surpreendentemente gentis, a um milhão de quilômetros de distância do normal.

Deus, eu gostaria de amar este homem. Gostaria que ele fizesse parte da minha vida, para que eu a sentisse como um todo novamente.

Eu respiro profundamente.

— Craig...

Seu sorriso diminui diante de meu tom.

— Emma, você não acha que...

— Não, eu não acho. Eu não... sinto isso por você. E, para ser honesta, e eu juro que não digo isso para ser cruel, acho que nunca senti tanto quanto você. Não estou dizendo que nunca te amei. Amei, e ainda amo, mas você não é o meu futuro.

Ele fica sentado totalmente imóvel, com as mãos espalmadas no granito.

— Diga alguma coisa.

— Tem certeza?

— Sim.

— Qual é o passo seguinte, então?

Eu passo o polegar sob meu olho, colhendo uma lágrima.

— Eu não sei.

— Mas você sabe que não vou estar envolvido?

— Desculpe, Craig, mas é isso mesmo.

Eu me levanto e contorno a cozinha em direção a ele. Craig me olha com cautela.

— Obrigada por dizer o que você disse. — Eu me inclino e o beijo suavemente no rosto. — Isso significa muito. Mais do que posso expressar.

— Eu gostaria que você mudasse de ideia.

— Eu sei — digo, e nós permanecemos ali, daquele jeito, por um longo tempo.

Na manhã seguinte, estou caminhando por uma área meio erma da cidade. Tento encontrar o endereço que Stephanie me deixou no correio de voz, com instruções para encontrá-la às dez. O recado citava algo sobre uma grande "oportunidade de negócio", o que me deixou nervosa por ela: já ouvi esse mesmo tom de excitação imprudente outras vezes.

É um daqueles dias de luz imprecisa, quando é difícil adivinhar a hora do dia, e um vento forte se infiltra entre os prédios. Como o celular de Stephanie estava cortando no momento em que ela deixou a mensagem, não tenho certeza se anotei todos os dados corretamente. Dada a indigência da área, minhas dúvidas aumentam a cada minuto.

Estou prestes a desistir quando encontro o endereço "4356 Boston Avenue" escrito em letras brancas descascadas acima da entrada de uma loja fechada. As janelas de vidro estão cobertas com papel pardo. Uma fresta de luz ilumina a anódina porta preta.

Aperto a campainha branca embutida na parede. Ela toca asperamente. A porta range ao abrir. O rosto travesso de Stephanie dá uma espreitadela.

— Você me achou!

— Não graças a sua mensagem enigmática.

— Eu sabia que devia ter ligado de novo.

— Vai me dizer o que você aprontou?

Ela dá um passo para trás.

— Venha para meu recanto e veja.

Entro. A loja tem cerca de cento e quarenta metros quadrados de área livre. As paredes são revestidas de estantes do piso ao teto. O ar cheira a coisa velha e há partículas de poeira flutuando no ar, iluminadas por uma luz fluorescente dura.

— O que é isso?

Ela caminha até o meio do ambiente e lança os braços para cima.

— Bem-vinda à livraria The Book Connection. Amou a ideia?

— Sério? Você vai mesmo investir naquela coisa de livraria/ponto de encontros amorosos?

— É isso aí.

— Tem certeza de que é o momento apropriado para abrir uma livraria?

Ela me lança um olhar.

— Eu só queria dizer... eu me preocupo com você. Você realmente pensou bem nisso?

— Claro que sim.

— Mas quando você teve tempo para organizar tudo isso?

Ela ergue uma sobrancelha.

— O quê? Você, por acaso, é a única superempreendedora do mundo?

— Você sabe que não foi isso o que quis dizer.

— Eu sei. De qualquer forma, faz uns dois dias que decidi tocar o negócio em frente e encontrei um corretor de imóveis, que me mostrou um monte de lugares ontem.

— Você viu este lugar pela primeira vez ontem?

— A-hã. E assinei o contrato ontem à noite mesmo. Não é demais?

— Você não acha que é um pouco rápido?

— Você sabe bem que faz séculos que eu quero fazer algo mais concreto.

— Eu sei, mas...

— Nada de mas. Às vezes você não tem vontade de chutar as coisas para o alto e fazer algo totalmente espontâneo?

Eu rio.

— Você sabe que não.

— Talvez esse seja o seu problema.

Sinto uma vibração de aborrecimento.

— O que você quer dizer?

— Oh, eu não sei. É só... você poderia ter *morrido*, Emma. Isso não mudou as coisas em nada para você?

— Você não pode estar falando sério.

— Sei que muitas coisas ruins aconteceram, mas o que *você* mudou em sua vida?

Eu vou para a janela. O papel marrom bloqueia a vista para a rua. Sento-me no parapeito, recolhendo os joelhos sob o casaco.

— Está tudo bem, Em?

— Por que todo mundo espera que eu mude toda a minha vida só por causa do que aconteceu comigo?

— Quem é todo mundo?

— Você. Matt. Dominic.

— Dominic?

— Ele tinha essa conversa, lembra? "Imagine as possibilidades" e outras bobagens do gênero.

— E você imaginou?

— Não. Eu não quero que minha vida mude.

Ela começa a rir. Descontroladamente.

— O que é tão engraçado?

— Sua vida já mudou, Emma, quer queira quer não.

— Você não acha que eu sei disso?

— Não, não estou certa se você realmente sabe. — Ela se senta ao meu lado no parapeito. As partículas de poeira sobem em um redemoinho. — Você não é a única que perdeu coisas em toda essa história, sabe? Lembre-se, todo mundo me disse que você estava morta.

Forma-se um nó em minha garganta.

— Eu sei.

— Eu, na maior parte do tempo, não acreditei. Mas às vezes não conseguia evitar o pensamento de que podia ser verdade.

— Steph...

Ela me corta.

— Não, não estou dizendo isso para você se sentir culpada. O que quero que saiba é que, de certa forma, especialmente porque tudo acabou bem, eu sou muito grata pela experiência. — Ela balança a cabeça. — Isso saiu errado, acho que me expressei mal. O que quero dizer é que fiquei feliz que você soubesse o quanto eu te amava e a sua importância para mim. Sabia que, se você realmente estivesse morta, pelo menos eu não teria nenhum arrependimento em relação a nós.

— Todo mundo se arrepende de alguma coisa.

— Eu sei, mas acho que talvez devêssemos tentar minimizar os arrependimentos.

— O que você está dizendo? Que eu deveria viver cada dia como se fosse o último?

— Talvez, sim.

— Não dá para viver assim.

— Algumas pessoas conseguem.

— Pode ser. Mas eu não quero.

— O que você quer, então?

— Você pode responder essa pergunta?

— Nós não estamos falando de mim.

— Eu sei, mas por que tenho de viver de acordo com um padrão que não se aplica a ninguém mais? Apenas por causa do que aconteceu comigo?

Ela esfrega minhas costas enquanto me esforço para manter o controle. Algumas lágrimas grossas caem no chão empoeirado, achatando-se em pequenos círculos úmidos no piso.

— Eu só quero que você seja feliz.

— E eu estou tentando. Por que é tão difícil de acreditar?

— Não sei, mas simplesmente é.

— Tem a ver com aquela coisa estúpida do cinema, não é?

— Como assim?

— Sabe todos aqueles filmes em que a mocinha tem uma experiência de quase morte? E então ela percebe que sempre quis ser pianista de concerto ou pular de paraquedas? E o cara que a ensina a saltar do avião é lindo e meio perdido, e eles se apaixonam e vivem felizes para sempre?

— Que filme é esse?

— Você sabe o que quero dizer. E eu ainda não tive realmente uma experiência de quase morte, eu só figurei em uma lista de contagem de mortos.

— Se pudesse, você voltaria exatamente para a vida que tinha antes?

— Talvez sim. Exceto por Craig. Eu poderia deixá-lo fora.

Ela sorri.

— Consigo pensar em pelo menos uma coisa de sua nova vida que você não gostaria de apagar. Uma pessoa, ao menos.

— Hum, talvez não. — Ponho Steph a par de tudo sobre Dominic, Emily, Craig e a fotografia tirada na véspera de Natal.

— Então, acho que é isso — digo. — Perdi dois homens em uma noite. Eu chego a ficar impressionada comigo mesma.

Ela balança a cabeça.

— Você consegue ser bem burra, às vezes.

— Do que está falando?

— O que você disse a Craig sobre não ser capaz de voltar atrás... Você acha que isso não se aplica a você?

— Claro, eu sei que se aplica a mim. Mas eu acho... Eu gostaria que isso não acontecesse.

— Você não pode desfazer o que aconteceu. Ou voltar no tempo.

— Sei — eu concordo, embora em minha mente eu esteja construindo a minha própria máquina do tempo.

Capítulo 22

Prioridades

O sonho novamente. África. O safári. A fogueira. Banga-Bob. O entusiasmo dos meus companheiros de viagem, a mistura exótica de carnes. Empurro meu jantar goela abaixo com a ajuda de um bocado de cerveja local, uma mistura salobra de álcool que raspa a garganta e cheira a casca de árvore. O gosto é horrível, mas o resultado não é desagradável. Além disso, tem a vantagem de entorpecer o efeito da súbita aparência etérea de minha mãe. Ou, quem sabe, dessa maneira fico anestesiada o suficiente para vê-la assim, bem, viva e me alertando do perigo.

Só que, dessa vez, ela diz:

— Olhe na caixa.

— Por quê, mãe? O que tem lá?

Ela afaga minha testa, afastando o cabelo de meus olhos do jeito que costumava fazer quando eu caía doente e faltava na escola.

— As respostas, é claro.

As respostas para quê? Quero gritar, mas não consigo. Não posso gritar com minha mãe. Não tenho energia. Só tenho o álcool fluindo em minhas veias, tornando-me menos cuidadosa do que deveria.

Ela beija minha testa e se vai, flutuando para longe de mim como fez muitas vezes antes. Sinto-me triste como sempre, mas, pela primeira vez, também um pouco esperançosa.

Se eu me lembrar desse sonho, vou obter as respostas em breve.

Foi o que minha mãe disse.

Embora seja incrivelmente cedo, acordo cheia de esperança. É estranho, uma vez que a cabeça lateja com o início de uma enxaqueca e a boca tem um gosto de galho de árvore, mas deixo tudo isso de lado. A esperança é boa. A esperança faz bem. Esperança é quase tudo o que me sobrou.

Tento preservar esse sentimento o máximo de tempo, demorando-me debaixo das cobertas. Mas algo o corrói. Algo que parece... *errado*. Leva um segundo para descobrir, mas então entendo.

Não estou na minha cama.

Esta cama está no lado errado do quarto. E estes não são os meus lençóis, são mais rígidos. Parecem familiares, embora distantes, como se pertencessem a uma outra vida. A mesma sensação que tive em relação a meu apartamento, quando voltei para casa.

Meus olhos abrem.

Estou no quarto de Dominic.

Não acredito que fiz isso.

Ontem à noite, quando cheguei ao apartamento, que ainda está cheio das coisas dele, tirei a roupa e entrei no chuveiro quente, esperando que a água me devolvesse a vida,

assim como naquela primeira noite de volta para casa, quando eu estava dominada pela confusão e perdida em meio ao cenário e aos reconhecidos sons de meu banheiro. Depois de me enxugar, vesti meu pijama mais confortável. E então, ainda me sentindo frágil e confusa e perdida, fui ao quarto de Dominic e subi em sua cama, deixando o cheiro dele me acalmar até cair no sono.

E é aqui que estou agora. No quarto de Dominic, na cama de Dominic. Como uma idiota.

Bem, posso consertar as coisas, de qualquer maneira. Desço da cama de Dominic e a arrumo impecavelmente, certificando-me de não deixar para trás quaisquer vestígios de meu momento de fraqueza.

Depois de confirmar o que já sei — a geladeira está vazia —, visto um jeans e um agasalho adequados ao frio da rua. Saio para a alvorada e tomo o rumo da cafeteria local, que, sei por experiência, já está aberta a essa hora. Sou a primeira cliente, e peço o mais reforçado café da manhã do cardápio. Fico empanturrada e com sono, mas em vez de ceder a ele, peço outra xícara de café para me forçar a acordar.

Saio da cafeteria com o dia mais luminoso, mas ainda não totalmente claro. Sinto como se houvesse algum lugar onde precisaria estar, mas não sei exatamente onde. Incapaz de descobrir por mim mesma, vou para o escritório. Em geral, lá é o lugar onde preciso estar quando me sinto assim.

O saguão do edifício está vazio. O vigia noturno parece entediado em seu posto de guarda. Eu uso meu crachá para passar pela catraca e, em seguida, pego o elevador para meu andar. Deixo casaco e botas no vestíbulo e caminho só de meias pelo corredor, criando uma carga estática azulada conforme ando.

É estranhamente tranquilo estar no escritório deserto. Eu costumava vir com frequência nos fins de semana, esperando, de certa forma, poder trabalhar em meus casos sem a costumeira trilha sonora — sem e-mails chegando, sem telefones tocando, sem Matt. Eu me perdia então no meu próprio mundo e descobria coisas. Uma nova abordagem para um caso, uma linha de interrogatório mais eficiente, capaz de conduzir a uma solução ou a uma vitória em determinada ação.

Paro à mesa de Jenny. O bloco de recados cor-de-rosa está ao lado do telefone, mantido no lugar pelo peso de um frasco de esmalte brilhante. Dou uma folheada no bloco. Entre as mensagens de papel carbono que Jenny me passou está a prova que procuro. Dominic ligou, Dominic ligou, Dominic ligou.

Levo o bloco de recados para minha mesa. Noto um papelzinho igualmente cor-de-rosa no chão. É a mensagem de Carrie, assistente de Cathy Keeler. Tem o número do telefone celular dela, para o caso de eu mudar de ideia.

Aliso o papel distraidamente, enquanto olho para fora pela janela. Fico observando a paisagem por um longo tempo, vendo o sol se erguer, conforme reconstituo a sequência das mensagens que nunca recebi. Quando o sol fica bem brilhante, fecho os olhos e tento limpar a mente para me concentrar no que é que me trouxe até aqui, a única coisa que parece fora de alcance. Deixo cada pensamento ruim fluir, mas apenas por trinta segundos. Então eu o afasto para dar lugar ao próximo. Um por um.

O tempo passa e eu afasto os problemas. Minha mente parece mais clara, e eu finalmente me sinto conectada ao meu cérebro como há muito tempo não acontecia. As

ideias começam a tomar forma, delineando um caminho para onde quero ir e, talvez, o ponto de chegada também. Abro os olhos, pego a caneta e puxo o bloco de papel para anotar uma lista de coisas a fazer, como a que rascunhei antes do Natal.

Talvez dessa vez eu consiga acertar.

Passo o resto do dia trabalhando, criando, feliz.

Sim, *feliz*. Estou no clima. Meus neurônios estão em chamas. Tudo funciona bem. Sinto-me como costumava me sentir, o que é bom. É por isso que sempre trabalhei tão duro. Isto é o que amo. Isto é o que tenho procurado desde que voltei. Fico devendo essa a Matt, mas também a Craig, o que me deixa um pouco triste, mas principalmente grata. O amor pode trazer felicidade altruísta. Sempre soube dessa máxima, mas agora eu a sinto dentro de mim.

Quando o bom dia de trabalho termina, vou para casa. E, claro, uma vez que minha vida é o que é atualmente, encontro algo que não esperava: Dominic esteve no apartamento.

Não percebo nada à primeira vista. Não há casaco extra pendurado no cabide nem botas que não deveriam estar lá. Mas noto *algo* diferente, algo no ar que me dá algumas dicas. Parece que existe menos solidão aqui do que havia antes, apesar de eu ainda estar sozinha.

Caminho pelo corredor apurando os ouvidos, mas o apartamento está silencioso. A porta do quarto de Dominic está entreaberta. Eu a empurro. As caixas que estavam alinhadas ordenadamente contra a parede se mostram mexidas. A de Roupas Velhas parece ter desaparecido.

Sento-me na beira da cama à espera de alguma coisa, talvez que ele reapareça, mesmo sabendo, no fundo, que nada disso vai acontecer. E então, prometendo a mim mesma que vai ser só mais uma vez, eu me espalho sobre a cama, sorvendo a mistura de nossos cheiros até me acalmar e dormir.

Na segunda-feira de manhã, aguardo Matt em seu escritório. O céu está escuro. Pequenos e duros flocos de neve golpeiam a janela.

— Que agradável surpresa — graceja Matt enquanto pendura seu casaco marrom atrás da porta. — O que é que há?

— Acho que posso ter encontrado algo novo no caso da Mutual Assurance e eu queria falar sobre isso.

O rosto dele se ilumina.

— Isso soa promissor. O que é?

Conto tudo conforme ele se acomoda em sua cadeira atrás da mesa e arregaça as mangas de sua camisa de executivo, assumindo a costumeira pose de negociador sindical.

— Então, se você estiver certa, temos um caso de negligência contra o museu?

— Acho que sim. Não deixa de ser uma grande falha da parte deles.

— Como podemos provar que a tela foi roubada desse jeito?

— É aí que vou precisar de ajuda. — Falo a Matt sobre o vídeo de vigilância.

— Quem você tem em mente?

— Pensei que a Brigada das Iniciais poderia ser útil.

Ele sorri.

— Tem certeza de que eles estão à altura da tarefa?

— Posso cuidar deles.

— Estou certo que sim. — Matt tamborila os dedos no canto da mesa. — Sabe, se você estiver certa, mais pessoas além de nosso cliente vão se interessar.

— Eu sei.

— Por que não passar seu palpite para a polícia fazer o trabalho?

Dou de ombros.

— A investigadora encarregada do caso acha que estou lutando contra moinhos de vento. Seria bom provar que ela está errada.

— E o comitê de gestão?

Eu encontro seu olhar inteligente.

— Eles também.

— Tudo bem. Mantenha-me informado.

— Pode deixar.

Matt sorri para mim com orgulho.

— É bom ter você de volta, Emma.

— Já faz semanas que eu voltei.

— Tem certeza?

Uma hora depois, eu ocupo uma das salas de reuniões e começo a montar minha equipe. Eles sentam-se ao redor da longa mesa de cerejereira e me olham com certa apreensão. Eu explico o que precisa ser feito: quero que assistam ao vídeo do museu para verificar se todo mundo que entrou também saiu.

Eles resmungam e reclamam, mas posso ver que estão interessados.

J. Perry levanta a mão.

— Qual é, J.P., você não precisa erguer a mão para falar.

Ele abaixa a mão.

— Você realmente acha que o ladrão ficou dentro dessa caixa durante toda a noite?

— Bem, certeza eu não tenho, mas acho que sim. É aí que vocês entram.

— Então, basicamente, você quer que a gente assista a horas de fita procurando por algo que não está lá, só com base em um palpite?

— Isso mesmo. Vocês topam?

I. William dá de ombros.

— Melhor do que ficar fazendo pesquisa para Sophie.

Amém.

— Tudo bem, então. Por que não começam agora? Avisem-me imediatamente se encontrarem alguma coisa. Se não fizerem isso, nos encontramos aqui, amanhã, na mesma hora, para conferir as coisas. — Eu me viro para Monty, que está rabiscando estrelinhas na borda de seu bloco amarelo. — Podemos falar por mais um minuto?

Espero os outros saírem.

— Você conseguiu fazer aquela pesquisa?

Monty se move para trás e para a frente, impulsionando a cadeira com os calcanhares.

— Sim. Mas nada muito animador. Se o proprietário do imóvel ganha uma ação de expulsão e o inquilino não sai por vontade própria, o senhorio tem o direito de remover qualquer bem encontrado dentro de sua propriedade.

— Eles não têm de armazenar esses bens em algum lugar? Eles podem simplesmente jogar tudo fora?

— Aparentemente, sim.

— Droga.

— O que isso tem a ver com a coisa do museu, afinal?

Junto os meus papéis.

— É outra questão que um cliente precisava olhar.

— Então, é isso.

Volto para meu escritório fugindo de sua expressão curiosa. Jenny me segue, usando um conservador (para ela) tailleur azul-marinho. Ela me avisa que Stephanie telefonou, assim como a incansável assistente do *Em Progresso*.

— E o advogado do sr. Bushnell ligou para agendar uma data para os depoimentos.

— Alguém mais?

— Não.

— Tem certeza?

Ela me olha com o rosto inocente.

— Claro.

— Olha, Jenny, eu sei que você não tem me passado os recados de Dominic.

Ela fica vermelha.

— Desculpe.

— Você sabe o quanto é importante para mim receber meus recados — digo tão delicadamente quanto consigo. — E sei que você não é de esquecer. O que está acontecendo?

— Eu não esqueci. Fiz de propósito.

— Posso saber o motivo?

— Fiz isso por você.

— Como assim?

— Você ficou totalmente arrasada na primeira vez em que ele ligou. Não queria que você passasse por isso outra vez. Não depois de tudo o que tem acontecido.

Minha garganta aperta.

— Eu não fiquei tão triste, fiquei?

— Você não me dirigiu a palavra por dois dias.

Pergunto-me brevemente se é verdade, mas admito que foram um tanto nebulosos os dias seguintes à ligação em que Dominic anunciou que sairia do apartamento.

— Você tem de me passar todos os meus recados, não importa de quem venham, certo?

— Quer dizer que você não vai me demitir?

— É claro que não. Você é a única que consegue me manter sã por aqui.

Ela me abre um sorriso branco e luminoso.

— Eu faço o meu melhor.

— Obrigada.

— Por quê?

— Por... tentar me proteger. Fico muito grata.

— Sempre que você precisar.

Ela salta para fora do escritório e eu sento à minha mesa. Quase instantaneamente, os meus e-mails chegam. É Jenny, informando as datas e os horários em que Dominic telefonou. Há um P.S. no pé da mensagem: *Você vai ligar para ele?* :)

Pego o bilhete com o número de Carrie e adiciono o telefone de Dominic logo abaixo, rabiscando uma caixa em torno dele até a tinta deixar uma marca profunda no papel.

Esses números são um caminho para a paz ou para o desastre?

Se ao menos eu soubesse.

Capítulo 23

Como de costume

*E*stou em casa às voltas com o caso da Mutual Assurance, matando o tempo até a hora de jantar com Stephanie. Releio os relatórios a respeito de Victor Bushnell, encomendados por Sophie a um investigador. Geralmente não é algo que gosto de fazer, mas, uma vez que ele mesmo disse que aprendeu tudo sobre mim, acho melhor retribuir o favor. E é realmente fascinante ver como são as coisas por trás da cortina do Mundo de Oz. Muitos dos detalhes são de domínio público, claro, mas outros não. Um exemplo: Bushnell havia levantado um vultoso empréstimo pessoal oferecendo como garantia o quadro de Manet. Outro: ele não tem ativos desonerados suficientes para honrar o empréstimo se o dinheiro do seguro não for liberado.

A campainha toca. Eu me levanto para atender, massageando o torcicolo no pescoço ao longo do caminho. O seguro-saúde da TPC cobre dez massagens por ano, mas nunca consegui aproveitá-las. Eu devia ter pedido a Jenny para agendar uma sessão para mim amanhã. Definitivamente, eu mereço.

Abro a porta quando Stephanie aciona a campainha pela segunda vez.

— Estamos atrasadas para alguma coisa?

Ela sorri para mim do fundo de seu capuz forrado de pele.

— Está um gelo aqui fora.

A temperatura está mesmo congelante, pelo menos dez graus mais frio do que poucas horas atrás. Deixo-a entrar e fecho a porta rapidamente.

Ela me examina de cima a baixo.

— Você ainda não está pronta para sair?

Visto uma calça de moletom surrupiada da caixa Roupas Velhas de Dominic e um suéter de lã creme com decote em V, que eu consegui sujar de caneta marca-texto amarela por toda parte.

— Você acha que preciso me trocar?

— Se você ainda quiser ir para o Studio, sim.

— Claro, tinha esquecido. Você queria ir chique esta noite.

— O que quero mesmo é fugir desse seu macarrão com queijo fora de moda.

— Por que não posso fazer nosso jantarzinho no micro-ondas e economizar trinta e seis dólares?

Ela sacode a cabeça encapuzada.

— Nada disso. Você topou sair, e nós vamos sair à noite. Você tem se escondido aqui por tempo demais.

— Não estou me escondendo.

— Tanto faz. Vai trocar de roupa.

Eu a deixo na entrada e busco em meu armário algo que seja chique e quente o suficiente para ir ao restaurante mais badalado do mês, em uma noite congelante.

— O que você está vestindo sob o casaco? — pergunto a Stephanie.

— Meu vestido suéter de lã.

Isso significa que o meu vestido suéter de lã está fora do páreo. Fico olhando para o armário ocupado pela metade. Eu realmente preciso de mais roupas. Maldito Pedro. Não acredito que não posso processá-lo. Talvez eu devesse recorrer a alguém um pouco mais arguto do que Monty para cuidar disso. Não, nada disso, é bobagem. Preciso aceitar que não tenho como mover uma ação contra ele. Se bem que... Pedro nem desconfia... eu poderia levá-lo ao tribunal de pequenas causas. Quem sabe isso não o ensina a pensar duas vezes antes de fazer com outra pessoa aquilo que ele fez comigo.

Caramba, você já ouviu a si mesma? Você soa como a Sophie.

— Vamos logo, Em! Bota um bom jeans e uma de suas blusas novas, e está perfeito!

Sigo as instruções e passo uma escova no cabelo, verificando meu reflexo no espelho. Meu bronzeado quase não existe mais. Somente as sardas na ponta do nariz e o contorno fraco dos óculos de sol ao redor dos olhos traem onde eu estive.

Entro na sala. Stephanie está em frente ao quarto de Dominic. Ela se vira para mim com um olhar interrogativo.

— Pensei que você tinha dito que Dominic não estava mais aqui.

— Ele não está.

— Então por que a cama dele está desfeita?

Eu sabia que tinha me esquecido de alguma coisa esta manhã.

Dou de ombros.

— Coisa de homem. Foi assim que ele deixou.

— A cama dele estava feita na última vez em que estive aqui.

Ah, que inferno.

— Você tem de ficar ligada em tudo?

— Vai me explicar?

Existe alguma maneira de contar a ela o que venho fazendo sem parecer patética e fraca?

— Tenho tido dificuldade para dormir.

— Não me diga que você está dormindo no quarto dele?

Concordo com a cabeça.

Ela começa a rir.

— Menina, você está na pior.

— Tá, tá, vamos jantar ou o quê?

— Foi só uma vez?

Vou para o saguão e tiro meu casaco do gancho.

— Duas vezes? Por favor, me diga que não foram mais do que duas vezes.

Calço minhas botas.

— Agora eu realmente preciso checar aquela lista de prós.

Abro a porta e gesticulo para a escuridão lá fora.

— Estou com fome. Você vai ficar me zoando ou já está pronta para sair?

— Oh, eu estou pronta. — Seus olhos cintilam quando ela puxa o capuz. Ela pula do degrau para a calçada cheia de neve.

Começo a segui-la, mas paro e me lembro de uma coisa.

— Espere um segundo, tá?

— O quê...?

Disparo pelo corredor até o quarto de Dominic. Estico os lençóis e afofo os travesseiros. Arrumo o edredom no lugar e aliso a superfície com as mãos, eliminando as rugas. Assim é melhor. Agora... uma rápida olhada ao redor revela um copo com água pela metade na mesa da cabeceira. Eu o resgato e o coloco sobre a mesa no corredor. Me junto a Stephanie lá fora, fechando a porta atrás de mim.

— O que você foi fazer?

— Apagar os meus rastros.

— E pensar que tem clientes que pagam centenas de dólares por hora para você resolver os problemas deles...

— Vai se catar, Steph.

— E você também tem uma boca daquelas.

Eu trinco meus dentes.

— É melhor você acreditar nisso.

Chego em casa por volta das dez, com o estômago cheio e os ouvidos zunindo por causa da música demasiadamente alta. O Studio era meio restaurante e meio clube, só que o DJ tocava no volume de festa. Foi difícil conversar, mas o lado positivo foi que Stephanie desistiu de interrogar sobre meus recentes hábitos de sono quando fingi que não conseguia ouvi-la.

Conforme tiro o casaco e o cachecol, já começo a sentir o ataque da insônia vindo em minha direção. Depois de ter sido flagrada por Stephanie, prometi a mim mesma que vou parar de dormir onde não devo. Tenho a sensação de que vou ver TV até a alta madrugada.

Percebo a luz do corredor assim que deixo o saguão. A porta do quarto de Dominic está entreaberta, embora eu jure que a fechei há duas horas.

Meu coração salta. Dominic esteve aqui. Ainda está? Mas por quê? O que ele quer? Por que ele me telefonou esse tempo todo? E o que Emily queria com ele no museu?

Como de costume, não tenho nenhuma resposta. Graças a Deus, fiz a cama antes de sair.

Ouço o arrastar de uma cadeira no chão da cozinha. Ou é Dominic ou estou sendo roubada. Que seja a opção A, por favor.

Ando cautelosa pelo corredor, o meu coração se acelerando. Ele está aqui. Deve estar esperando por mim, certo?

Dominic está sentado na mesa da cozinha vestindo jeans e o suéter que dei a ele no Natal. Ele folheia a pasta que deixei espalhada sobre a mesa.

— O que você está fazendo?

Ele ergue os olhos.

— Essa é uma leitura bem interessante.

Vou em direção à mesa e começo a recolher as folhas soltas.

— Você não devia estar lendo isso.

— Estava tudo aberto sobre a mesa.

— Eu não devia ter deixado assim. Eu não fazia ideia de que você vinha.

— Desculpe — diz ele, irritado. — Não sabia que precisava de permissão para vir ao

meu próprio apartamento.

— Você não precisa. Pode vir quando quiser. Apenas...

— Apenas o quê?

— Só estou um pouco confusa, acho. Quer dizer, você volta da Irlanda e diz que vai ficar em outro lugar, mas depois continua aparecendo aqui, mesmo sem ligar primeiro...

— Eu liguei para você um monte de vezes. Você nunca me retornou, lembra?

— Eu disse a você na galeria. Nunca recebi esses recados.

Ele empurra a cadeira para trás, caminha em direção a pia e se apoia no balcão. No armário acima de seu ombro esquerdo estão as marcas do soco que ele desferiu naquela noite. Na noite em que Emily ligou. Na noite em que dormimos juntos.

— O que Emily queria naquela noite?

Ele se vira para mim, seus olhos espalhando uma onda fria por toda a sala quente.

— Quero que ela fique fora disso. E que não se fale mais nada sobre nós.

Suas palavras me atingem como uma bofetada. Ele não quer que Emily saiba que dormimos juntos. Eles devem estar juntos outra vez. Ele a aceitou depois de tudo o que ela fez.

— Eu não disse nada a ela sobre nós.

— Ah, verdade?

— Eu não tenho de me defender de você, mas, sim, é verdade.

— Certo, que seja.

Minhas mãos começam a tremer. Quero arremessar a pasta do caso através de toda a sala, como fiz com o copo de uísque, mas o tempo dos gestos infantis acabou. Além disso, não causaria o mesmo efeito dramático.

Ele começa a se mover para se afastar de mim e eu o pego pelo braço.

— Espere, Dominic. Por favor, não vá embora.

Ele dá de ombros.

— Eu preciso ir.

— Será que você pode, pelo menos, me dizer por que veio aqui hoje à noite?

Ele olha para mim, mas não tenho certeza se me enxerga, não realmente.

— Não me lembro — diz ele, e se vai.

Capítulo 24

Baixo percentual de acerto

Stephanie estava errada sobre a lista de prós e contras. Por mais que goste de listas, nunca fiz uma sobre Dominic. Eu não queria reduzir tudo o que há entre nós em duas colunas. Mas isso foi antes de hoje à noite. Porque agora minha vontade é a de reduzi-lo, sim, objetivamente a duas colunas, descascá-lo até a polpa.

O lado positivo de toda essa raiva é que deixo de ter problemas em evitar o quarto dele e, por tabela, resolvo minha insônia também. Na verdade, caio no sono contando, em vez de carneirinhos, todas as maneiras possíveis de desgraçar a vida de Dominic. É estúpido e imaturo, eu sei, mas homens se portando mal têm o dom de despertar isso em mim.

Meu castigo por todo esse sono fácil é que tenho de acordar mais uma vez muito, muito, muito cedo, com meu cérebro a mil por hora.

Visto o roupão de banho e vou para a cozinha. Lavo a cafeteira, ponho água para passar um café fresco e mergulho no caso da Mutual Assurance. Em um instante, estou cercada pelo aroma do café e profundamente imersa nos papéis, tentando adivinhar uma trilha em meio às migalhas dispersas de informação.

Duas horas depois, não avancei muito, mas ganho uma dor de cabeça para acrescentar aos meus problemas.

Descanso a cabeça na palma da mão e esfrego os olhos com os dedos. Sinto o estômago enjoado, como se tivesse bebido muito na noite anterior, embora não tenha tocado em uma gota de álcool.

Nada na minha vida pode ser simples e direto? A essa altura, eu não deveria estar protagonizando uma grande virada na vida? Já devo ter chegado ao terceiro ato dessa comédia, certo? O que significa que basta apenas uma curva para a esquerda, e logo poderei vislumbrar o meu final feliz.

Melhor começar logo com isso, então.

Quando chego ao escritório, encontro Jenny cercada por várias outras secretárias. O objeto de seu arrulho de prazer coletivo é um simples vaso de tulipas multicoloridas.

— O que é isso?

As colegas de Jenny me lançam olhares cheios de culpa e correm de volta para seus cubículos.

— Elas são para você! — declara Jenny, entusiasmada.

— Oh... hum, bem, vou levar o vaso para meu escritório.

Estendo as mãos e ela ergue o vaso para mim. Sinto o perfume sutil das flores, uma suave carícia de primavera.

— Acho que são um presente *dele*! — ela levanta as sobrancelhas sugestivamente.

— O que faz você pensar isso?

— Porque ele mesmo entregou as flores.

— O quê? Dominic esteve aqui?

— Dominic tem cabelos escuros, olhos verdes e um bumbum bem bonito?

— Hum, talvez.

— Eu disse que ele podia esperar por você, mas ele só quis deixar as flores e foi embora.

— Ele disse alguma coisa?

— Não, mas deixou um cartão, viu? — ela aponta para as flores.

Há um pequeno cartão branco dobrado ao meio. — O que você acha que diz?

— Não tenho ideia.

— Vocês brigaram ou algo assim?

— Ou algo assim.

Fecho a porta do meu escritório e aperto o botão para deixar os vidros da sala opacos. Sento-me na *chaise-longue* e deposito as flores delicadamente na mesa de centro. Pego o cartão. Meu nome está escrito nas mesmas letras maiúsculas daquele bilhete pós-transa deixado por Dominic. Luto contra a lembrança da sensação de seus lábios nas minhas coxas, quando ele abriu caminho por ali aos beijos.

Desculpe, está escrito no cartão. *Desculpe. Você me perdoa?*

Sem parar para pensar, tiro meu telefone da bolsa e ligo para ele.

— Aqui é Dominic, deixe sua mensagem.

— Oi, Dominic, sou eu. Emma. Recebi suas flores. Elas são lindas. Obrigada. E eu queria dizer... você não precisa ficar em outro lugar. Você pode vir... para casa. Se você quiser. Minha voz entala na garganta. — Eu...

Biiiip.

Droga!

Bem, talvez eu tenha dito o suficiente. Espero que sim, de qualquer maneira.

Sento-me lá por um tempo esperando o telefone tocar, esperando e desejando que Dominic me ligue de volta. Mas desejar o telefonema de alguém não funcionou antes, e também não funciona agora. Claro que não.

Depois de arrumar minhas flores no peitoril da janela e me recompor, vou para a sala de reuniões conferir os trabalhos da Brigada das Iniciais.

Basta um olhar para dentro da sala e já me convenço que foi má ideia instruí-los para usar todos os recursos de que precisassem para avaliar as fitas de vídeo o quanto antes.

As cortinas estão fechadas e alguém ainda selou as eventuias frestas para que nenhuma luz invadisse o ambiente. Na parte da frente da sala há três TVs de tela plana em racks de metal com rodas. Cada um dos caras está sentado na frente de uma tela, acomodado em uma poltrona de couro marrom-escuro. Seus blazers quase idênticos estão estendidos nas costas das poltronas. Seus olhos estão colados nas imagens em preto e branco.

— E.W.! — saúda I. William, clicando pause em sua TV. — Puxe uma cadeira e junte-se ao combate.

Combate é uma boa definição. A sala está cheia de caixas de comida delivery e latas de refrigerante. Dá para ver a borda verde de uma garrafa de cerveja enfiada atrás do lixo. O lugar cheira a vestiário.

— Pedi a vocês para trabalharem duro, mas... isto é...

— Surpreendente, não é? — diz Monty, mantendo os olhos nas imagens em movimento

de sua tela. — Quem teria pensado que trabalhar seria realmente divertido?

— Você chama de trabalho assistir a TV? Vocês devem passar algum tempo no Ejetor.

I. William faz pose de indignado.

— Um pouco de respeito, por favor. Nós estamos exaurindo nossos globos oculares por aqui.

— O que vocês têm para me contar exatamente?

— Deixe-me mostrar — diz J.P., dando pause em sua própria tela.

Ele se dirige para o enorme quadro branco na parte da frente da sala. As persianas de madeira que normalmente cobrem isso estão recolhidas. No quadro há duas colunas, intituladas "Entrou" e "Saiu". Abaixo de cada título, uma lista de nomes, alguns dos quais reconheço da lista que a investigador Kendle me mostrou.

— I. William está conferindo a câmera de entrada. Quando identifica alguém da lista de convidados, ele anota o nome aqui e registra a hora de chegada.

Observo a lista.

— Não havia muito mais gente na festa do que na lista de convidados?

— É aí que Monty entra. Veja bem, as celebridades e socialites foram as pessoas fáceis de identificar. Somam cerca de cinquenta pessoas. Quanto ao resto da lista, bem, não sei quanto a você, mas eu não reconheceria Bill Gates se cruzasse com ele na rua, muito menos conseguiria identificá-lo da distância em que as câmeras captaram as cenas.

— Você tem algum talento especial para reconhecer os rostos de gente rica? — pergunto a Monty.

— Não, é preciso dar uma olhada nas fotos dos convidados na internet. Quando encontro uma boa, faço uma impressão colorida a cores e todos nós tentamos memorizá-la. Então, procuramos essa pessoa no vídeo até encontrá-la. E daí a adicionamos à lista.

Isso explica por que a parede oposta está coalhada de rostos (em sua maioria, sorridentes) de mais de uma centena de homens e mulheres, alguns dos quais parecem vagamente familiares. Nenhum deles aparenta ser alguém que rouba pinturas para viver. Mas, afinal, qual é a aparência de um ladrão de arte? Camuflar-se em meio a uma multidão de endinheirados é, provavelmente, uma habilidade essencial ao ofício.

— Isso vai levar mais tempo do que eu pensava.

— Nós é que sabemos — concorda I. William. Ele pega um copo de vidro do chão e remexe. O gelo chocalha. — Acho que vamos precisar de mais algumas coisas.

— Vou mandar Jenny sair para fazer algumas coisas. Como posso ajudar?

Monty coça o queixo.

— Bem, nós iríamos mais rápido se tivéssemos duas pessoas para procurar quem não conseguimos reconhecer.

— Tudo bem. Que tal se eu passar algum tempo aqui conhecendo nossos convidados da festa?

Eles assentem com a cabeça e voltam para suas TVs. Uso o telefone da sala para avisar Jenny sobre meu paradeiro. Com uma risada, ela concorda em providenciar alguns suprimentos não regulamentares para os rapazes.

Fico olhando para os rostos na parede, um por um, tentando associar o nome com alguma característica definidora. Orelhas pontudas = MacAfee. Bico de viúva = Grafton. Nariz afilado = Hosseini. É como aquele jogo de memória para crianças, em que os

rostos apareciam em uma tampa de plástico amarelo. Não consigo me lembrar das regras, mas tenho certeza de que era boa nisso no jardim de infância.

— Ok, acho que estou pronta — digo, cerca de vinte minutos depois.

I. William se vira e afunda as costas na poltrona.

— Que bobinha. Não há a menor chance de você ter memorizado rostos suficientes nesse intervalo de tempo.

— Acho que memorizei, sim.

— Tudo bem, então. Puxe uma cadeira.

Arrasto uma das cadeiras por toda a sala e sento-me ao lado dele.

— Pronta?

— Manda ver.

Ele aponta o controle remoto para a tela e recua várias horas de filmagem. Quando chega ao início, aperta play. A câmera aponta para a entrada. Há dois detectores de metal retangulares monitorados por uma equipe de guardas de olhar entediado. No canto direito da tela, o relógio digital marca 7:04. As imagens em preto e branco tornam algumas características do edifício mais nítidas, mas também, de alguma forma, desfocam os rostos dos guardas.

Talvez isso seja mais difícil do que eu pensava.

— Esse vídeo mostra quando os primeiros convidados começaram a chegar. E, no caso de você estar se perguntando, vai demorar bastante tempo até que apareça alguém que você seja capaz de reconhecer.

— Todos elegantemente atrasados, hein?

— Pois é.

Um casal de idosos entra em cena. Ambos vestem casacos de pele escuros. O senhor é magro e anguloso, com orelhas pontudas e nariz afilado. Ela tem formas mais suaves, é um tanto delicada e seu cabelo talvez tenha bico de viúva.

I. William me lança um olhar.

— Algum palpite?

— Hum... Eles são os Jenkins?

— Não.

— Os Cliftons?

— Não passou nem perto.

— Você sabe quem é, não sabe?

— Claro. Eles foram os mais fáceis.

— Como assim?

Ele aponta o queixo em direção à tela.

— Preste atenção.

O casal passa pelo detector de metais. O equipamento apita e o homem é direcionado para o lado por um segurança de cerca de quarenta anos, com barriga saliente. A irritação do velho convidado é evidente, traduzida pela postura de seus ombros mesmo na imagem embaçada em preto e branco.

Quando ele começa a ser revistado, Victor Bushnell aparece, imaculado em um smoking bem alinhado. Ele diz algo aos seguranças. O guarda barrigudo balança a cabeça e, em seguida, a lapela de seu uniforme é apunhalada pelo dedo em riste de Bushnell. O

segurança troca o pé de apoio nervosamente. Um guarda mais jovem, com listras nos ombros da farda, aproxima-se e diz algo. O barrigudo encolhe os ombros e retorna ao seu posto. O homem idoso endireita os ombros e recolhe sua esposa. Os dentes superbrancos de Bushnell se abrem num sorriso para o casal. A senhora o beija suavemente na bochecha.

I. William aperta pause.

— Você consegue adivinhar quem são eles?

— Obviamente, pessoas importantes para Bushnell.

— Vá em frente, você está chegando lá.

Por que Bushnell ficou bravo com o segurança que estava apenas fazendo seu trabalho? Quem será que ele queria proteger assim? E por que ganhou um beijo por seus esforços?

— São os pais dele?

— Correto!

Monty me dá um sorriso cansado.

— Dois a menos. Agora são só quatrocentos e noventa e sete convidados para checar.

Três horas mais tarde, já identifiquei um total de sete novos rostos. Minha visão está embaçada, e eu sinto que teria dificuldade em reconhecer meu próprio rosto nesses vídeos.

Há uma batida na porta.

— Qual é a senha? — J.P. fala sem tirar os olhos da tela.

— *The Daily Show* — responde uma voz abafada.

— Sabe, ouvir a voz dela gritando através da porta é a falência definitiva do objetivo de uma senha. — Caminho para a porta e deixo Jenny entrar. Seus braços estão carregados com sacos de "suprimentos".

Ela os despeja sobre a mesa de conferência. A Brigada das Iniciais aperta pause em uníssono e avança para conferir a entrega.

— Onde estão as minhas balas de cereja? — murmura J.P. — Eu preciso de balas.

— Estão aí. Caramba, o que vocês estão fazendo, afinal?

— Desculpe, Jenny, mas é segredo de Estado.

— Sim, eu sei, mas vocês podem confiar em mim. Juro.

Hesito mas decido ceder um pouco.

— Estamos trabalhando no caso da Mutual Assurance. E isso é tudo que posso dizer.

— Tudo bem, eu entendo. E aí, você ligou para ele?

Sei que as pontas das minhas orelhas ficam cor-de-rosa.

— Quem?

— Ah, você sabe. *Ele*.

A cabeça de I. William se ergue.

— Existe um ele?

— Não é ninguém.

— Ah, é sim — retruca Jenny.

— Basta. De volta ao trabalho, Jenny.

Eu a sigo até a porta, para trancá-la assim que Jenny sair. Não sei por que estou tão atenta à segurança, mas esse estado de alerta se justifica quando vejo Sophie espreitando no corredor. Saio e fecho a porta atrás de mim.

— O que você quer?

Ela ajeita o cabelo sobre o ombro.

— O que está acontecendo aí dentro?

— Nada.

— Você espera que eu acredite nisso?

— Eu não me importo com o que você acredita.

— Todo mundo está falando sobre você, a Brigada das Iniciais e toda essa parafernália de equipamento audiovisual... Esse cheiro que estou sentido é de álcool?

— Desista, Sophie.

Ela cruza os braços sobre o peito.

— Eu sei que tem a ver com a Mutual Assurance.

— Brilhante dedução.

— Quero saber o que está acontecendo.

— Bem, acho que você vai ter de viver com mais essa decepção.

— Isso não vai ficar assim.

— Pode ser.

Abro a porta, deslizo para dentro usando meu corpo para impedir que ela veja qualquer coisa, fecho e tranco com chave. Com seus lanches no colo, a Brigada das Iniciais está de volta aos seus postos, as mãos curvadas em torno de seus controles remotos.

— Estamos em alerta laranja? — pergunta I. William quando me sento a seu lado.

— Se alerta laranja é a cor para não contar nada para Sophie, então sim.

— Laranja, então.

Fico olhando para a tela. Não tenho certeza se consigo levar isso adiante.

— Talvez estejamos lidando com isso tudo do jeito errado.

— Como assim? — diz Monty.

— Vocês podem me dar um segundo, rapazes?

Eles apertam pause com sincronicidade treinada. Eu ando para ficar de frente para eles. Atrás de mim, na parede, está uma imagem da planta baixa do museu.

— Prestem atenção. Nossa teoria é que o ladrão encontrou uma maneira de se esconder no banco na Galeria Bushnell, provavelmente enquanto os seguranças recebiam o grupo seguinte de visitantes.

— Como os seguranças não perceberam que alguém ficou para trás? — J.P. pergunta.

— Não tenho certeza, mas provavelmente o ladrão criou alguma coisa para distrair a atenção ou confundir os guardas.

Monty levanta a mão.

— Já disse que isso não é necessário, Monty.

Ele sorri.

— Certo. Bem, e se o ladrão disse que estava se sentindo mal? Então, ele poderia fingir ir ao banheiro, mas, na verdade, esconder-se em algum lugar perto da galeria, para que pudesse se infiltrar ali entre um e outro grupo de visitantes.

Viro-me e examino a planta.

— Ele poderia ter se escondido neste banheiro aqui — aponto o local num canto próximo da Galeria Bushnell. — Vou descobrir com a investigadora Kendle se há alarmes nos toaletes.

— Então, vamos lá: um grupo de visitantes sai, o ladrão se esgueira de volta, certificando-se de ficar fora do alcance das câmeras, e se esconde no banco. E lá ele espera a noite toda até que os alarmes sejam desligados de manhã. Daí ele sai, remove a pintura da moldura e a esconde entre suas roupas. E sai do museu assim que ele reabre.

Os olhos de William I. se acendem.

— O que significa... que deve ser possível vê-lo saindo, no vídeo!

— Precisamente. Se pudermos identificar um de nossos convidados no vídeo de saída da manhã seguinte, então temos nosso homem.

J.P. suspira.

— Então, agora vamos ter de identificar as pessoas na porta de saída?

— Além disso, o cara deve estar vestindo algo diferente da noite anterior, a menos que seja um idiota — Monty acrescenta. — Isso pode demorar dias.

— Pelo menos temos isso em sequência? — pergunta I. William.

— Nas gravações de vinte e quatro horas de duração. A que horas elas começam?

— Ao meio-dia.

— A que horas da manhã o museu abre? — J.P. quer saber.

Penso um pouco.

— A festa foi no sábado. Acho que no domingo só abre às onze da manhã.

J.P. vai ao computador e em poucos segundos confere a informação.

— É. Você está certa.

— O que reduz nossa janela de investigação a uma hora.

— É um período bem apertado.

— Mas o ladrão devia estar ansioso para sair. Não consigo acreditar que ele ficaria ali por mais tempo do que precisasse.

— Isso é lógico — I. William concorda.

— Vamos esperar que sim — Monty diz enfaticamente.

— Tudo bem, vamos tentar a sorte — digo.

I. William pega o controle remoto e avança para o dia seguinte à festa. Imagens borradas mostram intermináveis horas de um ambiente vazio pontuado pelas raras visitas dos seguranças durante a noite. Quando o vídeo se aproxima das onze horas da manhã, I. William retoma a velocidade normal. Nós examinamos a tela atentamente. O relógio marca 10h52.

— Esse é o chefe da segurança da véspera — diz I. William, apontando para o homem que havíamos visto no incidente com os pais de Bushnell. — Ele saiu do museu por volta das onze.

— Como é que não deram pela falta do quadro durante a madrugada? — questiono.

— Eles não monitoram todo o museu — diz J.P. — Há sensores de calor e de movimento em todas as galerias. Os guardas só patrulham os corredores.

— Os guardas estão chegando para o turno do dia. Será que eles vão desativar o alarme seção por seção, ou há um interruptor geral em algum lugar?

— Há um interruptor geral — J.P. responde novamente. — Está escrito nesse manual de segurança que o museu enviou.

Monty revira os olhos.

— Exibicionista.

O relógio do vídeo marca 10h59. O chefe de segurança aparece em cena, seguido por três outros guardas. Ele gesticula com a cabeça enquanto passa instruções. Dois deles se afastam com relutância e o terceiro assume seu posto no detector de metais. O chefe acena para alguém fora do enquadramento da câmera e faz um gesto de cortar a garganta. São 11h02.

— Ele deve estar dizendo a alguém para desligar o alarme — diz I. William.

— Certo. Vamos em frente, rapazes.

Assistimos ao filme mudos, atentos. O domingo antes do Natal é um dia de pouco movimento. O primeiro visitante é um homem idoso, que chega de bengala às 11h08. Ao longo dos minutos seguintes, há um fio de tráfego. Mães de aparência atormentada com crianças pequenas, um casal na casa dos vinte e poucos anos de mãos dadas.

— Ai, droga — diz J.P.

Tomo o controle remoto das mãos de I. William e aperto pause.

— O quê?

— Só lembrei uma coisa. — Ele abruptamente caminha para a mesa de reunião, vasculhando as pilhas de papéis em meio a embalagens de comida e tampas de garrafa, até localizar um pedaço de papel amarrotado. — Sim, isso é o que eu pensava. Eles estão prestes a descobrir o sumiço do quadro.

— O que acontece, então?

— Eles fecharam o museu todo. Ninguém saía e ninguém entrava.

— Quanto tempo o museu ficou fechado depois do roubo?

Ele verifica suas anotações.

— Dois dias. Não há como o nosso homem ter ficado lá por todo esse tempo.

Minha mente está povoada de dúvidas. Estamos perto da resposta. Não é?

— Vamos continuar assistindo. O ladrão ainda tem tempo para sair.

Aperto o play.

11h12.

11h13.

A expressão de I. William está tão intensa que quase acredito que vai dar certo. Que o homem misterioso escondido no banco de mármore, segurando uma pintura no valor de milhões de dólares, vai se revelar. Em vez disso, uma família chega, um menino de cerca de quatro anos corre por fora do detector de metais. O guarda o detém pelo colarinho. Sua mãe parece ofendida. Ela mexe os lábios com precisão suficiente para que notemos seu pedido para falar com o supervisor daquele funcionário. O chefe da segurança aparece para acalmá-la.

Um homem de repente passa por trás da família. Ele veste um casaco acastanhado, comprido, que o cobre para além dos joelhos. Uma mão segura um telefone celular junto à orelha, enquanto a outra está enterrada no bolso. Seu cabelo está escondido por um gorro de esqui preto, semelhante ao que Dominic usava quando o conheci. Ao passar pela confusão causada pelo garotinho de quatro anos e sua mãe indignada, o homem lhes dá

um rápido olhar, revelando seu perfil. Sinto uma fagulha de reconhecimento.

— Essa não — J.P. exclama.

— É Victor Bushnell — I. William e eu dizemos juntos.

Capítulo 25

Feliz pela metade

— Putz! — diz Monty.

— Cara — diz I. William —, nós descobrimos um bilionário roubando um quadro que vale uma fábula e tudo o que você diz é "putz!"?

Monty fica envergonhado.

— Pareceu apropriado no momento.

— Mas espere — interrompe J.P., olhando perplexo para a tela. — Ele não está *saindo* do museu, ele está *entrando*. Isso não faz sentido.

A sala parece ficar sem ar.

— Você está totalmente certo — concorda I. William. — O que vamos fazer agora?

Vejo o filme mudo passar na tela, meu estômago revolto. Algo fora do enquadramento chama a atenção do guarda junto ao detector de metais, assim como a de Victor Bushnell. Claramente alguém alerta para o sumiço da pintura.

Bushnell dá as costas abruptamente e sai do museu, enquanto o guarda tem sua atenção desviada. Momentos depois, vários seguranças entram em cena, todos falando e gesticulando nervosamente.

— Ele foi embora — constato em voz baixa.

— Como assim? — I. William pergunta.

— Ele foi embora. Victor Bushnell. Quando viu os guardas vindo. Por que ele faria isso se não soubesse sobre o roubo?

— Mas ele não pôde sair do museu com o quadro, certo? Não pessoalmente. Talvez ele tenha um cúmplice?

Algo pinica na borda do meu cérebro.

— Espere um segundo. Oh, já sei... enredo errado.

— O que você quer dizer?

— Eu quero dizer... nós partimos da hipótese de que o ladrão ficou escondido durante a noite para retirar a pintura do museu no dia seguinte. Mas, e se não foi assim? E se a tela nunca saiu do museu? E se ela ainda está lá, em algum lugar?

— E é por isso que Bushnell foi ao museu na manhã seguinte? — J.P. raciocina. — Para tirar o quadro de lá?

—Sim.

— Mas ele estaria correndo um risco terrível. E não deu certo.

— Não deu, eu sei. Mas ainda podia dar. Com todo aquele caos instalado, ele poderia entrar e levar o quadro a qualquer hora.

— Mas por que ele roubaria uma pintura que já é dele?

— Ele havia dado a tela como garantia de um grande empréstimo pessoal.

J.P. balança a cabeça.

— Mas por que roubar? Por que não apenas vender o quadro?

— Porque ele ficaria sem a pintura. Roubar foi um jeito de sair do aperto financeiro e ainda continuar de posse do quadro, quem sabe para vendê-lo no mercado negro daqui a

poucos anos.

I. William leva um pretzel à boca.

— Devemos contar tudo para Matt.

— Não — discordo. — Ainda não.

— Por que não?

— Antes, eu quero ter certeza.

— Certeza de quê?

— De que Bushnell fez mesmo tudo isso.

I. William aponta por cima do ombro.

— Não é o rosto dele que está lá na tela?

— Sim, mas precisamos ter certeza de que não há outra explicação para ele estar lá. E de que a tela ainda está no museu.

Por favor, meu Deus, por favor, faça com que a pintura ainda esteja no museu.

— Será que já não procuraram lá dentro?

— Não tenho certeza — digo, relembrando as palavras de minha mãe na noite em que ela fez uma aparição para mim. — E eu acho que tenho uma ideia de onde o quadro possa estar. Deixem-me fazer uma tentativa antes de contarem qualquer coisa ao Matt, está bem?

I. William dá de ombros e posiciona o bico de uma lata de queijo em spray direto para sua boca.

— Isso é nojento — condena J.P.

— Como você sabe, se nunca experimentou?

— Confie em mim. Eu sei.

Eu suspiro.

— Podemos nos concentrar aqui por um segundo, pessoal?

Eles concordam.

— Obrigada. I. William, talvez você consiga encontrar um especialista em reconhecimento facial, que confirme que o cara do vídeo é mesmo Bushnell.

— Deixa comigo.

— J.P., é uma boa ideia dar uma organizada nesse conjunto de provas, isso vai ser importante para abrirmos um processo judicial.

— Não tem problema.

Monty ergue a mão.

— Sério, Monty, ainda com essa mania de levantar a mão?

— O que eu devo fazer?

— Que tal resumir por escrito tudo o que descobrimos até agora?

— Devo deixar de fora os lanches?

— Provavelmente é uma boa ideia. Quando terminar, envie o resumo para mim por e-mail, para eu dar uma olhada.

— Quando é que vamos abrir o champanhe? — J.P. pergunta.

— Em breve. Prometo. Não trabalhem até muito tarde.

— Não há o menor perigo de isso acontecer.

As horas seguintes transcorrem velozes, conforme convenço a investigadora Kendle a me acompanhar até o museu para verificar o meu palpite: que Victor Bushnell escondeu a pintura na base do banco de mármore em sua galeria, e que a obra continua lá porque até agora não houve oportunidade para retirá-la do museu. Se eu estiver certa, deve ter sido terrível para Bushnell ter comparecido à exposição de Dominic, sabendo que o Manet estava ali perto o tempo todo. Ou, quem sabe, talvez ele não se preocupasse tanto com a pintura, mas, sim, apenas com o dinheiro do seguro.

A investigadora Kendle exibe seu distintivo para o pessoal da segurança do museu, e eu a sigo pelo detector de metais. Ela diz algo para o chefe dos guardas e ele retruca em voz alta, o som gutural ecoando nas paredes de mármore. Ele aponta o dedo em direção a dois seguranças que estão no outro lado da sala e gesticula para que nos acompanhem. Eles obedecem. Quando chegamos à galeria, todos nós seguramos a respiração conforme o mais jovem dos guardas remove a tampa que serve como assento do banco oco.

A investigadora Kendle assume. Saca um par de luvas de látex com a perícia de um cirurgião e move os dedos fortes em torno da base do banco até tocar em alguma coisa — uma trava quase invisível, que abre um compartimento escondido. E lá está: um rolo de tela de aparência inocente, pelo qual algumas pessoas se dispõem a pagar milhões. O jovem guarda estica as mãos até a borda, mas até a investigadora Kendle o detém. Ela lembra a ele sobre as impressões digitais, enquanto pega o telefone no bolso. A investigadora me encara parecendo um pouco surpresa, como se não acreditasse no que está acontecendo.

Eu simplesmente dou de ombros e afasto o olhar, tentando descobrir o que estou sentindo. Eu não deveria estar exultante? Ou pelo menos aliviada? Eu não estava feliz hoje? Nem por um momento? Certo, quando descobrimos a última peça do quebra-cabeça, eu me senti contente. Mas, agora, tudo o que posso sentir é o eco dessa sensação, uma pequena batida irregular na borda de meu coração.

Sinto-me feliz pela metade, eu acho.

Capítulo 26

Uma peça do quebra-cabeça

— Deixe-me ver se entendi — diz Sunshine na tarde do dia seguinte, enquanto eu navego através do GPS do Mini Cooper vermelho que ela alugou, mas que não dirige por se sentir muito estressada. — Victor Bushnell roubou sua própria tela?

— É isso mesmo.

— Mas por quê?

— Isso provavelmente tem a ver com o empréstimo que ele levantou para concluir a construção da sede de seus negócios, cujas ações despencaram quando o mercado entrou em colapso. Era o que estava lá, no relatório da investigação. O edifício era para ser o Trump Tower da empresa de Bushnell, mas quando a crise de crédito explodiu, os bancos não quiseram socorrer o negócio — já afundado em dívidas — nem adiantar qualquer dinheiro extra. No entanto, aceitaram com gosto fazer um empréstimo pessoal para Bushnell, desde que lhes fosse oferecida uma garantia sólida.

— Ele entrou nessa enrascada toda por causa de um prédio?

Troco a marcha do carro, sem jeito, pressionando a embreagem no momento errado.

— Não é apenas o edifício. Se ele não honrar o pagamento do empréstimo, o banco pode tomar suas providências legais, desencadeando em efeito cascata. Todos os negócios dele poderiam virar fumaça.

— Mas eu pensei que ele fosse bilionário...

— Só no papel. Ele havia empenhado praticamente tudo o que tinha.

— A nossa saída está chegando. — Ela aponta para um sinal verde que paira acima da rodovia.

— Para onde vamos, afinal?

— Você vai ver. Vá em frente.

Eu acelero para ultrapassar uma van que bloqueia meu acesso à rampa.

— Não há muito mais a dizer, realmente.

— Como ele escondeu a pintura sem os guardas perceberem?

— Ele estava no último grupo de convidados para visitar a galeria. Quando todos saíram, ele disse ao guarda que tinha esquecido algo ali dentro, pouco antes de a porta ser trancada. E o segurança o deixou voltar para lá sozinho.

— Bem, isso não foi muito inteligente. Olho vivo agora.

Volto minha atenção para a estrada. Ela se curva bruscamente para a direita.

— Mais devagar!

— Isto não foi ideia minha, lembra?

— Não foi uma ideia, querida, foi uma visão.

Isso era o que ela tinha dito ao telefone mais cedo. Ela teve uma "visão" a meu respeito e, por isso, queria me levar a um determinado lugar. Perguntei se poderíamos deixar para uma próxima oportunidade.

— Você acha que eu recebo visões como essa todos os dias, Emmaline?

— Estou meio ocupada.

— Os memorandos podem esperar. Passo aí para pegar você em trinta minutos.

— Como é que você sabe que eu estava trabalhando em um memorando?

— Eu já disse, eu...

— Teve uma visão. Eu ouvi. — Fiquei olhando para a luz piscante do gravador para o qual eu ditava o memorando. Provavelmente aquilo foi só um chute de Sunshine, e ela deu sorte, não? — Eu realmente preciso trabalhar nisso. Dá para esperar até amanhã?

— Não dá. É importante. Eu juro.

Ouvi seriedade no tom de Sunshine, uma seriedade que acredito não ter ouvido antes em sua voz. Ocorreu-me que o que eu estava fazendo podia esperar algumas horas. Que eu devia isso a Sunshine, pelo menos.

Concordei em ir e passei os vinte minutos seguintes falando para o gravador sincronizado com meu computador. Depois, mandei o arquivo para Jenny.

— Você pode transcrever isso até eu voltar? — perguntei a ela enquanto abotoava meu casaco. — E preciso que você bloqueie o arquivo com senha.

Seus olhos esvoaçaram momentaneamente de sua página no Facebook para encontrar os meus.

— Claro, sem problema.

— Eu ainda não entendo por que ele mesmo roubou a tela — Sunshine retoma o caso de Victor Bushnell.

— Talvez ele não tivesse ninguém em quem pudesse confiar. Ou talvez fosse pela emoção.

— Eu acho... pare o carro!

Freio, e só uma fração de tempo depois confiro o retrovisor para ver se não cometi uma imprudência. Tarde demais: os pneus de um Mercedes-Benz preto guincham freando no asfalto. O motorista, no entanto, consegue evitar a batida e me dá uma buzinada cheia de raiva. Consigo ver de relance um dedo do meio erguido, conforme seu carro passa a poucos centímetros do nosso.

— Desculpe por isso. Eu não estava prestando atenção.

— Não tem problema. Por que você pediu para parar?

Ela ajeita o chapéu de lã.

— Porque nós chegamos.

— Chegamos? — Percebo que estamos em frente aos portões de um cemitério. Minha mãe está enterrada ali.

Um arrepio percorre minha espinha.

— O que viemos fazer aqui?

— Estamos visitando sua mãe.

— O quê? Por quê?

— Ela era parte da minha visão.

Sinto um enjoo.

— Não tenho certeza se isso é uma boa ideia.

— Eu sei, querida. Bem, vamos lá, não queremos nos atrasar.

— Atrasar para quê?

— Você vai ver.

Suspiro discretamente conforme dou ré, com o mínimo de barulho. Recuo o suficiente para que os portões de entrada possam ser abertos. Eles têm aparência imponente.

— Você tem certeza de que está aberto?

Ela confirma com a cabeça.

— Eu liguei para me informar.

Engato a primeira marcha e espero. Os portões se abrem como as portas automáticas de um supermercado. Piso no acelerador levemente, com cautela, pois a estrada não parece ter sido limpa desde a última tempestade de neve.

Talvez seja a mudança de estação, mas nada parece familiar. Só estive aqui uma vez, no dia do funeral de minha mãe. Estava quente então, e ensolarado. E, claro, não prestei a menor atenção para onde estava indo enquanto seguia o carro fúnebre através dos bosques e gramados.

— Eu não me lembro para onde ir.

— Basta seguir esse caminho.

Dirijo em silêncio por alguns momentos, seguindo as orientações dela.

— Estacione no topo da colina.

Acelero um pouco mais. As rodas começam a girar em falso no meio da subida. O cheiro de borracha queimada invade o carro. Tento frear, mas não obtenho sucesso: o carro desce até a base da colina e derrapa até cair em uma vala. Minhas mãos estão trêmulas.

— Acho que devia ter escutado a empresa locadora de carros e alugado um jipe quatro por quatro, hein? — diz Sunshine com um sorriso vacilante.

— Não fazia parte de sua visão?

— Não entendo informações práticas como essa, acho. De qualquer forma, vamos lá.

— Não seria o caso de a gente tomar alguma providência quanto ao carro?

Ela lança seu cachecol por sobre o ombro.

— Ele não vai sair daqui. Vamos, agora.

Cerro os dentes e a sigo para fora do carro, deixando o pisca-alerta ligado. Escalo a margem da vala escorregadia, abotoando o casaco contra o frio. Marchamos pela neve até uma área que me parece vagamente familiar. Chegamos a um caminho aberto, e agora reconheço para onde estou indo. O túmulo de minha mãe fica logo em frente, depois de um grande grupo de árvores. Seus galhos escuros são realçados por uma camada de neve.

— Sunshine, isso é realmente necessário?

— Psiu. Estamos quase lá.

Minhas mãos estão duras de frio dentro das luvas. Eu quero voltar, mas algo me impele à frente.

Sunshine desaparece atrás das árvores negras. Eu demoro alguns últimos passos antes de segui-la. Ela está ao pé do túmulo de minha mãe, olhando para um buquê de rosas amarelas secas meio enterrado na neve.

— Nós temos saudades dele — diz Sunshine com tristeza atípica.

— Dele quem?

— Seu pai.

— Isto tem a ver com meu pai?

— Eu o vi muito claramente.

— Sunshine, por favor, me diga o que está acontecendo.

Ela faz uma careta culpada.

— Eu estava meditando esta manhã e tive uma visão muito clara deste lugar.

— E meu pai estava aqui?

— Sim. Ele estava segurando um buquê de flores.

Caminho em direção a ela. Mesmo ressecadas, as rosas são estranhamente vivas neste ambiente em preto e branco.

— Você está me pregando uma peça, ou coisa assim?

— Oh, Emmaline, como você pode pensar uma coisa dessas?

— Desculpe, eu só... Eu não sei por que você me trouxe aqui.

— Achei que poderia lhe trazer um pouco de paz, é claro.

Claro. Mas em que medida me proporciona paz vir correndo ver as flores que meu pai trouxe para a mulher que ele abandonou há anos sem sequer olhar para trás? Teria sido ele mesmo quem esteve aqui?

Percebo com uma certeza triste que não quero nem saber. O que sei é o suficiente. E sei que é hora de deixar ir embora a dor que estive segurando por tanto tempo. É hora de dizer adeus, e não apenas para minha mãe, mas para meu pai ausente também.

— Eu queria que você não fizesse isso — digo. — Tentar nos reaproximar, eu quero dizer.

— Por que não, querida?

— Porque eu é que tenho de escolher se quero que ele faça parte da minha vida. Você não pode fazer a escolha por mim.

Ela ergue a mão até meu rosto. Sua luva felpuda faz cócegas na minha pele.

— Quem dera eu pudesse.

— Eu sei. Obrigada por tentar. Mas eu acho... Eu vou deixar meu pai onde ele está, onde quer que seja.

— Tem certeza?

— Sim. Por ora, pelo menos, sim.

Ela suspira.

— Bem? Devemos voltar para o carro?

Olho para a curva da lápide de minha mãe. Lembro-me de enco-mendá-la alguns dias depois do funeral, mas nunca a tinha visto instalada no lugar.

— Você pode me dar um segundo?

— Claro.

Sunshine se afasta, as botas rangendo de volta sobre nossas pegadas. Quando ela está fora de vista, eu viro e me agacho. Tiro uma luva e passo os dedos ao longo do nome da minha mãe, Elizabeth Kara Tupper. Ela manteve o nome de meu pai até o fim. *Amada amiga e mãe*, está escrito na pedra, *nós vamos te amar para sempre*.

Ouviu isso, mãe? Eu vou amar você para sempre. E eu a perdoo por me fazer viajar. Ainda não tenho certeza se entendo por que você fez isso, mas acho que não importa mais. Hoje não, de qualquer maneira.

Estou prestes a seguir Sunshine quando me lembro. Algo que vinha planejando havia algum tempo, esperando o momento certo para fazer. Ponho a mão no fundo da minha bolsa. Os dedos tocam a superfície fria, suave. Retiro dali o cristal de rocha e repito as palavras que Sunshine me ensinou, respirando profundamente.

— Coração, felicidade, vida. — Aperto o cristal firmemente e o coloco com cuidado

em cima da lápide.

Levanto-me e seco minhas lágrimas frias. Junto-me a Sunshine, que espera por mim para além das árvores. Ela me sorri como se eu tivesse acabado de dar meus primeiros passos.

— Pronta?

— Sim.

— Você acha que Dominic pode nos ajudar a sair daqui?

— Em vez disso, por que não tentamos telefonar para a seguradora?

Capítulo 27

Mulher desprezada, mulher trocada

*D*uas horas depois, o carro de Sunshine é rebocado e eu volto ao escritório, sentindo como se um peso tivesse saído de cima de mim. A sensação continua conforme abro as pesadas portas de vidro do saguão do prédio, com um assobio em meus lábios. Era como eu costumava me sentir o tempo todo: competente, animada, pronta para enfrentar o dia.

Nada poderia melhorar mais meu dia.

— Jenny, o memorando está pronto?

Ela ergue o olhar de suas conversas pela internet, parecendo confusa.

— Sophie está trabalhando nisso.

— O que você disse?

— Sophie me falou que você queria que ela desse uma olhada no texto, antes de ser finalizado.

Meu coração começa a acelerar.

— Quando foi isso?

— Cerca de uma hora atrás. Desculpe, mas ela parecia tão firme. Quer dizer, você sabe como ela pode parecer...

Seu lábio inferior começa a tremer, mas não tenho tempo para confortá-la. Corro para a minha mesa e clico o mouse para ressuscitar meu computador. Consigo ouvir um murmúrio através da parede do escritório de Matt. Com os dedos quase paralisados, digito minha senha para buscar na rede o memorando. Clico sobre ele e me pedem outra senha. Digito. Droga! A senha que escolhi foi alterada. Maldita vadia. Será que nada é capaz de detê-la?

À beira de um surto, deixo o Ejetor e disparo pelo corredor. Meu antigo escritório está vazio, mas sinto o perfume de Sophie, aquela mistura de Chanel com enxofre. Ela tem de estar aqui em algum lugar.

Mas onde?

Ai, droga. Não pode ser. Ela não se atreveria a tanto.

Giro nos calcanhares e corro em direção ao escritório de Matt. A porta está fechada, a parede de vidro, opaca, de modo que não posso ver o que acontece lá dentro. Algo me diz que o murmúrio que ouvi através das paredes anteriormente pode ser a resposta para onde Sophie está.

Uma resposta para lá de ruim.

Conforme me aproximo da porta, tento respirar normalmente para não parecer um fugitivo de um hospício, embora talvez esse possa ser meu destino depois de tudo isso.

Nathalie está sentada à mesa com seus fones de ouvido, digitando. Toco em seu ombro para chamar a atenção. Ela tira os fones.

— Posso ajudar?

— Quem está com o Matt?

— Sophie e Craig. Eles estão em uma teleconferência.

Meu coração explode.

— Com quem estão falando?

— Por que você quer saber?

— Por favor, Nathalie, não tenho tempo para explicar.

— Estão falando com Connor Perry.

Connor Perry é o vice-presidente jurídico da Mutual Assurance.

Vou até a porta de Matt.

— Você não pode entrar aí!

Coloco a mão na maçaneta e a giro. Abro a porta da forma mais dramática que consigo. Ela bate contra a parede fazendo barulho. Se este é o meu fim, que seja estrondoso.

Meu gesto não passa despercebido. Craig e Sophie saltam das cadeiras, e eu recebo um olhar irado de Matt, uma encarada que não via fazia algum tempo.

Ele levanta a mão em minha direção, interrompendo minha performance.

— E isso é tudo o que conseguimos, Connor.

Uma voz indistinta soa no telefone de mesa de Matt.

— Bom trabalho, pessoal. Vocês marcaram um golaço dessa vez.

Craig me lança um olhar culpado, mas Sophie não se faz de rogada.

— Obrigada, Connor. Ficamos felizes por isso.

Eles se despedem e Matt encerra a chamada.

— O que está acontecendo? — eu pergunto, minha voz tremendo.

Matt se recosta na cadeira, cruzando as mãos sobre a barriga.

— Sophie, Craig, vocês nos dão licença?

— É claro, Matt — ronrona Sophie como um gatinho diante do pires de leite.

— Talvez eu devesse ficar — diz Craig.

— Não, Craig, obrigado. Isso é tudo.

Ambos deixam a sala — Craig um pouco relutante —, fechando a porta atrás deles.

— Senta aí — Matt ordena.

Sento na cadeira baixa de visitante.

— Sobre o que era essa conferência? — eu pergunto, embora tenha uma boa ideia.

Matt me lança aquele olhar sombrio, sinistro, novamente.

— Por que você não me contou que Victor Bushnell roubou a pintura?

Pigarreio, e parece que há areia na garganta.

— Porque a polícia não confirmou minhas conclusões, e eu queria ter certeza absoluta antes de levar o assunto adiante.

— Isso é inaceitável, Emma. Eu lhe disse para me manter no circuito e, em vez disso, descubro o que está acontecendo em meu próprio caso por meio da Sophie.

— Ela estava bisbilhotando minhas coisas — digo, antes que possa ajudar a mim mesma.

— Você sabe que não tenho a menor paciência para suas briguinhas mesquinhas com a Sophie.

— Eu sei, Matt. Desculpe. Sinto muito não ter lhe contado assim que descobri, mas...

— Nada de mas. Parece que eu estava enganado ao lhe passar tanta responsabilidade. Parece que você não é a pessoa que eu pensei que fosse.

— Por favor, não diga isso. Pode confiar em mim. Eu sou a mesma Emma de sempre.

— A Emma que eu conhecia teria entrado em meu escritório animada, explodindo de satisfação, para me contar tudo no minuto em que ela tivesse resolvido o caso.

Isso soa mesmo como eu. Por que não fiz isso?

— Ok, talvez você tenha razão, mas pense no que eu passei. Você pode realmente me culpar por ser cautelosa?

— Eu não acredito nisso. Uma atitude cautelosa teria sido me manter informado sobre o que você descobriu. Alguma coisa mais está acontecendo. Gostaria de me dizer o que é?

Ele me observa atentamente conforme meu cérebro zumbe. Posso dizer a ele que minha expectativa, caso resolvesse o caso, era pegar o trem expresso para o posto de sócia da firma? Que eu também esperava que, ao voltar para cá, minha antiga vida (a velha Emma) estaria me aguardando de braços abertos? Que eu finalmente estava perto do final feliz que venho esperando desde que minha vida virou uma droga? Não. Eu não posso dizer isso em voz alta.

Se disser em voz alta, isso nunca se tornará realidade.

— Eu só estava tentando me certificar de que realmente tinha a resposta certa antes de fazer barulho.

Ele franze os lábios.

— É só esse argumento que você tem para me dar?

— É.

— Pois ele é muito ruim.

Meu estômago murcha.

— O que significa isso?

— Eu ainda não tenho certeza.

Ao deixar Matt, minha confiança está abalada, mas tenho um propósito firme. Se este é o fim da minha carreira, não vou desistir sem luta. Ou, pelo menos, sem uma bela briga de mulheres.

Paro brevemente em minha sala para pegar o gravador. Momentos depois, escorrego para dentro do escritório de Sophie e fecho a porta. Aperto o botão para obscurecer os vidros completamente. Posso estar louca por um bom combate, mas isso não significa que eu quero uma plateia.

Sophie se afasta da tela de seu computador quando a sala fica mais escura. Seus olhos brilham com triunfo.

— O que você está fazendo aqui?

— Você sabe o quê.

— Se está à procura de um pedido de desculpas, veio ao lugar errado.

— Não me trate como idiota. Eu sei que você nunca vai me pedir desculpas.

— Então o que você quer?

Boa pergunta. Posso pedir a ela para dar uma voltinha lá fora, sem soar como um personagem de um péssimo filme B?

— Acho que tenho direito a uma explicação.

— Pensei que você fosse o grande cérebro por aqui. Você não pode descobrir por si mesma?

— Você acha que eu estaria aqui perguntando se tivesse alguma ideia do porquê você faz as coisas que faz?

Ela solta uma risada sinistra.

— Mas por que eu deveria dizer a você?

Eu a estudo por um momento. Não acredito que uma abordagem muito direta surta efeito. Então, em vez disso, eu deliberadamente libero toda a tensão de meu corpo e me sento na cadeira de visitante. Essa cadeira é a cara dela. Parece sofisticada e acolhedora, mas não é. O aro do espaldar machuca meus ombros, e o assento é incômodo.

— Você deve me dizer por que estou desistindo.

— Como?

— Eu desisto. Você ganhou a parada. Seja qual for o motivo pelo qual estivemos sempre brigando, você ganhou. É tudo seu.

Ela olha para mim com desconfiança.

— Eu não acredito em você.

— Não acredita em quê?

— Você sabe muito bem por que nós sempre estivemos brigando.

— Craig?

Seus lábios se enrolam em um grunhido.

— Claro que não.

— Esta sala?

— Isto foi apenas a cereja do bolo.

— Então o quê?

Ela hesita.

— Se não fosse por sua causa, eu já seria sócia da TPC há muito tempo.

— Como você sabe disso?

— Devia ter acontecido há dois anos, mas o comitê de gestão optou por esperar até que pudesse promover você também. Nós éramos vistas como iguais.

— Eu nunca soube disso.

— É claro que sabia. Você sempre tirou as coisas de mim. Steven. Craig. Matt.

Steven é o ex-namorado com quem fiquei há anos, na festa de Natal da firma. E ela tentou dar o troco em relação a Craig, mas...

— Matt Stuart?

— Por acaso conhecemos algum outro Matt?

— Não, mas ainda não entendo. O que isso tem a ver com ele?

— Não é só ele. Tem a ver com você e ele.

— Eu e ele? Não existe isso de “eu e ele”.

“Eu e ele”.

— Ah, existe sim. Existe desde que você apareceu, a jovem estagiária de verão de olhos brilhantes e rabo de cavalo. — Ela leva a mão esquerda ao rosto, afastando as lágrimas que de repente brotam entre os nós de seus dedos. — Desde então, tem sido Emma fez isto, Emma é boa naquilo, e por que você não põe Emma para trabalhar nisso com você, Sophie? Não é justo. Sou tão boa advogada quanto você, ou ainda melhor.

— Mas o que você esperava que eu fizesse? Que eu dissesse: "Não, Matt, eu adoraria trabalhar nesse caso, mas acho que você deve dá-lo para Sophie?".

— Claro que não. Mas você não precisava esfregar suas conquistas na minha cara.

— Quando eu fiz isso?

Ela me dirige um olhar duro e eu sinto uma pontada de culpa. Ela pode estar certa. Eu sabia que tinha substituído Sophie no posto de favorita de Matt. E tive algum prazer nisso, em especial quando os anos se passaram e a animosidade dela cresceu. Mas, ainda assim, isso é razão para tramar ativamente a fim de destruir minha carreira? Especialmente no estado precário em que ela se encontra?

— Talvez o que você está dizendo seja verdade, mas isso não justifica puxar meu tapete desse jeito.

— Eu não tenho de me justificar para você.

— Honestamente, você não está pensando que vai ganhar todo o crédito por resolver o caso da Mutual Assurance, não é?

— Claro que não. Mas com você fora do caminho... bem, não haverá nada no meu caminho.

— Quer dizer que fez tudo isso só para Matt deixar de confiar em mim e, com isso, você ser finalmente promovida à sócia?

— Sim.

— Puxa.

— Isso é tudo o que você tem a dizer?

— É, acho que sim.

Seus olhos se estreitam.

— Então, dá o fora de meu escritório.

— É justo.

Estou de saída, deixando a malevolência de Sophie escorrer sobre mim. Não há mais nada que ela possa fazer para me prejudicar.

— Obrigada por se abrir comigo, Sophie. Acredite ou não, isso ajuda.

Vou até a porta e, no caminho, aperto o botão de privacidade. O vidro volta a ficar transparente, revelando o olhar curioso da assistente, que rapidamente disfarça, ocupando-se com uma pilha de pastas para arquivar.

Eu me viro. Sophie parece, de algum modo, menor, como se tivesse encolhido. Há lágrimas escorrendo pelo seu rosto. E agora, pela primeira vez, sinto algo parecido com pena. Ou talvez só empatia. Nunca chorar no escritório. É o código da mulher profissional.

— Saia — ela diz novamente, enxugando as lágrimas com raiva.

Concordo com a cabeça e enfio a mão no bolso do casaco, pousando o polegar sobre o calor da luz vermelha que indica que meu gravador está ligado.

Capítulo 28

Bola na rede

*E*stou parada na linha de lance livre da quadra de basquete do centro comunitário de Karen e Peter, tentando fazer uma cesta. Dois refletores quadrados ligados à parte externa do edifício iluminam a quadra. O dia frio deu lugar a uma noite mais amena, fazendo a neve derreter diante dos primeiros sinais da primavera. O pinga-pinga da fusão do gelo abafa os sons da cidade.

Seguro a bola de basquete entre as mãos enluvadas.

— O que estamos fazendo aqui, de novo?

Karen ajusta o chapéu enquanto obstrui meu caminho em direção à cesta.

— Você queria conversar.

— Achei que íamos nos sentar na sala de estar e tomar chá.

Ela encolhe os ombros.

— Estou muito ocupada. O jantar de gala está próximo. E você chegou bem na hora do meu exercício.

Bato a bola algumas vezes no chão antes de me virar e tentar um arremesso. Karen me bloqueia facilmente e rouba a bola. Ela gira e tenta a sorte. A bola faz *chuáá* na rede da cesta.

— Boa.

— Obrigada. O que você tem em mente? — Ela bate a bola dura duas vezes no chão e, de repente, a arremessa com força para mim. Eu a agarro bem a tempo de evitar que golpeie diretamente meu estômago.

Acho que Karen ainda não superou a decepção por eu não ter aceitado o convite para a direção de assistência jurídica.

— Eu estava pensando se... a vaga para trabalhar aqui ainda está disponível?

Ela não esperava por essa. Aproveito sua surpresa momentânea para driblá-la e tento outro arremesso malfeito. A bola não chega nem ao aro, apenas roça o fundo da rede e cai no chão com um baque melancólico.

Karen recupera a bola.

— Achei que você estivesse feliz no seu emprego.

— Sim, bem, as coisas não saíram do jeito que eu esperava.

— E nós somos a porcaria de seu plano B?

— Não, claro que não.

— Qual é, Emma. Eu sempre soube que você nunca aceitaria trabalhar aqui.

— Como assim?

— Tudo o que você falava para nós quando estávamos construindo a escola tinha a ver com seus casos, com o escritório, com Matt isso e Matt aquilo. Era muito chato, na verdade.

Meu rosto fica vermelho.

— Eu não me lembro de ter falado tanto sobre isso.

— Relaxe, não foi tão ruim assim.

— Muito obrigada. — Arranco a bola de suas mãos e a bato contra o chão de concreto. O tap-tap oco ecoa em torno de nós. — Mas estou curiosa. Se você sabia que eu não aceitaria o trabalho, por que fez a proposta?

— Uma garota pode sonhar, não pode?

Eu arremesso a bola contra ela com toda minha força. Ela a pega facilmente.

— Por que você quer o trabalho agora?

— Eu estava lidando com um grande caso e estraguei tudo. — Explico tudo a Karen em alguns instantes e concluo. — Então, agora, não só perdi minha chance de virar sócia como também posso ser demitida.

— Você acha que Matt vai mesmo demiti-la?

— Não, não, ele não vai fazer nada de maneira direta. Ele apenas vai parar de me passar os casos. Sem nada para fazer, não vou ter como cumprir minha cota de horas.

— Uma pena de morte em conta-gotas?

— Exatamente.

Ela olha, pensativa.

— Mas, afinal, você não resolveu o caso?

— Resolvi, mas o cliente não sabe disso. Nem o comitê de gestão.

— Então arranje uma maneira de fazer eles saberem.

— Já arranjei. Só não decidi ainda se quero levar isso até o fim.

— Para mim, isso parece maluquice. — Karen me passa a bola. — Sua vez.

Eu a pego distraidamente, imaginando se Karen está certa. Ergo a bola acima da cabeça com as duas mãos e arremesso. Ela atravessa o aro direto e balança na rede.

Depois de ver Karen, arrasto os pés pelos quarteirões até meu prédio rumo ao apartamento vazio, desejando que tivesse feito planos com Stephanie, com Sunshine, com qualquer pessoa. O ar está úmido, como se fosse chover. Vislumbro uma forma encolhida no degrau da escada e meu ânimo aumenta.

— Steph!

A cabeça da pessoa se ergue. Uma grossa trança de cabelo vermelho balança contra seu ombro. Sinto um momento de confusão antes do reconhecimento.

— Emily. O que você está fazendo aqui?

— Estava esperando pela Tara. — Ela se levanta e bate a neve das costas de seu casaco preto. Seus olhos azuis amendoados parecem hesitantes e um tanto vermelhos. A luz da varanda enfatiza a perfeição de sua pele de porcelana.

— Será que ela está lá em cima?

— Não sei. Talvez eu tenha vindo no dia errado.

Ela parece perdida, um sentimento com o qual estou bem familiarizada.

Talvez seja por isso que convido:

— Por que você não sobe até meu apartamento? Você deve estar congelada até os ossos.

Ela fica em silêncio por tanto tempo que quase repito o convite. Mas quando estou a ponto de abrir a boca, ela assente com a cabeça e murmura:

— Obrigada.

— Claro.

Destranco a porta. Não dizemos nada enquanto tiramos nossos casacos e eu acendo a luz. Um olhar pelo corredor me diz que a porta de Dominic, felizmente, permanece na posição em que a deixei — solidamente fechada contra a tentação.

Emily me segue para a sala. Seus olhos voam ao redor do ambiente, vindo descansar sobre as caixas no canto, com a letra de Dominic anunciando o conteúdo.

— Ele não está aqui — digo. Minha voz soa alto no silêncio.

— Sim, eu sei.

Certo. Claro.

— Então... — começo a falar, pensando em oferecer uma bebida quente, acho, apesar de meus pensamentos não estarem totalmente formados.

— Por que ele não está ficando mais aqui? — Emily pergunta.

Eu vacilo, lembrando-me da advertência de Dominic de não contar nada a ela sobre nós. Sento-me no banquinho, tentando ganhar tempo.

— Por que a pergunta?

Ela dá de ombros e se aninha no chão, ao lado de uma caixa marcada Câmeras e Equipamentos. A fita adesiva foi rompida, e eu sei, pois outro dia olhei lá dentro, que a caixa está vazia. Dominic fez questão de retirar tudo o que é importante para ele. Emily mexe nas abas da tampa, abrindo-as.

— O que você está fazendo?

Ela se assusta e suas mãos caem para o lado.

— Eu não sei.

— O que está acontecendo, Emily?

Ela leva os joelhos até o queixo, passando as mãos em torno dos tornozelos. Os jeans cobrem com folga sua estrutura magra.

— Acho que acabou mesmo.

Meu coração bate em falso.

— Quer dizer... entre você e Dominic?

Ela confirma com a cabeça.

— Por que você acha isso?

— Ele deixou bem claro. — Ela estremece, cingindo os joelhos com mais força. — Ele contou a respeito de Chris, não foi?

Considero brevemente mentir, mas desisto.

— Contou.

— Eu não sei por que fiz aquilo.

— Nem sempre a gente sabe o que faz.

— É, eu sei. Mas é engraçado. Sinto que você também foi afetada por isso.

— Por quê?

— Porque você está com Dominic agora.

— Não, não estou. Eu nem sei onde ele está.

Emily libera os joelhos e flexiona os pés contra o chão.

— Ele vai voltar para você.

— Como você sabe?

— Eu vi aquela foto na exposição dele, era você a mulher abrindo o presente de Natal,

não era?

— Sim.

— Dominic não costuma tirar fotos de pessoas, não desse jeito, não de pessoas que ele conhece. — Ela olha para os próprios pés e eu consigo adivinhar: Dominic nunca fotografou Emily daquela forma.

Então, por que ele não me liga?

— Nós tivemos alguns desentendimentos desde então — eu digo.

Ela fecha as abas da tampa da caixa.

— Você vai dar conta disso.

— Talvez.

— Você quer?

Eu encontro o olhar dela. Seu rosto é muito diferente do meu, mas tem uma expressão que parece familiar. Incerteza, dúvida, uma vida cheia de perguntas sem respostas.

— Nós provavelmente não deveríamos estar discutindo isso.

Ela acena com a cabeça e se move na direção do corredor. Levanto-me para segui-la. Ela tira o casaco do gancho e o veste. Eu a vejo amarrar os cadarços de suas botas, sentindo-me aturdida por nossa conversa.

Ela se apruma.

— Se quer Dominic de volta, diga a ele como você se sente.

— Por que você está me dizendo isso?

— Porque eu quero que Dominic seja feliz. Eu devo isso a ele, afinal.

Emily destranca a fechadura e abre a porta. A noite úmida espera por ela.

— Você vai ficar bem? — pergunto.

— Vou encontrar o meu caminho.

Capítulo 29

Luz, câmera, ação

*D*epois que Emily sai, fico sentada na sala durante muito tempo, o telefone na mão, me perguntando se devo ligar outra vez para Dominic ou se o silêncio é a única resposta de que preciso. Talvez tudo o que ele quisesse fazer era pedir desculpas, nada mais do que isso. Em determinado momento, percebo minha absurda hesitação: tudo o que tenho a fazer é apertar algumas teclas e logo estarei falando com ele, ou pelo menos ouvindo sua voz pela secretária eletrônica. Para quem já ficou meses sem a opção de usar um telefone, como posso estar tão vacilante agora?

Mas acho que também me senti vacilante naquele período. Depois daquele dia em que estava montada em minha Schwinn e Karen recusou-se a me acompanhar, nunca mais voltei para a aldeia que supostamente tinha um telefone por satélite. Nunca disse isso a ninguém — só Karen e Peter sabem.

No início, era porque não queria alimentar esperanças e vê-las frustradas outra vez. Eu tinha vivido altos e baixos o suficiente, e tudo o que queria então era uma rotina. Então, conforme cresciam minhas habilidades com o martelo, conforme aprendia a içar vigas e a assentar tábuas no piso, passei a fazer cada vez menos passeios longe da vila. Tudo parecia se distanciar. Até desaparecer. Devo até ter falado bastante sobre minha vida com Peter e Karen, mas da maneira como se faz quando se trabalha com colegas em um projeto — trocando histórias engraçadas para deixar o ambiente mais leve. No entanto, tudo parecia estar a meio mundo de distância dali, era algo inalcançável, uma realidade da qual eu precisava fazer uma pausa.

Não pensava assim no momento, mas agora posso admitir: eu estava sendo egoísta. Estava pensando em meu coração, em minha cabeça, que precisavam de descanso depois de tudo o que tinham passado, precisavam de tempo para se curarem. Sabia perfeitamente que poderia me esforçar mais para tentar entrar em contato com minha casa, sabia que as pessoas deviam estar preocupadas. Mas Karen disse para eu esquecer um pouco tudo isso, e foi o que fiz. Mais completamente do que pensava ser possível. Mais completamente do que deveria ter feito.

E, então, um dia, o mundo real veio com tudo, e eu pensei que estava pronta para ele. De muitas maneiras, eu estava ansiosa por voltar. Mas ainda pensava realmente apenas em mim mesma. Pensava que meu coração e minha cabeça estavam em ordem, ou perto disso. Pensava que simplesmente voltaria para fazer o que queria. Essa era a decisão que havia tomado sozinha.

Não são coisas bonitas de serem recordadas, e elas me mantêm congelada no lugar nesta noite. Por fim, decido que há algo que *posso* fazer quanto a isso, pelo menos uma coisinha só, então largo o telefone e deixo que Dominic tome a iniciativa, se quiser.

Um dia depois, estou sentada na plateia do programa *Em Progresso* vendo a maquiadora dar os últimos retoques no rosto da investigadora Kendle. Cathy Keeler está instalada ao

lado da policial, folheando anotações e murmurando para si mesma. Está quente aqui, e o ar é preenchido com o cheiro suado de emoção do público, contente por estar tão perto da abelha-rainha do jornalismo sensacionalista.

Os holofotes estão ligados e o pessoal da produção voa para longe do palco. Sinto um formigamento nervoso nos dedos, como se algo perverso estivesse prestes a acontecer.

Felizmente, Stephanie veio junto comigo.

— Como você convenceu Cathy Keeler a trocar você por essa investigadora com cara de fuinha? — ela pergunta, ajeitando o cabelo atrás das orelhas. Steph veste um jeans bem justo e suéter preto, finalizando o visual com uma boina transada. É o seu look *artístico*, como ela mesma chama.

— Assim que contei para Carrie, a produtora, que a investigadora que desvendou o caso Bushnell estava disponível para uma entrevista, ela parou imediatamente de me encher o saco.

Victor Bushnell — cujas impressões digitais foram encontradas na tampa do compartimento oculto e na própria tela da pintura, na parte obscurecida pela moldura — havia sido preso e a notícia acabou sendo divulgada por toda parte ontem à noite. Está em todos os jornais e canais de notícias hoje, mas o público teve acesso a detalhes escassos. Não há surpresa, portanto, no fato de Carrie ter ficado *muito feliz* em reservar uma entrevista exclusiva com a investigadora Kendle no programa, sob a condição de manter a própria Cathy Keeler alheia ao meu envolvimento direto no caso.

Stephanie parece impressionada.

— Quem imaginava que você fosse tão picareta?

— Estou aprendendo.

O diretor assistente ergue a mão e mostra três dedos.

— Gravando em três... dois... um. — A bombástica vinheta musical explode através do estúdio. O rosto de Cathy Keeler ganha a tela com aquela expressão mista de profunda inteligência e malevolência suave.

— Boa noite, sou Cathy Keeler. A maioria de vocês já ouviu falar sobre a prisão de Victor Bushnell pelo roubo de uma valiosa tela de Monet. Hoje vamos investigar por que o famoso bilionário cometeu esse ato ousado, mas equivocado...

— Ela fala como se o admirasse — murmura Stephanie.

— Ela provavelmente admira. Bushnell é da laia dela, afinal de contas.

Enquanto Cathy entretém o público, eu observo a investigadora Kendle, desconfortável na larga poltrona de couro, com as mãos masculinas apertadas entre os joelhos de sua calça preta. Uma pesada máscara de maquiagem cobre-lhe o rosto. Seu cabelo pálido reluz sob a iluminação forte.

— Temos uma convidada muito especial esta noite, a investigadora que solucionou o caso. Mas, primeiro, vamos saber um pouco mais sobre Victor Bushnell.

As luzes se apagam. A enorme tela plana atrás de Cathy Keeler é preenchida pelo rosto de Bushnell — uma foto de estúdio que projeta confiança, credibilidade, competência.

— Victor Bushnell, proprietário e presidente da Bushnell Enterprises, é um homem de muitos talentos. Gênio inventivo, independente, audacioso e patrono das artes, ele começou a se destacar no...

— Falando em patrono das artes, — Stephanie diz —, você recebeu mais flores de

"você-sabe-quem"?

— Não.

— Você falou com ele?

— Não, mas tive a visita de sua ex-namorada.

— *O quê?* — ela quase grita.

Várias pessoas se viram para nós. A cabeça de Cathy Keeler se move, buscando a fonte do distúrbio na multidão. Eu afundo ainda mais na cadeira, desejando que a escuridão me esconda.

— Mais baixo, tá bem? — eu sussurro.

— Quando isso aconteceu?

— Recentemente.

— O que ela quer?

— Ela foi procurar Tara, na verdade, mas acabou me dizendo que ela e Dominic terminaram mesmo, e que ele voltaria para o apartamento.

Ela me lança um olhar de suspeita.

— Isso é meio estranho.

— Eu sei. Eu mesma não pude acreditar.

— E ele ainda não ligou?

— Não, mas eu acho... Eu estou bem.

Stephanie me olha com descrédito, mas se mantém em silêncio.

O vídeo acaba e as luzes voltam a se acender. Cathy Keeler encara a câmera.

— Hoje recebemos a investigadora Kendle, a responsável por desvendar esse incrível caso. Como a senhora fez isso?

A investigadora Kendle se mexe em seu assento, sem jeito.

— A solução do caso veio de uma fonte externa, na verdade.

— Algum cúmplice ajudou Bushnell a roubar o Monet?

— Manet.

— Perdão?

— Era uma pintura de Édouard Manet, e não de Claude Monet.

Cathy Keeler ri com falsidade.

— Oh, bem, nós não precisamos nos ater a pequenos detalhes.

A investigadora Kendle faz uma expressão de desprezo.

— Detalhes nunca são pequenos em minha profissão, sra. Keeler.

— Sim, claro que não. Mas você estava dizendo algo sobre uma fonte externa?

— Isso mesmo. Nós estávamos em plena investigação policial quando um dos advogados da companhia de seguros responsável pela cobertura do quadro desvendou o caso.

— Por que Bushnell fez isso?

— Acreditamos que era porque ele tinha contraído um empréstimo que não podia pagar, e cuja garantia era o quadro.

— Mas por que ele mesmo cometeu o roubo?

— Eu só posso especular.

Cathy Keeler se inclina para a frente, ansiosa.

— Por favor, dê um palpite.

A investigadora Kendle levanta o nariz.

— Eu lido com fatos, sra. Keeler. Não com palpites.

Um vinco se desenha entre as sobrancelhas de Cathy Keeler. O dermatologista dela vai se assustar se estiver assistindo.

— Essa cacetada deve ter doído — diz Stephanie.

— Você não tem ideia.

— Você vai, pelo menos, nos contar como Bushnell fez o roubo? Como ele conseguiu escapar da segurança do museu?

— Nós não temos todos os detalhes ainda.

Cathy Keeler lhe dá um sorriso melífluo.

— Sim, é claro. Bem, tenho certeza de que a senhora deve receber alguma condecoração ou recompensa pelo ótimo trabalho.

— É Emma Tupper que merece o crédito, sra. Keeler, não eu.

— Emma Tupper? A advogada desaparecida na África?

— Sim. Foi ela quem resolveu o caso.

Cathy Keeler pisca rapidamente algumas vezes, tentando juntar as peças do quebra-cabeça.

— E, é claro, ela já esteve aqui em nosso programa. Talvez a senhora tenha visto esse episódio?

— Sim — diz a investigador Kendle, bufando.

— Sim. Pois é. Essa Emma Tupper parece ter encontrado um jeito de manter seu nome na mídia.

— Não me parece que ela seja uma pessoa desse estilo.

— Não?

— Não.

— A senhora a admira, não é?

— Admiro sim, para falar a verdade.

Stephanie pega a minha mão.

— Você tem alguém a seu lado, pelo menos.

Lágrimas saltam dos meus olhos.

— Mais de uma pessoa, eu espero.

— O comitê de gestão quer vê-la — informa Jenny nervosa, no dia seguinte.

— Obrigada, Jenny.

Ela gira a ponta do cabelo em torno do dedo indicador.

— Você está bonita.

Tomei cuidado extra com a minha aparência esta manhã, vestindo meu tailleur mais conservador e prendendo meu cabelo para trás, em um coque elegante.

— Preferia parecer feroz.

— O que você quer dizer?

— Nada, é só uma piadinha.

Sentindo-me tonta, ajeito o blazer e ponho o gravador no bolso.

— Se eu não voltar em quarenta e cinco minutos, envie a Brigada das Iniciais para me

salvar, certo?

— Você está com um humor estranho hoje.

Dou-lhe um sorriso em vez de explicar minhas ironias e tomo o caminho mais longo, para evitar me encontrar com Matt. Não o vejo desde a nossa discussão, embora tenha sentido sua decepção escoar através da parede que divide nossas salas.

Ando pela recepção e aperto o botão para chamar o elevador. O comitê de gestão está cinco andares acima, na cobertura. Só estive lá uma vez, quando fui contratada depois de me formar na faculdade de direito. A TPC mantém um ritual de contratação que remonta à época em que, para conseguir um emprego aqui, você tinha de comer nos restaurantes certos. Se você fosse do tipo "certo", era chamada para a sala de reuniões dos chefões para receber tapinhas nas costas e se ver toda feliz, flagrada em um ambiente cheio de homens de meia-idade chamando-a de "mocinha". Se fosse "errada", você acabava em uma sala ao lado, sendo atendida por uma maternal funcionária do setor de recursos humanos.

Gostaria de saber em qual sala vou terminar meu dia.

O elevador chega e eu embarco. As portas começam a fechar.

— Segure a porta — ressoa uma voz familiar.

Antes que eu possa pressionar o botão fechar, um caríssimo sapato preto bloqueia as portas. Elas se abrem de novo para revelar Sophie, que está vestindo um conjunto quase idêntico ao meu. Seu cabelo loiro também moldado em um penteado semelhante.

Nossos olhos se encontram, e ela parece perturbada.

— Vou esperar o próximo.

Eu mexo no bolso em que está o gravador. Minha mão se sente escorregadia contra o metal prateado.

— Não, tudo bem, pode vir.

Ela entra e fica perto de mim. Hesito por um momento, mas logo aperto o botão para subir. As portas fecham-se. Ela olha para os botões do painel, seu dedo se move em direção ao mesmo botão que eu já havia apertado. Mas ela recolhe a mão.

— Acho que nós estamos indo para o mesmo lugar — constata, forçando um sorriso.

— Parece.

Vemos os números acenderem-se silenciosamente, um por um. Qual o significado de termos sido chamadas juntas pelo comitê de gestão? Talvez meu plano envolvendo o gravador não seja uma boa ideia, afinal? Ou terei de expor Sophie com ela sentada ao meu lado?

— O programa da Cathy Keeler repercutiu bem para você.

Eu me viro para ela, verificando eventuais sinais de sarcasmo. Tudo o que vejo é um reflexo da apreensão de meu próprio rosto.

— Obrigada.

— Obra sua, eu presumo?

Concordo com a cabeça.

— Impressionante.

— Obrigada — repito, sentindo uma pontada de surpresa e, talvez, um pouco de culpa também.

— O que você acha que eles querem com a gente?

— Estou perdida tanto quanto você.

As portas se abrem. Saímos e caminhamos pelo longo corredor. Todo o nosso escritório é luxuoso, mas a cobertura pertence a outro mundo. O tapete é tão espesso que não consigo ouvir meus próprios passos, e o papel de parede, artesanal, revela-se ricamente colorido. Solenes retratos a óleo de ex-membros da TPC nos miram com um ar de aparente desaprovação.

— Matt disse alguma coisa? — ela pergunta.

— Acho que ele anda me evitando ultimamente.

Ela abaixa o olhar.

— Humm. A mim também.

Chegamos às grandes portas pretas da sala de reuniões. Rumores dão conta de que o comitê de gestão se encontra aqui todas as manhãs para conferir o dinheiro que estão para receber e traçar planos para surrupiar clientes de outros grandes escritórios de advocacia. Meu peito se sente vazio, como se o coração tivesse sido removido.

— Bem, boa sorte — deseja Sophie.

Não posso deixar de sorrir.

— Para você também. Belo tailleur, por sinal.

Ela me dá uma rápida avaliada.

— Cai melhor em você.

Mais uma vez, ela realmente parece sincera. O gravador começa a pesar no bolso.

Uma mulher com seus cinquenta e tantos anos nos recebe. Eu a reconheço como assistente pessoal do presidente, que também ocupa a função, se o boato tem fundamento, de sua amante ao longo dos últimos trinta anos. Ainda bem que seu primeiro nome é igual ao da esposa do chefão.

— Vocês chegaram na hora certa.

— Sim — dizemos juntas.

— Já estão esperando por vocês.

Ela abre a porta. Lanço um olhar nervoso para Sophie.

— Você na frente.

— Ah, não, eu insisto.

Ergo os ombros e caminho através da porta. A sala de reuniões é ampla, larga e sem janelas. Imagens de sócios falecidos revestem os painéis de madeira escura das paredes. Há uma enorme mesa de carvalho no meio da sala, cercada por quinze homens velhos de ternos escuros. Eu quase consigo sentir o cheiro da testosterona em declínio.

Eu capto o olhar do advogado que tratou da herança de minha mãe. A pessoa que me disse para não ir para a África, que disse que aquilo ia prejudicar minha carreira. Como fiquei com raiva naquele dia, como fiquei indignada. Agora estou feliz por ele ter me dito não. Se não ficasse brava, talvez não tivesse partido. E isso teria sido um erro, apesar de tudo o que aconteceu.

Matt fala a partir da ponta da mesa.

— Emma... Sophie... bem-vindas. Por favor, sentem-se.

Quase não o reconheço neste ambiente austero. Seu terno é impecável e ele exala um ar de autoridade. Eu só o vi desse jeito no tribunal.

— Você sabia que Matt entrou para o comitê de gestão? — sussurro para Sophie.

Ela sacode a cabeça enquanto se senta em uma das cadeiras de couro vermelho em nossa extremidade da mesa. Sento ao lado dela, minhas mãos escorregadias no couro rígido.

Matt cruza as mãos à sua frente.

— Nós pedimos para virem aqui hoje para discutir o trabalho de vocês no caso da Mutual Assurance.

Abro a boca para protestar contra a inclusão de Sophie no caso, mas, surpreendentemente, a própria Sophie se adianta.

— Isso foi obra de Emma, não minha.

O presidente levanta a mão para interrompê-la. Seus olhos castanhos severos se destacam no rosto corado. Um número talvez excessivo de coquetéis parece ter desenhado uma teia de aranha em seu nariz.

— Isso é modéstia de sua parte, sra. Vaughn, pois Connor Perry me ligou pessoalmente para expressar sua gratidão.

Ela me lança um olhar.

— Sim, não duvido disso, mas o fato é...

— Isso não é realmente necessário, Sophie — diz Matt, em tom de advertência.

Meu olhar vai de Matt para Sophie, que luta para se conter. Ela parece vacilar, mas não diz mais nada.

— A mídia proporcionada ontem no *Em Progresso* foi um grande tento para nossa empresa, sra. Tupper — comenta um homem idoso sentado à direita de Matt. — Como Price disse, a Mutual Assurance está extremamente satisfeita com o resultado, e nós também.

— Obrigada — murmuro, pensando brevemente na última vez em que a empresa projetou um golpe publicitário similar. É um pouco triste, realmente, como algumas pessoas podem ser previsíveis.

— Vocês duas têm feito um excelente trabalho para a empresa ao longo dos anos — elogia um homem com cabelo preto fino que escorre pela testa. Demoro um momento antes de identificá-lo como Kevin Wilson, o comandante da área de fusões e aquisições. — E nós achamos que é hora de reconhecê-las por isso, fazendo de vocês nossas novas sócias.

Sinto meu coração voltar a bater dentro do peito.

— Nós geralmente esperamos o final do ano para anunciar esse tipo de decisão — informa Matt. — Mas, dadas as circunstâncias, achamos melhor romper com a tradição e conduzi-las à parceria de imediato.

— O que ele quer dizer com "dadas as circunstâncias"? — pergunto a Sophie com o canto da boca.

— A Mutual Assurance está à procura de um advogado interno — responde ela baixinho. — E me sondaram para a vaga. Além disso... bem, depois de ontem, parece que você pode exigir o que quiser desse comitê.

— Você disse algo, Emma? — Matt pergunta.

— Não.

— Ótimo. Kevin vai lhes dar os detalhes mais tarde, mas pensamos em anunciar a novidade no boletim de hoje e promover o costumeiro coquetel de celebração na sexta-

feira. Está bom para vocês?

— Isso seria ótimo — diz Sophie, reluzente. — Obrigada.

— Emma?

Sei que este é o momento no qual eu deveria sacar o gravador e denunciar Sophie por todo o mal que ela tem feito. Mas, de alguma forma, não consigo articular as palavras. Não sei se é o estresse ou o toque surreal do momento presente, mas não sinto a alegria que pensei que sentiria nem a raiva necessária para humilhá-la neste fórum privilegiado.

— Isso é tudo? — eu me ouço dizer.

Matt franze a testa.

— Tudo o quê, Emma?

Sophie me chuta por baixo da mesa. Eu mordo meu lábio para não gritar.

— Algum problema, mocinha? — questiona o presidente.

— O que você está fazendo? — Sophie sibila.

— Eu não tenho certeza — sussurro de volta.

— O que foi, querida? Não conseguimos ouvi-la.

— Bem, é só que... estou muito grata por esse voto de confiança, mas... vocês nem sequer perguntaram se queremos nos tornar sócias.

— Nós não temos o hábito de ser rejeitados — diz o presidente. — Mas se preferirem recusar nossa proposta...

— Não! — Sophie exclama.

— Sophie quer dizer que, naturalmente, queremos ser sócias, mas, antes de aceitar, gostaríamos de sugerir algumas mudanças por aqui.

O presidente dá a impressão de que gostaria que já estivéssemos na hora dos coquetéis.

— Você está se referindo a uma política de licença-maternidade, não é?

— Também, mas isso não é realmente aonde eu queria chegar.

— O que você quer, exatamente? — Kevin pergunta.

Formulo meus pensamentos e, então, lhes digo o que quero. Vejo alguma relutância em vários dos rostos presentes, mas o presidente parece intrigado e Matt tem aquele olhar duro e orgulhoso que costuma me endereçar quando excedo suas expectativas.

— E se estivermos de acordo com isso, você aceita a nossa oferta? — quer saber o presidente.

Hesito.

— Posso pedir só mais uma coisa?

Matt balança a cabeça. Sophie parece que vai desmaiar.

— O quê? — diz Kevin.

— Podíamos providenciar quadros novos para essas paredes, vocês não acham?

Capítulo 30

Nova tentativa

*M*inha primeira semana como sócia na TPC passa... não exatamente de modo suave, mas com menos incidentes do que as anteriores. A pilha de casos ruins desaparece, o Ejetor já é passado e Sophie e eu estamos quase conversando uma com a outra. A cereja do bolo é o vestido de baile que Jenny arranja para eu usar esta noite, no jantar de gala beneficente para o centro da juventude de Karen e Peter. É lindo. De seda branca e com inspiração no estilo Regência, faz com que eu me sinta uma personagem saída dos contos de fadas. Só preciso de um belo príncipe para encontrar meu sapato desaparecido e o resto está pronto.

Mas não vai ser dessa vez. Apesar das previsões de Emily, Dominic não ligou nem apareceu no apartamento. Tudo bem. Não dá para ter tudo na vida. Além do mais, Stephanie logo estará abrindo a tal livraria para encontros românticos e quem sabe...

O sol atravessa a cidade, as sombras se alongam, encurtam e estendem novamente. Saio do trabalho mais cedo para passar no salão de Antoine. Ele faz maravilhas com meu cabelo, como sempre, e coloca um sorriso no meu rosto. Um táxi me deixa no grande evento às 19h10, bem a tempo de bebericar um coquetel.

O baile está sendo realizado em uma antiga estação de trem, agora transformada em um espaço de exposições. Nesta noite, os estandes foram desmontados para dar lugar a cinquenta mesas redondas, cobertas de toalhas impecavelmente brancas. Na decoração sobre elas, as peças centrais florais são talos altos de cana-de-açúcar com rosas perfumadas entrelaçadas ao redor deles. Velas votivas flutuam em pequenas tigelas. Enormes faixas de tecido branco se descortinam desde o teto. No palco erguido no salão, uma banda toca uma valsa vienense.

A amostragem aleatória de celebridades da cidade conversa entre as mesas e flutua em torno da pista de dança. O prefeito, que acaba de deixar o cargo, troca impressões com a deputada que vai assumir sua cadeira no próximo ano. A blogueira mais badalada do momento flerta com o apresentador que enumera estatísticas esportivas no noticiário noturno. Avisto Karen em um vestido de renda branca com faixa vermelha brilhante, abrindo caminho em meio à multidão. Ela está falando com uma mulher com fone de ouvido, que parece estressada. Não consigo localizar Peter, mas minha aposta é que ele está em algum lugar perto do bar.

— Que linda, E.W. — diz I. William, me examinando da cabeça aos pés. Encostamos os rostos para dar beijinhos de cumprimento e ele surrupia duas taças de champanhe da bandeja de um garçom que está passando.

— Uma dessas é para mim?

— Não. É para sua amiga ali. — Ele aponta com a cabeça na direção de uma das mesas patrocinadas pela TPC, uma das partes de meu extenso acordo para aceitar virar sócia. Stephanie está sentada, com um olhar tímido e nervoso, metida em um vestido de cetim viscoso.

— Você sabe que ela é minha melhor amiga, não sabe?

Seus olhos brilham com malícia.

— Foi o que ela me disse.

— Se pisar na bola com ela, você vai ter de se ver comigo.

— Você acha que isso é suficiente para me assustar?

— Tudo bem. Vou falar para Sophie tirar satisfações com você, então.

— Considere-me avisado.

Ele ruma na direção Stephanie, parecendo arrojado em seu smoking. Ela cora quando ele lhe oferece a taça e me lança um olhar. Faço uma anotação mental: mais tarde, preciso chamá-la para o canto e avisar sobre como I. William lida com as questões que envolvem compromissos.

— Ei, Emma, você está pronta para seu grande discurso? — pergunta Karen, brotando do meio da multidão.

— Completamente.

— Você se lembrou de trazer suas anotações?

— Não vou precisar disso.

— Você tem certeza que essa é uma ideia sensata?

— Eu ganho a vida falando, lembra? Não se preocupe com isso.

— Bem, se você fica confortável em se envergonhar na frente de milhares de pessoas...

— Obrigada pelo voto de confiança.

Ela me oferece um sorriso.

— Não, eu é que digo obrigada.

— Por nada.

— É mais do que você precisava fazer por nós.

Uma das mulheres com fone de ouvido aparece ao lado de Karen e murmura em seu ouvido. Seus olhos se arregalam e ela balança a cabeça vigorosamente. A mulher se vira e fala algo ao microfone preso pela orelha.

— Tenho de ir cuidar de uma coisa — anuncia Karen, que parece estressada novamente.

—Problemas?

— Talvez. — Ela se afasta, transformando-se em um borrão branco e vermelho em meio aos convidados.

Passo a meia hora seguinte do coquetel entabulando breves conversas com vários advogados da firma que compareceram porque praticamente os obriguei a vir. Craig e eu trocamos um aceno a partir de cantos opostos do salão, mas mantemos distância. A certa altura, vejo Sophie aproximar-se dele, com uma mistura de cautela e contrição na expressão do rosto. Boa sorte para eles, desejo em pensamento, com só uma pontinha de arrependimento. Depois que esvazio minha taça de champanhe durante cinco minutos muito longos, as luzes do salão piscam, sinalizando para os convidados que é hora de tomar assento às mesas para jantar.

Eu abro caminho de volta até Stephanie, que ainda continua corada diante de I. William, embora seu rubor talvez possa ser atribuído também ao champanhe — há várias taças vazias sobre a mesa. Steph parece feliz em me ver, mas não tenho a chance de me sentar ao seu lado. Em vez disso, sou arrastada para longe pela mulher do fone de ouvido, a mesma que alarmou Karen minutos atrás. Aparentemente, terei de discursar

para os convidados antes que cheguem ao estado de embriaguez total.

Peter está esperando por mim. Ele põe a mão em meu ombro e dá um suave aperto, antes de subir ao palco para aplausos entusiasmados. Elegante e relaxado em seu smoking, ele cumprimenta a plateia, solta algumas piadas a respeito do circuito de eventos filantrópicos elegantes como este e, depois, por um tempo que me parece demasiadamente longo, fala sobre mim e me chama ao palco. No momento em que alcanço o microfone, meu rosto está quente e sinto um súbito desejo de ter à mão um papel com anotações para orientar minha fala.

— Obrigada, Peter — digo bem perto do microfone. Minha voz ecoa pela sala. Fico olhando para todas aquelas pessoas em busca de inspiração. E é aí que eu o vejo: encostado na parede à esquerda do palco, Dominic me observa atentamente.

Nossos olhos se cruzam e meu coração experimenta uma sensação de primeiro amor, daquelas que você acha que nunca vai sentir de novo depois de se decepcionar e achar que aprendeu a lição. Não consigo entender o que ele faz aqui, mas, por alguma razão, as palavras que eu estava pensando em dizer deixam de parecer boas o bastante.

O silêncio de expectativa do salão se intromete em meus pensamentos, de modo que começo a falar.

— Alguns de vocês podem pensar que subornei Peter para dizer essas coisas sobre mim. Bem, vocês estão certos. Ou, para ser mais minuciosa — e vocês sabem como advogados gostam de minúcias — , eu estou fazendo com que vocês todos paguem a Peter para dizer essas coisas sobre mim.

Recupero um pouco de fôlego durante a pausa provocada pelas risadas protocolares que enchem o salão, com os olhos cravados em Dominic outra vez. Sinto os joelhos enfraquecerem e minha coragem vacilar, mas tenho de falar alguma coisa, tenho de dizer a coisa certa.

— Pediram-me para falar esta noite sobre uma contribuição muito especial para o centro comunitário, feita pelo meu escritório de advocacia, Thompson, Price & Clearwater. Mas, antes de chegarmos a isso, quero pedir um minuto para saudar duas maravilhosas pessoas que estão por trás deste evento, Karen e Peter Alberts.

"Como muitos de vocês devem saber, conheci Karen e Peter em circunstâncias incomuns; na verdade, nós jamais teríamos nos conhecido de outra maneira. — Limpo minha garganta. — Algum de vocês já brincou daquele jogo da ilha deserta? Sabe, aquele jogo em que você tem de dizer as coisas de que mais sentiria falta, ou qual pessoa escolheria para levar com você? — Faço outra pausa novamente, e algumas pessoas assentem com a cabeça. — Bem, eu sempre fui péssima nessa brincadeira. Principalmente porque não conseguia me ver nessa situação. Acho que na verdade ninguém consegue, mas, no meu caso, não gostava nem mesmo de pensar nisso. Ficar preso em uma ilha deserta parecia uma coisa terrível e não algo para virar piada em uma festa.

"Então, lá estava eu, presa em uma situação de ilha deserta. Eu não estava sozinha, mas não conseguia me apegar às pessoas que estavam comigo. E, embora fossem algumas das melhores pessoas que já conheci, tudo o que queria no início era voltar para casa. Queria voltar para a minha vida. Pensei, ingenuamente, que, quando o caos passasse, minha vida ainda estaria lá, esperando por mim. Mas eu estava errada. — Faço uma

pausa para tomar a água do copo ao meu lado. Minhas mãos tremem, mas torço que só eu tenha percebido isso. Um fantasmagórico silêncio domina o salão. Dominic não se move um centímetro. — A vida não espera. Você tem de fazer acontecer. Você tem de vivê-la enquanto ela está acontecendo ao seu redor. A vida segue em frente.

"Por que estou dizendo essas coisas sérias em uma noite que deveria ser festiva? Acho que é porque, enquanto estamos todos aqui, bem vestidos e bebendo e comendo maravilhosamente, é importante lembrar o objetivo de tudo isso, a razão de o centro comunitário existir. Há muita gente menos afortunada do que nós. Eu sei que dizem isso o tempo todo, mas quando você viveu a pobreza, quando você viu, ouviu e respirou a miséria, você não tem escolha a não ser reconhecer como tem sorte e como é importante retribuir.

"Então, Karen e Peter, eu quero agradecer. Obrigada por minha vida e obrigada pelo que fazem. Quanto a todos vocês, bem, eu espero que contribuam generosamente hoje à noite e continuem a fazê-lo muito tempo depois de seus trajes serem lavados a seco, e que a próxima festa de gala beneficente não seja apenas mais uma data no calendário. Por fim, quero cumprimentar a Thompson, Price & Clearwater, que, tenho orgulho em dizer, comprometeu-se a fornecer trinta horas anuais de cada um dos advogados da firma para a prestação de serviços jurídicos gratuitos à comunidade. — Levanto meu copo de água. — A Karen e Peter e ao futuro de seu centro comunitário."

Afasto-me do microfone, voltando a mim mesma conforme o salão irrompe em aplausos. Depois de ser envolvida no abraço de urso de Peter, permito-me olhar para a mesa de honra, onde Matt está sentado com sua esposa e o presidente da TPC. Ele parece feliz e satisfeito consigo mesmo, como se estivesse diante da conclusão de um plano bem pensado. E talvez seja. Afinal, ele não começou tudo isso porque estava em busca de um pouco de publicidade para a empresa? Ou talvez esse não tenha sido o começo, mas estava perto o suficiente do início para ser entendido assim.

Por que não? Ele merece aplausos. Estendo minhas mãos e bato palmas na direção dele. Bravo, Matt. Colha os louros.

Deixo o palco para ser substituída pelo mestre de cerimônia. Seu smoking é um tanto justo, e seu cabelo preto está penteado para trás, deixando sua testa alta. Ele tira o microfone do suporte.

— Vocês estão prontos para um pouco de barulho por aqui? — ele dispara para a plateia.

Caminho para a segurança da minha mesa, procurando por Dominic pelo salão, mas ele parece ter desaparecido. Será que foi só minha imaginação? Se não foi, o que é que vou dizer a ele quando encontrá-lo?

Stephanie me dá um abraço apertado, que me diz o quanto ela está orgulhosa de mim, embora eu realmente não consiga ouvi-la. Sento-me no meu lugar e ouço sem prestar atenção o mestre de cerimônias contar piadas obscenas e ruins enquanto os garçons servem as entradas, um mix de verduras e frutas silvestres. Tento me concentrar na ladainha de I. William tentando impressionar Stephanie, enquanto procuro não rastrear o rosto de Dominic em cada convidado de cabelos escuros.

Quando os garçons encerram todo o serviço, recolhendo os pratos de sobremesa, o mestre de cerimônia é felizmente substituído por uma banda, que abre sua apresentação

com sucessos do Abba e do Village People. Os músicos parecem conhecer bem o público — a pista de dança lota rapidamente.

I. William puxa Stephanie pelo braço.

— Vamos dançar.

Ela me lança um olhar.

— Oh, eu não sei.

— Não seja boba, Steph. Vá em frente.

— Por que você não vem também?

— Isso mesmo — diz I. William. — Vamos dançar.

Encontramos um espaço na pista em meio a velhinhos dançando o *twist* e alguns poucos jovens que foram arrastados até aqui por seus pais e, claramente, estão tirando o maior proveito possível do open bar.

É difícil me movimentar dentro desse vestido, mas eu consigo. I. William, como um perfeito cavalheiro, divide sua atenção entre nós duas, girando Steph, depois a mim, até que nós duas fiquemos sorridentemente tontas.

Em seguida, a banda baixa um pouco a bola e começa a tocar "Falling Slowly", da trilha do filme *Apenas uma vez*. Nós três ficamos ali deslocados, enquanto os convidados se juntam em pares.

— Vou voltar para a mesa — digo.

— Vou com você — responde Stephanie.

— Não seja ridícula.

Tomo meu caminho, mas não antes de I. William me dar um olhar agradecido. Sorrio para mim mesma, e logo vejo Matt e a esposa dançando. A mão dele está pousada nas costas dela, abraçando-a.

Alguém agarra minha mão na borda da pista de dança. Eu me viro. É Dominic.

Ele está aqui. Meu grande, grandioso final romântico está de pé na minha frente, e veste um smoking, Deus do céu. Mas, que diabos, afinal eu também não estou vestida de gala?

Onde está o botão do pânico para eu apertar? Ou, melhor ainda, será que existe um botão do pânico que dê um pause nesta cena, enquanto eu penso na melhor forma de participar dela?

Mas não. Não é assim que funciona na vida real. Na vida real, eu só consigo dizer:

— Oh, não.

Seu rosto murcha.

— Como?

— Não, não, não, isso *não pode* acontecer dessa maneira.

— Que maneira?

— Assim — eu faço um gesto para mostrar meu vestido. — Eu aqui, assim. Você usando isso.

— O que tem de errado com seu vestido? Você está maravilhosa.

— É demais, é demais... — Perfeito demais — é o que quero dizer. — Artificial — digo, em substituição.

— Então, você não vai falar comigo por causa da maneira como está vestida?

— É muito mais do que isso. É... O que está fazendo aqui?

— Você me convidou.

— Não, eu não convidei.

Ele mexe no bolso do paletó e tira um convite.

— Como é que eu tenho isto aqui, então?

Penso um pouco.

— Eu estou supondo que Stephanie tenha algo a ver com isso.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Você não está tentando culpar sua melhor amiga, não é?

— Bem...

— Será que você pode dançar comigo agora?

— Não, Dominic. Não posso.

Começo a dar a volta em torno dele, mas Dominic me segura pelos braços, acima dos cotovelos.

— Emma, por favor.

Algo em seu tom de voz me impede. Ele precisa de alguma coisa de mim, e eu quero dar isso a ele. Talvez eu tenha de dar isso a ele.

Concordo com a cabeça e ele me aninha, entrelaçando as mãos atrás das minhas costas. Respiro o perfume de sua camisa recém-lavada. Sinto-me segura e aquecida. Mas segura eu não estou. Nem um pouco.

Ele se inclina ao meu ouvido.

— Será que toda essa relutância significa que você não está feliz em me ver?

— Não é isso.

— Então você está feliz em me ver?

— Claro que estou.

Seus braços me puxam para mais perto.

— Fico contente.

O tecido de seu terno roça meus lábios.

— Mas, Dominic...

Ele me dá um sorriso irônico.

— O quê? As flores que mandei não foram suficientes?

— Você não pode levar nada a sério?

— Só algumas coisas.

— Como esta pequena cena?

Sua boca se contorce.

— Querida, se levasse esta cena realmente a sério, nós dois estaríamos morrendo de medo agora.

Meu coração bate tão alto que está abafando a música.

— Não acho que quero ninguém morrendo de medo comigo — digo finalmente.

— Eu também não.

Inclino minha cabeça para baixo. Meu vestido tapa a visão de meus pés. Este casulo de tecido não está me protegendo do calor do toque dele.

— É por isso que não me telefonou?

— Principalmente.

— Então por que você veio hoje à noite?

— Achei que estava na hora.

— Na hora do quê?

— Disso. — Ele traz seus dedos ao meu queixo e levanta meu rosto. Seus olhos estão cheios da noite que passamos juntos.

— Dominic, eu...

— Shhh. — Ele se move para mim. Nos filmes, esse momento sempre acontece lentamente, mas aqui, na vida real, seus lábios tocam os meus em um instante.

Um segundo depois, algo está vibrando entre nós. Afastamo-nos.

— Acho que já vi esse filme — reclama Dominic, os lábios a centímetros dos meus.

— Meu telefone não está comigo.

Seu paletó sacode e ele enfia a mão no bolso com uma expressão envergonhada, que se transforma rapidamente quando ambos vemos no celular o nome de quem está ligando: Emily.

— Isto não é o que você pensa — apressa-se em dizer.

— Você não sabe o que estou pensando.

O telefone vibra de novo na mão dele, insistente. Emily está chamando. Atenda, atenda, atenda. E tudo isso depois daquele papo de "porque quero que Dominic seja feliz". E ela tinha soado tão sincera.

— Atenda o telefone.

Ele me dirige um olhar desesperado e se afasta, pondo o telefone no ouvido enquanto caminha para fora da pista de dança. Acho que até o escuto dizer: "Eu não consigo ouvir você", mas não tenho certeza.

Sinto uma onda de raiva imatura. Droga, droga, droga. Nada pode dar certo para mim, de uma vez? Nada pode ser simples? Aqui estou eu, no meio desse momento romântico ridículo, e depois, puf, ele vai embora. O homem que quero está lá fora conversando com sua ex-noiva, e eu fico aqui de vestido branco (off-white, na verdade, mas ainda assim está valendo), rodeada de casais rodopiando enquanto a banda toca uma música bonita: "Ain't No Love", de David Gray, para ser exata. Amo essa maldita canção. Ou pelo menos amava. Agora, ela só será a música que vai me lembrar que as coisas nunca iriam dar certo com Dominic, não importa o quanto eu desejasse o contrário.

Bem, ao menos não tenho de esperar por ele plantada na pista de dança como uma idiota. Na verdade, eu não tenho sequer de continuar na festa. Meu discurso foi feito, anunciei formalmente o compromisso da TPC de prestação gratuita de serviços jurídicos, Stephanie e I. William dançam a cada segundo mais agarradinhos.

Acho que meu trabalho aqui está feito.

Deixo o salão e caminho em direção à chapelaria, tirando meu sapato para recuperar o tíquete que escondi lá dentro. Não há ninguém do outro lado do balcão. Em vez disso, uma pequena placa informa: "Volto em dez minutos". Não tenho ideia se o aviso foi colocado nove minutos atrás ou apenas um. Dez minutos parece ser um tempo longo para esperar, e uma espécie de antiética maneira de cair fora daqui antes disso começa a tomar forma em minha mente.

Testo a porta ao lado do balcão que leva para a chapelaria. Trancada. Claro. Eu sabia que devia ter aprendido a violar fechaduras em algum momento da vida. Agora mesmo tenho até alguns grampos no cabelo, mas não saberia o que fazer com eles.

Bem, quer saber? Que se dane. Dou uma rápida espiada sobre meu ombro e começo a me içar para cima do balcão. Meu vestido de seda é escorregadio e suspeito que a manobra vai deixar marcas nele. Sentada sobre o balcão, puxo minhas pernas para cima e giro, com a intenção de lançar meus pés para o chão, do outro lado. Mas, em vez disso, calculo mal a distância e a força da minha rotação. O cetim me faz escorregar e eu caio de bunda no chão duro, com as pernas para cima.

— Isso deve ter doído — diz Dominic, inclinando-se sobre o balcão.

Por que o teletransporte ainda não foi inventado? A sociedade precisa urgentemente investir recursos para descobrir essa tecnologia. Porque, se houvesse essa maravilha, bastaria eu apertar um botão no controle remoto que levaria sempre pendurado no pescoço, para usar em todos os casos de emergência como este. Um clique e eu sumiria. Como mágica.

Ponho as mãos no chão para me apoiar. Toda a parte de trás do meu corpo está latejando.

— O álcool amorteceu o tombo.

Ele sorri.

— Você quer uma mão?

— Aceito. Dessa vez.

Levanto-me devagar e caminho em direção às araras onde estão pendurados os casacos. Se você fosse o casaco 8456, onde se esconderia?

— Para onde você vai? — Dominic pergunta, às minhas costas.

— Pegar meu casaco. — Minha voz é abafada pelas peças de peles caras e fina caxemira.

Acho que flagro meu casaco preso em um canto. Os três primeiros números de sua etiqueta batem com o bilhete amarelo na minha mão, mas o último algarismo foi arrancado. Parece o meu, mas como vou ter certeza? Já bebi demais, meu traseiro lateja e este casaco é preto. Vai servir.

Arranco-o do cabide e começo a vesti-lo.

— Deixe-me ajudar com isso — diz Dominic, segurando o casaco para mim como meu avô costumava fazer.

Deslizo meus braços para dentro dos buracos das mangas. É uma sensação estranha, de folga. Eu me viro para encará-lo.

— Obrigada.

Ele parece se divertir.

— Você tem certeza que é seu casaco?

— Claro que é. — Eu tento abotoá-lo, mas meus dedos não estão me obedecendo. Dominic afasta minhas mãos e assume a tarefa. Ele fecha cada botão de baixo para cima, trabalhando vagarosamente até chegar ao botão logo abaixo de meu queixo. E, claro, enquanto isso meu cérebro estúpido me traz a memória de nossa noite juntos, quando desabotoei sua camisa deliberadamente devagar, beijando cada centímetro de pele à medida que o desnudava.

— Pronto — diz Dominic.

Olho para ele, e tenho de perguntar.

— O que você está realmente fazendo aqui, Dominic? Por que continua aparecendo?

— Eu... Eu quero voltar para o apartamento.

— É disso que se trata? Um lugar para viver?

— Qual é, Emma, você sabe que não é isso que quero dizer.

— Não, eu não sei nada. Não sei o que quer dizer a não ser que você diga. O que você quer dizer?

Sua mão acaricia minha bochecha.

— Eu quero dizer que cometi um erro.

Eu desvio o olhar.

— Isso você já me disse.

— Não, Emma. O erro foi dizer o que eu disse depois de termos passado a noite juntos. Fui um idiota.

— E daí?

Ele solta uma risadinha.

— Você não quer facilitar as coisas nem um pouco para mim, não é?

— Você está certíssimo.

— Por quê?

— Porque eu não entendo por que esta é a nossa primeira conversa de verdade desde que transamos.

Agora é a vez de ele desviar o olhar.

— É Emily.

Meu coração afunda.

— Vocês voltaram.

— Não!

— Então o quê?

— Você não lembra o que eu estava fazendo quando nos conhecemos?

— Mudando-se para o meu apartamento?

— Sim, mas por quê, Emma?

— Porque você estava saindo da casa em que morava com Emily.

— Certo. Minha vida estava se partindo em pedaços.

— A minha também.

— Eu sei. Eu estava exatamente lá quando isso estava acontecendo.

— Você estava, sim.

— Tudo era confuso, e eu não sabia o que estava sentindo. Só sabia que ficar perto de você tornava as coisas... melhores. Até que isso deixou de acontecer.

— Oh, tudo bem.

— Não, Emma, calma. — Ele pousa as mãos nos meus ombros, me retendo, obrigando-me a ficar de pé e a ouvir até o fim, o que quer que fosse ser dito.

— O que quero dizer é que tudo o que aconteceu comigo, e com você, me cativou depois da noite que passamos juntos.

— Sei.

— Você também sentiu?

— Não.

O canto esquerdo de sua boca baixou.

— Quer esclarecer isso?

Parte de mim queria, mas outra parte, não. Mas que diabos? Eu não sei como isso vai acabar. Só sei o que eu sentia. O que sinto.

— Eu me senti muito afetada, mas, principalmente, senti... que finalmente tinha algo que era meu. Algo que não tinha nada a ver com quem ou com o que eu era antes da viagem. E isso também não tinha relação com a situação que eu estava vivendo naquele momento, embora você estivesse ocupando um grande espaço em minha vida. Eu estava apenas... feliz, e nervosa, e esperançosa. Isso era o que eu sentia. Mas, então...

— Eu estraguei tudo.

— Sim.

— Desculpe. Acho que é pedir demais...

— Pedir o quê?

— Aquilo que eu quero.

— Você sabe? Você realmente sabe o que quer?

Ele sorri para mim.

— Sim.

Olho para ele timidamente.

— Sou eu, não é?

— Emma, você acha mesmo que eu passaria por tudo isso só para dizer que estou a fim de outra mulher?

— Só estava conferindo.

Ele me puxa para perto.

— Não quero mais que duvide de mim. — Ele começa a me beijar daquela forma suave, lenta. Lembro-me da noite que passamos juntos. Meu corpo se lembra também, só que está aprisionado por esse enorme casaco, um muro entre nós. Não quero mais paredes entre a gente.

Nós nos afastamos.

— Ok, eu acredito em você — digo.

Ele me agarra com força, me segurando perto, balançando meu corpo ao som da música ao longe.

— Obrigado por convencer sua firma a comprar minhas fotografias.

— Às ordens.

Ele sorri e aproximamos nossos rostos novamente e nos beijamos com mais urgência. São beijos cheios de possibilidades, beijos cheios de futuro. Quando separamos nossos lábios, meu rosto está quente e sinto o casaco pesado como um cobertor.

— Talvez seja uma boa ideia nos livrarmos deste casaco, seja lá de quem for.

— Mas a plaquinha diz que a funcionária vai estar de volta em dez minutos.

Ele me dá um olhar travesso.

— Estou disposto a correr esse risco, se você estiver.

Eu me inclino para ele com uma resposta pronta em meus lábios. Alguma coisa começa a vibrar.

— Você não vai atender? — eu pergunto.

— Sem chance.

Agradecimentos

Como sempre, gostaria de agradecer a meus mais antigos leitores, especialmente Katie, Amy e minha mãe, pelas importantes sugestões dadas quando eu estava me desviando da trama.

Aos meus amigos, pelo apoio e incentivo, especialmente Tasha, Phyllis, Janet e Tanya. E, por seu aconselhamento, apoio e inspiração, a Nadia Lakdhari e Shawn Klomparens, integrantes da Fiction Writer's Co-Op.

A minha extraordinária agente Abigail Koons e a toda a equipe da Park Literary: eu não poderia pedir uma melhor representante de meus interesses, ou melhores amigos.

Às minhas editoras na HarperCollins Canadá, Jennifer Lambert e Jane Warren. Às minhas editoras na HarperCollins Estados Unidos, Stephanie Meyers e Emily Krump. E a todos os profissionais das áreas de produção editorial, design e marketing, que conferiram se minhas palavras estavam corretas, agradáveis de ler e adequadas ao público.

A minha família, mãe, pai, Cam, Mike e David, por seu amor.

E a meus leitores, sem os quais eu não teria nenhuma razão para escrever.

Table of Contents

Ficha Técnica
Prólogo
Capítulo 1 Adeus, África
Capítulo 2 O antigo apartamento
Capítulo 3 Desaparecida, supostamente morta
Capítulo 4 Achados e perdidos
Capítulo 5 Só trabalho e pouca diversão
Capítulo 6 Distante e isolada
Capítulo 7 Imagine novas possibilidades
Capítulo 8 Encontro com a imprensa
Capítulo 9 Onde todos sabem seu nome
Capítulo 10 Noite silenciosa
Capítulo 11 Coração sob controle
Capítulo 12 Sunshine
Capítulo 13 O baile do ano
Capítulo 14 De volta à arena
Capítulo 15 Uma boa ideia
Capítulo 16 Uma resposta inválida
Capítulo 17 Trabalho de campo
Capítulo 18 Oh, as lembranças
Capítulo 19 Exposição A
Capítulo 20 Evidentemente que não, evidentemente, você não vai
Capítulo 21 Você está abalando minha confiança diária
Capítulo 22 Prioridades
Capítulo 23 Como de costume
Capítulo 24 Baixo percentual de acerto
Capítulo 25 Feliz pela metade
Capítulo 26 Uma peça do quebra-cabeça
Capítulo 27 Mulher desprezada, mulher trocada
Capítulo 28 Bola na rede
Capítulo 29 Luz, câmera, ação
Capítulo 30 Nova tentativa
Agradecimentos